

Tom Perrotta

Os deixados para trás



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Tom Perrotta

Os deixados para trás



TOM PERROTTA

# Os deixados para trás

TRADUÇÃO DE RUBENS FIGUEIREDO



Copyright © 2011 Tom Perrotta

TÍTULO ORIGINAL

The Leftovers

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

PREPARAÇÃO

Julia Sobral

REVISÃO

Clarissa Peixoto

REVISÃO DE EPUB

Camila Dias

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-215-5

Edição digital: 2012

*Todos os direitos reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99 / 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)



*Para Nina e Luke*

## **AGRADECIMENTOS**

Considero-me um felizardo por poder agradecer aos suspeitos de costume — Elizabeth Beier, Maria Massie, Dori Weintraub e Sylvie Rabineau — por se aliarem a mim nesta Partida Repentina, e por sua orientação ao longo do caminho. Agradeço também a Mary, Nina e Luke, por todos os dias.



## PRÓLOGO

Laurie Garvey não tinha sido educada para acreditar no Arrebatamento. Ela não tinha sido educada para acreditar em nada, na verdade, a não ser na tolice da crença em si.

*Somos agnósticos, ela dizia para seus filhos, no tempo em que eram pequenos e precisavam de um jeito de se definirem diante de seus amigos católicos, judeus e unitaristas. Não sabemos se existe um Deus, nem ninguém sabe. Podem até dizer que sabem, mas na verdade não sabem.*

Na primeira vez que ouviu falar do Arrebatamento, Laurie era caloura na faculdade e frequentava as aulas de um curso intitulado Introdução às Religiões do Mundo. O fenômeno que o professor descreveu lhe pareceu uma piada, hordas de cristãos flutuando para fora de suas roupas, erguendo-se no ar através do telhado de suas casas e do teto de seus carros a fim de encontrarem-se com Jesus no céu, enquanto todos os outros ficavam parados à sua volta, boquiabertos, perguntando-se onde aquela boa gente tinha ido parar. A teologia permanecia como algo nebuloso para Laurie, mesmo depois de ter lido a seção sobre “Dispensacionalismo Pré-milenarista” em sua apostila do curso, com todo aquele lero-lero sobre o Armagedon, o Anticristo e os Quatro Cavaleiros do Apocalipse. Parecia uma cafonice religiosa, tão brega quanto uma pintura feita sobre veludo preto, o tipo de fantasia que tinha apelo para gente que comia frituras demais, dava surra nos filhos e não tinha nenhum problema com a teoria segundo a qual seu Deus cheio de amor tinha inventado a aids para punir os homossexuais. Durante os anos que seguiram, ela de vez em quando surpreendia alguém lendo um daqueles livros deixados de propósito no aeroporto ou num trem, os chamados Deixados Para Trás, e sentia uma pontada de pena, e até um pingo de ternura, pelo pobre idiota que não tinha nada melhor para ler e nada mais para fazer senão ficar sentado sonhando com o fim do mundo.

E aí aconteceu. A profecia bíblica tornou-se realidade, ou ao menos parcialmente real. Pessoas desapareceram, milhões de pessoas ao mesmo

tempo, em todo o mundo. Não era uma daquelas velhas histórias — um morto que volta à vida no tempo do Império Romano — nem uma lenda local empoeirada, Joseph Smith desenterrando plaquinhas de ouro no norte do estado de Nova York e conversando com um anjo. Aquilo era real. O Arrebatamento aconteceu na cidade natal dela, com a filha da sua melhor amiga, entre outras pessoas, enquanto a própria Laurie estava na casa. A intromissão de Deus em sua vida não poderia ter sido mais evidente, mesmo se Ele tivesse lhe dirigido a palavra, de dentro de uma azaleia em chamas.

Ao menos, era o que se poderia pensar. E no entanto ela conseguiu negar o óbvio durante semanas e meses, aferrando-se a suas dúvidas como a um colete salva-vidas, repetindo as palavras de cientistas, sábios e políticos que insistiam em dizer que a causa do que eles chamavam de “Partida Repentina” continuava ignorada e advertiam o público de que deviam evitar conclusões precipitadas antes da divulgação de um comunicado oficial formulado pela comissão governamental suprapartidária que estava investigando a questão.

“Aconteceu alguma coisa trágica”, repetiam os especialistas sem cessar. “Foi um fenômeno semelhante ao Arrebatamento, mas não parece ter sido de fato o Arrebatamento.”

O interessante era que algumas das vozes mais destacadas na defesa dessa tese pertenciam aos próprios cristãos, que não podiam deixar de notar que muitas pessoas desaparecidas no 14 de Outubro — hindus, budistas, muçulmanos, judeus, ateus, animistas, homossexuais, esquimós, mórmons, zoroastristas ou que diabo fossem — não tinham aceitado Jesus Cristo como seu salvador pessoal. Até onde se podia saber, tratava-se de uma colheita aleatória, e o Arrebatamento poderia ser tudo, menos aleatório. O intuito da coisa era separar o joio do trigo, recompensar os verdadeiros crentes e abrir os olhos do restante do mundo. Um Arrebatamento indiscriminado não teria nada de Arrebatamento.

Portanto era bastante fácil a pessoa ficar confusa, jogar as mãos para o alto e alegar simplesmente que não sabia o que estava acontecendo. Mas Laurie sabia. No fundo do coração, assim que aconteceu, ela *soube*. Ela fora deixada para trás. Todos eles haviam sido deixados para trás. Não importava que Deus não tivesse levado em conta a religião em Sua tomada de decisão — na verdade, aquilo piorava ainda mais as coisas, fazia parecer uma rejeição pessoal. E no entanto ela optou por ignorar esse conhecimento, bani-lo para algum reduto obscuro de sua mente — o depósito no porão reservado para as coisas sobre as quais não suportamos pensar —, o mesmo lugar onde

escondemos o conhecimento de que um dia vamos morrer, para que assim possamos viver nossa vida sem ficarmos deprimidos a cada minuto de cada dia.

Além do mais, era uma época em que Laurie andava muito ocupada, os primeiros meses após o Arrebatamento, com a escola fechada em Mapleton, a filha em casa o dia inteiro e o filho de volta da faculdade. Era preciso fazer compras e lavar as roupas, igual a antes, era preciso preparar a comida e lavar os pratos. Também havia cerimônias fúnebres a que comparecer, fotos para compilar, lágrimas para enxugar e muitas conversas cansativas. Ela passou um bocado de tempo com a pobre Rosalie Sussman, visitando-a quase toda manhã, tentando ajudá-la a superar aquele sofrimento inconcebível. Às vezes as duas conversavam sobre sua filha que havia partido, Jen — que menina gentil ela era, sempre sorridente etc. —, mas em geral se limitavam a ficar juntas, caladas. O silêncio parecia profundo e justo, como se não houvesse nada que qualquer uma delas pudesse dizer que fosse importante o suficiente para quebrá-lo.

★ ★ ★

No outono seguinte, começaram a vê-las pela cidade: pessoas de roupas brancas, andando em pares do mesmo sexo, sempre fumando. Laurie reconhecia algumas — Barbara Santangelo, cujo filho estudava com sua filha; Marty Powers, que jogava *softball* com seu marido e cuja esposa tinha sido levada pelo Arrebatamento, ou o que quer que fosse aquilo. Em geral, elas ignoravam os outros, mas às vezes seguiam uma pessoa como se fossem detetives particulares contratados para controlar seus movimentos. Se a pessoa os cumprimentasse, eles se limitavam a fitar com um olhar vago, mas se a pessoa fizesse uma pergunta mais específica, eles entregavam um cartão de visitas com a seguinte mensagem de um lado:

SOMOS MEMBROS DOS REMANESCENTES CULPADOS. FIZEMOS UM VOTO DE SILÊNCIO. ESTAMOS DIANTE DE VOCÊS COMO UMA LEMBRANÇA VIVA DO ASSOMBROSO PODER DE DEUS. A HORA DO SEU JULGAMENTO CHEGOU.

Em caracteres menores, no outro lado do cartão, havia um endereço na internet que se podia consultar para obter mais informações:

www.guiltyremnant.com.

Foi um outono estranho. Um ano inteiro havia passado desde a catástrofe; os sobreviventes tinham assimilado o golpe e descoberto, para sua surpresa, que continuavam a resistir, se bem que alguns se mostravam mais vacilantes do que outros. De maneira frágil, tateante, as coisas começavam a voltar ao normal. As escolas tinham reaberto e a maioria das pessoas voltara a trabalhar. Crianças jogavam futebol no parque nos finais de semana; havia até um punhado delas que se fantasiava e fazia as brincadeiras típicas do Halloween. Dava para sentir que os velhos hábitos estavam voltando, que a vida retomava sua forma anterior.

Mas Laurie não conseguia entrar nesse clima. Além de cuidar de Rosalie, ela se preocupava demais com os próprios filhos. Tom tinha voltado para a faculdade para cursar o semestre da primavera, mas caíra sob a influência de um tosco e autoproclamado “profeta salvador”, chamado Santo Wayne, faltava a todas as aulas e se recusava a voltar para casa. Tinha telefonado algumas vezes no verão para avisar a ela que estava tudo bem, mas não dizia onde se encontrava nem o que estava fazendo. Jill lutava contra a depressão e contra o estresse pós-traumático — é claro, Jen Sussman era sua melhor amiga desde o maternal —, mas se recusava a conversar com Laurie sobre o assunto ou a procurar um terapeuta. Enquanto isso, seu marido parecia estranhamente alegre, sempre cheio de boas notícias. Os negócios estavam bombando, o tempo estava ótimo, ele tinha acabado de correr dez quilômetros em menos de uma hora, nem dava para acreditar.

— E você? — perguntou Kevin, nem um pouco constrangido com sua calça de ginástica colada ao corpo, o rosto radiante de boa saúde e uma fina camada de suor sobre a pele. — O que você fez o dia todo?

— Eu? Ajudei Rosalie a montar seu álbum de recortes.

Ele torceu a cara, num misto de desaprovação e indulgência.

— Ela continua fazendo isso?

— Ela não quer terminar. Hoje fizemos um pequeno histórico da carreira de nadadora de Jen. Dá para ver Jen crescendo ano após ano, seu corpo mudando dentro daquele maiô azul. É de cortar o coração.

— Ah.

Kevin encheu seu copo de água gelada na torneira embutida na porta da geladeira. Laurie podia ver que o marido não estava escutando, sabia que ele tinha perdido todo interesse pelo assunto de Jen Sussman meses antes.

— E o que temos para o jantar?

★ ★ ★

Laurie não podia dizer que ficou chocada quando Rosalie anunciou que ia se juntar aos Remanescentes Culpados. Rosalie andava fascinada com aquelas pessoas de branco desde a primeira vez que as viu na rua e frequentemente se perguntava em voz alta como seria penoso cumprir um voto de silêncio, sobretudo se a gente encontra um velho amigo de repente, alguém que a gente não via há muito tempo.

— Eles tinham de dar uma licença provisória num caso desses, não acha?

— Não sei — respondeu Laurie. — Eu duvido que aceitem. São fanáticos. Não gostam de abrir exceções.

— Nem mesmo se for o irmão da pessoa, um irmão que ela não vê há vinte anos? Será que não se pode nem dar um oi?

— Não pergunte a mim. Pergunte a eles.

— E como posso perguntar a eles? Não têm permissão para falar.

— Não sei. Consulte o site.

Rosalie consultou o site muitas vezes naquele inverno. Criou uma estreita amizade virtual — obviamente, o voto de silêncio não valia para as comunicações eletrônicas — com a Diretora de Difusão Pública da organização, uma mulher simpática que respondia a todas as suas perguntas, a orientava e esclarecia suas dúvidas e reservas.

— O nome dela é Connie. Antes, era dermatologista.

— É mesmo?

— Vendeu o consultório e doou o dinheiro para a organização. É o que um monte de gente está fazendo. Não é barato manter em atividade uma organização desse tamanho.

Laurie tinha lido uma matéria sobre os Remanescentes Culpados no jornal local, então sabia que havia pelo menos sessenta pessoas morando no “condomínio” na rua Ginkgo, um loteamento com oito casas que fora doado para a organização pelo construtor, um homem rico chamado Troy Vincent, que agora morava lá como um membro comum, sem qualquer privilégio.

— E quanto a você? — perguntou Laurie. — Vai vender a casa?

— Não agora. Há um período de experiência de seis meses. Não tenho de tomar qualquer decisão até lá.

— É sensato.

Rosalie balançou a cabeça, como que admirada com a própria ousadia. Laurie podia ver como ela estava animada, agora que tinha decidido mudar

de vida.

— Vai ser estranho vestir roupa branca o tempo todo. Acho que eu preferia que fosse azul, cinza, sei lá. Não fico bem de branco.

— Não consigo acreditar que você vai começar a fumar.

— Argh. — Rosalie fez uma careta.

Ela era uma dessas pessoas extremamente rigorosas no combate ao tabagismo, o tipo de gente que abana a mão freneticamente diante do rosto quando está a vinte passos de um cigarro aceso.

— Isso vai exigir certa adaptação. Mas é como um sacramento, entende? A gente tem de fazer. Não tem escolha.

— Coitados de seus pulmões.

— Nós não vamos viver por tempo suficiente para ficar com câncer. A Bíblia diz que só há sete anos de tribulações após o Arrebatamento.

— Mas não foi o Arrebatamento — disse Laurie, tanto para si mesma quanto para a amiga. — Não de verdade.

— Você deveria vir comigo. — A voz de Rosalie era branda e séria. — Quem sabe poderíamos ser colegas de quarto?

— Não posso — respondeu Laurie. — Não posso deixar minha família.

*Família:* ela se sentia mal só de pronunciar a palavra. Rosalie não tinha família. Estava divorciada havia anos e Jen era sua única filha. Tinha mãe e padrasto em Michigan, e uma irmã em Minneapolis, mas não falava muito com eles.

— Foi o que eu imaginei. — Rosalie deu de ombros de leve num gesto de resignação. — Não custava nada tentar.

★ ★ ★

Uma semana depois, Laurie levou Rosalie de carro até a rua Ginkgo. Era um dia lindo, ensolarado e repleto com o canto de pássaros. As casas pareciam imponentes — amplas, em estilo colonial, com três andares, em lotes de dois mil metros quadrados, e provavelmente teriam sido vendidas por um milhão de dólares ou mais quando foram construídas.

— Puxa — disse ela. — Muito chique.

— Eu sei. — Rosalie deu um sorriso nervoso. Estava vestida de branco e levava uma pequena mala que continha principalmente roupas de baixo e cosméticos, além dos álbuns de recortes que ela passara tanto tempo montando. — Nem consigo acreditar que estou fazendo isso.

— Se não gostar, é só me ligar. Eu venho buscar você.

— Acho que ficarei bem.

Subiram a escadinha da entrada de uma casa que tinha a palavra QUARTEL-GENERAL pintada na porta da frente. Laurie não tinha permissão para entrar, portanto abraçou a amiga para se despedir e ficou observando enquanto Rosalie era conduzida para dentro por uma mulher de rosto pálido e gentil, que podia ou não ser Connie, a ex-dermatologista.

Quase um ano se passou antes que Laurie voltasse à rua Ginkgo. Era também um dia de primavera, um pouco mais frio, não tão ensolarado. Dessa vez, era ela quem estava vestida de branco, e trazia uma pequena mala. Não era muito pesada, só com roupas de baixo, uma escova de dente e um álbum com fotografias cuidadosamente selecionadas de sua família, uma breve história visual das pessoas que ela amava e que estava deixando para trás.

**PARTE UM**  
**ANIVERSÁRIO DE TRÊS ANOS**



## DIA DOS HERÓIS

Era um belo dia para um desfile, ensolarado e com um calor suave, o céu era um retrato do paraíso, como os desenhos que se veem nas aulas de catecismo das escolas dominicais. Pouco tempo antes, as pessoas teriam sentido a necessidade de fazer alguma piadinha nervosa ao ver um tempo assim — *Ei, diriam, talvez esse tal de aquecimento global não seja um negócio tão ruim quanto dizem!* —, mas agora ninguém mais se importava com o buraco na camada de ozônio nem com o *páthos* de um mundo sem ursos polares. Lembrando essa outra época, parecia até engraçado, toda aquela energia desperdiçada em aflições por causa de algo tão remoto e incerto, uma catástrofe ecológica que podia ou não acontecer, em algum ponto de um futuro muito distante, bem depois de você e seus filhos e os filhos de seus filhos terem esgotado seu tempo de vida na Terra e terem ido para onde quer que se vá quando tudo termina.

Apesar da angústia que havia tomado conta de Kevin Garvey durante toda a manhã, o prefeito se viu dominado por um repentino estado de nostalgia enquanto caminhava pelo Washington Boulevard rumo ao estacionamento do colégio, onde as pessoas que iam desfilar tinham sido orientadas a se reunir. Faltava meia hora para o desfile, os carros alegóricos estavam em fila e prontos para entrar em movimento, a banda se preparava para a batalha, salpicando no ar um dissonante introito de balidos, buzinas e acanhados rufos de tambores. Kevin nascera e fora criado em Mapleton e não conseguia deixar de pensar nos desfiles de 4 de Julho na época em que tudo ainda fazia sentido. Metade da cidade ficava perfilada às margens da rua Principal enquanto a outra metade — jogadores da liga mirim de beisebol, escoteiros de ambos os sexos, veteranos de guerras no exterior amparados por mulheres da Liga de Senhoras Filantrópicas — caminhava a passos largos no meio da rua, acenando para os espectadores, como se estivessem surpresos de vê-los ali, como se aquilo fosse uma espécie de coincidência doida, e não um feriado nacional. Na memória de Kevin, ao menos, tudo aquilo parecia

incrivelmente estrondoso, agitado e inocente — caminhões do corpo de bombeiros, tubas, passistas irlandeses, malabaristas de bastões coloridos em trajes enfeitados com lantejoulas, num ano houve até um esquadrão da fraternidade dos Shrine, cada um com seu fez na cabeça, correndo com seus hilariantes carrinhos nanicos. Depois do desfile, havia partidas de *softball* e piqueniques, uma sequência de rituais reconfortantes que culminavam no grande espetáculo de fogos de artifício em cima do lago Fielding, centenas de rostos enlevados voltados para o céu, exclamando e gritando diante dos sibilantes cata-ventos e das explosões de estrelas que desabrochavam lentamente e iluminavam a escuridão, lembrando a todos quem eram, qual era seu lugar e por que tudo estava bem.

O evento de hoje — precisamente, o primeiro Dia Anual de Reflexão em Memória dos Heróis que Partiram — não ia ser nada parecido com aquilo. Kevin pôde sentir o estado de ânimo sombrio assim que chegou ao colégio: uma invisível névoa de mágoa bolorenta e de perplexidade crônica adensava o ar, fazia as pessoas falarem em tom mais suave e de maneira mais hesitante do que fariam normalmente numa grande reunião ao ar livre. Por outro lado, Kevin ficou ao mesmo tempo surpreso e agradecido pelo comparecimento, em vista da recepção fria que a ideia do desfile havia causado quando fora proposta inicialmente. Alguns críticos acharam que era a hora errada (“Cedo demais!”, insistiam em dizer), ao passo que outros sugeriam que uma comemoração secular do 14 de Outubro era equivocada e talvez até uma blasfêmia. Tais objeções se apagaram com o correr do tempo, talvez porque os organizadores tivessem feito um bom trabalho convencendo os cétricos, ou porque as pessoas em geral gostassem de desfiles, independentemente da ocasião. De todo modo, tantos habitantes de Mapleton se apresentaram como voluntários para desfilar que Kevin se perguntava se ainda sobraria alguém para aplaudir o desfile, enquanto eles percorriam seu trajeto pela rua Principal até o Greenway Park.

Kevin hesitou por um momento por trás da linha formada pela barricada da polícia, reunindo suas forças para aquilo que, ele sabia, seria um dia longo e difícil. Para toda parte, via pessoas desalentadas e sinais evidentes de sofrimento. Acenou para Martha Reeder, a senhora antes tão falante que atendia no guichê da venda de selos da agência de correios; ela sorriu com tristeza, virando-se para permitir que o prefeito visse melhor o cartaz que ela segurava. Continha uma fotografia ampliada de sua neta de três anos, uma criança de ar sério, cabelos cacheados e óculos meio tortos. ASHLEY, dizia o

cartaz, MEU ANJINHO. De pé, atrás dela, estava Stan Washburn — policial aposentado e ex-técnico de Kevin no time da Pop Warner —, um sujeito atarracado, sem pescoço, cuja camiseta, esticada por cima da imponente barriga de cerveja, fazia um convite a quem quisesse: PERGUNTE-ME SOBRE MEU IRMÃO. Kevin sentiu uma forte e repentina vontade de fugir, correr para casa e passar a tarde levantando halteres ou varrendo as folhas do jardim — qualquer coisa solitária e mecânica serviria —, mas aquilo passou depressa, como um soluço, ou uma fantasia sexual vergonhosa.

Com um suspiro suave e bem-comportado, ele se meteu na multidão, apertando mãos e chamando as pessoas por seus nomes, fazendo sua melhor representação de um político de cidade pequena. Ex-astro de futebol americano juvenil de Mapleton e destacado homem de negócios local — ele tinha herdado e expandido a cadeia de lojas de bebida da família, lojas do tamanho de supermercados, triplicando a receita durante os quinze anos de sua administração —, Kevin era uma figura popular e de grande visibilidade na cidade toda, mas a ideia de concorrer ao cargo de prefeito nunca havia passado por sua cabeça. Então, no ano anterior, sem mais nem menos, recebeu um abaixo-assinado de dois mil cidadãos, muitos dos quais ele conhecia bastante bem: “Nós, abaixo-assinados, estamos ansiosos por uma liderança nestes tempos sombrios. O senhor nos ajudaria a tomar de volta nossa cidade?” Tocado por aquele apelo e sentindo-se também um pouco perdido — alguns meses antes, tinha vendido toda sua empresa por uma pequena fortuna e ainda não havia imaginado o que ia fazer da vida —, Kevin aceitou a indicação para concorrer ao cargo de prefeito por uma entidade política recém-formada, batizada com o nome de Partido da Esperança.

Kevin ganhou a eleição por uma maioria esmagadora, destronando Rick Malvern, o candidato à reeleição que fora prefeito três vezes, mas que havia perdido a confiança dos eleitores depois que tentou incendiar a própria casa num ato que ele chamou de “purificação ritual”. Não deu certo — o corpo de bombeiros tratou de apagar o incêndio, apesar das objeções virulentas do proprietário — e naquela ocasião Rick morava numa tenda armada no jardim de sua casa, enquanto restos chamuscados de sua mansão vitoriana de cinco quartos se avolumavam ao fundo. Certos dias, quando passava correndo de manhã cedo, Kevin topava com seu ex-rival de eleições na hora em que estava saindo da tenda — numa dessas vezes, estava sem camisa e só de cueca samba-canção — e os dois homens trocavam um cumprimento meio sem

graça, na rua silenciosa a não ser por isso, um *Oi*, ou um *Alô*, ou um *E aí?*, só para mostrar que não havia ressentimento entre eles.

Por mais que não apreciasse os apertos de mão e os tapinhas nas costas que seu novo emprego lhe impunha, Kevin sentia-se na obrigação de se fazer acessível aos seus eleitores, mesmo os irritados e descontentes que inevitavelmente saíam da toca nos eventos públicos. O primeiro a abordá-lo no estacionamento foi Ralph Sorrento, um bombeiro hidráulico mal-humorado de Sycamore Road, que abriu caminho a cotoveladas num grupo de mulheres de aspecto tristonho e de idênticas camisetas cor-de-rosa e se plantou bem na frente de Kevin.

— *Sr. Prefeito* — falou com voz arrastada, sorrindo de um jeito falso como se houvesse alguma coisa intrinsecamente ridícula no título do cargo. — Eu não via a hora de encontrar o senhor. O senhor nunca responde a meus e-mails.

— Bom dia, Ralph.

Sorrento cruzou os braços sobre o peito e observou Kevin com uma perturbadora combinação de desdém e divertimento. Era grandalhão, corpulento, o cabelo cortado à escovinha, o cavanhaque eriçado, vestido com calças cargo manchadas de gordura e um suéter com capuz, forrado de material térmico. Mesmo àquela hora — não eram nem onze da manhã — Kevin podia sentir o cheiro de cerveja no hálito dele e percebeu que estava querendo arranjar confusão.

— Quero apenas que fique claro — declarou Sorrento com uma voz anormalmente alta — que não vou pagar porra nenhuma.

O pagamento em questão era uma multa de cem dólares que ele havia recebido por atirar num bando de cachorros sem dono que tinha invadido seu jardim. Um beagle morreu na hora, mas um mestiço de pastor alemão e labrador fugiu mancando com uma bala na pata traseira, deixando um rastro de sangue por três quarteirões, antes de desabar na calçada, perto da creche Academia dos Brotinhos na rua Oak. Normalmente, a polícia não se preocupava muito com cães baleados — era uma coisa que acontecia com uma regularidade deprimente —, mas um punhado de “brotinhos” testemunhara a agonia do animal e as queixas dos pais e responsáveis acabaram levando Sorrento a ser processado.

— Não use essa linguagem comigo — advertiu Kevin, incomodado por ver que diversas cabeças se viravam na direção deles.

Sorrento cutucou as costelas de Kevin com o dedo indicador.

— Estou de saco cheio dessa cachorrada cagando no meu jardim.

— Ninguém gosta desses cachorros — admitiu Kevin. — Mas da próxima vez telefone para o departamento de controle de animais, está bem?

— Controle de animais. — Sorrento repetiu as palavras com uma risadinha de desdém. De novo cutucou o esterno de Kevin, a ponta do dedo indicador bateu forte no osso do peito. — Eles não fazem porra nenhuma.

— Estão com pouco pessoal. — Kevin forçou um sorriso educado. — Estão fazendo o melhor possível numa situação difícil. Como todos nós. Tenho certeza de que você compreende.

Como que para indicar que compreendia, Sorrento aliviou a pressão no peito de Kevin. Inclinou-se mais para perto, o bafo azedo, a voz baixa e íntima.

— Faça um favor, tudo bem? Diga aos guardas que, se quiserem meu dinheiro, vão ter de vir pegar. Diga que esperarei por eles com minha espingarda de cano serrado.

Sorriu tentando fazer uma cara de valentão, mas Kevin pôde ver a dor dentro de seus olhos, o olhar vidrado, suplicante, por trás da brutalidade. Se bem lembrava, Sorrento tinha perdido uma filha, uma garota rechonchuda, devia ter uns nove ou dez anos. Tiffany ou Britney, um nome assim.

— Vou dar o recado — disse Kevin, e lhe deu uma palmadinha de leve no ombro. — Agora, que tal ir para casa e descansar um pouco?

Sorrento deu um tapa na mão de Kevin.

— Não encoste em mim.

— Desculpe.

— Não deixe de dizer para eles o que eu falei, ok?

Kevin prometeu que faria isso, depois tratou de se afastar depressa, tentando ignorar o medo que de repente se havia materializado em suas entranhas. À diferença de algumas cidades vizinhas, Mapleton nunca tinha visto um suicídio por um policial, que é quando um suicida se comporta deliberadamente de forma ameaçadora para que seja alvejado por um agente da lei, mas Kevin sentia que Ralph Sorrento andava no mínimo fantasiando tal ideia. Seu plano não parecia especialmente inspirado — os policiais tinham coisas mais importantes com que se ocupar do que cobrar pessoalmente a dívida de uma multa por crueldade contra animais —, porém havia uma infinidade de maneiras de provocar um confronto, se a pessoa estivesse de fato decidida a fazer aquilo. Kevin teria de avisar o chefe de

polícia, certificar-se de que os patrulheiros sabiam com o que estavam lidando.

Entretido com tais pensamentos, Kevin não se deu conta de que estava caminhando direto ao encontro do reverendo Matt Jamison, ex-membro da igreja da Bíblia de Sião, até ser tarde demais para executar qualquer manobra de evasão. Tudo o que pôde fazer foi erguer as mãos, numa fútil tentativa de rechaçar um jornaleco de fofoca que o reverendo sacudia na sua cara.

— Tome — disse o reverendo. — Aqui há coisas que vão deixar você de cabelo em pé.

Sem enxergar nenhuma maneira elegante de escapar, Kevin pegou com relutância o jornalzinho que trazia estampada a manchete enfática, mas desajeitada: “**14 DE OUTUBRO NÃO FOI O DIA DO ARREBATAMENTO!!!**” A primeira página apresentava uma fotografia da Dra. Hillary Edgers, uma pediatra adorada que desaparecera três anos antes, com outros oitenta e sete residentes do local e incontáveis milhões de pessoas em todo o mundo. REVELADOS OS ANOS DE VIDA BISSEXUAL DA DOUTORA NO TEMPO DA FACULDADE, proclamava outra manchete. Uma citação destacada na matéria seguinte, dizia: “‘Nós sempre acreditamos que ela era gay’, revela uma antiga colega de quarto.”

Kevin conhecera e admirara a Dra. Edgers, cujos filhos gêmeos tinham a mesma idade de sua filha. Ela trabalhava como voluntária duas noites por semana numa clínica comunitária para crianças pobres na cidade e dava palestras na Associação de Pais e Mestres sobre temas como “Os efeitos de longo prazo de concussões em atletas jovens” e “Como identificar um distúrbio alimentar”. As pessoas a alugavam o tempo todo, no supermercado e no campo de futebol, em busca de conselhos médicos gratuitos, mas ela nunca se mostrava contrariada com aquilo, nem demonstrava a menor impaciência.

— Meu Deus, Matt. Será que isso é necessário?

O reverendo Jamison pareceu desconcertado com a pergunta. Era um homem elegante, de cabelo louro pálido, com mais ou menos quarenta anos de idade, mas seu rosto tinha ficado flácido e empapuçado nos últimos anos, como se estivesse envelhecendo num cronograma acelerado.

— Essas pessoas nada tinham de heróis. Temos de parar de tratar essa gente como se tivessem sido heróis. Quero dizer, todo esse desfile.

— A mulher tinha filhos. Eles não precisam ficar lendo com quem ela dormia na faculdade.

— Mas é a verdade. Não podemos fugir da verdade.

Kevin sabia que era inútil argumentar. Segundo todos os relatos, Matt Jamison costumava ser um cara decente, mas tinha perdido a noção das coisas. Assim como muitos cristãos devotos, ficara profundamente traumatizado com a Partida Repentina, atormentado pelo temor de que o Dia do Juízo Final tivesse chegado e passado, e de que lhe tivessem omitido socorro. Enquanto algumas pessoas na mesma posição que ele haviam reagido com uma devoção redobrada, o reverendo se movera na direção oposta, assumindo a causa da Negação do Arrebatamento como uma vingança, e devotava sua vida a provar que as pessoas que haviam rompido suas cadeias terrenas no dia 14 de outubro não eram bons cristãos nem sequer indivíduos especialmente virtuosos. No curso desse processo, acabou virando um jornalista investigativo tenaz e também um panaca absoluto.

— Está bem — resmungou Kevin, dobrando o jornalzinho e enfiando no bolso de trás. — Vou dar uma olhada.

★ ★ ★

Eles começaram a mover-se poucos minutos depois das onze horas. Um comboio da polícia motorizada abriu o desfile, seguido por uma pequena frota de embarcações que representavam uma variedade de organizações cívicas e comerciais, sobretudo antigos patrocinadores como a Grande Câmara de Comércio de Mapleton, o escritório local do Centro Educacional Contra as Drogas e o Clube dos Cidadãos Veteranos. Alguns fizeram representações ao vivo: estudantes do Instituto de Dança Alice Herlihy apresentaram passos cautelosos de um *jitterburg* sobre um palco improvisado, enquanto uma linha de lutadores mirim de caratê da Escola de Artes Marciais Irmãos Devlin disparava turbilhões de socos e pontapés no ar, grunhindo num unísono feroz. Para um observador fortuito, tudo aquilo pareceria familiar, não muito diferente de qualquer outro desfile que houvesse se arrastado pelas ruas da cidade nos últimos cinquenta anos. Só o último veículo do desfile o teria feito parar e pensar, um caminhão-plataforma envolto em bandeiras pretas, sem ninguém a bordo, um vazio que parecia resoluto e autoexplicativo.

Na condição de prefeito, Kevin tinha o direito de andar num dos dois conversíveis oficiais que seguiam o desfile comemorativo, um pequenino Mazda dirigido por Pete Thorne, seu amigo e ex-vizinho. Eles vinham na

segunda posição, dez metros atrás de um Fiat Spider que levava a Rainha do Desfile, uma mulher bonita mas de aspecto frágil, chamada Nora Durst, que havia perdido toda a família — marido e dois filhos pequenos — no 14 de Outubro, naquela que foi amplamente considerada a pior tragédia em toda Mapleton. Nora, sabia-se, tinha sofrido um pequeno ataque de pânico mais cedo no dia do desfile, disse que estava tonta, com náuseas, e que precisava voltar para casa, mas vencera a crise com a ajuda da irmã e de uma voluntária conselheira de depressão que estava a postos justamente para o caso de alguma emergência desse tipo. Agora ela parecia estar bem, sentada quase que majestosamente no banco traseiro do Fiat Spider, virando-se de um lado para outro e erguendo a mão languidamente a fim de responder a esporádicas explosões de aplausos dos espectadores que se haviam aglomerado às margens da rua.

— A adesão não está nada má! — comentou Kevin em voz alta. — Eu não esperava que viesse tanta gente!

— O quê? — berrou Pete por cima do ombro.

— Esqueça! — gritou Kevin em resposta, dando-se conta de que não adiantava nada tentar falar por cima do som da banda.

A seção dos metais estava colada no seu para-choque, tocando uma exuberante versão de “Havaí Cinco Zero”, repetida tantas vezes que ele já começava a se perguntar se não seria a única música que sabiam tocar. Impaciente com os passos lentos de desfile fúnebre, os músicos sempre tentavam forçar o ritmo das passadas, de repente ultrapassavam o carro do prefeito para depois se colocarem atrás dele outra vez, sem dúvida causando estragos na organização da retaguarda da procissão solene. Kevin se remexia no banco do carro, tentava enxergar para além dos músicos os participantes do desfile, mas sua vista estava bloqueada por um matagal de uniformes marrons, rostos jovens e sérios, de bochechas infladas, e instrumentos de metal que cintilavam ao sol numa cor de ouro fundido.

Lá atrás, pensou ele, ficava o desfile *de verdade*, aquele que ninguém tinha visto antes, centenas de pessoas comuns caminhando em pequenos grupos, algumas carregando cartazes, outras vestindo camisetas com a imagem de um amigo ou de um parente que tinha sido levado. Kevin os vira no estacionamento, pouco depois de terem formado seus pelotões, e a visão de tais pessoas — a soma incompreensível de sua tristeza — deixara Kevin comovido, incapaz de ler os nomes inscritos em suas faixas: Os Órfãos de 14 de Outubro, Coalizão dos Cônjuges de Luto, Mães e Pais de Crianças que



Partiram, Rede de Pessoas que Perderam Irmãs e Irmãos, Grupo em Memória de Amigos e Vizinhos, Alunos de Shirley de Santos, Saudades de Bud Phipps e assim por diante. Algumas organizações religiosas de ponta também participavam — Nossa Senhora das Dores, Templo Bethel e Presbiterianos de St. James, todos tinham seus representantes —, mas vinham bem lá atrás, quase como uma ideia de última hora, na frente das viaturas de emergência.

★ ★ ★

O centro de Mapleton estava repleto de simpatizantes, a rua estava coberta de flores, muitas delas tinham sido esmagadas por rodas de caminhões e logo seriam pisoteadas. Um bom número de espectadores era formado por crianças do ensino médio, mas a filha de Kevin, Jill, e sua melhor amiga, Aimee, não estavam entre elas. As meninas estavam dormindo profundamente quando Kevin saiu — como de costume, tinham ficado fora de casa até bem tarde — e ele não teve coragem de acordá-las, nem tinha a firmeza para lidar com Aimee, que insistia em dormir de calcinha e com uma finíssima camiseta curta e sem manga, que o deixava em dificuldades, sem saber para onde devia olhar. Kevin telefonara duas vezes para casa na última meia hora, na esperança de que o barulho acordasse as jovens, mas elas não atenderam.

Ele e Jill haviam discutido por causa do desfile durante semanas, daquele jeito exasperante e semissério com que os dois conduziam todos os assuntos importantes em suas vidas. Kevin incentivara a filha a desfilar em homenagem a Jen, sua amiga que partira, mas ela se manteve inflexível.

— Quer saber, pai? Jen não se importa nem um pouco se eu vou desfilar ou não.

— Como você sabe?

— Ela se foi. Ela não está nem aí para nada disso.

— Pode ser — disse ele. — Mas e se ela continua aqui e nós apenas não conseguimos vê-la?

Jill pareceu achar graça nessa hipótese.

— Seria uma droga. Ela na certa anda por aí abanando os braços o dia inteiro, tentando chamar a atenção da gente. — Jill passou os olhos pela cozinha, como se procurasse a amiga. Falava em voz bem alta, como alguém que se dirige a um avô meio surdo. — Jen, se você está aqui, me desculpe por ignorá-la desse jeito, viu? Ajudaria se você pigarreasse, ou algo assim.

Kevin reprimiu sua reclamação. Jill sabia que ele não gostava quando ela fazia piadas sobre os desaparecidos, mas também não ia adiantar nada repetir a mesma coisa pela centésima vez.

— Querida — disse ele com toda calma —, o desfile é para nós, não para eles.

Jill fitou-o com um olhar que havia aprimorado nos últimos tempos: completa incompreensão atenuada por um toque sutil de indulgência feminina. Seria ainda mais bonito se ela ainda tivesse algum cabelo e não usasse tanto delineador nos olhos.

— Diga uma coisa — pediu ela. — Por que isso é tão importante para você?

Se pudesse fornecer uma boa resposta para aquela pergunta, Kevin o teria feito com prazer. Mas a verdade era que ele não sabia por que era tão importante, por que não havia renunciado ao desfile, já que tinha transigido em todas as questões por que haviam brigado no último ano: a hora para voltar para casa, a cabeça raspada, a sensatez de passar tanto tempo em companhia de Aimee, as festas em dias de semana. Jill tinha dezessete anos; ele entendia que, de algum jeito irrevogável, ela se afastara da órbita do pai e faria tudo o que quisesse, quando quisesse, a despeito das vontades dele.

Mesmo assim, no entanto, Kevin queria que Jill participasse do desfile, para demonstrar de algum modo que ainda reconhecia os direitos da família e da comunidade, ainda amava e respeitava seu pai e faria todo o possível para fazê-lo feliz. Ela compreendia a situação perfeitamente — e Kevin sabia disso —, porém, por algum motivo não era capaz de cooperar. Aquilo o magoava, é claro, mas toda raiva que ele pudesse sentir da filha vinha sempre acompanhada por uma desculpa automática, um reconhecimento íntimo de tudo aquilo que ela tivera de suportar e do quão pouco ele pudera ajudá-la.

Jill era uma das Testemunhas Oculares e Kevin não precisava de um psicólogo para lhe explicar que ela teria de enfrentar aquilo pelo resto da vida. Ela e Jen estavam juntas no 14 de Outubro, duas garotas risonhas sentadas lado a lado num sofá, comendo *pretzels* e assistindo a vídeos no YouTube num laptop. Então, no tempo que a gente leva para dar um clique no mouse, uma delas se foi e a outra ficou gritando. E as pessoas continuaram a desaparecer em volta dela nos meses e nos anos que seguiram, ainda que não de forma tão dramática. Seu irmão mais velho vai para a faculdade e nunca mais volta para casa. Sua mãe sai de casa, faz um voto de silêncio. Só resta o pai, um homem perplexo que tenta ajudar, mas nunca consegue dizer

as palavras certas. Como ele poderia fazer isso, quando está tão perdido e desorientado quanto ela?

Kevin não se surpreendia por Jill estar com raiva, ser rebelde ou andar deprimida. Ela tinha todo direito de ser todas essas coisas, e ainda mais. A única coisa que o surpreendia era ela continuar por perto, continuar morando na mesma casa, com ele, quando seria muito fácil para a filha fugir com o Povo Descalço ou embarcar num ônibus da empresa Greyhound com rumo desconhecido. Uma porção de jovens tinha feito isso. Sua aparência havia mudado, é claro, careca e atormentada, como se quisesse que pessoas completamente desconhecidas compreendessem exatamente como ela se sentia mal. Mas às vezes, quando ela sorria, Kevin tinha a sensação de que a essência da personalidade da filha continuava viva dentro dela, mantinha-se misteriosamente intacta, apesar de tudo. Era essa outra Jill — a Jill que ela nunca teve a oportunidade de ser — que Kevin esperava encontrar na mesa do café da manhã daquele dia, não a Jill real, que ele conhecia tão bem, a garota toda encolhida sobre a cama, depois de chegar em casa bêbada ou doidona demais para se dar o trabalho de remover a maquiagem da noite anterior.

Kevin pensou em telefonar de novo na hora em que estavam chegando a Lovell Terrace, a rua sem saída e privativa para onde ele e sua família tinham se mudado cinco anos antes, numa era que agora parecia tão remota e irreal quanto a Era do Jazz. Por mais que quisesse ouvir a voz de Jill, seu senso de decoro o deteve. Kevin achou que não era direito o prefeito falar ao celular no meio de um desfile. Além do mais, o que ia dizer para Jill?

*Oi, querida, estou passando de carro pela nossa rua, mas não estou vendo você...*

★ ★ ★

Mesmo antes de perder a esposa para eles, Kevin havia desenvolvido um relutante sentimento de respeito pelos Remanescentes Culpados. Dois anos antes, quando eles apareceram pela primeira vez na tela de seu radar, os confundira com um inofensivo culto do Arrebatamento, um grupo de fanáticos separatistas que só queria ser deixado em paz para curtir seu luto e meditar até a Segunda Vinda, ou o que quer que estivesse esperando (ele ainda não havia entendido direito sua teologia, e nem tinha certeza de que eles mesmos haviam entendido). Fazia até certo sentido para ele que pessoas

de coração partido, como Rosalie Sussman, achassem reconfortante unir-se a suas fileiras, retirar-se do mundo e fazer voto de silêncio.

Naquela época, os Remanescentes Culpados pareciam ter brotado do nada, uma reação espontânea local a uma tragédia sem precedentes. Kevin levou um tempo para se dar conta de que grupos semelhantes estavam se formando por todo país e que se interligavam numa rede nacional flexível, cada afiliada seguindo as mesmas diretrizes básicas — roupas brancas, cigarros e equipes de vigilância formadas por duas pessoas —, mas que governava a si mesma sem qualquer supervisão organizada nem interferência externa.

Apesar de sua aparência monástica, a Filial de Mapleton rapidamente se revelou uma organização ambiciosa e disciplinada, com uma queda para a desobediência civil e para a encenação política. Seus membros não só se recusavam a pagar impostos ou taxas de serviços públicos como zombavam de uma porção de normas de postura municipais em seu condomínio na rua Ginkgo, pois amontoavam dúzias de pessoas em casas construídas para abrigar uma só família e desafiavam as ordens judiciais e as notificações de embargo, fazendo barricadas para impedir a entrada dos representantes da lei. Houve uma série de confrontos, um dos quais resultou na morte de um dos membros dos Remanescentes Culpados que jogou pedras em policiais que tentavam cumprir um mandado de busca. Após o ataque fracassado, espalhou-se uma onda de solidariedade em favor dos Remanescentes Culpados, o que levou à renúncia do Chefe de Polícia e a uma grande perda de apoio ao prefeito Malvern, já que haviam, ambos, autorizado aquela operação policial.

Desde que assumira a prefeitura, Kevin tinha dado o melhor de si para reduzir a tensão entre o culto e a cidade, tentava negociar uma série de acordos que permitia aos Remanescentes Culpados viverem mais ou menos como quisessem, em troca do pagamento de impostos comuns e de garantias de acesso para a polícia e para veículos de emergência, em situações específicas e determinadas. A trégua parecia estar resistindo, mas os R. C. continuavam imprevisíveis, apareciam em intervalos aleatórios para criar confusão e angústia entre cidadãos pacatos e seguidores das leis. Naquele ano, no primeiro dia de aulas, vários adultos vestidos de branco fizeram um protesto na Escola Fundamental Kingman, ocupando a sala da turma do segundo ano durante a manhã inteira. Algumas semanas depois, outro grupo entrou no campo de futebol do colégio no meio de uma partida, deitou-se na grama até ser removido de lá à força por jogadores e espectadores irritados.

★ ★ ★

Já fazia meses que as autoridades locais se perguntavam o que os R. C. fariam para perturbar o Dia dos Heróis. Kevin tinha participado de duas reuniões de planejamento nas quais o tema fora discutido em detalhes, e havia examinado uma série de situações prováveis. Passou o dia inteiro esperando que eles viessem, sentia uma estranha mistura de temor e curiosidade, como se a festa não ficasse de fato completa até que eles fizessem sua investida.

Mas o desfile começou e terminou sem eles, e a cerimônia em memória dos desaparecidos estava chegando ao fim. Kevin tinha colocado uma coroa de flores ao pé do Monumento aos que Partiram, no Greenway Park, uma sinistra escultura de bronze feita por um dos professores de artes do ensino médio. Supostamente, representava um bebê flutuando para fora dos braços de uma mãe perplexa, ascendendo rumo ao paraíso, mas alguma coisa saía errada. Kevin não tinha nada de crítico de arte, mas sempre tivera a impressão de que o bebê estava caindo, e não subindo, e que a mãe talvez não fosse capaz de apanhá-lo.

Depois da bênção do padre Gonzalez, houve um momento de silêncio para celebrar o terceiro aniversário da Partida Repentina, seguido pelo dobrar dos sinos da igreja. O discurso oficial de Nora Durst era o último item da programação. Kevin estava sentado no palco improvisado com outras autoridades e sentiu uma pequena angústia na hora em que ela subiu à tribuna. Sabia por experiência própria como podia ser intimidador fazer um discurso, como era preciso ter confiança e habilidade para prender a atenção até mesmo de metade das pessoas ali presentes.

Mas Kevin logo se deu conta de que suas preocupações eram descabidas. Um murmúrio pedindo silêncio percorreu a plateia quando Nora pigarreou e ajeitou na mão suas fichas de anotações. Ela havia sofrido — era a Mulher que Perdeu Tudo — e seu sofrimento lhe conferia autoridade. Não precisava conquistar a atenção ou o respeito de ninguém.

Além disso, Nora se mostrou uma oradora nata. Falou devagar e com clareza — era o básico da oratória, mas um número espantoso de oradores ignorava essa lição —, com o número de tropeços e hesitações apenas suficiente para evitar que tudo parecesse artificial demais. Ajudava também o fato de ser uma mulher bonita, alta e bem-proporcionada, com uma voz suave, mas enfática. A exemplo da maioria das pessoas na plateia, vestia-se de maneira informal, e Kevin se pegou olhando com uma avidez um pouco

excessiva para os complicados pontos de costura no bolso traseiro de sua calça jeans, cujo caimento justo raramente era visto nas atividades oficiais de governo. Notou que Nora tinha um corpo surpreendentemente jovem para uma mulher de trinta e cinco anos que tivera dois filhos. *Perdera dois filhos*, Kevin recordou a si mesmo, obrigando-se a manter o queixo erguido e a olhar para algo mais adequado. A última coisa que desejava ver na capa de *O Mensageiro de Mapleton* era uma foto colorida do prefeito olhando com cobiça para o traseiro de uma mãe de luto.

Nora começou dizendo que tinha concebido seu discurso, inicialmente, como uma celebração do melhor dia de sua vida. O dia em questão tinha ocorrido alguns meses antes do 14 de Outubro, durante as férias que passara com a família em Jersey Shore. Não havia acontecido nada de especial, nem ela se dera conta plenamente da extensão de sua felicidade na ocasião. Aquela compreensão só lhe veio mais tarde, depois que o marido e os filhos partiram e ela teve noites insones de sobra para avaliar tudo o que havia perdido.

Foi, disse ela, um dia adorável no final do verão, fazia calor e soprava uma brisa, mas não era um dia tão radiante que a gente tivesse de pensar toda hora em filtro solar. A certa altura da manhã, seus filhos — Jeremy tinha seis anos, Erin, quatro; essas foram as idades máximas que alcançaram — começaram a fazer um castelo de areia e levaram adiante seu trabalho com o entusiasmo solene que as crianças às vezes imprimem às tarefas mais inconsequentes. Nora e o marido, Doug, estavam sentados numa toalha ali perto, de mãos dadas, observando aqueles pequenos construtores compenetrados correrem até a beira da água, encherem seus baldinhos de plástico com areia molhada e depois voltarem, em passos cambaleantes, com os braços que pareciam palitos de dente, muito tensos com a pesada carga dos baldes. Os garotos não estavam sorrindo, mas seus rostos reluziam com uma determinação feliz. A fortaleza que construía era espantosamente grande e complicada; ficaram ocupados com aquilo durante horas.

— Nós tínhamos uma câmera de vídeo — disse ela. — Mas, por algum motivo, não pensamos em ligá-la. Estou feliz por isso, de certo modo. Porque, se tivéssemos feito um vídeo naquele dia, eu ficaria assistindo a ele o tempo todo. Iria definhar na frente da televisão, repetindo sem parar as mesmas cenas.

De algum modo, porém, pensar naquele dia fazia Nora recordar outro dia, um sábado terrível no mês de março anterior, quando a família inteira ficou de cama por causa de uma doença estomacal. Dava a impressão de que

toda vez que a gente se virava tinha alguém vomitando, e nem sempre era no banheiro. A casa fedia, as crianças gemiam e o cachorro não parava de ganir, implorando para ir para fora. Nora não conseguia se levantar da cama — estava com febre, ficava entrando e saindo de um delírio — e Doug não estava nem um pouco melhor. Houve um breve intervalo na parte da tarde em que Nora achou que talvez estivesse morrendo. Quando expressou esse temor para o marido, ele simplesmente balançou a cabeça e disse: “Está bem.” Estavam tão mal que nem tiveram a ideia de pegar o telefone e pedir ajuda. A certa altura, no final da tarde, quando Erin estava deitada entre os dois, seu cabelo com uma crosta de vômito ressecado, Jeremy entrou cambaleante e, choroso, apontou para os próprios pés. *Woody fez cocô na cozinha*, disse. *Woody fez cocô na cozinha e eu pisei em cima*.

— Foi um inferno — disse Nora. — Era isso o que dizíamos toda hora uns aos outros. *Isto é um verdadeiro inferno*.

Eles superaram aquilo, é claro. Alguns dias depois, todo mundo estava bem de saúde outra vez e a casa estava mais ou menos em ordem. Mas daí em diante referiam-se àquela Maratona Familiar de Vômito como o momento mais lamentável de sua vida, a debacle que colocava todo o restante em perspectiva. Se o porão inundava, se Nora levava uma multa por estacionar em local proibido, se Doug perdia um cliente, eles sempre se lembravam de que as coisas poderiam ser bem piores.

— Bem, dizíamos, *ao menos não é tão ruim como naquela vez em que todo mundo em casa ficou doente*.

Foi nessa altura do discurso de Nora que os Remanescentes Culpados finalmente fizeram sua intervenção, emergiram em massa, saindo do pequeno trecho de mata situado no lado oeste do parque. Devia haver uns vinte deles, vestidos de branco, movendo-se devagar na direção do lugar onde o público estava reunido. De início, pareciam um bando desorganizado, porém, à medida que caminhavam, começaram a formar uma linha horizontal, uma configuração que fez Kevin se lembrar de um grupo de busca. Cada pessoa levava um cartaz de cartolina com uma única letra preta desenhada e, quando chegaram um pouco mais perto do palco, pararam e ergueram seus cartazes quadrados acima da cabeça. Junta, a sequência irregular de letras formou as palavras PAREM DE FALAR À TOA.

Um murmúrio irritado se ergueu na multidão, que não gostou nem da interrupção nem daquele tipo de sentimento. Quase toda a força policial estava presente na cerimônia e, após um momento de dúvida, vários policiais

começaram a mover-se na direção dos intrusos. O Chefe Rogers estava no palco, e, assim que Kevin se ergueu a fim de consultá-lo sobre a sensatez de provocar um confronto, Nora dirigiu a palavra aos policiais.

— Por favor — disse ela. — Deixem essas pessoas em paz. Não estão fazendo mal a ninguém.

Os guardas hesitaram e interromperam sua investida, depois de receberem um sinal do chefe. De onde estava sentado, Kevin tinha uma visão clara dos manifestantes, portanto àquela altura havia notado que sua esposa estava entre eles. Kevin não via Laurie já fazia alguns meses e ficou impressionado ao ver como ela havia perdido peso, era como se tivesse desaparecido num centro de condicionamento físico, em vez de ter aderido a um culto do Arrebatamento. Ele nunca tinha visto seu cabelo tão grisalho — a aparência pessoal não era o forte dos Remanescentes Culpados —, mas no conjunto ela parecia estranhamente jovial. Talvez fosse o cigarro em sua boca — Laurie fumava no início do relacionamento deles —, mas a mulher que estava parada à sua frente, a letra *L* erguida bem alto acima da cabeça, fazia Kevin recordar antes a garota divertida e apaixonada que ele havia conhecido na faculdade do que a mulher entristecida e de cintura larga que o havia largado seis meses antes. Apesar das circunstâncias, ele sentiu uma irrefutável pontada de desejo por ela, uma excitação real e altamente irônica em sua virilha.

— Não sou gananciosa — prosseguiu Nora, retomando o fio de seu discurso. — Não estou pedindo aquele dia perfeito na praia. Basta me dar aquele sábado horrível, nós quatro doentes e infelizes, mas vivos, e juntos. Agora, aquilo me parece o paraíso. — Pela primeira vez desde que começara o discurso, sua voz vacilou de emoção. — Deus nos abençoe, a todos, os que estão aqui e os que não estão. Nós todos sofremos muito.

Kevin tentou estabelecer um contato visual com Laurie durante os aplausos prolongados e um pouco desafiadores que se seguiram, mas ela se recusava a olhar sequer de relance em sua direção. Kevin tentou se convencer de que ela estava agindo assim contra a própria vontade — afinal, estava entre dois homens grandes e barbados, um deles parecia um pouco Neil Felton, o cara que fora dono de uma pizzeria chique no centro da cidade. Seria reconfortante pensar que ela fora instruída por seus superiores a não cair na tentação de se comunicar com o marido, ainda que em silêncio, mas Kevin sabia, no fundo do coração, que não era esse o caso. Laurie poderia olhar para ele se quisesse, poderia pelo menos dar um sinal de que reconhecia a



existência do homem com quem ela prometera passar a vida. Ela simplesmente não queria.

Mais tarde, ao pensar sobre o assunto, Kevin se perguntava por que ele não desceu do palco, caminhou até onde ela estava e disse: *Ei, já faz tanto tempo. Você está bonita. Estou com saudades.* Não havia nada que o impedisse de fazer isso. E no entanto Kevin se limitou a ficar parado, não fez absolutamente nada, até que as pessoas de branco baixaram suas letras, deram meia-volta e retornaram lentamente para o bosque.

## UMA TURMA INTEIRA DE JILLS

Jill Garvey sabia como era fácil romantizar os desaparecidos, fingir que eram melhores do que eram na realidade, de algum modo superiores aos perdedores, os que haviam sido deixados para trás. Tinha visto isso bem de perto nas semanas após o 14 de Outubro, quando todo tipo de gente — adultos, na maioria, mas algumas crianças também — dizia todo tipo de maluquice para ela a respeito de Jen Sussman, que na verdade não tinha nada de especial, era uma pessoa absolutamente comum, talvez um pouco mais bonita do que a maioria das garotas de sua idade, mas que decididamente estava longe de ser um anjo ou alguém que fosse bom demais para este mundo.

*Deus queria a companhia dela, diziam. Teve saudades de seus olhos azuis e de seu sorriso lindo.*

Tinham boas intenções, Jill compreendia isso. Como era uma das chamadas Testemunhas Oculares, a única outra pessoa presente no quarto na hora em que Jen partiu, as pessoas muitas vezes a tratavam com uma ternura sinistra — era como se Jill fosse um parente de luto, como se ela e Jen tivessem se tornado irmãs depois do que aconteceu — e com uma estranha espécie de respeito. Ninguém dava ouvidos quando Jill tentava explicar que, na verdade, não havia *testemunhado* nada e que, no fundo, era tão ignorante sobre o assunto quanto qualquer um. No momento crucial, Jill estava assistindo pelo YouTube no computador a um vídeo triste, mas hilário, de um garotinho que dava socos na própria cabeça e fingia que não estava doendo. Ela deve ter visto aquilo três ou quatro vezes seguidas e, quando afinal ergueu os olhos, Jen tinha sumido. Passou um bom tempo antes de Jill se dar conta de que ela não estava no banheiro.

*Pobrezinha, insistiam as pessoas. Deve ser muito triste para você perder a melhor amiga desse jeito.*

Isso era a outra coisa que ninguém queria ouvir, que ela e Jen não eram mais as melhores amigas uma da outra, se é que foram algum dia — algo de

que Jill duvidava —, muito embora tivessem usado a expressão durante anos seguidos, sem parar para pensar no que estavam dizendo: *minha melhor amiga, Jen; minha melhor amiga, Jill*. Eram as mães delas que eram as melhores amigas uma da outra, não elas. As garotas simplesmente iam a reboque, porque não tinham mesmo outra opção (nesse sentido, de fato, era como se fossem irmãs). Iam juntas para a escola, dormiam na casa uma da outra, suas famílias viajavam de férias juntas e as duas passavam horas sem conta na frente da televisão e do computador, matando o tempo, enquanto suas mães tomavam chá ou vinho na mesa da cozinha.

A inevitável aliança delas foi espantosamente duradoura, prolongando-se desde o maternal até o meio do oitavo ano, quando Jen passou por uma súbita e misteriosa transfiguração. Um dia ela ganhou um corpo novo — ao menos foi assim que pareceu, aos olhos de Jill —, no segundo dia ganhou roupas novas e, no terceiro, amigas novas, uma panelinha formada por garotas bonitas e populares, sob a liderança de Hillary Beardon, a quem antes Jen dizia desprezar. No dia que Jill lhe perguntou por que queria tanto circular com pessoas que antes ela mesma tinha acusado de serem superficiais e desagradáveis, Jen limitou-se a sorrir e disse que na verdade elas eram muito legais, quando a gente as conhecia melhor.

Jen não era maldosa a respeito daquilo. Nunca mentiu para Jill, nunca zombou dela pelas costas. Era como se Jen tivesse se afastado lentamente, para uma órbita diferente, mais exclusiva. Fez um esforço simbólico para incluir Jill em sua nova vida, a convidou (muito provavelmente, seguindo instruções de sua mãe) para uma viagem de um dia à casa de praia de Julia Horowitz, mas isso só serviu para que o abismo entre as duas se tornasse ainda mais evidente. Jill sentiu-se como uma estrangeira a tarde toda, uma intrusa apagada e sorrateira, em seu pobre maiô, enquanto olhava, numa perplexidade muda, as garotas bonitas admirando os biquínis umas das outras, comparando os bronzeados e enviando mensagens de texto para rapazes em telefones coloridos como chicletes. O que mais a deixou admirada foi como Jen parecia à vontade naquele ambiente estranho, como ela se misturava às outras com perfeição.

— Sei que é difícil — disse a mãe. — Mas ela está ampliando suas relações e talvez você devesse fazer o mesmo.

Aquele verão — o último antes do desastre — parecia que não ia terminar nunca. Jill estava crescida demais para ir acampar na colônia de férias, era jovem demais para trabalhar e tímida demais para pegar o telefone

e ligar para alguém. Gastava um tempo absurdo no Facebook, examinando fotos de Jen e de suas novas amigas, perguntando-se se todas eram mesmo tão felizes quanto aparentavam. Elas gostavam de se chamar de Piranhas Classudas e quase todas as fotos traziam esse apelido no título: *Piranhas Classudas relaxando; Festa do Pijama das Piranhas Classudas; Ei, PC, o que você está bebendo?* Ela ficava de olho no status de Jen, acompanhava de perto os altos e baixos de seu romance recente com Sam Pardo, um dos caras mais gatos da turma.

Jen está de mãos dadas com Sam vendo um filme.

Jen: MELHOR BEIJO DO MUNDO!!!

Jen: São as duas semanas mais compridas de toda minha vida.

Jen: TANTO FAZ.

Jen: Homens não prestam!

Jen: Tudo Está Perdoado (tudo e mais um bocado).

Jill tentava sentir ódio de Jen, mas não conseguia muito bem. De que adiantava? Jen estava onde queria estar, com pessoas de quem gostava, fazendo coisas que a deixavam feliz. Como se pode ter ódio de alguém por causa disso? A gente tem mais é de imaginar um jeito de conseguir tudo isso para si também.

Quando setembro se foi, ela teve a impressão de que o pior já havia passado. O ensino médio era uma folha em branco, era o passado apagado e o futuro esperando para ser escrito. Toda vez que ela e Jen se cruzavam, diziam apenas “oi”. De vez em quando, Jill olhava para ela e pensava: *Agora somos pessoas diferentes.*

O fato de estarem juntas no 14 de Outubro foi pura coincidência. A mãe de Jill tinha comprado umas linhas para a Sra. Sussman — as duas mães, naquele outono, estavam muito envolvidas com o tricô — e Jill calhou de estar no carro quando sua mãe resolveu entregar a linha na casa da amiga. Por força do hábito, Jill acabou descendo ao porão com Jen, as duas conversando meio sem jeito a respeito de seus professores, depois ligaram o computador quando ficaram sem assunto. Jen tinha um número de telefone rabiscado nas costas da mão — Jill notou aquilo quando Jen ligou o interruptor, e se perguntou de quem poderia ser — e esmalte cor-de-rosa descascado nas unhas. O protetor de tela do seu laptop era uma foto das duas, Jill e Jen, tirada uns dois anos antes, durante uma tempestade de neve. Estavam todas agasalhadas, de bochechas vermelhas e risonhas, as duas com aparelho nos dentes, apontando orgulhosas para um boneco de neve, um homenzinho construído carinhosamente, com uma cenoura no nariz e uma echarpe

emprestada. Mesmo naquele momento, com Jen sentada a seu lado, ainda antes de virar anjo, já parecia uma história antiga, uma relíquia de uma civilização perdida.



Foi só depois que sua mãe aderiu aos Remanescentes Culpados que Jill começou a compreender por conta própria como a ausência podia deformar a mente das pessoas, fazer a gente exagerar as virtudes e minimizar os defeitos dos desaparecidos. Não era a mesma coisa, claro: sua mãe não tinha *partido* de verdade, não era como Jen, mas isso parecia não ter muita importância.

Elas haviam tido uma relação complicada, ligeiramente opressiva — um pouco mais próxima do que seria bom para ambas — e Jill muitas vezes desejou que houvesse certa distância entre elas, algum espaço para que ela pudesse se movimentar sozinha.

*Espere só eu ir para a faculdade, pensava. Vai ser um grande alívio não ter minha mãe pegando no meu pé o tempo todo.*

Mas aquilo era a ordem natural das coisas — a gente cresce, sai de casa. O que não era natural era a mãe sair de casa e abandonar a filha, mudar-se para o outro lado da cidade a fim de morar numa residência comunitária, com um bando de pirados religiosos, cortando todo contato com a própria família.

Durante um longo tempo depois que a mãe foi embora, Jill se viu dominada por uma ânsia infantil pela presença da mãe. Tudo relacionado à mãe lhe despertava saudades, até aquelas coisas que antes a deixavam louca de raiva — o jeito desafinado de cantar, sua insistência em dizer que macarrão integral tinha o mesmo gosto do macarrão comum, sua incapacidade de acompanhar a trama até do mais simples seriado de televisão (*Espere aí, esse é o mesmo cara de antes ou é outro?*). Jill era atacada por espasmos de uma saudade alucinada, vindos do nada, deixando-a aturdida e chorosa, propensa a emburrados acessos de raiva que, inevitavelmente, voltavam-se contra o pai, o que era uma completa injustiça, pois não fora ele que a abandonara. Num esforço de defender-se de tais acessos, Jill fez uma lista dos defeitos da mãe e recapitulava essa lista toda vez que percebia que ficava sentimental:

Risada esquisita, aguda e totalmente falsa  
Gosto medonho para música

Intolerante  
Não me cumprimentaria se me visse na rua  
Óculos escuros feios  
Obcecada por Jen  
Usa palavras como *auê* e *lenga-lenga* na conversa  
Enche o saco do papai por causa do colesterol  
Tem o braço pelancudo  
Ama Deus mais do que a própria família



Na verdade, deu um pouco certo, ou talvez ela tenha apenas se habituado à situação. Seja como for, Jill afinal parou de chorar antes de dormir, parou de escrever cartas compridas e desesperadas pedindo à mãe que voltasse para casa por favor, parou de culpar a si mesma por coisas que ela não podia controlar.

*Foi uma decisão dela, Jill aprendeu a lembrar a si mesma. Ninguém a obrigou a ir.*



Ultimamente, a única hora em que Jill sentia falta de verdade da mãe era de manhã cedinho, quando ela ainda estava meio adormecida, não de todo preparada para o novo dia. Acontece que simplesmente não parecia certo descer para o café da manhã e não encontrar a mãe à mesa, em seu roupão felpudo e cinzento, não encontrar ninguém para abraçá-la e sussurrar: *Ei, sua dorminhoca*, com uma voz cheia de prazer e pena. Jill sofria um bocado para acordar e sua mãe lhe dava espaço para fazer uma lenta e irritada transição para a consciência, sem um monte de conversa fiada ou dramas desnecessários. Se ela queria comer, ótimo; se não queria, não tinha problema também.

Seu pai tentava compensar a falta de mãe — Jill tinha de lhe dar esse crédito —, mas eles simplesmente não estavam em sintonia. O pai era mais do tipo madrugador, sempre alerta; não importava a hora em que Jill saísse da cama, ele estava sempre bem-disposto, arrumado e de banho tomado, e olhava para ela por cima das folhas do jornal aberto à sua frente —

espantosamente, ele ainda lia o jornal de manhã — com uma expressão de leve censura, como se a filha estivesse atrasada para um compromisso.

— Ora, ora — dizia ele. — Veja só quem está aqui. Eu já estava me perguntando quando você ia dar as caras.

— Oi — resmungava Jill, incomodamente consciente de si mesma como um objeto do escrutínio paterno.

O pai a examinava daquele jeito todas as manhãs, tentando imaginar o que a filha andara fazendo na noite anterior.

— Está com um pouco de ressaca? — indagava, soando mais curioso do que desaprovador.

— Na verdade, não. — Só havia tomado uma ou duas cervejas na casa de Dmitri, talvez um ou dois tapinhas no baseado que rodara de mão em mão no final da noite, mas não adiantava entrar naqueles detalhes. — Não dormi o bastante, só isso.

— Ahn — grunhia o pai, sem se dar o trabalho de disfarçar sua incredulidade. — Por que não fica em casa esta noite? Podemos ver um filme ou algo assim.

Fingindo não ouvir, Jill arrastava os pés até a cafeteira e servia-se de uma caneca do café escuro e torrado que haviam passado a comprar pouco antes. Era uma vingança dupla contra a mãe, que não deixava que Jill tomasse café em casa, nem mesmo o café mais fraco, que ela achava delicioso.

— Posso fazer um omelete para você — ofereceu o pai. — Ou então você pode comer cereais.

Jill sentou-se, estremeando ao pensar nos omeletes grandes e encharcados que o pai fazia, com o queijo alaranjado escorrendo pelos lados.

— Não estou com fome.

— Você precisa comer alguma coisa.

Jill deixou aquilo sem resposta, enquanto tomava um grande gole do café puro. Era melhor assim, escuro e forte: dava um choque no sistema. Os olhos do pai se desviaram para o relógio acima da pia.

— Aimee acordou?

— Ainda não.

— São sete e quinze.

— Não há por que ter pressa. Temos o primeiro tempo livre.

O pai confirmou com um gesto de cabeça e voltou para seu jornal, do jeito que ele fazia todo dia de manhã depois que Jill lhe contava a mesma mentira. Ela nunca tinha certeza se o pai acreditava nela ou se apenas não se

importava. Jill recebia a mesma resposta distraída de uma porção de adultos em sua vida — guardas, professores, os pais de suas amigas, Derek, o homem da loja que vendia iogurte, até seu instrutor na autoescola. Era frustrante, de certo modo, porque Jill nunca sabia de verdade se estavam fingindo acreditar ou se ela de fato os estava enganando.

— Alguma notícia de Santo Wayne?

Jill vinha acompanhando com grande interesse a história da prisão do líder do culto, se entretinha cruelmente com os detalhes sórdidos que as reportagens relatavam, mas também se sentia constrangida por causa do irmão, que entregara seu destino nas mãos de um homem que, no final, se revelara um charlatão e um safado.

— Hoje não — disse o pai. — Acho que já esgotaram a parte interessante do assunto.

— Eu me pergunto o que Tom vai fazer agora.

Nos últimos dias, eles vinham especulando a respeito do assunto, mas não tinham ido muito longe. Era difícil imaginar o que Tom podia estar pensando quando, afinal, não sabiam onde ele estava, o que andava fazendo, nem mesmo se continuava envolvido com o Movimento do Abraço que Cura.

— Não sei. Na certa, ele está muito...

Pararam de conversar quando Aimee entrou na cozinha. Jill ficou aliviada de ver que a amiga estava com calça de pijama — nem sempre era o caso —, embora o relativo recato do vestuário daquela manhã fosse sabotado por uma camisola muito decotada. Aimee abriu a geladeira e espiou seu interior durante um bom tempo, inclinando a cabeça como se lá dentro estivesse se passando algo fascinante. Depois pegou uma caixa de ovos e virou-se para a mesa, o rosto mole e sonolento, o cabelo numa exuberante desordem.

— Sr. Garvey — disse ela —, será que o senhor podia fazer um daqueles deliciosos omeletes?

★ ★ ★

Como de hábito, elas pegaram o caminho mais longo para a escola, indo para os fundos do supermercado Safeway a fim de fumar um rápido baseado — Aimee fazia de tudo para não pôr os pés no Colégio Mapleton sem alguma espécie de onda —, depois seguiram até o outro lado da Reservoir Road para ver se por acaso não tinha ninguém interessante de bobeira na Dunkin' Donuts. A resposta, que não era nada surpreendente, era não, não tinha



ninguém — a menos que se classificasse como interessante um bando de homens velhos roendo rosquinhas gordurentas —, mas, assim que puseram suas cabeças dentro da lanchonete, Jill foi dominada por uma ânsia cruel de açúcar.

— Você se importa? — perguntou, e lançou um olhar encabulado para o balcão. — Não comi nada no café da manhã.

— Eu não me importo. Não sou eu que vou ficar com a bunda gorda.

— Ei. — Jill deu um tapa no braço da amiga. — Não tenho bunda gorda.

— Ainda não — retrucou Aimee. — É só comer mais umas rosquinhas dessas.

Incapaz de decidir entre a rosquinha caramelada e a com geleia, Jill optou pelo meio-termo e pediu as duas. Não teria problema nenhuma em ir comendo pelo caminho, mas Aimee fez questão de se sentar à mesa.

— Por que a pressa? — perguntou ela.

Jill conferiu a hora no telefone celular.

— Não quero me atrasar para o segundo tempo.

— Eu tenho educação física — disse Aimee. — Não me importo de perder essa aula.

— Tenho prova de química. E certamente vou me dar muito mal.

— Você sempre diz isso e acaba tirando A.

— Dessa vez, não — disse Jill. Tinha perdido muitas aulas nas semanas anteriores e estava doidona em boa parte das aulas a que havia comparecido. Alguns assuntos até que combinavam bem com a maconha, mas química não era um deles. A gente entra num barato e começa a pensar em elétrons e pode acabar viajando para muito longe do lugar onde deveria estar. — Dessa vez, estou ferrada.

— E quem liga para isso? É só uma provinha idiota.

*Eu ligo*, Jill quis responder, mas não tinha certeza de que era verdade. Antes, ela se importava — se importava muito — e não havia se habituado totalmente à sensação de não se importar, embora estivesse dando o melhor de si.

— Sabe o que minha mãe me contou? — perguntou Aimee. — Disse que quando ela estava no colégio, no ensino médio, as garotas podiam faltar à aula de educação física por estarem menstruadas. Disse que tinha lá um certo professor, um Neanderthal que era técnico de futebol americano, e toda aula

ela pegava e dizia para ele que estava com cólica e ele sempre respondia: *Está certo, fique sentada na arquibancada*. O cara nunca percebia nada.

Jill riu, apesar de já ter ouvido aquela história antes. Era uma das poucas coisas que ela sabia a respeito da mãe de Aimee, além do fato de ser uma alcoólatra que tinha desaparecido no 14 de Outubro, deixando a filha adolescente sozinha com o padrasto, de quem Aimee não gostava e em quem não confiava.

— Quer uma mordida? — Jill estendeu para ela a rosquinha de geleia. — Está muito gostosa.

— Não, obrigada. Estou cheia. Não consigo acreditar que comi um omelete inteiro.

— Não ponha a culpa em mim. — Jill lambeu uma pequena porção de geleia na pontinha do seu dedo polegar. — Eu até tentei avisar.

A expressão de Aimee ficou séria, até um pouco severa.

— Você não deveria tratar mal o seu pai. Ele é um cara muito legal.

— Eu sei.

— E nem é um mau cozinheiro.

Jill não discutiu. Comparado com a mãe, o pai era um péssimo cozinheiro, mas Aimee não tinha como saber daquilo.

— Ele é esforçado — disse ela.

Jill desmembrou e devorou a rosquinha caramelada com três mordidas rápidas — estava tão cheia de ar por dentro que, por baixo da cobertura açucarada, parecia não haver nada —, depois juntou seu lixo.

— Argh — disse ela, já temendo a prova que estava prestes a ter. — Acho que é melhor a gente ir.

Aimee observou-a por um momento. Olhou de relance para a prateleira do mostruário que ficava atrás do balcão — fileiras de rosquinhas arrumadas em suas cestinhas de metal, cobertas de glacê, polvilhadas de açúcar, puras ou recheadas de doces surpresas — e depois olhou de novo para Jill. Um sorriso malicioso irrompeu aos poucos em seu rosto.

— Sabe do que mais? — disse ela. — Acho que também vou comer alguma coisa. E talvez tome um café também. Não quer café?

— Não temos tempo.

— Claro que temos.

— E a minha prova?

— O que tem?

Antes que Jill pudesse responder, Aimee tinha se levantado e saía na direção do balcão, sua calça jeans tão apertada e seu passo tão ondulante que todo mundo na lanchonete se virou para olhar.

*Eu tenho de ir, pensou Jill.*

Uma sensação de irrealidade a dominou naquele instante, uma repentina consciência de estar aprisionada num pesadelo, um sentimento de pânico e de desamparo, como se não tivesse vontade própria.

Mas aquilo não era sonho algum. Tudo o que ela precisava fazer era se levantar e começar a andar. No entanto, continuava paralisada em seu banco de plástico cor-de-rosa, sorrindo com ar de tola, quando Aimee se virou e, só com os lábios, pronunciou a palavra *Desculpe*, embora estivesse claro pela sua fisionomia que ela não estava nem aí.

*Piranha, pensou Jill. Ela quer que eu me dê mal na prova.*

★ ★ ★

Em momentos como aquele — e houve outros iguais, mais do que ela gostaria de admitir —, Jill se perguntava o que estava fazendo, como se permitira se envolver tanto com alguém tão egoísta e irresponsável como Aimee. Não era saudável.

E tinha acontecido muito depressa. Elas haviam se conhecido apenas alguns meses antes, no início do verão, duas garotas que trabalhavam lado a lado numa iogurteria à beira da falência, batiam papo durante as pausas em que não havia clientes e que às vezes duravam horas.

De início, ficaram meio desconfiadas uma da outra, conscientes de que pertenciam a tribos distintas — Aimee, sensual e atrevida, sua vida uma desordenada saga de más decisões e de melodrama emocional; Jill, séria e responsável, uma aluna nota A e uma adolescente cidadã-modelo. *Eu gostaria de ter uma turma inteira só de Jills*, tinham escrito vários professores nas linhas reservadas para comentário no seu boletim. Nunca nenhum professor tinha escrito isso a respeito de Aimee.

À medida que o verão ia passando, elas começaram a se acomodar no que dava a impressão de ser uma amizade genuína, uma ligação que fazia suas diferenças parecerem cada vez mais triviais. A despeito de toda sua segurança sexual e social, Aimee se revelou uma pessoa extremamente frágil, de choro fácil e sujeita a violentos acessos de baixa autoestima; ela precisava ouvir muitas palavras de incentivo. Jill se saía melhor quando se tratava de esconder

sua tristeza, mas Aimee tinha um jeito de convencê-la a se abrir, de induzi-la a pôr para fora coisas que nunca havia discutido com ninguém — sua mágoa em relação à mãe, sua dificuldade de se comunicar com o pai, a sensação de que tinha sido enganada, de que o mundo para o qual ela fora criada e formada já não existia mais.

Aimee tomou Jill debaixo de sua asa, a levava a festas depois do trabalho, a apresentava àquilo que ela estivera perdendo. No início, Jill sentiu-se intimidada — todo mundo que ela encontrava parecia um pouco mais velho e um pouco mais descolado do que ela, muito embora a maioria fosse da sua idade —, mas rapidamente superou sua timidez. Embriagou-se pela primeira vez, fumou maconha, ficou acordada até o nascer do sol conversando com pessoas que antes ela ignorava no corredor da escola, pessoas que Jill tinha riscado de seu pensamento, considerando-os meros fracassados e zeros à esquerda. Certa noite, por uma aposta, tirou a roupa e mergulhou na piscina de Mark Soller. Quando saiu da água alguns minutos depois, nua e gotejante na frente de seus novos amigos, sentiu-se uma pessoa diferente, como se seu eu anterior tivesse sido varrido e apagado.

Se a mãe ainda estivesse em casa, nada daquilo teria acontecido. Não porque a mãe a impediria de fazer tais coisas, mas porque a própria Jill não se permitiria. O pai tentava interferir, mas parecia ter perdido a fé em sua autoridade. Certa vez, no final de julho, ele chegou a deixar a filha de castigo, depois que a encontrou inconsciente no gramado em frente à casa, mas ela ignorou o castigo e ele nunca mais falou do assunto.

Também não reclamou quando Aimee passou a dormir em sua casa, apesar de Jill não ter pedido sua permissão nem ter explicado nada antes de convidá-la. Na hora em que o pai finalmente tomou coragem para perguntar o que estava acontecendo, Aimee já era parte integrante da casa, dormia no antigo quarto de Tom, acrescentava seus pedidos pessoais à lista de compras da família, queria coisas que teriam causado um ataque do coração na mãe de Jill — tortas, biscoitos, macarrão instantâneo. Jill disse a verdade, disse que Aimee precisava ficar um tempo longe do seu padrasto, o qual às vezes a “incomodava” quando chegava em casa embriagado. Ele ainda não tinha encostado nela, mas a vigiava o tempo todo e lhe dizia coisas tão horríveis que Aimee tinha dificuldade para dormir.

— Ela não devia morar lá — Jill disse para o pai. — Não é uma situação boa.

— Está bem — respondeu o pai. — É justo.

As últimas duas semanas de agosto foram especialmente alucinadas, como se as duas garotas pressentissem que o prazo da diversão estava para expirar e por isso quisessem tomar tudo até a última gota, enquanto ainda podiam. Certa manhã, depois de tomar banho, Jill desceu se queixando do próprio cabelo, dizendo que o detestava. Estava sempre muito seco e sem vida, tão diferente do cabelo de Aimee, que era macio e radiante e nunca ficava feio, nem mesmo quando saía da cama de manhã.

— Arranque-o fora — retrucou Aimee.

— O quê?

Aimee confirmou com um gesto de cabeça, sua expressão cheia de certeza.

— É só você se livrar de uma vez do seu cabelo. Vai ficar mais bonita sem ele.

Jill não hesitou. Subiu, cortou suas tranças sem graça com uma tesoura de costura, em seguida terminou o serviço com a máquina elétrica de cortar cabelo que o pai guardava no armário sob a pia do banheiro. Foi empolgante ver seu passado caindo em tufo grossos, ver um rosto novo emergir, os olhos grandes e ferozes, a boca mais suave e mais bonita do que antes.

— Caramba — disse Aimee. — Ficou legal para caralho.

Três dias depois, Jill fez sexo pela primeira vez, com um cara que já estava na faculdade e que ela mal conhecia, depois de uma maratona alcoolizada do jogo da garrafa na casa da Jessica Marinetti.

— Nunca transei com uma garota careca — confessou o rapaz enquanto ainda estavam no meio do ato.

— É mesmo? — disse Jill, sem se dar o trabalho de informar que ela nunca tinha sequer transado. — E é bom?

— É legal — respondeu ele, tocando a ponta do nariz no crânio calvo de Jill. — Parece uma lixa.

Ela só começou a sentir-se constrangida quando as aulas começaram e viu a maneira como as antigas amigas e os professores olhavam para ela ao passar pelo corredor com Aimee, uma mistura de pena e desprezo em seus olhos. Jill sabia o que estavam pensando — que ela fora levada para o mau caminho, que a menina má havia corrompido a boazinha — e queria explicar para eles que estavam enganados. Ela não era uma vítima. Tudo o que Aimee tinha feito fora mostrar para Jill uma nova maneira de ser ela mesma, maneira que naquele momento fazia tanto sentido quanto tinha feito a outra, antes.

*Não ponham a culpa nela, pensava Jill. Fui eu que escolhi.*

Jill estava grata a Aimee, estava grata de verdade, e feliz por ter sido capaz de ajudá-la, arranjando um lugar para ela ficar, quando precisou. Mesmo assim, toda aquela proximidade estava começando a incomodar, o fato de as duas viverem como se fossem irmãs, compartilhando roupas, refeições e segredos, saindo juntas toda noite para depois recomeçar tudo outra vez pela manhã. Naquele mês, as duas chegaram a ficar menstruadas no mesmo dia, o que já era meio bizarro. Ela precisava de uma pausa para respirar, precisava de um pouco de tempo para pôr em dia as tarefas do colégio, para poder ficar um pouco com o pai, talvez examinar os folhetos de faculdades que não paravam de chegar todos os dias pelo correio. Só precisava de um dia ou dois para achar seu caminho, porque às vezes Jill tinha alguma dificuldade para localizar a fronteira entre as duas, a linha onde Aimee terminava e Jill começava.

★ ★ ★

Estavam a poucos quarteirões do colégio quando o automóvel Prius parou silenciosamente junto à calçada, ao lado delas. Era uma coisa que antes jamais acontecia com Jill, mas agora que ela andava com Aimee vivia acontecendo. O vidro da janela do carona baixou, exalando uma nuvem de reggae com cheiro de maconha na fria manhã de novembro.

— Ei, moças — chamou Scott Frost. — E aí, o que está rolando?

— Nada demais — respondeu Aimee. Sua voz mudava de tom quando falava com rapazes; para Jill, sua voz soava mais profunda, inoculada com uma melodia sedutora que conferia um sentido vagamente intrigante até às afirmações mais banais. — E com vocês? O que há de novo?

Adam Frost, no banco do motorista, inclinou-se para a janela do carona e sua cabeça oscilou alguns centímetros atrás da cabeça do irmão, criando uma espécie de efeito igual ao das silhuetas do Monte Rushmore. Os gêmeos idênticos Frost eram famosos por serem muito bonitos — dois preguiçosos com dreadlocks, de maxilar quadrado, olhos sonolentos e o corpo ágil dos atletas que poderiam ter sido, se não estivessem doidões o tempo todo. Jill tinha quase certeza de que os dois tinham se formado no ano anterior, mas mesmo assim ela os via muitas vezes circulando pelo colégio, sobretudo na sala de artes, embora pelo visto os dois nunca fizessem qualquer trabalho de arte. Limitavam-se a ficar sentados à toa, como dois aposentados, observando os esforços dos mais jovens com um ar de benevolência e diversão. A

professora de desenho, a Sra. Coomey, parecia gostar da companhia deles, ria e batia papo com os dois, enquanto seus alunos trabalhavam por conta própria. Tinha uns cinquenta anos, era casada e tinha excesso de peso, mas corria pelo colégio o boato de que às vezes ela e os irmãos Frost se fechavam no quartinho da despensa durante os tempos vagos.

— Entrem aqui — convidou Adam. Tinha uma fileira de piercings na sobrancelha direita, a principal maneira de as pessoas o distinguirem de Scott. — Vamos dar uma voltinha.

— Temos de ir ao colégio — murmurou Jill, falando mais para Aimee do que para os gêmeos.

— Foda-se o colégio — disse Scott. — Vamos dar um pulo lá em casa, vai ser divertido.

— O que tem de divertido lá? — perguntou Aimee.

— Tem uma mesa de pingue-pongue.

— E um bocado de Vicodin — acrescentou Adam.

— Agora você está falando a minha língua. — Aimee virou-se para Jill com um sorriso esperançoso.

— Quequecê acha?

— Não sei. — Jill sentiu um calor de constrangimento se espalhar pelo rosto. — Ando faltando a muitas aulas.

— Eu também — disse Aimee. — Um dia a mais não vai fazer diferença.

Era um argumento razoável. Jill olhou de relance para os gêmeos, que balançavam a cabeça no mesmo ritmo, ao som da música “Buffalo Soldier”, enviando uma mensagem subliminar de incentivo.

— Eu não sei — disse ela de novo.

Aimee deu um suspiro penetrante, mas Jill continuou imóvel. Não conseguia entender o que a detinha. A prova de química já estava em andamento. O restante do dia seria só uma nota de rodapé para o seu fracasso na prova.

— Que se dane. — Aimee abriu a porta do carro e entrou no banco de trás, olhando para Jill o tempo todo. — Você vem, ou não?

— Não, não — Jill respondeu para Aimee. — Vão vocês.

— Tem certeza? — perguntou Scott, enquanto Aimee fechava sua porta. Ele parecia realmente decepcionado.

Jill confirmou com um gesto de cabeça e a janela de Scott fechou com um zumbido, encobrendo lentamente seu lindo rosto. O impenetrável Prius não se moveu por um ou dois segundos, Jill tampouco. Uma cortante

sensação de arrependimento a dominou enquanto olhava fixamente para os vidros escuros.

— Esperem! — gritou.

Aos seus ouvidos, sua voz soou alta, quase desesperada, mas eles não deviam ter ouvido, porque o carro se pôs em movimento com uma guinada, no instante em que ela estava estendendo a mão para a porta, e rolou pela rua sem fazer barulho, e sem Jill.

★ ★ ★

Jill ainda estava meio doidona quando chegou à escola, mas não do jeito alegre que fazia a maioria das manhãs com Aimee parecer uma aventura boba, como quando as duas fingiam que eram espiãs ou riam às gargalhadas de coisas que não tinham graça nenhuma, o que por algum motivo as levava a rir mais ainda. Hoje, Jill se sentia triste e para baixo, num estado de espírito esquisito e ruim.

Tecnicamente, ela deveria se apresentar na secretaria, mas era um desses regulamentos aos quais ninguém prestava mais muita atenção, uma relíquia de um tempo mais ordeiro e obediente. Jill estava no ensino médio havia apenas cinco semanas quando ocorreu a Partida Repentina, mas ainda tinha lembranças vívidas de como eram as coisas naquela época, os professores sérios e exigentes, os alunos concentrados e motivados, cheios de energia. Quase todo mundo tocava algum instrumento ou praticava algum esporte. Ninguém fumava no banheiro; os alunos podiam ser suspensos por dar uns amassos no corredor. Naquele tempo, as pessoas andavam mais depressa — ao menos, é como Jill se lembrava — e pareciam saber sempre com exatidão para onde estavam indo.

Jill abriu seu armário individual e pegou seu exemplar de *Nossa cidade*, que ela não tinha nem começado a ler, apesar de já estarem discutindo o livro nas aulas de inglês havia três semanas. Ainda faltavam dez minutos para o fim do segundo tempo e Jill bem que gostaria de sentar-se ali mesmo no chão e pelo menos passar os olhos nas primeiras páginas do livro, mas sabia que não ia conseguir se concentrar, não com Jett Oristaglio, o trovador errante do colégio Mapleton, sentado bem na frente dela, dedilhando seu violão e cantarolando “Fire and Rain” pela milésima vez. Aquela canção chegava a dar calafrios em Jill.



Pensou em se enfiar na biblioteca, mas já não dava mais tempo de fazer nada e então resolveu que só lhe restava subir para a sala e assistir à aula de inglês. No caminho, pegou um rápido desvio passando pela sala do Sr. Skandarian, onde seus colegas estavam terminando a prova de química.

Jill não sabia direito o que deu nela para olhar lá para dentro. A última coisa que queria era que o Sr. Skandarian a visse e soubesse que não estava doente nem nada. Aquilo mandaria para o espaço qualquer chance de convencê-lo a deixar que fizesse outra prova. Felizmente, ele estava fazendo um jogo de Sudoku, totalmente absorto nos quadradinhos, quando Jill espiou pela janela.

A prova devia estar bem difícil. Albert Chin tinha terminado, é claro — estava brincando com seu iPhone para matar o tempo — e Greg Wilcox tinha dormido, mas os demais continuavam se empenhando, fazendo as coisas que a gente costuma fazer quando tenta pensar e o relógio não para de correr — morder os lábios, enrolar os cabelos em volta dos dedos, balançar as pernas. Katie Brennan coçava o braço como se tivesse uma doença de pele e Pete Rodriguez não parava de dar pancadinhas na própria testa com a ponta de borracha de seu lápis.

Jill ficou ali só um ou dois minutos, mas mesmo assim era de esperar que algum colega erguesse os olhos e a visse, talvez desse um sorriso ou fizesse um aceno rápido. Era o que acontecia, em geral, quando alguém espiava para dentro de uma sala de aula durante uma prova. Mas ali todo mundo se limitava a fazer a prova, ou a dormir, ou a ficar com a cabeça na lua. Era como se Jill já não existisse mais, como se tudo o que restasse dela fosse a carteira vazia na segunda fileira, um monumento em memória da garota que antes sentava ali.

## ALGUÉM ESPECIAL

Tom Garvey não precisava perguntar por que a garota estava parada diante de sua porta, com a mala na mão. Havia semanas que ele sentia a esperança deixar seu corpo, num vagaroso gotejamento — era um pouco como ir à falência —, e agora ela se fora. Ele estava emocionalmente falido. A garota sorriu com um ar irônico, como se pudesse ler seus pensamentos.

— Você é o Tom?

Ele confirmou com um gesto de cabeça. Ela lhe entregou um envelope com o nome dele escrito na frente.

— Parabéns — disse ela. — Você é minha nova babá.

Tom já tinha visto a garota antes, mas nunca tão de perto, e era ainda mais linda do que havia reparado — uma pequenina garota asiática, de dezesseis anos no máximo, um cabelo incrivelmente negro e um rosto com o formato perfeito de uma lágrima. *Christine*, Tom se lembrou, a quarta noiva. Ela deixou que ele a observasse por um tempo, depois se cansou daquilo.

— Tome — disse ela, pegando seu iPhone. — Por que você não tira logo uma fotografia?

Dois dias depois, o FBI e a Delegacia de Polícia do Oregon prenderam o Sr. Gilcrest no que o telejornal fez questão de chamar de “operação surpresa ao raiar do dia”, embora não fosse surpresa para ninguém, muito menos para o próprio Sr. Gilcrest. Desde a traição de Anna Ford, ele vinha avisando seus seguidores que tempos sombrios estavam por vir, tentando convencê-los de que aquilo seria para o bem de todos.

— O que quer que aconteça comigo — escrevera em seu último e-mail —, não se desesperem. Acontece por uma razão.

Embora já contasse com a prisão, Tom ficou chocado com a gravidade das acusações — múltiplos indiciamentos por estupro e sodomia de segundo e terceiro graus, bem como evasão fiscal e transporte ilegal de uma menor de idade através da fronteira estadual — e sentiu-se afrontado com o evidente prazer dos locutores com aquilo que chamavam de “ruína espetacular do

pretenso messias”, “acusações chocantes” que “deixaram em pedaços sua reputação de santo” e “puseram um movimento de jovens que crescia rapidamente em completa desordem”. Não paravam de mostrar o mesmo vídeo desmoralizante de um Sr. Gilchrest algemado e sendo escoltado para dentro do tribunal, em seu pijama de seda amarrotado e o cabelo achatado num lado da cabeça, como se tivessem acabado de tirá-lo da cama. O texto que corria na parte inferior da tela dizia: SANTO WAYNE? SANTO UMA OVA! VEXAMINOSO LÍDER DE CULTO PRESO POR VIOLÊNCIA SEXUAL. PODE PEGAR MAIS DE 75 ANOS DE PRISÃO.

Quatro deles estavam vendo televisão na hora — Tom e Christine, além de Max e Luis, que dividiam a mesma casa com Tom. Ele nem conhecia direito os dois caras — tinham acabado de chegar de Chicago a fim de lhe dar uma assessoria no Centro do Abraço que Cura de São Francisco —, mas, até onde podia dizer, suas reações ao noticiário foram completamente adequadas: o sensível Luis chorou de leve, o estourado Max berrou obscenidades para a televisão, repetindo que tinham preparado uma cilada para o Sr. Gilchrest. Quanto a ela, Christine parecia estranhamente impassível diante da reportagem, como se tudo estivesse se desenrolando conforme os planos. A única coisa que a incomodava era o pijama do marido.

— Eu bem que avisei para ele não usar esse pijama — disse ela. — Desse jeito ele fica igual ao Hugh Hefner.

Christine ficou um pouco mais animada quando apareceu na tela o rosto de ordenhadora de vacas de Anna Ford. Anna era a noiva espiritual número seis e a única garota não asiática no bando. Tinha sumido do Rancho no final de agosto, para aparecer só algumas semanas depois no programa de televisão *60 minutos*, no qual revelou para o mundo a existência de um harém de garotas menores de idade que satisfaziam todas as necessidades de Santo Wayne. Ela disse que tinha catorze anos na ocasião do casamento, uma desesperada fugitiva de casa que recebera a ajuda, na rodoviária de Minneapolis de dois caras legais que lhe deram comida e abrigo, e depois a transportaram para o Rancho Gilchrest, no sul do Oregon. Ela deve ter causado uma boa impressão no profeta de meia-idade; três dias depois de sua chegada, ele colocou um anel no dedo dela e a levou para a cama.

— Ele não é um messias — disse Anna, no que virou o bordão definidor daquele escândalo. — Não passa de um velho safado.

— E você é Judas — disse Christine para a televisão. — Judas com uma bundona gorda.

★ ★ ★

Tudo estava em ruínas, tudo aquilo por que Tom havia trabalhado e por que tanto esperara, ao longo de dois anos e meio, e, no entanto, por alguma razão, não se sentia tão inconsolável quanto antecipara. Havia uma clara sensação de alívio por baixo da mágoa, a sensação de que aquilo que ele temia tinha finalmente ocorrido, que ele já não precisava mais viver sempre com medo daquilo. Claro, havia toda uma legião de problemas novos para ele se preocupar, mas haveria tempo para lidar com isso mais tarde.

Tom tinha cedido sua cama para Christine, por isso ficou na sala depois que todo mundo foi dormir. Antes de apagar a luz, pegou a foto de seu Alguém Especial — Verbecki com fogos de artifício — e refletiu sobre aquilo por alguns segundos. Pela primeira vez em muito tempo, Tom não sussurrou o nome de seu velho amigo nem fez seu apelo de todas as noites pelo regresso do desaparecido. De que adiantava? Sentia-se como se acabasse de acordar de um sono longo demais e já não conseguisse lembrar o sonho que o havia mantido preso.

*Eles se foram, pensou Tom. Tenho de deixá-los ir.*

★ ★ ★

Três anos antes, quando entrara na faculdade, Tom era como todo mundo — um rapaz americano normal, aluno nota B+ que queria se especializar em administração de empresas, filiar-se a uma fraternidade bacana, beber uma tonelada de cerveja e namorar o maior número possível de garotas razoavelmente gatas. Durante os primeiros dias, sentiu saudade de casa, uma nostalgia das ruas e dos prédios familiares de Mapleton, dos pais e da irmã, e de todos seus velhos amigos, que se espalharam por instituições de ensino superior de todo o país, mas ele sabia que a tristeza era temporária e até saudável. Ficava incomodado quando encontrava outros calouros que falavam com desdém e faziam pouco-caso de suas cidades natais e às vezes até de suas famílias, como se tivessem passado os primeiros dezoito anos de vida na cadeia e finalmente tivessem conseguido fugir.

No primeiro sábado depois de as aulas terem começado, ele se embriagou e foi ver uma partida de futebol americano com um bando numeroso de colegas do seu andar, seu rosto pintado metade de laranja, metade de azul. Todos os alunos estavam concentrados numa parte do estádio coberto por

uma abóbada, berravam e cantavam como um só organismo. Era emocionante se fundir dessa forma na multidão, sentir sua identidade se dissolver em algo maior e mais poderoso. Os Laranjas ganharam e, naquela noite, numa chopada de uma fraternidade universitária, Tom conheceu uma garota cujo rosto estava pintado exatamente igual ao seu, foi para casa com ela e descobriu que a vida na faculdade ia muito além de suas maiores expectativas. Ainda podia lembrar-se nitidamente do sentimento que experimentara ao caminhar para casa enquanto o sol nascia, voltando do dormitório dela, os sapatos desamarrados, as meias e a cueca perdidas no meio da confusão, o cumprimento espontâneo que trocou com um cara que passou cambaleante por ele, como se fosse a própria imagem num espelho, o estalo das palmas das mãos dos dois ao baterem uma na outra, produzindo um eco triunfal no silêncio do início da manhã.

Um mês depois, estava tudo acabado. O curso foi cancelado no dia 15 de outubro; deram a eles sete dias para fazerem as malas e evacuarem o campus da universidade. Aquela última semana existia em sua memória como uma nuvem de despedidas perplexas — os dormitórios se esvaziavam lentamente, ouvia-se o choro abafado de alguém atrás de uma porta fechada, as pessoas falavam palavrões baixinho enquanto punham seus telefones no bolso. Houve algumas festas sem esperança, uma das quais terminou numa briga medonha, e houve uma cerimônia religiosa fúnebre no ginásio, na qual o reitor recitou solenemente os nomes das vítimas da universidade, daquilo que as pessoas haviam apenas começado a chamar de Partida Repentina. A lista incluía o professor de psicologia de Tom e uma garota que frequentava com ele o curso de inglês e que tivera uma overdose com pílulas para dormir depois que soube do desaparecimento da irmã gêmea idêntica.

Tom não tinha feito nada de errado, mas lembrava que havia experimentado uma estranha sensação de vergonha — de fracasso pessoal — por voltar tão cedo para casa, pouco depois de ter saído de lá. Era quase como se ele tivesse sido jubilado ou expulso da faculdade por motivos disciplinares. Mas havia também certo consolo, a segurança de voltar para a família, descobri-los todos presentes e solidários, embora aparentemente sua irmã tivesse escapado por muito pouco de ser levada também. Tom perguntou a ela sobre Jen Sussman algumas vezes, mas Jill recusou-se a falar sobre o assunto, ou porque mexia muito com ela — era a teoria de sua mãe — ou porque ela apenas estava de saco cheio daquela história.

— O que você quer que eu diga? — irritara-se Jill uma vez. — Ela evaporou assim, sem mais nem menos, ok?

Eles ficaram na toca, dentro de casa, durante algumas semanas, só os quatro, vendo DVDs e se distraindo com jogos de tabuleiro, qualquer coisa que os desviasse da monotonia histórica dos noticiários da televisão — a repetição obsessiva dos mesmos fatos básicos, o número cada vez mais alto de desaparecidos, entrevistas e mais entrevistas com testemunhas oculares traumatizadas, que diziam coisas como *Ele estava parado bem do meu lado...* ou *Eu só me virei por um segundo e aí...*, antes de suas vozes serem sufocadas por risos constrangidos. A cobertura na imprensa se mostrou diferente da que ocorreu no caso do 11 de Setembro, quando as redes de televisão exibiram mil vezes as cenas das torres em chamas. O 14 de Outubro era mais amorfo, mais difícil de definir: houve engavetamentos gigantescos nas rodovias, alguns acidentes de trem, diversos acidentes com aviões pequenos e helicópteros — por sorte, nenhum grande jato de passageiros caiu nos Estados Unidos, embora vários aviões tivessem aterrissado sob o comando de copilotos aterrorizados, e um até pousou pilotado por uma comissária de bordo, que se tornou uma heroína popular durante um tempo, um ponto de luz num mar de trevas —, mas a mídia jamais conseguiu estabelecer uma única imagem que fosse capaz de evocar aquela catástrofe em sua totalidade. Também não havia culpados para se odiar, o que dificultava muito a formação de uma ideia mais definida de tudo aquilo.

Conforme os hábitos do telespectador, era possível ver especialistas debatendo a validade de conflitantes explicações religiosas e científicas para algo que era ou um milagre ou uma tragédia, ou então era possível ver uma interminável série de montagens de fotos vaporosas que celebravam a vida de pessoas famosas que haviam partido — John Mellencamp e Jennifer Lopez, Shaq e Adam Sandler, Miss Texas e Greta Van Susteren, Vladimir Putin e o papa. Havia muitos graus diferentes de fama e eles viviam se embaralhando — o cara meio nerd dos anúncios do Verizon e o juiz aposentado da Suprema Corte, o tirano da América Latina e o capitão do time de futebol americano que nunca realizou seu potencial esportivo, o brilhante consultor político e a gatinha que levou um fora no reality show *The Bachelor*. Segundo o Canal Food Network, o pequeno mundo dos *chefs* mais famosos recebera um golpe desproporcionalmente devastador.

Tom, no início, não se importou de ficar em casa. Num momento desses, fazia sentido manter-se perto dos entes queridos. Havia no ar uma tensão

quase intolerável, uma atmosfera de expectativa ansiosa, embora ninguém parecesse saber se estava esperando uma explicação lógica ou uma segunda onda de desaparecimentos. Era como se o mundo inteiro tivesse feito uma pausa para respirar fundo e criar forças a fim de enfrentar o que quer que fosse acontecer depois.

★ ★ ★

Nada aconteceu.

À medida que as semanas se arrastavam, a sensação de crise imediata começou a se dissipar. As pessoas ficaram irrequietas de se manterem enfiadas dentro de casa, imersas em especulações sinistras. Tom começou a sair depois do jantar, encontrava-se com um bando de amigos do ensino médio no Canteen, um boteco em Stonewood Heights que não se empenhava muito em desmascarar identidades falsas. Toda noite acontecia algo parecido com uma mistura de festa de ex-alunos de universidade e velório irlandês, todo tipo de gente estranha ficava rodando por ali, pagando rodadas de bebida e trocando histórias de amigos e conhecidos ausentes. Três membros da turma deles estavam entre os desaparecidos, para não falar do Sr. Ed Hackney, o vice-diretor universalmente detestado, além de um faxineiro que todo mundo chamava de Biruta.

Quase toda vez que Tom punha os pés no Canteen, havia uma peça nova no mosaico das perdas, em geral na forma de alguma pessoa obscura, na qual ele não pensava havia anos: Yvonne, a empregada doméstica jamaicana de Dave Keegan; o Sr. Boundy, um professor substituto no ensino médio cujo mau hálito se transformara numa verdadeira lenda; Giuseppe, o italiano maluco que antigamente era dono da Mario's Pizza Plus, antes que o albanês grã-fino e mal-humorado comprasse o negócio. Certa noite, no início de dezembro, Matt Testa se aproximou de fininho, enquanto Tom jogava dardos com Paul Erdmann.

— Ei — disse ele, com aquela voz macabra que as pessoas usavam quando falavam sobre o 14 de Outubro. — Vocês se lembram do Jon Verbecki?

Tom lançou seu dardo com um pouco mais de força do que tinha planejado. O dardo voou mais alto e na diagonal, quase errou a placa do alvo.

— O que tem ele?

Testa deu de ombros de um jeito que tornava desnecessária qualquer resposta.

— Se foi.

Paul deu um passo até a marca no chão, feita com uma fita adesiva. Semicerrando os olhos como se fosse um joalheiro, disparou seu dardo bem no meio do alvo, apenas um pouquinho à esquerda e dois centímetros acima da mosca.

— Quem se foi?

— Isso foi antes da sua época — explicou Testa. — Verbecki se mudou no verão depois da sexta série. Foi morar em New Hampshire.

— Eu o conhecia muito antes, do maternal — disse Tom. — A gente ia brincar um na casa do outro. Acho que uma vez fomos juntos ao parque de diversões Six Flags. Ele era um garoto bem legal.

Matt confirmou com um aceno de cabeça, com ar respeitoso.

— O primo dele conhece um primo meu. Foi assim que eu soube.

— Onde ele estava? — perguntou Tom.

Era a pergunta obrigatória. Parecia importante, embora ninguém soubesse explicar por quê. Onde quer que a pessoa estivesse na hora em que aconteceu, o local sempre parecia assustador e comovente, para Tom.

— Na academia, se exercitando no elíptico.

— Caramba. — Tom balançou a cabeça, imaginando um aparelho na academia que fica vazio de repente, os pedais e os braços do aparelho ainda se movendo, como se por vontade própria, as últimas palavras de Verbecki. — É difícil imaginá-lo na academia de ginástica.

— Eu sei — Testa franziu o cenho, como se algo naquilo não fizesse sentido. — Ele era meio mulherzinha, não era?

— Na verdade, não — disse Tom. — Acho que era só um pouco sensível demais ou algo assim. A mãe dele costumava cortar as etiquetas das roupas dele, ou ele ficava maluco. Lembro que no maternal Verbecki tirava a camisa toda hora porque dizia que dava coceira demais. Os professores viviam dizendo para ele que aquilo era inconveniente, mas ele não ligava.

— Isso mesmo — Testa sorriu. Estava tudo voltando à sua memória. — Uma vez dormi na casa dele. Foi para a cama com todas as luzes acesas e com uma música dos Beatles tocando e repetindo sem parar. “Paperback Writer” ou alguma merda assim.

— Era “Julia” — corrigiu Tom. — Essa era a música mágica dele.



— Era o quê? — Paul lançou seu último dardo. Foi bater logo abaixo da mosca, com um *tuc* enfático.

— Era assim que ele chamava a música — explicou Tom. — E se “Julia” não estivesse tocando, ele não conseguia dormir.

— Tanto faz que música era — Testa não gostou da interrupção. — Verbecki tentou dormir na minha casa uma porção de vezes, mas nunca deu certo. Desenrolava seu saco de dormir no chão, vestia o pijama, escovava os dentes, fazia o serviço completo. Mas aí, quando chegava a hora de deitar, ele perdia a coragem. O lábio inferior ficava todo trêmulo e ele dizia: *Cara, não fique zangado, mas tenho de ligar para a minha mãe.*

Paul olhou para trás, por cima do ombro, enquanto arrancava seus dardos que estavam cravados no alvo.

— E por que eles se mudaram?

— Sei lá por quê — respondeu Testa. — Na certa o pai arranhou outro emprego ou algo do gênero. Já faz muito tempo. Sabe como é... a gente jura que vai manter contato e até faz isso durante um tempo, mas depois nunca mais tem notícia do sujeito. — Virou-se para Tom. — Você se lembra da cara dele?

— Mais ou menos — Tom fechou os olhos, tentando imaginar Verbecki. — Meio atarracado, cabelo louro com uma franjinha. Uns dentes bem grandões.

Paul riu.

— Dentes grandes?

— Pareciam dentes de castor — explicou Tom. — Na certa pôs aparelho nos dentes logo depois que se mudou.

Testa ergueu sua garrafa de cerveja.

— A Verbecki — disse ele.

Tom e Paul estalaram suas garrafas de encontro à de Testa.

— A Verbecki — repetiram os dois.

Era assim que faziam. Falavam sobre a pessoa, brindavam a ela e bebiam, e depois tocavam suas vidas. Tinha desaparecido tanta gente que não era possível se dar ao luxo de se deter num único indivíduo.

No entanto, por algum motivo, Tom não conseguia tirar Jon Verbecki da cabeça. Quando chegou em casa naquela noite, subiu ao sótão e revirou diversas caixas de fotografias velhas, imagens meio apagadas do tempo em que seus pais ainda não tinham uma câmera digital, da época em que precisavam mandar o filme pelo correio para um laboratório, onde as fotos

eram reveladas. Sua mãe enchera o saco de Tom por anos, para que ele escaneasse aquelas fotos, mas Tom nunca parara para fazer aquilo.

Verbecki aparecia em várias fotografias. Lá estava ele no Dia das Atividades na escola, equilibrando um ovo numa colher. Num Halloween, ele era uma lagosta no meio de uma porção de super-heróis e não parecia nada contente com aquilo. Ele e Tom foram parceiros de time numa partida de T-ball; estavam sentados sob uma árvore, sorriam com uma força quase competitiva, usavam chapéus vermelhos idênticos e camisas em que estava escrito TUBARÕES. Na foto, ele era mais ou menos como Tom lembrava — louro e dentuço, ao menos, mas não tão atarracado assim.

Uma foto causou uma impressão especial. Era um close, uma foto tirada à noite, quando eles tinham seis ou sete anos. Deve ter sido perto do 4 de Julho, porque havia um desses fogos de artifício pequenos aceso na mão de Verbecki, uma nuvem de fogo que tinha ficado superexposta na foto e que mais parecia um chumaço de algodão-doce. Era para ser uma coisa festiva, só que Verbecki olhava fixo para a câmera com uma cara assustada, como se não achasse aquilo uma ideia lá muito boa, segurar tão perto do rosto uma vareta de metal que solta fagulhas.

Tom não sabia direito por que achou a foto tão intrigante, mas resolveu não colocá-la de novo dentro da caixa, com as outras. Levou-a com ele para baixo e passou um tempão observando a imagem, antes de dormir. Dava quase a impressão de que Verbecki estava enviando uma mensagem secreta do passado, fazendo uma pergunta que só Tom podia responder.

★ ★ ★

Foi justamente por essa época que Tom recebeu uma carta da universidade comunicando que as aulas começariam no dia 1º de fevereiro. O comparecimento não era obrigatório, a carta sublinhava. Qualquer aluno que preferisse não frequentar aquele “Período Letivo Especial de Primavera” poderia fazê-lo sem sofrer por isso qualquer ônus acadêmico ou financeiro.

“Nosso propósito”, explicava o reitor, “é continuar a funcionar num ritmo moderado durante esta fase de incerteza generalizada, a fim de cumprir nossas missões cruciais de ensino e pesquisa, sem exercer uma pressão indevida sobre os membros de nossa comunidade que ainda não estejam preparados para retornar no momento”.

Tom não ficou surpreso com aquela notícia. Muitos de seus colegas tinham recebido avisos semelhantes de suas universidades nos últimos dias. Fazia parte de um esforço nacional para “Impulsionar nos Estados Unidos”, como anunciado pelo presidente algumas semanas antes. A economia tinha entrado em parafuso depois do 14 de Outubro, o mercado de ações afundara e os gastos de consumo haviam despencado. Especialistas preocupados previam “um desastre econômico numa reação em cadeia”, caso nada fosse feito para deter a espiral descendente.

— Faz quase dois meses que sofremos um golpe terrível e inesperado — disse o presidente em seu discurso à nação no horário nobre da televisão. — Nosso choque e pesar, embora enormes, não podem mais servir como desculpa para o pessimismo e a paralisia. Precisamos reabrir nossas escolas, voltar aos nossos escritórios e às nossas fazendas, dar início ao processo de retomada de nossas vidas. Não será fácil e não será rápido, mas precisamos começar agora. Cada um de nós tem o dever de resistir e fazer a sua parte para pôr este país em movimento outra vez.

Tom queria fazer sua parte, mas honestamente não sabia se estava em condições de voltar à faculdade. Perguntou aos pais, mas a opinião deles apenas espelhava a cisão que havia em seu próprio pensamento. A mãe achava que ele devia ficar em casa, talvez fazer algum curso na faculdade comunitária, e depois voltar para Syracuse em setembro, ocasião em que supostamente tudo já deveria estar bem mais claro.

— Ainda não sabemos o que está acontecendo — disse a mãe. — Eu ficaria muito mais segura se você estivesse ao nosso lado.

— Acho que você deve voltar — disse o pai. — De que adianta ficar aqui à toa, sem fazer nada?

— Não é seguro — insistiu a mãe. — E se alguma coisa acontecer?

— Não seja ridícula. É tão seguro aqui quanto lá.

— E por acaso você acha que isso faz com que eu me sinta melhor? — perguntou ela.

— Escute — disse o pai. — Só sei que se ele ficar aqui vai acabar saindo toda noite e se embriagando com os amigos. — Virou-se para Tom. — Estou errado?

Tom deu de ombros num gesto de quem não pode negar. Sabia que andava bebendo demais e já começava a se perguntar se não estaria precisando de algum tipo de ajuda profissional. Mas não havia como falar do

seu problema com a bebida sem falar de Verbecki e aquele era um assunto sobre o qual não tinha a mínima vontade de conversar com ninguém.

— Você acha que ele vai beber menos lá na faculdade? — questionou a mãe.

Tom achava incômodo e ao mesmo tempo interessante ouvir os pais discutindo sobre ele na terceira pessoa, como se não estivesse ali de fato.

— Vai ter de fazer isso — respondeu o pai. — Não vai poder beber toda noite e ao mesmo tempo manter seus estudos em dia.

A mãe ia começar a falar alguma coisa, depois resolveu que não valia a pena. Olhou bem para Tom, encarou-o por alguns segundos, fazendo um apelo silencioso para obter seu apoio.

— O que você quer fazer?

— Não sei — disse ele. — Estou bem confuso.

No final, sua decisão foi influenciada menos pelos pais do que pelos amigos. Um por um, ao longo dos dias que se seguiram, seus amigos lhe disseram que iam partir para suas respectivas faculdades para cursar o segundo semestre — Paul para a FIU, Matt para Gettysburg, Jason para a Universidade de Delaware. Sem os amigos por perto, a ideia de ficar em casa ficou muito menos atrativa.

A mãe teve uma reação estoica quando Tom lhe comunicou sua decisão. O pai lhe deu um tapinha de congratulação no ombro.

— Você vai ficar bem — disse ele.

A viagem de carro para Syracuse pareceu muito mais comprida em janeiro do que fora em setembro, e não só por causa das intermitentes rajadas de neve que atravessavam a rodovia em turbilhões rodopiantes e transformavam os demais veículos em sombras fantasmagóricas. O astral dentro do carro era opressivo. Tom não conseguia pensar em muita coisa para dizer e os pais também mal falavam um com o outro. Era assim desde o dia que Tom tinha voltado para casa — a mãe melancólica e reservada, pensando sobre Jen Sussman e sobre o significado do que havia acontecido; o pai impaciente, com uma alegria meio soturna, um pouco insistente demais ao repetir a ideia de que o pior já tinha passado e que eles precisavam simplesmente tocar suas vidas. Ao menos, pensava Tom, seria um alívio ficar longe dos pais.

Eles não ficaram muito tempo, depois de deixar Tom na faculdade. Uma tempestade estava se aproximando e eles queriam pegar logo a estrada antes

que o tempo piorasse. A mãe lhe entregou um envelope antes de sair do dormitório.

— É uma passagem de ônibus — Abraçou o filho com uma tenacidade quase alarmante. — Só para o caso de você mudar de ideia.

— Eu amo você — sussurrou Tom.

O abraço do pai foi rápido, quase superficial, como se eles fossem se ver de novo dali a um ou dois dias.

— Divirta-se — disse ele. — Só se vive essa época de faculdade uma vez.

★ ★ ★

Durante o Período Letivo Especial de Primavera, Tom jurou fidelidade à fraternidade estudantil Alfa Tau Omega. Ingressar numa fraternidade de universitários era algo que ele almejava havia tanto tempo — em sua mente, era sinônimo da faculdade propriamente dita — que o processo já estava bem adiantado antes que Tom pudesse admitir que aquilo já não tinha mais a menor importância para ele. Quando tentou enxergar a si mesmo no futuro, visualizar a vida que o aguardava na ATO — o casarão em Walnut Place, as festas alucinadas e os trotes, os longos bate-papos até tarde da noite com irmãos que depois continuariam a ser amigos e aliados durante a vida inteira —, tudo aquilo parecia nebuloso e irreal para Tom, imagens de um filme que ele tinha visto muito tempo antes e cuja trama já não conseguia lembrar.

Tom poderia ter se afastado temporariamente da fraternidade, é claro, para talvez regressar no outono, quando se sentisse melhor, mas decidiu resistir. Disse para si mesmo que não queria tirar o time e deixar Tyler Rucci na mão, seu colega de dormitório e irmão na fraternidade, mas no fundo Tom sabia que o que estava em jogo era muito mais do que aquilo. No final de fevereiro, Tom havia quase parado de frequentar as aulas — estava achando impossível concentrar-se nos estudos — e assim o processo de filiação à fraternidade era tudo o que lhe restava, seu único vínculo real com a vida normal da faculdade. Sem aquilo, Tom se tornaria uma daquelas almas perdidas que podiam ser vistas por todo o campus naquele inverno, jovens pálidos, com cara de vampiro, que dormiam o dia inteiro e vagavam do dormitório para o centro de estudantes e para a rua Marshall, à noite, em geral olhando os celulares toda hora, em busca de uma mensagem que parecia não chegar nunca.

Outro benefício de integrar uma fraternidade era que aquilo lhe proporcionava algum assunto para conversar com os pais, que telefonavam quase todo dia para ver como andavam as coisas. Tom não mentia muito bem, portanto ajudava bastante poder dizer: *Organizamos uma gincana ou Tivemos de preparar o café da manhã e levá-lo na cama para os veteranos, e servi-lo com aventais estampados com flores*, e ter detalhes à mão para respaldar essas histórias. Tudo ficava muito mais difícil quando a mãe pegava no pé de Tom querendo a todo custo saber de seus estudos e então ele era obrigado a improvisar a respeito de trabalhos, provas e dos problemas brutais que tinha de solucionar nas aulas de estatística.

— Qual foi sua nota naquele trabalho? — perguntou a mãe.

— Que trabalho?

— De Ciência Política. Aquele de que falamos outro dia.

— Ah, sei, aquele. Outro B+.

— Então ele gostou da sua tese?

— Na verdade ele não disse.

— Por que não me manda o trabalho por e-mail? Eu gostaria de ler.

— Não precisa ler isso, mãe.

— Mas eu gostaria. — Ela fez uma pausa. — Tem certeza de que está bem?

— Tenho, está tudo certo.

Tom sempre fazia questão de dizer que estava tudo bem — o que acontecia era que ele estava muito ocupado fazendo amigos e dando duro para manter a média B. Mesmo quando discutia a respeito da fraternidade, Tom tinha o cuidado de enfatizar o que havia de positivo, concentrando-se em coisas como os grupos de estudos dos dias de semana e a festança com caraoquê só do pessoal da fraternidade até o sol raiar, ao mesmo tempo que tratava de evitar qualquer menção a Chip Gleason, o único irmão atuante da ATO que havia desaparecido no 14 de Outubro.

Chip era uma imagem muito presente na sede da fraternidade. Havia um retrato emoldurado de Chip Gleason no salão principal de festas, além de um fundo de financiamento destinado a bolsas de estudos organizado em sua memória. Exigiam que os filiados memorizassem uma porção de informações pessoais a respeito dele: o dia do aniversário, os nomes dos membros de sua família, os dez filmes prediletos e as dez bandas favoritas dele, além da lista completa de todas as garotas que ele tinha namorado em sua vida tristemente abreviada. Essa era a parte difícil — ao todo, havia trinta

e sete namoradas, começando com Tina Wong no final do ensino fundamental até Stacy Greenglass, a rechonchuda filiada à fraternidade Alfa Chi, que estivera com ele na cama no 14 de Outubro — montada sobre ele ao estilo das vaqueiras de rodeio, mas de costas, se a lenda que contavam tinha mesmo algum fundo de verdade — e que teve de ficar hospitalizada durante vários dias devido ao grave trauma emocional após o repentino desaparecimento de Chip Gleason no meio do coito. Alguns irmãos contavam essa história como se fosse engraçada, um tributo à virilidade do amigo adorado, mas tudo o que Tom conseguia pensar era como devia ter sido horrível para Stacy, o tipo de coisa da qual uma pessoa jamais consegue se recuperar inteiramente.

Certa noite, numa festa no Tri Delta, porém, Tyler Rucci apontou para uma gata de uma fraternidade só de garotas que estava na pista de dança, agarrada num jogador do time de *lacrosse* da universidade. A garota estava bronzeada e usava um vestido incrivelmente justo, se inclinava para a frente enquanto mexia o quadril em círculos vagarosos contra a virilha de seu parceiro de dança.

— Você sabe quem é aquela ali?

— Quem?

— Stacy Greenglass.

Tom assistiu à garota dançar durante um tempão — ela parecia feliz, passava as mãos pelos peitos e depois pelos quadris e pelas coxas, enquanto fazia umas caretas de atriz pornô, para a alegria dos amigos —, tentando imaginar o que ela sabia que ele não sabia. Estava disposto a admitir a possibilidade de que Chip não representasse grande coisa para ela. Talvez tivesse sido apenas um caso, de uma só noite, ou até uma amizade colorida. No entanto, Chip era uma pessoa real, alguém que representara um papel ativo e razoavelmente relevante na vida dela. E mesmo assim, lá estava a garota, apenas alguns meses depois do desaparecimento de Chip, dançando numa festa como se ele nunca tivesse existido.

Não que Tom desaprovasse. Longe disso. Apenas não conseguia entender como era possível que Stacy pudesse superar a ausência de Chip, enquanto ele continuava assombrado por Verbecki, um jovem que fazia anos não via e que provavelmente Tom não teria sequer reconhecido, caso tivessem se encontrado por acaso no dia 13 de outubro.

Mas assim eram as coisas. Tom pensava em Verbecki o tempo todo. Na verdade, sua obsessão tinha se aprofundado desde que voltara para a

faculdade. Levava consigo aquela fotografia idiota — Menino com Fogos de Artifício — para todo lado, olhava para a foto uma porção de vezes por dia e entoava o nome do velho amigo como se fosse uma espécie de mantra: *Verbecki, Verbecki, Verbecki*. Aquela era a razão pela qual ele seria jubilado, a razão pela qual estava mentindo para os pais, a razão pela qual não pintava mais a cara de azul e de laranja, nem se esgoelava na arquibancada do estádio, a razão pela qual não conseguia mais imaginar o próprio futuro.

*Para onde você foi afinal, Verbecki?*

★ ★ ★

Uma grande parte do processo de admissão de novos filiados consistia em conhecer os Veteranos, convencê-los de que o candidato se encaixava bem na ATO. Havia noitadas de pôquer, pizzas na hora do almoço e maratonas de bebidas, uma série de entrevistas disfarçadas de eventos sociais. Tom achava que estava se saindo bastante bem na tentativa de esconder sua obsessão, personificando um calouro normal e bem-adaptado — o cara que ele deveria ter sido —, até que, certa noite, na sala de TV, foi abordado por Trevor Hubbard, também conhecido por Hubbs, aluno do terceiro ano que era o boêmio e intelectual de plantão da fraternidade. Tom estava encostado na parede, fingindo interesse numa partida de boliche no Wii entre dois irmãos da fraternidade, quando Hubbs apareceu de repente a seu lado.

— Isto está acabado — disse ele em voz baixa, apontando com a cabeça para a tela grande do aparelho Sony, enquanto a bola virtual derrubava os pinos virtuais e Josh Freidecker fazia para Mike Ishima um gesto obsceno com as duas mãos, apontando os dedos médios para cima. — Toda essa história de fraternidade é papo furado. Não sei como alguém ainda consegue suportar.

Tom deu um grunhido ambíguo, sem saber ao certo se aquilo era um truque destinado a pegá-lo desprevenido num ato de deslealdade. Mas Hubbs não parecia nem um pouco o tipo de pessoa capaz de fazer uma brincadeira dessa.

— Venha cá — disse ele. — Preciso conversar com você.

Tom foi com ele para o corredor vazio. Era a noite de um dia de semana, ainda bem cedo, não tinha muita coisa acontecendo na casa.

— Está se sentindo bem? — perguntou Hubbs.

— Eu? — retrucou Tom. — Estou legal.



Hubbs fitou-o com um ar meio cético e descontraído. Era um cara pequeno, magro porém forte — o porte perfeito de um alpinista —, com uma barba esparsa e uma fisionomia mal-humorada que era mais uma expressão padrão do que um reflexo do seu real estado de ânimo.

— Não está deprimido?

— Não sei. — Deu de ombros num gesto evasivo. — Um pouco, talvez.

— E você quer ingressar nesta fraternidade, morar aqui com esses otários?

— Acho que sim. Quer dizer, achei que eu queria. Agora tudo está assim, meio bagunçado. É difícil saber o que eu quero.

— Eu entendo. — Hubbs concordou com um aceno de cabeça, num gesto de compreensão. — Antes, eu mesmo me sentia muito feliz aqui. A maioria dos irmãos são pessoas muito legais. — Lançou um olhar rápido para a direita e para a esquerda, depois baixou a voz até quase um sussurro. — O único de quem eu não gostava era Chip. Ele era o maior babaca da fraternidade inteira.

Tom confirmou com um gesto de cabeça, cautelosamente, tentando não se mostrar surpreso demais. Só tinha ouvido as pessoas dizerem coisas boas a respeito de Chip Gleason — ótima pessoa, bom atleta, abdômen de tanquinho, sucesso com as mulheres, líder natural.

— Ele tinha uma câmera escondida dentro do quarto — disse Hubbs. — Costumava filmar as garotas com quem transava, depois mostrava os vídeos na sala de TV. Uma das garotas ficou tão humilhada que teve de largar a faculdade. O bom e velho Chip nem ligou. No que lhe dizia respeito, ela não passava de uma piranha idiota que teve o que merecia.

— Que droga. — Tom sentiu-se tentado a perguntar qual era o nome da garota, devia estar entre os nomes que tinha memorizado, mas resolveu deixar para lá.

Hubbs olhou para o teto durante alguns segundos. Havia um detector de fumaça lá em cima, a luz vermelha acesa.

— Como eu disse, Chip era um babaca. Eu devia ficar contente que ele se foi, sabe? — Os olhos de Hubbs se cravaram nos de Tom. Estavam muito abertos e assustados, cheios de um desespero que Tom não teve a menor dificuldade em reconhecer, pois via aquilo o tempo todo no espelho do banheiro. — Só que eu sonho com aquele filho da mãe toda noite. Estou sempre tentando encontrá-lo. No sonho, eu corro no meio de uma neblina, gritando o nome dele, ou então caminho com todo cuidado no meio de uma floresta e espio atrás de todas as árvores. A coisa chegou ao ponto de eu

nem querer mais dormir. Às vezes escrevo cartas para ele, sabe, conto as coisas que andam acontecendo por aqui. No fim de semana passado, fiquei tão bêbado que quis até tatuar o nome dele na minha testa. O tatuador se recusou a fazer isso e é o único motivo por que não ando por aí com a porra do nome Chip Gleason escrito bem na minha cara. — Hubbs olhou bem para Tom. Deu quase a sensação de que ele estava suplicando alguma coisa. — Você sabe do que estou falando, não é?

Tom confirmou com um aceno de cabeça.

— Sei, sim.

O rosto de Hubbs relaxou um pouco.

— Ando lendo muito na internet algumas coisas sobre um cara. Um cara que fala numa igreja em Rochester nas tardes de sábado. Acho que talvez ele possa ajudar a gente.

— É um pregador?

— É só um cara. Perdeu o filho em outubro.

Tom deu um gemido de solidariedade, mas não significava nada. Estava só sendo educado.

— A gente devia ir — disse Hubbs.

Tom ficou lisonjeado com o convite, mas também um pouco assustado. Tinha a sensação de que Hubbs estava um pouco pirado.

— Não sei, não — disse ele. — Sábado tem o torneio de quem come mais cachorro-quentes. Os novatos vão cozinhar.

Hubbs olhou para Tom com um ar espantado.

— Uma competição para saber quem come mais cachorro-quentes? Você está querendo gozar da minha cara?

★ ★ ★

Tom continuava a se admirar com as circunstâncias modestas de seu primeiro encontro com o Sr. Gilchrest. Mais tarde, ele veria o homem falar diante de multidões de adoradores, mas naquele gélido sábado de março apenas vinte pessoas estavam reunidas no porão superaquecido de uma igreja, pequenas poças de neve derretida se espalhando em redor de cada par de sapatos no chão de linóleo. Com o tempo, o movimento de Santo Wayne acabaria se associando sobretudo a pessoas jovens, mas naquela tarde a plateia era formada, na maioria, por pessoas de meia-idade ou até mais velhas. Tom

sentiu-se deslocado entre elas, como se ele e Hubbs tivessem entrado por engano num seminário sobre planos de aposentadoria.

É claro, o homem que eles foram ver naquele dia ainda não era famoso. Ainda era, como tinha dito Hubbs, “só um cara”, um pai de luto que falava para quem quisesse ouvir, onde quer que o levassem — não só em casas de culto, mas também em centros de lazer para idosos, reuniões de veteranos de guerras, residências particulares. Até o anfitrião do evento — um homem alto, de aspecto jovem e ligeiramente curvado, que se apresentava como reverendo Kaminsky — parecia um pouco confuso quando se tratava de explicar quem era o Sr. Gilchrest e o que estava fazendo ali.

— Boa tarde e sejam bem-vindos à quarta parte de nossa série de palestras de sábado, “A Partida Repentina vista de uma perspectiva cristã”. Nosso palestrante convidado hoje, Wayne Gilchrest vem de bem perto de nós, de Brookdale, e foi altamente recomendado pelo meu estimado colega, Dr. Finch. — O reverendo fez uma pausa, para o caso de alguém querer aplaudir seu colega tão estimado. — Quando pedi ao Sr. Gilchrest para propor um título para sua palestra a fim que eu pudesse anunciá-la em nosso site, ele me disse que se tratava de uma obra ainda em andamento. Por isso estou tão curioso quanto todos vocês para ouvir o que ele tem a dizer.

Pessoas que só conheceram o Sr. Gilchrest em sua posterior e mais carismática encarnação não reconheceriam o homem que se levantou de uma cadeira na primeira fila e virou-se para encarar a escassa plateia. O futuro uniforme de Santo Wayne consistiria de camiseta e calça jeans e pulseiras de couro tacheadas — um repórter apelidou-o de “Bruce Springsteen dos líderes de cultos” —, mas na época ele ainda preferia uma indumentária mais formal e, naquele dia, usava um terno de velório que não caía bem em seu corpo e que parecia ter sido emprestado por um homem menor e menos forte. Dava a impressão de que estava desconfortavelmente apertado no peito e nos ombros.

— Obrigado, reverendo. E obrigado a todos por terem vindo. — O Sr. Gilchrest falava com uma voz áspera que irradiava autoridade masculina. Mais tarde, Tom veio a saber que ele dirigia uma van de entregas de uma empresa de transporte de encomendas, mas, se tivesse tido que adivinhar naquela tarde, apostaria que o Sr. Gilchrest era policial ou técnico de futebol americano de uma equipe juvenil. Lançou um rápido olhar para o anfitrião, franzindo a testa num pedido de desculpas nada sincero. — Acho que não me

dei conta de que eu devia falar de uma perspectiva cristã. Na verdade, não tenho certeza de qual é minha perspectiva.

Começou distribuindo um folheto, um daqueles avisos sobre pessoas desaparecidas que a gente via por todo lado depois do 14 de Outubro, em postes de telefone e em murais de supermercado. Aquele folheto específico mostrava uma foto colorida de um menino magricela de pé num trampolim, abraçando a si mesmo por causa do frio. Por baixo de seus braços cruzados, as costelas estavam claramente visíveis; as pernas sobressaíam como palitos da sunga encrespada que parecia apropriada para um homem adulto. Ele sorria, mas os olhos pareciam perturbados; dava a sensação de que o menino não via com bons olhos a perspectiva de mergulhar na água escura. **ALGUÉM VIU ESTE MENINO?** A legenda da foto identificava o garoto como Henry Gilchrest, oito anos. Incluía um endereço e um número de telefone, junto com um apelo urgente para que quem tivesse visto um menino parecido com Henry entrasse em contato com os pais dele imediatamente. **POR FAVOR!!! ESTAMOS DESESPERADOS EM BUSCA DE INFORMAÇÕES SOBRE SEU PARADEIRO.**

— Este é meu filho. — O Sr. Gilchrest fitou o folheto com afeição, quase como se tivesse esquecido onde estava. — Eu poderia passar a tarde inteira falando a vocês a respeito dele, mas não ia adiantar grande coisa, não é? Vocês nunca sentiram o cheiro do cabelo dele logo depois que ele saía do banho, nem o pegaram no colo depois de ele adormecer no carro a caminho de casa, nem ouviram a maneira como ria quando alguém lhe fazia cócegas. Portanto vocês terão simplesmente de acreditar no que eu digo: era um menino formidável e nos dava alegria de viver.

Tom lançou um rápido olhar para Hubbs, curioso para saber se era por causa daquilo que tinham ido até lá, um cara da classe trabalhadora que falava das lembranças que tinha do filho que se fora. Hubbs limitou-se a dar de ombros e virou-se de novo para o Sr. Gilchrest.

— Não dá para ver pela fotografia, mas Henry era um pouco pequeno para a sua idade. No entanto, era um bom atleta. Era veloz. Bons reflexos e uma boa coordenação entre olhos e mãos. Futebol e beisebol eram seus esportes. Tentei despertar seu interesse pelo basquete, mas ele não se motivou, talvez por causa da altura. Levamos Henry para esquiar algumas vezes, mas ele também não achou nada de mais. Nós não fazíamos muita pressão. Achávamos que ele nos diria quando estivesse pronto para experimentar outra vez. Vocês entendem do que estou falando, não é? Parecia que ainda haveria tempo de sobra para tudo.

Na faculdade, Tom não conseguia ficar parado durante as palestras. Depois de alguns minutos, as palavras do professor se confundiam num blá-blá-blá sem sentido, um rio moroso de expressões pretensiosas. Ficava inquieto e perdia a concentração, tornava-se consciente de sua presença física de um modo intenso e inútil — pernas tensas, boca seca, aparelho digestivo agitado. Por mais que se ajeitasse em sua cadeira, a postura sempre parecia incômoda e desconfortável. Por algum motivo, porém, o Sr. Gilchrest exerceu sobre ele o efeito contrário. Tom sentiu-se calmo e lúcido enquanto escutava, quase como se não tivesse corpo. Recostando-se no espaldar de sua cadeira, Tom teve uma repentina e desconcertante visão da competição de devoradores de cachorro- quente a que ele tinha faltado na sede da fraternidade, uns caras grandalhões se entupindo de pão e de carne, as bochechas estufadas, os olhos arregalados, cheios de medo e de nojo.

— Henry também era inteligente — continuou o Sr. Gilchrest. — Não estou falando por falar. Jogo xadrez bastante bem, e garanto a vocês que o Henry já me fazia ralar quando tinha sete anos. Vocês tinham que ver a cara que ele fazia quando jogava. Ficava muito sério, parecia que a gente podia enxergar as engrenagens rodando dentro da cabeça dele. Às vezes eu fazia umas jogadas idiotas para atraí-lo para o jogo, mas isso só o irritava. Ele dizia: *Deixa disso, pai. Você está fazendo de propósito.* Ele não queria ser protegido, mas também não queria perder.

Tom sorriu, recordando uma dinâmica pai-filho semelhante àquela na própria infância, uma estranha mistura de competição e incentivo, adoração e rancor. Sentiu uma breve pontada de ternura, mas por algum motivo a sensação foi abafada, como se seu pai fosse um velho amigo com o qual ele tivesse perdido o contato.

O Sr. Gilchrest observou o folheto outra vez. Quando ergueu os olhos, seu rosto parecia nu, totalmente indefeso. Ele respirou fundo, como se estivesse se preparando para um mergulho em profundidade.

— Não vou falar muito sobre como ficaram as coisas depois que ele se foi. Para dizer a verdade, mal me lembro daqueles dias. É uma bênção, eu acho, como a amnésia pós-traumática que as pessoas experimentam depois de um acidente de carro ou de uma grave cirurgia. Mas posso lhes dizer uma coisa. Fui terrível com minha esposa durante aquelas primeiras semanas. Não que houvesse alguma coisa que eu pudesse ter feito para que ela se sentisse melhor: naquele tempo, *sentir-se melhor* era uma coisa que simplesmente não existia. Mas o que fiz só serviu para piorar a situação. Ela precisava de mim e

eu não fui capaz de dizer nenhuma palavra gentil, às vezes não era capaz sequer de olhar para ela. Passei a dormir no sofá, saía de casa no meio da noite e ficava dirigindo durante horas, sem dizer para ela aonde eu ia nem quando ia voltar. Se ela telefonava, eu não atendia.

— Acho que de certo modo eu punha a culpa nela. Não pelo que aconteceu com Henry; eu sabia que não era culpa de ninguém. Eu apenas... Não mencionei isso antes, mas Henry era filho único. Nós queríamos ter outros filhos, mas minha esposa teve uma ameaça de câncer quando Henry tinha dois anos e os médicos recomendaram uma histerectomia. Na ocasião, pareceu a coisa óbvia a fazer.

“Depois que perdemos o Henry, parece que fiquei obcecado pela ideia de que a gente tinha de ter outro filho. Não para substituir o Henry. Também não sou tão louco assim. Mas só para recomeçar, entendem? Enfiei na cabeça que aquele era o único jeito de conseguirmos viver, só que era impossível, por causa dela, porque ela era fisicamente incapaz de me dar mais um filho.

“Decidi que ia deixar minha esposa. Não logo depois, mas dali a alguns meses, quando ela estivesse mais forte e as pessoas não fossem me julgar com tanta severidade. Era um segredo que eu tinha dentro de mim e me fazia sentir culpado, e por algum motivo eu punha culpa disso também nela. Era um círculo vicioso e, quanto mais o tempo passava, pior ficava. Mas então, certa noite, meu filho me apareceu num sonho. Vocês sabem como é quando a gente vê as pessoas em sonhos e na verdade não são elas, mas de certo modo são elas? Pois é, mas não foi assim. Daquela vez, era o meu filho mesmo, tão claro como o dia, e ele disse: *Por que você está maltratando minha mãe?* Eu neguei, mas ele se limitou a balançar a cabeça, como se estivesse decepcionado comigo. *Você precisa ajudá-la.*

“É constrangedor para mim admitir isso, mas fazia semanas que eu nem tocava na minha esposa. Não só sexualmente: estou falando literalmente, eu não *tocava* nela. Não afagava seu cabelo, não apertava sua mão, não dava tapinhas em suas costas. E ela chorava o tempo todo.”

A voz do Sr. Gilcrest se desfez com a emoção. Quase irritado, esfregou o nariz e a boca com as costas da mão.

— E então, na manhã seguinte, eu acordei e lhe dei um abraço. Pus os braços em redor dela e lhe disse que a amava e não a culpava por nada, e foi quase como se, ao falar aquelas palavras, aquilo tivesse se tornado verdade. E então outra coisa me veio à cabeça. Nem sei de onde veio. Falei assim: *Me entregue a sua dor. Eu posso suportá-la.* — Fez uma pausa, fitando a plateia com

uma expressão quase tímida. — Essa é a parte difícil de explicar. Aquelas palavras mal tinham saído de minha boca quando senti uma pancada incrível no fundo da minha barriga. Minha esposa soltou um soluço e caiu enfraquecida nos meus braços. E na mesma hora eu soube, da maneira mais segura possível, que uma quantidade enorme de dor tinha sido transferida do corpo dela para o meu.

“Sei o que estão pensando e não os culpo por isso. Estou só contando o que aconteceu. Não estou aqui dizendo que eu curei minha esposa, dei um jeito nela, nem nada disso. Até hoje, ela continua triste. Porque não existe dentro de nós uma quantidade finita de dor. Nosso corpo e nossa mente não param de fabricar mais dor. Só estou dizendo que tomei para mim a dor que estava dentro dela *naquele momento* e a transformei em minha dor. E aquilo não me prejudicou nem um pouco.”

Uma mudança pareceu ocorrer no Sr. Gilchrest. Pôs-se mais ereto e colocou a mão sobre o coração.

— Foi naquele dia que descobri quem eu sou — declarou. — Sou uma esponja para a dor. Limito-me a sugar a dor e isso me torna mais forte.

O sorriso que se espalhou em seu rosto era tão alegre e tão seguro de si que ele quase parecia outra pessoa.

— Não ligo se vocês acreditam em mim ou não. Tudo o que peço é que me deem uma oportunidade. Sei que vocês todos estão sofrendo. Não estariam aqui numa tarde de sábado se assim não fosse. Quero que vocês me deixem abraçá-los e retirar sua dor. — Virou-se para o reverendo Kaminsky. — O senhor primeiro.

O ministro se mostrou nitidamente relutante, mas era o anfitrião e não conseguiu imaginar nenhum modo educado de se esquivar. Ergueu-se de sua cadeira e aproximou-se do Sr. Gilchrest, lançando no caminho, com o canto do olho, um olhar rápido e cético para a plateia, indicando para eles que estava só querendo ser simpático.

— Diga-me — pediu o senhor Gilchrest —, existe uma pessoa especial de quem você venha sentindo falta? Uma pessoa cuja ausência parece especialmente perturbadora para o senhor? Qualquer um mesmo. Não precisa ser um amigo íntimo nem um membro de sua família.

O reverendo Kaminsky pareceu surpreso com a pergunta. Depois de uma breve hesitação, respondeu:

— Eva Washington. Foi minha colega de turma na escola de teologia. Eu não a conhecia direito, mas...

— Eva Washington. — O Sr. Gilchrest deu um passo à frente. As mangas de seu paletó escorregaram na direção dos cotovelos quando ele abriu os braços. — Você sente a falta de Eva.

De início, pareceu um abraço social comum, do tipo que as pessoas dão e recebem o tempo todo. Mas então, com uma brusquidão chocante, os joelhos do reverendo Kaminsky se dobraram e o Sr. Gilchrest soltou um grunhido, quase como se tivesse levado um soco na barriga. Seu rosto se contraiu numa careta, depois relaxou.

— Puxa — disse. — Não era pouca coisa.

Os dois homens ficaram abraçados por muito tempo. Quando se separaram, o reverendo estava soluçando, a mão espalmada sobre a boca. O Sr. Gilchrest virou-se para a plateia.

— Fila indiana — disse ele. — Tenho tempo para todos.

Nada aconteceu no primeiro momento. Mas aí uma mulher corpulenta na terceira fila se levantou e avançou até a frente. Em pouco tempo, quase todas as pessoas da plateia tinham se levantado.

— Sem pressão — o Sr. Gilchrest tranquilizou os relutantes. — Estarei aqui quando vocês acharem que estão prontos.

Tom e Hubbs se puseram quase no final da fila, portanto já estavam familiarizados com o processo quando chegou a vez deles. Hubbs foi primeiro. Falou para o Sr. Gilchrest a respeito de Chip Gleason e o Sr. Gilchrest repetiu o nome de Chip antes de puxar Hubbs para junto de seu peito num abraço forte e quase paternal.

— Tudo certo — disse o Sr. Gilchrest. — Estou bem aqui.

Vários segundos passaram antes de Hubbs soltar uma espécie de ganido e o Sr. Gilchrest cambaleou para trás, com os olhos arregalados de susto. Tom achou que os dois estivessem prestes a desabar no chão, como lutadores, mas de algum jeito conseguiram se manter de pé, enquanto executavam uma dança precária, até que afinal recuperaram o equilíbrio. O Sr. Gilchrest riu e disse “Calma, parceiro”, enquanto dava uns tapinhas delicados nas costas de Hubbs, e soltou-o. Hubbs parecia atordoado e vacilante enquanto voltava a seu assento.

O Sr. Gilchrest sorriu quando Tom andou na sua direção. De perto, seus olhos pareciam mais brilhantes do que Tom esperava, como se o brilho viesse de dentro.

— Qual seu nome?

— Tom Garvey.



— Quem é o seu alguém especial, Tom?

— Jon Verbecki. Um garoto que eu conhecia.

— Jon Verbecki. Você sente a falta de Jon.

O Sr. Gilchrest abriu os braços. Tom deu um passo adiante, para dentro de seu abraço forte. O torso do Sr. Gilchrest parecia largo e vigoroso, mas também macio, inesperadamente receptivo. Tom sentiu algo se afrouxar dentro dele.

— Entregue isso para mim — sussurrou o Sr. Gilchrest em seu ouvido.  
— Em mim, não dói.

Mais tarde, no carro, nem Tom nem Hubbs tinham grande coisa a dizer a respeito do que haviam sentido no porão da igreja. Os dois pareciam compreender que descrever aquilo estava acima de sua capacidade, a gratidão que se irradia pelo corpo quando um fardo é removido, e a sensação de retorno ao lar que se segue, quando de súbito se recorda como é ser a gente mesmo outra vez.

★ ★ ★

Pouco depois da metade do período letivo, Tom recebeu uma enxurrada de mensagens cada vez mais ansiosas, mensagens de texto, de voz e em e-mails, enviadas pelos pais, implorando para que fizesse contato com eles *imediatamente*. Pelo que Tom conseguiu entender, a universidade tinha enviado para os pais uma espécie de advertência formal indicando que Tom estava correndo o risco de reprovar em todas as matérias.

Ele passou alguns dias sem responder, na esperança de que isso desse aos pais o tempo necessário para se acalmarem um pouco, mas suas tentativas para fazer contato com Tom apenas ficaram ainda mais frenéticas e agressivas. Por fim, atemorizado pelas ameaças de que iam avisar à polícia do campus, cancelar seu cartão de crédito e cortar seu celular, Tom cedeu e telefonou para eles.

— Que diabo está acontecendo por aí? — quis saber o pai.

— Estamos preocupados com você — entrou a voz da mãe, falando por outro aparelho. — Seu professor de inglês não vê sua cara há semanas. E você nem sequer *fez* a prova de Ciência Política, aquela em que você disse que tirou B+.

Tom se encolheu. Era constrangedor ser pego numa mentira, ainda mais uma mentira tão grande e tão tola. Infelizmente, a única coisa que ele

conseguiu pensar em fazer foi mentir mais ainda.

— É, eu dei mole. Dormi demais e perdi a hora. Fiquei com vergonha de contar para vocês.

— Isso não vai ser o suficiente — disse o pai. — Você sabe quanto custa um semestre de faculdade?

Tom ficou surpreso com aquela pergunta, e também um pouco aliviado. Seus pais tinham dinheiro. Era muito mais fácil pedir desculpas por desperdiçar algum dinheiro do que explicar o que ele andara fazendo nos dois últimos meses.

— Eu sei que é muito caro, pai. Eu tenho noção disso.

— A questão não é essa — disse a mãe. — Estamos felizes de pagar sua faculdade. Mas há alguma coisa errada com você. Dá para perceber na sua voz. Nunca devíamos ter deixado você voltar para aí.

— Eu estou bem — insistiu Tom. — Acontece que esse negócio da fraternidade está me tomando mais tempo do que eu imaginava. A semana dos calouros e dos trotes vai ser no final deste mês. Depois disso, tudo vai voltar ao normal. Se eu estudar bastante, tenho certeza de que vou conseguir passar em todas as matérias.

Ouviu um silêncio estranho no outro lado da linha, como se o pai e a mãe estivessem cada um à espera de que o outro começasse a falar.

— Meu anjo — disse a mãe com brandura —, é tarde demais para isso.

★ ★ ★

Naquela noite, na sede da fraternidade, Tom contou para Hubbs que ia largar a faculdade. Os pais iam chegar no sábado para levá-lo para casa. Eles já tinham sua vida inteira traçada — um emprego em horário integral na loja de seu pai e duas sessões semanais com um terapeuta especializado em jovens adultos com distúrbios causados pela morte de uma pessoa querida.

— Parece que estou com um distúrbio desse tipo.

— Bem-vindo ao clube — respondeu Hubbs.

Tom não tinha mencionado aquilo para os pais, mas já havia conversado com um psicólogo no Serviço de Saúde da Universidade, um bigodudo do Oriente Médio, de olhos embaçados, que lhe dissera que sua obsessão por Verbecki era apenas um mecanismo de defesa, aliás um mecanismo bastante comum, uma cortina de fumaça para distraí-lo de questões mais sérias e de emoções mais perturbadoras. Essa teoria não fazia nenhum sentido para Tom

— de que adiantava um mecanismo de defesa se ele ferrava com toda a vida da gente? De que, afinal, aquele mecanismo o estava defendendo?

— Droga — disse Hubbs. — O que você vai fazer?

— Sei lá. Mas não posso voltar para casa. Não agora.

Hubbs fez uma cara de preocupação. Os dois tinham se tornado muito próximos ao longo das semanas anteriores, unidos por seu fascínio comum pelo Sr. Gilchrest. Foram a mais duas de suas palestras, cada uma com uma plateia duas vezes maior do que a anterior. A mais recente tinha sido no Keuka College e foi emocionante ver como ele estabelecia um vínculo forte com uma plateia de jovens. A sessão de abraços durou quase duas horas; quando terminou, ele estava todo molhado, gotejante, mal conseguia se aguentar de pé, um lutador que havia chegado ao fim de suas forças.

— Tenho alguns amigos que moram fora do campus — disse Hubbs. — Se quiser, talvez você possa ficar com eles por alguns dias.

Tom fez as malas, esvaziou a conta do banco e escapuliu sorrateiramente do dormitório na sexta-feira à noite. Quando os pais chegaram no dia seguinte, tudo o que encontraram foram alguns livros, uma impressora desligada e a cama desfeita, junto com uma carta na qual Tom lhes contava um pouco acerca do Sr. Gilchrest e pedia desculpas por decepcioná-los. Disse que ia ficar viajando por um tempo e prometeu entrar em contato por e-mail.

— Desculpem-me — escreveu. — É uma fase de fato muito confusa para mim. Mas há certas coisas que eu preciso resolver por conta própria e espero que respeitem minha decisão.

★ ★ ★

Tom ficou morando com os amigos de Hubbs durante o final do semestre, depois sublocou o apartamento deles, quando foram passar as férias de verão em suas casas. Hubbs foi morar com Tom; foram contratados como atendentes numa revendedora de automóveis e se apresentaram como voluntários para trabalhar para o Sr. Gilchrest nas horas vagas, distribuindo panfletos, arrumando cadeiras de armar para a plateia, reunindo endereços para uma lista de e-mails, qualquer coisa de que ele precisasse.

Naquele verão as coisas começaram a decolar de verdade. Alguém pôs um vídeo do Sr. Gilchrest no YouTube — com o título SOU A ESPONJA PARA SUA DOR —, que recebeu uma enxurrada de acessos. As multidões em suas

palestras se tornaram maiores, os convites para falar se tornaram mais frequentes. Em setembro, ele já estava alugando uma igreja episcopal desativada e promovia festivais de maratonas de abraços toda manhã de sábado e de domingo. Tom e Hubbs às vezes cuidavam da banquinha de vendas que ficava no saguão, vendendo DVDs de palestras, camisetas — a mais popular dizia ENTREGUE PARA MIM na frente, e EU CONSIGO SUPORTAR nas costas — além de um livro de memórias, em brochura, publicado pelo próprio autor, intitulado *O amor de um pai*.

O Sr. Guilchrest viajou muito naquele outono — era o primeiro aniversário da Partida Repentina — fazendo palestras por todo o país. Tom e Hubbs estavam entre os voluntários que o levavam e o apanhavam no aeroporto, passando a conhecê-lo de modo mais pessoal, conquistando gradualmente sua confiança. Quando a organização começou a se expandir, naquela primavera, o Sr. Gilchrest pediu aos dois que fossem cuidar da sede de Boston, que organizassem e divulgassem uma turnê de palestras em vários campi universitários e fizessem tudo o que julgassem adequado para ampliar, entre a população universitária local, a consciência daquilo que tinham começado a chamar de Movimento do Abraço que Cura. Era estimulante receber uma responsabilidade tão grande, participar desde o início de um fenômeno que havia decolado de forma tão inesperada — era como trabalhar numa *start-up* da internet, pensava Tom —, mas também era um pouco atordoante ver tudo crescer tão depressa, se alastrar ao mesmo tempo em tantas direções diferentes.

Durante aquele primeiro verão em Boston, Tom e Hubbs começaram a ouvir comentários desconcertantes, de pessoas que eles haviam conhecido no quartel-general em Rochester. O Sr. Gilchrest estava mudando, diziam, tinha deixado a fama subir-lhe à cabeça. Comprou um carro sofisticado, passou a usar roupas diferentes e prestava um pouco de atenção demais a jovens e adolescentes que tinham adoração por ele e faziam fila para abraçá-lo. Parece que tinha passado a se chamar de “Santo Wayne” e a sugerir que desfrutava algum tipo de relação especial com Deus. Em algumas ocasiões, havia se referido a Jesus como seu irmão.

Quando chegou em setembro para fazer sua primeira palestra num salão lotado em Northeastern, Tom pôde constatar que aquilo era verdade. O Sr. Gilchrest era outro homem. O pai desolado num terno velho tinha sumido e fora substituído por um astro do rock, de óculos escuros e camiseta preta apertada. Quando cumprimentou Tom e Hubbs, havia uma frieza

arrogante em sua voz, como se os dois fossem meros ajudantes contratados e não discípulos dedicados. Ele os instruiu a deixar entrar nos bastidores qualquer garota bonita que parecesse promissora, “sobretudo se for chinesa, indiana ou algo assim”. No palco, ele não se limitou a oferecer abraços e solidariedade; falou em aceitar a missão, determinada por Deus, de consertar o mundo, de desfazer de algum jeito o mal causado pela Partida Repentina. Os detalhes continuavam vagos, explicava ele, não porque ele estivesse escondendo alguma coisa, mas porque nem o próprio Wayne conhecia ainda todos eles. Os detalhes lhe eram comunicados aos poucos, numa série de sonhos visionários.

— Fiquem sintonizados — dizia para a plateia. — Vocês serão os primeiros a saber. O mundo depende de nós.

Hubbs ficou perturbado com o que viu naquela noite. Achou que o Sr. Gilchrest tinha se embriagado com o próprio vinho, que ele havia se metamorfoseado de uma figura inspiradora num diretor executivo de um messiânico Culto da Personalidade (não seria a última vez que Tom ouviria aquela acusação). Depois de uns poucos dias de exame de consciência, Hubbs disse para Tom que ele estava farto, que, embora amasse o Sr. Gilchrest, não poderia em sua consciência continuar a servir a Santo Wayne. Disse que ia embora de Boston, ia voltar para sua família em Long Island. Tom tentou dissuadi-lo, mas Hubbs se mostrou irredutível.

— Vai acontecer alguma coisa ruim — disse ele. — Dá para sentir.

★ ★ ★

Demorou um ano inteiro para ficar provado que Hubbs tinha razão e, durante esse tempo, Tom continuou a ser um fiel seguidor e um valioso empregado do Movimento do Abraço que Cura, ajudando a instalar novas filiais em Chapel Hill e em Columbus, antes de ser indicado para um cargo mais alto no Centro de São Francisco, treinando novos professores para a realização das Oficinas de Meditação do Alguém Especial. Tom adorou a cidade e gostava de encontrar um bando de alunos novos todos os meses. Teve alguns casinhos — os professores novatos eram sobretudo mulheres —, mas nem de longe tantos quantos poderia ter tido. Tom agora era uma pessoa diferente, mais contido e contemplativo, bem longe do rapazola da fraternidade de universitários que pintava a cara, disposto a qualquer coisa para transar.

No papel, o movimento estava em efervescência — o número de membros crescia de forma constante, o dinheiro jorrava, a mídia concedia muito espaço —, mas o comportamento do Sr. Gilchrest se mostrava cada vez mais instável. Foi preso na Filadélfia após ter sido encontrado num quarto de hotel com uma garota de quinze anos. Mais tarde, o caso foi arquivado por falta de provas — a garota insistia em dizer que os dois estavam “apenas conversando” —, mas a reputação do Sr. Gilchrest sofreu um sério golpe. Várias palestras em faculdades foram canceladas e, por algum tempo, Santo Wayne se tornou o ponto alto no telejornal noturno, a mais recente encarnação do velho safado, do Homem de Deus Tarado.

Magoado pelo ridículo, o Sr. Gilchrest abandonou seu quartel-general no norte do estado de Nova York e se mudou para um rancho numa região remota do sul do Oregon, longe de olhos inquisidores. Tom tinha ido visitá-lo apenas uma vez, em meados de junho, a fim de participar de uma festa de gala de três dias para celebrar a data do que seria o décimo primeiro aniversário de Henry Gilchrest. As acomodações não eram lá grande coisa — os cerca de cem convidados tiveram de dormir em barracas e dividir uns poucos e desconfortáveis banheiros químicos —, mas era uma honra ser convidado, um sinal de que fazia parte do círculo mais elevado e mais selecionado dentro da organização.

No geral, Tom gostou do que viu — uma grande casa castigada pela intempérie, uma piscina, uma lavoura, estábulos. Só duas coisas o incomodaram: o contingente de seguranças armados que patrulhavam a propriedade — Santo Wayne teria recebido algumas ameaças de morte — e a inexplicável presença de seis adolescentes sensuais, cinco delas asiáticas, que moravam na casa principal, junto com o Sr. Gilchrest e sua esposa, Tori. As garotas — jocosamente chamadas de “As animadoras de torcida” — passavam o dia se bronzeando, ao lado da piscina, enquanto Tori Gilchrest se exercitava ao redor da propriedade, correndo a trote forçado com pequenos halteres nas mãos, respirando com força pelo nariz, ao mesmo tempo que executava uma complicada série de exercícios com os braços.

Tom achou que Tori não parecia muito feliz, mas, na última noite da festa, foi ela que se adiantou até o microfone, sobre o palco ao ar livre, e apresentou as garotas como as “noivas espirituais” do Sr. Gilchrest. Ela reconhecia que se tratava de uma situação nada convencional, mas queria que a comunidade soubesse que seu marido havia pedido — e tinha recebido — a bênção dela para cada um daqueles novos casamentos. As garotas — que

estavam ao lado de Tori e sorriam nervosamente, em seus belos vestidos — eram todas meigas e recatadas, além de surpreendentemente maduras para sua idade, sem falar que eram absolutamente adoráveis. Como todo mundo já sabia, ela mesma não podia mais ter filhos, e isso era um problema, pois pouco tempo antes Deus revelara para Santo Wayne que era seu destino ser pai de uma criança que iria consertar este mundo avariado. Uma dessas meninas — Íris ou Cindy ou Mei ou Christine ou Lam ou Anna — seria a mãe daquela criança milagrosa, mas só o tempo diria qual delas. A Sra. Gilchrest concluiu dizendo que o amor entre ela e Santo Wayne continuava tão forte e vibrante como era no dia do casamento. Garantiu a todos que os dois continuavam a viver juntos e muito felizes como marido e esposa, parceiros e melhores amigos para sempre.

— O que quer que meu marido faça — disse ela — eu o apoio cento e dez por cento e espero que vocês façam o mesmo!

Ergueu-se um clamor na multidão quando o Sr. Gilchrest galgou a escadinha e atravessou o palco a fim de presentear a esposa com um buquê de rosas.

— Ela é o máximo, ou não é? — perguntou. — Sou o homem mais sortudo do mundo, não acham?

As noivas espirituais puseram-se a aplaudir quando o Sr. Gilchrest beijou sua esposa oficial e a multidão acompanhou-as no aplauso. Tom fez o melhor que pôde para bater palmas junto com os outros, mas teve a impressão de que suas mãos eram enormes e feitas de chumbo, tão pesadas que ele mal conseguia afastar uma da outra.

★ ★ ★

Christine disse que estava entediada, enclausurada na casa o dia inteiro, como uma prisioneira, então Tom levou-a para dar uma volta pela cidade. Ele estava feliz por encontrar uma desculpa para sair do escritório. Ali dentro, era como um velório — nenhum seminário acontecendo, nada para fazer, a não ser ficar com Max e Luis respondendo e-mails e algum telefonema eventual, repetindo feito papagaios os argumentos que tinham sido formulados para eles pelo quartel-general: as acusações são falsas; Santo Wayne é inocente até que provem o contrário; uma organização é maior do que um só homem; nossa fé continua inabalável.

Era um dia comum em São Francisco, frio e radiante, uma neblina leitosa matinal que se rendia com relutância ao céu azul e claro. Fizeram o que todo mundo faz — teleférico, Fisherman's Wharf, Coit Tower e North Beach, Haight-Ashbury e Golden Gate Park —, Tom representava o papel de guia jovial, Christine ria de suas piadas sem graça, grunhia com educação ao ouvir as histórias lembradas apenas em parte e as anedotas recicladas que Tom contava, sentindo-se tão feliz quanto ele por poder pensar, por um tempo, em outras coisas que não no Sr. Gilcrest.

Tom ficou surpreso de ver como os dois se entendiam bem. Lá na casa, ela representava um problema, se mostrava interessada demais em fazer valer sua autoridade, lembrar a todos que ela gozava de um status especial dentro da organização. Nada era bom o bastante — o futon estava com calombos, o banheiro era nojento, a comida tinha um gosto horroroso. Mas o ar fresco trouxe à tona uma doçura antes escondida, uma animada energia adolescente que se mantivera oculta por baixo da atitude esnobe. Ela o arrastou para lojas de roupas de segunda mão, pediu desculpas para moradores de rua por não ter dinheiro trocado e parava de dois em dois quarteirões para contemplar a baía e soltar exclamações de espanto.

Christine não parava de se transformar diante dele. Sim, ela era uma dignitária visitante — esposa do Sr. Gilcrest ou fosse lá o que fosse —, mas também era apenas uma criança, mais nova do que a irmã de Tom e com muito menos experiência da vida, uma garota de uma cidade pequena de Ohio, que, até fugir de casa, nunca tinha estado numa cidade maior do que Cleveland. Mas na verdade era diferente de sua irmã, porque as pessoas não paravam e ficavam olhando para Jill quando ela andava pela rua, denunciada por uma beleza extraordinária, tentando imaginar se ela era famosa, se a tinham visto na televisão ou algo assim. Tom não sabia com certeza como devia tratar Christine, se devia pensar em si mesmo como um assistente pessoal ou um suplente de irmão mais velho, ou quem sabe apenas um amigo solícito, um cara cuidadoso e com alguns poucos anos a mais que ela, que lhe mostrava as paisagens de uma metrópole desconhecida.

— Tive um dia legal — disse ela para Tom durante um lanchinho no final da tarde no Elmore's, um café na rua Cole, que estava repleto de gente do Povo Descalço, hippies com um alvo pintado na testa. A Bay Area era sua pátria espiritual. — É bom estar fora da casa.

— Estou à disposição sempre que quiser — disse Tom. — Fico feliz em fazer isso.



— Entããã — a voz de Cristine soou baixa, ligeiramente sedutora, como se suspeitasse que Tom estava escondendo alguma boa notícia. — Você soube de alguma coisa?

— Sobre o quê?

— Você sabe. Quando ele vai sair. Quando eu posso voltar.

— Voltar para onde?

— Para o rancho. Estou com muita saudade de lá.

Tom não tinha certeza do que devia dizer para ela. Christine tinha visto os mesmos noticiários da televisão que ele. Sabia que o Sr. Gilchrest não conseguira ser solto sob fiança e que as autoridades estavam endurecendo o jogo, bloqueando os recursos da organização, prendendo vários membros do alto e do médio escalão, pressionando todos eles a fim de obter informações comprometedoras. O FBI e a Polícia Estadual não faziam segredo do fato de que estavam procurando intensamente as garotas menores de idade com as quais o Sr. Gilchrest dizia ter se casado — não porque houvessem feito algo errado, mas porque eram vítimas de um crime grave, menores em situação de risco, carentes de cuidados médicos e de ajuda psicológica.

— Christine — disse Tom —, você não pode voltar para lá.

— Eu preciso — retrucou ela. — É onde eu moro.

— Eles vão obrigar você a testemunhar.

— Não, não vão. — Sua voz tinha um tom de desafio, mas Tom podia perceber a dúvida nos olhos dela. — Wayne disse que tudo vai ficar bem. Ele tem ótimos advogados.

— Ele está em uma situação delicada.

— Não podem mandá-lo para a prisão — insistiu Christine. — Ele não fez nada de errado.

Tom não discutiu; não valia a pena. Quando Christine falou outra vez, estava com a voz muito baixa e assustada.

— O que eu devo fazer? — perguntou. — Quem vai tomar conta de mim?

— Pode ficar conosco durante o tempo que quiser.

— Não tenho dinheiro nenhum.

— Não se preocupe com isso.

Não parecia ser o momento correto para dizer a ela que ele também não tinha dinheiro nenhum. Ele, Max e Luis eram voluntários, tecnicamente falando, doavam seu tempo para o Movimento do Abraço que Cura em troca de um quarto, comida e de uma remuneração irrisória. O único dinheiro que

Tom tinha no bolso viera do envelope que Christine lhe entregara quando tinha chegado, duzentos dólares em notas de vinte, a maior soma de dinheiro que ele via em muito tempo.

— E quanto à sua família? — perguntou Tom. — É uma possibilidade?

— Minha família? — A ideia pareceu engraçada para Christine. — Não posso voltar para minha família. Não deste jeito.

— Deste jeito como?

Christine afundou o queixo no peito, examinando a parte da frente de sua camiseta amarela, como se estivesse procurando uma mancha. Tinha ombros estreitos e peitos muito pequenos, quase inexistentes.

— Não contaram para você? — Ela passou a palma da mão por cima da barriga chata, alisando as rugas da camiseta.

— Não contaram o quê?

Quando Christine ergueu os olhos, eles estavam brilhando.

— Estou grávida — disse ela.

Tom pôde perceber o orgulho em sua voz, uma sonhadora sensação de espanto.

— Eu sou a Escolhida.

**PARTE DOIS**  
**MAPLETON É DIVERSÃO**

## O CARPE DIEM

Jill e Aimee saíram de casa logo depois do jantar, comunicaram alegremente a Kevin que não sabiam para onde estavam indo, o que iam fazer, com quem se encontrariam nem quando estariam de volta.

— Tarde — foi tudo o que Jill conseguiu lhe dizer.

— Isso mesmo — concordou Aimee. — Não fique esperando.

— É dia de semana, vocês têm aula amanhã — Kevin lembrou a elas, sem se dar o trabalho de acrescentar, como fazia às vezes, que era estranho ver como não ir a lugar algum e não fazer nada podia tomar tanto tempo. A piada já não parecia mais ter graça. — Por que não tentam se manter sóbrias para variar? Experimentem só uma vez para saber como é acordar de manhã com a cabeça leve.

As garotas concordaram com um aceno de cabeça, muito compenetradas, garantiram a ele que iam levar muito a sério seu excelente conselho.

— E tomem cuidado — continuou. — Há muitos malucos por aí.

Aimee deu um gemido de aprovação, como se quisesse dizer que ninguém precisava lhe avisar sobre malucos. Ela estava de meias que iam até o joelho e com uma saia curta do tipo usado pelas animadoras de torcida — azul-claro, não a saia marrom e dourada do time do colégio de Mapleton — e tinha aplicado no rosto todo seu vistoso arsenal de cosméticos.

— Vamos tomar cuidado — prometeu.

Jill revirou os olhos, indiferente à encenação de boa menina da amiga.

— Você é a maior maluca de todas — disse ela para Aimee.

E depois, para Kevin, acrescentou:

— É com ela que as pessoas precisam tomar cuidado.

Aimee protestou, mas era difícil levá-la a sério, uma vez que parecia menos uma aluna inocente do ensino médio do que uma dançarina de *striptease* que tenta, sem o menor empenho, parecer inocente. Jill dava a impressão exatamente contrária — uma criança magricela que brinca de se emperiquitar —, com seus jeans de bainha dobrada e um casaco de camurça

grande demais para ela, que pegara emprestado no guarda-roupas da mãe. Kevin experimentou os sentimentos de costume ao vê-las juntas: uma vaga tristeza pela filha, que tão obviamente desempenhava um papel secundário naquela dupla, mas também uma espécie de alívio enraizada no pensamento — ou ao menos na esperança — de que sua aparência pouco atraente pudesse funcionar como uma camuflagem que a protegeria do mundo.

— Cuidem-se — disse Kevin.

Abraçou as duas garotas, lhes deu boa noite, depois ficou parado na porta, enquanto elas desciam a escadinha da varanda e cruzavam o gramado. Por um tempo, tentou limitar seus abraços à própria filha, mas Aimee não gostava de ser deixada de lado. No início foi meio estranho — Kevin tinha perfeita consciência dos contornos do corpo de Aimee e da duração de seus abraços —, porém aos poucos aquilo se tornou uma parte da rotina. Ele não aprovava totalmente Aimee, nem se sentia entusiasmado por ter a garota morando em sua casa — ela já estava lá havia três meses e não dava o menor sinal de que ia se mudar em breve —, porém não podia negar os benefícios de ter uma terceira pessoa naquele bolo. Jill parecia mais feliz com uma amiga por perto e havia muito mais risos na mesa de jantar, havia menos daqueles momentos melancólicos quando ficavam só os dois, pai e filha, e ninguém tinha nada para dizer.

★ ★ ★

Kevin saiu de casa um pouco antes das nove horas. Como de costume, Lovell Terrace estava toda iluminada, como um estádio, os casarões empavonados como monumentos sob o brilho de seus holofotes de segurança. Havia ao todo dez residências, “Casas de Luxo” construídas nos últimos tempos do crédito fácil e dos veículos utilitários, e nove daquelas casas ainda estavam ocupadas. Só a casa dos Westerfeld estava vazia — Pam havia morrido no mês anterior e a propriedade continuava sem um dono determinado —, mas a Associação dos Proprietários cuidava para que o gramado fosse bem-tratado e para que as luzes continuassem acesas. Todo mundo sabia o que acontecia quando casas vazias entravam em processo de deterioração, chamando a atenção de adolescentes entediados, de vândalos e dos Culpados Remanescentes.

Kevin seguiu na direção da rua Principal e dobrou à direita, dando início à sua peregrinação noturna. Era como uma coceira — uma compulsão física

—, aquela necessidade de ficar entre amigos, longe da voz soturna e assustada que muitas vezes tomava conta de sua cabeça, mas sempre parecia muito mais alta e muito mais segura de si numa casa silenciosa, depois que caía a noite. Um dos efeitos colaterais da Partida Repentina notado com mais frequência tinha sido um surto de sociabilidade maníaca — festas improvisadas dos moradores de um quarteirão que duravam finais de semana inteiros, jantares ligeiros que acabavam virando a noite, rápidos encontros casuais que se tornavam maratonas de conversas. Os bares ficaram entupidos de gente depois do 14 de Outubro; as contas de telefone alcançaram cifras exorbitantes. A maioria dos sobreviventes tinha sossegado desde então, mas a ânsia de Kevin por contato humano noturno continuava forte como sempre, como se uma força magnética o impelisse na direção do centro da cidade, em busca de espíritos movidos por um impulso semelhante.

★ ★ ★

O Carpe Diem era um lugar desprezioso, um dos poucos bares de trabalhadores que tinham resistido à transformação de Mapleton, no final do século XX, de uma cidade industrial para uma cidade dormitório. Kevin ia para lá desde a juventude, no tempo em que o lugar se chamava Midway Lounge e as únicas cervejas que havia eram Bud e Mich.

Kevin entrou pela porta do restaurante — o bar ficava num salão anexo — cumprimentando com um aceno de cabeça os rostos conhecidos, enquanto caminhava até um compartimento no fundo, onde Pete Thorne e Steve Wiscziewski já estavam engajados numa conversa, diante de uma jarra de cerveja, enquanto passavam de um para o outro, sobre a mesa, um bloco de folhas pautadas. À diferença de Kevin, ambos tinham uma esposa em casa, mas em geral chegavam ao Carpe Diem muito antes dele.

— Cavalheiros — disse Kevin, esgueirando-se ao lado de Steve, um cara corpulento e irritadiço, que Laurie sempre definia como “ataque do coração esperando para acontecer”.

— Não se preocupe — disse Steve, enchendo um copo limpo com os restos do fundo da jarra de cerveja e entregando para Kevin. — Vai chegar mais uma daqui a pouco.

— A gente está discutindo a escalação. — Pete mostrou o bloco de papel. A página da frente apresentava um desenho meio tosco de um campo de beisebol, com nomes rabiscados nas posições preenchidas e pontos de

interrogação nas posições vagas. — Só precisamos mesmo de um campista central e um jogador da primeira base. Além de uns reservas para garantir.

— Quatro ou cinco jogadores novos — disse Steve. — Parece viável, não acha?

Kevin examinou o desenho.

— O que aconteceu com o dominicano sobre o qual vocês tinham me falado? O tal marido da sua faxineira?

Steve balançou a cabeça.

— Hector é cozinheiro. Trabalha à noite.

— Talvez dê para ele jogar nos finais de semana — acrescentou Pete. — Já é alguma coisa.

Kevin ficou contente com a quantidade de pensamento e de esforço que eles estavam dedicando a uma temporada de *softball* que só ia acontecer em cinco ou seis meses. Era exatamente aquilo que ele desejava quando convenceu o conselho municipal a restabelecer o fundo para os programas de recreação de adultos que tinha sido suspenso depois da Partida Repentina. As pessoas precisavam de uma razão para saírem de suas casas e se divertirem um pouco, erguerem os olhos para o céu e se darem conta de que o mundo não tinha acabado.

— Vou lhes dizer o que poderia ajudar — falou Steve. — Se a gente encontrasse dois batedores canhotos, seria bom. Até agora, todo mundo no time é destro.

— E daí? — Kevin esvaziou sua cerveja quente de um só gole. — É um jogo de *softball*. Na verdade, todo esse papo de estratégia não importa.

— Não, a gente tem de fazer uma mistura — insistiu Pete. — Manter os outros caras meio desequilibrados. Por isso Mike era tão bom. Ele nos dava uma dimensão extra de verdade.

O time do Carpe Diem perdera só um jogador no 14 de Outubro — Carl Stenhauer, um arremessador medíocre e jogador reserva que atuava no campo externo —, mas Mike Whalen, principal rebatedor do time e astro da primeira base, também foi uma baixa indireta. A esposa de Mike estava entre os desaparecidos e ele ainda não tinha se recuperado da perda. Ele e os filhos tinham pintado um retrato grosseiro e quase irreconhecível de Nancy na parede dos fundos de sua casa e Mike passava a maior parte das noites sozinho diante do mural, comungando com a memória da esposa.

— Conversei com ele algumas semanas atrás — disse Kevin. — Mas acho que este ano ele não vai jogar. Diz que seu coração não está no jogo.

— Continue conversando com ele — disse Steve. — Nosso meio de campo está muito fraco.

A garçonete se aproximou com outra jarra de cerveja e encheu de novo os copos de todos. Brindaram à carne nova no pedaço e a uma temporada de vitórias.

— Vai ser legal voltar ao campo — disse Kevin.

— Nem me fale — concordou Steve. — A primavera não é primavera sem as partidas de *softball*.

Pete baixou o copo e olhou para Kevin.

— Mas há outra coisa que nós queríamos tratar com você. Lembra-se da Judy Dolan? Acho que ela estudava na mesma turma do seu filho.

— Claro. Ela era uma apanhadora no beisebol, não é? Da seleção municipal ou algo assim, não é?

— Da seleção estadual — corrigiu Pete. — Jogava no time da universidade. Vai se formar em junho, vai voltar para casa no verão.

— Ela seria um tremendo trunfo — sugeriu Steve. — Podia tomar meu lugar na retaguarda do apanhador e eu podia passar para a primeira base. Isso resolveria uma porção de problemas.

— Esperem aí um pouquinho — disse Kevin. — Vocês querem que a liga seja mista?

— Não — disse Pete, trocando um olhar rápido e desconfiado com Steve. — É exatamente isso que nós não queremos.

— Mas isso é uma Liga de Softball Masculino. Se houver mulheres jogando, então é uma liga mista.

— Nós não queremos *mulheres* — explicou Steve. — Nós só queremos Judy.

— Vocês não podem discriminar — advertiu Kevin. — Se aceitarem uma mulher, vão ter de aceitar todas.

— Não se trata de discriminação — insistiu Pete. — É uma exceção. Além do mais, Judy é maior do que eu. Se você não olhar muito de perto, não dá nem para saber que ela é uma garota.

— Você já jogou *softball* misto alguma vez? — perguntou Steve. — É tão divertido quanto jogar Twister só com homens.

— Funciona com futebol — disse Kevin. — Não parece incomodar ninguém.

— Mas isso é com o futebol — disse Steve. — São todos mulherezinhas, mesmo.



— Desculpe — disse Kevin. — Vocês podem ter Judy Dolan ou podem ter uma liga masculina, mas não dá para ter as duas coisas.

★ ★ ★

O banheiro masculino era um bocado espremido — um espaço úmido, sem janela, equipado com uma pia, um secador de mão, uma lata de lixo, dois urinóis lado a lado e um compartimento com vaso sanitário — onde teoricamente podiam ficar cinco pessoas ao mesmo tempo, se esbarrando. Em geral, isso só acontecia de noite, quando os caras tinham bebido tanta cerveja que esperar educadamente já não era mais uma opção e, naquela altura, todo mundo já estava tão alegre que a corrida com obstáculos que virava a ida ao banheiro parecia simplesmente mais uma parte da diversão geral.

Naquele exato instante, porém, Kevin tinha o banheiro inteiro só para si, ou ao menos seria assim se não estivesse tão consciente do rosto amigável de Ernie Costello olhando do alto para ele, numa fotografia emoldurada que pendia acima e no meio dos dois urinóis. Ernie era o antigo garçom do Midway, um cara de barriga grande e bigode de morsa. A parede em torno do retrato estava cheia de rabiscos sinceros deixados por seus amigos e por ex-frequentadores.

*Sentimos sua falta, amigo.  
Você era o melhor!!!  
Não é mais a mesma coisa sem você  
Você continua em nossos corações...  
É melhor trazer uma dose dupla!*

Kevin ficou de cabeça baixa, fazendo o melhor que podia para ignorar o olhar de súplica do garçom. Ele nunca fora um fã dos monumentos fúnebres que se espalharam pela cidade logo após a Partida Repentina. Não importava se eram discretos — um arranjo de flores na beira da estrada, um nome no vidro traseiro de um carro — ou se eram grandes e chamativos, como a montanha de ursinhos de pelúcia no jardim da casa onde morava uma menina, ou a pergunta ONDE ESTÁ DONNIE? queimada na grama ao longo de toda a extensão do campo de futebol americano do colégio. Kevin simplesmente achava que não era algo saudável ser lembrado o tempo todo

do terrível e incompreensível evento. Por isso tinha feito tanta pressão para que se realizasse o Desfile do Dia dos Heróis — era melhor canalizar a dor para uma data oficial anual, aliviando parte da pressão de todos os dias nos sobreviventes.

Ele lavou as mãos e enxugou-as sob o secador inútil, enquanto se perguntava se Pete e Steve não haviam, inadvertidamente, tropeçado em alguma coisa importante com aquela ideia de convidar Judy Dolan para fazer parte do time. Como aqueles caras, Kevin preferia jogar numa liga competitiva exclusivamente masculina, na qual não era preciso tomar cuidado com o linguajar nem pensar duas vezes antes de sair correndo de qualquer jeito para cima do apanhador a fim de cortar uma bola. Mas começava a parecer que encontrar jogadores suficientes para compor uma liga de verdade ia ser uma tarefa difícil, e Kevin achava que formar uma liga mista divertida talvez fosse uma alternativa que valia a pena examinar, um benefício maior para um maior número de pessoas.

★ ★ ★

Kevin literalmente esbarrou em Melissa Hulbert na hora em que saía do banheiro. Ela estava encostada na parede num cantinho escuro à espera de sua vez de entrar no banheiro das mulheres, que só acomodava uma pessoa de cada vez. Mais tarde, ele se deu conta de que seu encontro provavelmente não fora uma coincidência, mas parecera. Melissa se mostrou surpresa e pareceu mais feliz em vê-lo do que Kevin esperava.

— Kevin. — Ela o beijou no rosto. — Puxa. Por onde você tem andado?

— Melissa. — Ele fez um esforço para igualar o entusiasmo de seu cumprimento. — Há quanto tempo, hein?

— Três meses — informou ela a Kevin. — Pelo menos.

— Tanto assim? — Ele fingiu fazer as contas na cabeça, depois soltou uma exclamação de surpresa fingida. — E então, como você vai?

— Bem. — Ela deu de ombros para que entendesse que *bem* era um pouco de exagero, depois observou Kevin durante um ou dois ansiosos segundos. — Tudo bem, isso aqui?

— Isso, o quê?

— Eu estar aqui.

— Claro. Por que não estaria?

— Não sei. — Seu sorriso não anulou em nada a angústia em sua voz. — Eu apenas supus que...

— Não, não — ele a tranquilizou. — Não é nada disso.

Uma mulher mais velha que Kevin não conhecia saiu do banheiro das mulheres, resmungou um pedido de desculpas enquanto se esgueirava entre os dois, deixando para trás uma nuvem de vapor de um perfume adocicado.

— Estou no bar — disse Melissa, tocando de leve no braço dele. — Caso você queira me pagar um drinque.

Kevin balbuciou um pedido de desculpa.

— Estou aqui com uns amigos.

— Só um drinque — disse ela. — Acho que você me deve isso.

Kevin lhe devia muito mais do que aquilo e os dois sabiam muito bem.

— Está bem — disse ele. — É justo.

★ ★ ★

Melissa era uma das três mulheres com quem Kevin tentara ir para a cama desde que a esposa tinha ido embora de casa e a única com idade próxima da dele. Os dois se conheciam desde a infância — Kevin estava uma série à frente dela na escola — e chegaram a ter um rápido caso de adolescentes no verão anterior ao último ano de Kevin no colégio, uma intensa sessão de abraços e beijos na boca, no final de uma chopada. Foi uma daquelas loucuras passageiras — Kevin tinha uma namorada, Melissa tinha um namorado, ambos de férias —, que não chegou a ir tão longe quanto ele gostaria. Na época, Melissa era muito bonita, uma ruiva cheia de saúde, de cara sardenta, com aquilo que era amplamente considerado como os peitos mais bonitos em todo o colégio de Mapleton. Kevin conseguiu tocar no peito esquerdo, mas só por um ou dois segundos arrebatadores, antes de ela afastar a mão dele.

*Numa próxima vez*, disse ela, com uma tristeza na voz que pareceu sincera. *Eu prometi ao Bob que ia me comportar.*

Mas não houve próxima vez, nem naquele verão e nem nos vinte e cinco anos seguintes. Bob e Melissa continuaram a namorar firme durante todo o ensino médio e a faculdade e acabaram se casando. Viajaram um pouco para lá e para cá, antes de voltarem para Mapleton, justamente na ocasião em que Kevin se mudou para a cidade com a família. Tom, àquela altura, tinha só dois anos, a mesma idade da filha caçula de Melissa.

Os dois se viam bastante quando os filhos eram pequenos, em parques, em eventos na escola e em jantares com macarronada. Nunca se mostraram muito próximos — nunca conversavam muito, se limitavam às rápidas banalidades costumeiras entre pais e mães —, mas sempre houve aquele segredo entre os dois, a memória de uma noite de verão, a consciência de uma estrada não trilhada.

★ ★ ★

Kevin acabou pagando três drinques para Melissa, o primeiro para saldar sua dívida, o segundo porque tinha esquecido como era fácil conversar com ela e o terceiro porque era gostoso sentir a perna dela esfregando na sua, enquanto Kevin bebia aos poucos seu bourbon, exatamente do jeito como ele havia se metido em encrenca na última vez.

— Alguma notícia do Tom? — perguntou ela.

— Só um e-mail, meses atrás. Ele não contou grande coisa.

— Onde é que ele está?

— Nem sei direito. Em algum lugar da Costa Oeste, eu acho.

— Mas ele está bem?

— Pareceu que sim.

— Ouvi falar do Santo Wayne — disse ela. — Que canalha.

Kevin balançou a cabeça.

— Não sei que diabo meu filho estava pensando.

O rosto de Melissa ficou sombrio, com uma preocupação maternal.

— Ser jovem hoje em dia é uma coisa difícil. Para nós era bem diferente, não acha? Era como uma Época de Ouro. Só que a gente nem se dava conta disso.

Kevin quis fazer uma objeção, por princípio — tinha plena certeza de que a maioria das pessoas encarava sua própria juventude como uma espécie de Época de Ouro —, mas naquele caso Melissa tinha razão.

— E quanto à Brianna? — perguntou ele. — Como é que ela vai?

— Vai bem. — Melissa pareceu tentar convencer a si mesma. — Melhor do que ano passado, ao menos. Agora está com um namorado.

— Isso é bom.

Melissa deu de ombros.

— Se conheceram no verão. Numa espécie de rede de sobreviventes. Sentam-se numa roda e contam uns para os outros como estão tristes.

★ ★ ★

Em seu encontro anterior no *Carpe Diem* — na noite em que acabaram indo juntos para casa —, Melissa falara muito sobre seu divórcio, que havia sido um pequeno escândalo local. Após quase vinte anos de casamento, Bob trocara Melissa por uma mulher mais jovem que conhecera no trabalho. Melissa tinha só quarenta e poucos anos na ocasião, mas teve a impressão de que sua vida estava encerrada, de que tinha sido abandonada na beira da estrada como um carro velho que não presta mais.

Além do álcool, o que a mantinha de pé era seu ódio pela mulher que havia roubado seu marido. Ginny tinha vinte e oito anos, era uma mulher magra, atlética, que trabalhava como assistente de Bob. Casaram-se assim que o divórcio foi oficializado e tentaram formar uma família. Parecia que a mulher tinha dificuldade para engravidar, mas Melissa não tirava muito consolo disso. O simples pensamento de Bob querer ter um filho com outra mulher já a enfurecia. E o que tornava aquilo ainda mais irritante era o fato de que os próprios filhos *gostavam* de verdade de Ginny. Não tinham o menor problema em chamar o pai de cafajeste safado, mas a única coisa que podiam dizer de sua nova esposa era que ela era *muito legal*. Como que para provar aquele ponto de vista, Ginny fez múltiplas tentativas de pacificar as relações com Melissa, escreveu várias cartas desculpando-se pelo desgosto que havia causado e pedindo seu perdão.

*Eu só queria odiá-la em paz*, disse Melissa. *E nem isso ela me deixava fazer.*

A raiva de Melissa era tão pura que seu pensamento principal no 14 de Outubro — depois que se certificou de que os filhos estavam bem — foi uma esperança desvairada e inexprimível de que Ginny figurasse entre as vítimas, que sua existência problemática fosse simplesmente apagada do mundo. Bob ia sofrer como ela havia sofrido: o placar ia ficar empatado. Talvez até fosse possível, naquelas circunstâncias, aceitá-lo de volta, para que os dois recomeçassem e encontrassem um modo de recuperar parte do que haviam perdido.

*Dá para imaginar?*, disse ela. *Eu estava amargurada a esse ponto.*

*Todo mundo teve pensamentos desse tipo*, comentou Kevin para Melissa. *Só que a maioria de nós não admite.*

Claro que não foi Ginny que desapareceu: foi Bob, quando estava no elevador de um edifício-garagem perto de seu escritório. Houve panes no telefone e na internet naquele dia e Melissa só soube que Bob havia

desaparecido por volta das nove horas da noite, quando a própria Ginny apareceu para dar a notícia. Parecia atordoada e grogue, como se alguém tivesse acabado de acordá-la depois um comprido cochilo vespertino.

*Bobby se foi, ela não parava de balbuciar. Bobby se foi.*

*Sabe o que eu disse para ela?*

Melissa tinha fechado os olhos, como se quisesse apagar aquela lembrança.

*Falei: Que bom, agora você sabe o que eu senti.*

★ ★ ★

Os anos tinham mudado algumas coisas, mas não outras. As sardas de Melissa tinham desbotado e seu cabelo não era mais ruivo. Seu rosto estava mais cheio, sua silhueta, menos definida. Mas a voz e os olhos eram exatamente os mesmos. Era como se a garota que Kevin havia conhecido tivesse sido absorvida pelo corpo de uma mulher de meia-idade. Era Melissa, e não era.

— Você devia ter me telefonado — disse ela, fazendo beicinho com doçura, enquanto pousava a mão na coxa de Kevin. — Perdemos o verão inteiro.

— Eu estava envergonhado — explicou ele. — Tinha a sensação de que havia decepcionado você.

— Você não me decepcionou — Melissa tranquilizou-o, enquanto suas unhas compridas traçavam riscos enigmáticos no tecido da calça jeans de Kevin. Ela vestia uma blusa de seda cinza, desabotoada para deixar à mostra a borda ondulada de um sutiã marrom. — Não tem nada demais. Acontece com todo mundo.

— Não comigo — insistiu ele.

Aquilo não era exatamente a verdade. Havia tido problemas mecânicos semelhantes com Liz Yamamoto, uma estudante de pós-graduação de vinte e cinco anos que ele conhecera pela internet, e depois outra vez com Wendy Halsey, uma assistente de advogado e corredora de maratona de trinta e dois anos, mas Kevin atribuíra aqueles fracassos a uma ansiedade causada pela relativa juventude de suas parceiras. Era mais triste no caso de Melissa, e também mais difícil de explicar.

Os dois voltaram para a casa dela, tomaram uma taça de vinho e depois foram para o quarto. A sensação era boa, relaxada, natural, parecia a coisa certa a fazer — como se estivesse terminando algo que haviam começado no

tempo do colégio — até o último instante, quando toda a vida se esvaiu de dentro dele. Foi uma derrota de uma magnitude diferente, um golpe do qual ainda não tinha se recuperado.

— Dá medo na primeira vez com uma pessoa diferente — disse Melissa.  
— Quase nunca dá certo.

— A voz da experiência, hein?

— Acredite em mim, Kevin. A segunda vez é ótima.

Ele confirmou com um gesto de cabeça, totalmente preparado para aceitar aquilo como uma regra geral, mas também disposto a apostar que ele era a exceção que provava que não era bem assim. Porque, mesmo naquele momento, com a parte de trás do polegar de Melissa pousada muito de leve na virilha dele, Kevin continuava sem sentir nada além de uma discreta pulsação de ansiedade, a culpa residual de um homem casado com outra mulher em público. Parecia não ter importância o fato de sua esposa ter saído de casa, ou de pessoas da sua idade viverem tendo casos o tempo todo no *Carpe Diem*. Algumas eram casadas, outras não; as coisas naquele campo estavam bem mais frouxas do que antes. Era como se a consciência de Kevin estivesse fincada no passado, presa a um conjunto de condições que já não existiam mais.

— Não sei. — Kevin sorriu com tristeza, tentando fazer Melissa entender que não se tratava de nada pessoal. — Só não acho que vai dar certo.

— Tenho uns comprimidos — sussurrou ela. — Eles vão deixar você em forma.

— Sério? — Kevin ficou intrigado. Andava pensando em pedir ao médico que prescrevesse alguma coisa, mas não tivera coragem. — Onde foi que arranjou?

— Estão em toda parte. Você não é o único com esse problema.

— Ahn. — Seus olhos se desviaram para o sul. À diferença do rosto, os seios de Melissa continuavam com sardas. Kevin recordava afetosamente os seios de Melissa em seu último encontro. — Isso talvez funcione.

Melissa chegou mais perto, até seu nariz quase encostar no de Kevin. O cabelo dela tinha um cheiro bom, uma atmosfera sutil de amêndoas e de madressilva.

— Se você tiver uma ereção que dure mais do que quatro horas — disse ela —, na certa vou precisar de um intervalo para descansar.

Foi engraçado — uma vez que Kevin sabia que a ajuda de medicamentos estaria acessível no caso de uma emergência, ele se deu conta de que provavelmente não ia precisar. Percebeu aquilo antes mesmo de sair do bar e seu otimismo apenas cresceu a caminho da casa de Melissa. Dava uma sensação boa caminhar por uma rua escura, margeada por árvores, de mãos dadas com uma mulher atraente que tinha deixado bem claro que ele era bem-vindo em sua cama. Deu uma sensação melhor ainda quando ela o deteve na frente da Escola Bailey, empurrou-o contra uma árvore e beijou-o demoradamente e com força. Kevin não conseguia se lembrar da última vez em que havia experimentado aquela inconfundível sensação dupla, um corpo quente e macio se apertando na parte da frente, a casca fria da árvore espetando nas suas costas. *Segundo ano da faculdade?*, pensou. *Debbie DeRosa?* Os quadris de Melissa balançavam delicadamente, produzindo uma fricção intermitente e agradável. Ele baixou a mão e segurou sua bunda; era macia e feminina, pesada em sua mão. Ela ronronou enquanto introduzia e rodava a língua na boca de Kevin.

*Não há qualquer motivo para eu me preocupar*, pensou ele, imaginando os dois deitados no chão da sala, Melissa em cima, seu pau tão duro quanto o de um jovem universitário. *Eu vou dar conta do recado*.

Foi o cheiro de fumaça que os separou, a repentina consciência de que tinham companhia. Viraram-se e viram as duas Vigilantes correndo na direção deles, vindo da direção da escola — na certa estavam escondidas no mato, perto da entrada principal —, moviam-se com aquela estranha sensação de urgência, típica das Vigilantes, como se você fosse um velho amigo que eles tinham acabado de avistar no aeroporto. Kevin ficou aliviado de ver que nenhuma das duas era Laurie.

— Ah, meu Deus — resmungou Melissa.

Kevin não reconheceu a mulher mais velha, porém a mais jovem — uma garota magra, de pele ruim — lhe era familiar desde os tempos do mercado Safeway, onde ela havia trabalhado como caixa. Tinha um nome esquisito, de que Kevin não conseguia se lembrar, algo que parecia que estava escrito errado no crachá da garota.

— Oi, Shana — disse ele, tentando ser educado, tratando a jovem como trataria qualquer pessoa. — É Shana, não é?

A garota não respondeu, não que Kevin esperasse que ela fosse responder. Mesmo antes, quando tinha liberdade para falar, já não era mesmo muito falante. Limitou-se a cravar os olhos nele, como se estivesse tentando ler sua



mente. A parceira dela fez o mesmo com Melissa. Havia algo mais ríspido no olhar da mulher mais velha, pensou Kevin, uma pontada de julgamento arrogante.

— Sua piranha — disse Melissa para ela. Soou brava e um pouco bêbada. — Eu avisei a você sobre isso.

A Vigilante mais velha levou o cigarro aos lábios e as rugas em redor da boca se aprofundaram quando ela inalou. Soprou a fumaça na cara de Melissa, um jato fino e carregado de desprezo.

— Eu já disse para me deixar em paz — continuou Melissa. — Já não falei para você?

— Melissa. — Kevin pôs a mão no ombro dela. — Não faça isso.

Ela se desvencilhou da mão de Kevin.

— Essa piranha está me seguindo. É a terceira vez nesta semana. Já estou cheia.

— Tudo bem — disse Kevin. — Vamos embora daqui e pronto.

— Não está nada bem. — Melissa deu um passo à frente, mais perto das Vigilantes, enxotando-as como se fossem pombos. — Xô, piranhas! Sumam daqui, porra! Deixem a gente em paz!

As Vigilantes não se retiraram, nem recuaram em face da linguagem obscena. Limitaram-se a ficar paradas, calmas e inexpressivas, enquanto sugavam seus cigarros. A intenção era lembrar aos outros que Deus estava olhando, acompanhava passo a passo os menores gestos da pessoa — ao menos era isso que Kevin ouvira falar —, mas o efeito era sobretudo irritante, o tipo de coisa que uma criança faz para deixar os adultos nervosos.

— Por favor — disse Kevin, sem saber muito bem se estava falando com Melissa ou com as Vigilantes.

Melissa desistiu primeiro. Ela balançou a cabeça, com ar de nojo, deu as costas para as Vigilantes e deu um passo hesitante na direção de Kevin. Mas parou, emitiu um som de quem limpa a garganta, depois rodopiou e cuspiu na cara de sua perseguidora. Não foi uma cusparada de mentira — do tipo que faz mais barulho do que saliva —, mas uma escarrada bem molhada, daquelas de estudante de ginásio, que acertou em cheio na bochecha da mulher e fez um barulho bem audível na hora do impacto.

— Melissa! — gritou Kevin. — Meu Deus!

A Vigilante nem piscou, nem sequer limpou a cusparada espumosa que escorria pela ponta do seu queixo.

— Piranha — disse Melissa de novo, mas a convicção tinha abandonado sua voz. — Você me obrigou a fazer isso.

★ ★ ★

Eles percorreram o restante do caminho em silêncio, já não estavam mais de mãos dadas e faziam o melhor possível para ignorar suas acompanhantes de roupa branca, as duas Vigilantes que os seguiam tão de perto que dava a impressão de que todos eles formavam um único grupo, quatro amigos que passeavam à noite.

As Vigilantes pararam na frente do gramado da casa de Melissa — raramente elas entravam em propriedades particulares —, mas Kevin podia sentir os olhos das duas cravados em suas costas, enquanto subia a escadinha da porta. Melissa parou na entrada e enfiou a mão na bolsa, tateando em busca da chave.

— Ainda podemos continuar — disse para ele, sem a menor ponta de entusiasmo. — Se você quiser.

— Não sei. — Havia um peso de melancolia em seu peito, como se eles tivessem pulado direto para a decepção que sucede ao ato sexual. — Você não fica chateada se eu deixar para a próxima?

Ela negou com um aceno de cabeça, como se já desconfiasse que ele fosse dizer isso, enquanto lançava um olhar para as mulheres na calçada, por trás de Kevin.

— Odeio elas — disse Melissa. — Tomara que todas tenham câncer.

Kevin não se deu o trabalho de lembrar a Melissa que sua esposa era uma delas, mas ela se lembrou sozinha.

— Desculpe.

— Tudo bem.

— Só não entendo por que elas têm de estragar o prazer dos outros.

— Elas acham que estão nos fazendo um favor.

Melissa riu de leve, como se risse de alguma piada secreta, particular, depois beijou Kevin no rosto, de um jeito casto.

— Me telefone — disse para ele. — Não suma.

As Vigilantes estavam esperando na calçada, os rostos inexpressivos e pacientes, com cigarros recém-acesos nas mãos. Kevin pensou em sair correndo — em geral, elas não corriam atrás —, mas já era tarde e ele estava cansado, então partiram juntos. Kevin sentia certa leveza nos passos delas,

enquanto caminhavam a seu lado, a satisfação que se experimenta depois de um trabalho bem-feito.

## FITA AZUL

Nora Durst detestava admitir, mas *Bob Esponja* não estava mais funcionando. Na certa, era algo inevitável — tinha visto alguns episódios tantas vezes que já decorara quase todas as falas —, mas isso não facilitava nada. O programa era um ritual do qual ela se tornara dependente e, naquela época, rituais eram praticamente a única coisa que ela tinha.

Durante mais ou menos um ano — o último ano que passaram juntos — Nora e sua família tinham visto *Bob Esponja* de noite, logo antes de irem para a cama. Erin era pequena demais para entender a maior parte das piadas, mas o irmão dela, Jeremy — três anos mais velho e portanto um aluno do jardim de infância com muito mais experiência das coisas do mundo — olhava para a TV boquiaberto, como se um milagre estivesse se desenrolando diante de seus olhos. Dava uma risadinha quase a cada fala, mas, quando se soltava de verdade, a gargalhada explodia de sua boca em ondas estrondosas, que misturavam, em igual medida, aprovação e surpresa. De vez em quando — em geral, em resposta a alguma violência física, corpos esticados, achatados, torcidos, desfigurados, desmembrados ou projetados em alta velocidade a distâncias implausíveis —, o riso o dominava por completo e ele tinha de rolar para fora do sofá e se esticar no chão, onde podia esmurrar e espernear no tapete, até conseguir se acalmar.

Nora ficou admirada de ver como ela mesma desfrutava o programa. Tinha se habituado às porcarias sem graça que seus filhos insistiam em ver — *Dora*, *George*, *o Curioso* e *Clifford*, *o Gigante Cão Vermelho* —, mas *Bob Esponja* era de uma inteligência estimulante, e até um pouquinho mordaz, um arauto de dias melhores, de luz no final do túnel, quando todos eles fossem afinal libertados do gueto da programação infantil. Como gostava tanto do programa, intrigava-se com a indiferença do marido. Doug ficava sentado com eles na sala, mas raramente se dava o trabalho de erguer os olhos de seu BlackBerry. Era assim que ele era, naqueles últimos anos, tão absorvido em

seu trabalho que era raro estar presente por inteiro; só estava ali pela metade, um holograma de si mesmo.

— Você deveria assistir — disse ela. — É muito engraçado mesmo.

— Não leve a mal — disse ele. — Mas Bob Esponja é um pouco retardado.

— Não, ele é só amável. Concede a todos o benefício da dúvida, mesmo quando não merecem.

— Pode ser — admitiu Doug. — Mas gente retardada também faz isso.

Ela não teve muito mais sorte com suas amigas, as mães que faziam aula de ioga com ela às terças e quintas de manhã e de vez em quando saíam para beber à noite, se os maridos estivessem na área e pudessem ficar em casa tomando conta de tudo. Aquelas mulheres não compartilhavam o olímpico desdém de Doug por assuntos infantis, mas até elas se mostravam descrentes quando Nora fazia mil elogios à sua animação invertebrada predileta.

— Não consigo suportar esse desenho — disse Ellen Demos. — Mas aquela musiquinha do começo é o máximo.

— A lula é horrorosa — acrescentou Linda Wasserman. — Com aquele narigão fálco nojento. Detesto o jeito como aquele troço fica ali *balançando*.

Depois do 14 de Outubro, é claro, Nora esqueceu *Bob Esponja* durante muito, muito tempo mesmo. Saiu de casa e passou alguns meses na casa da irmã, tomando medicamentos pesados, tentando achar um jeito de lidar com o pesadelo que tinha tomado o lugar da sua vida. Em março, contra o conselho das amigas, da família, do terapeuta, ela voltou para casa, dizendo a si mesma que precisava de um tempo sozinha, sossegada, com suas memórias, um período de reflexão em que ela talvez conseguisse resolver se era desejável, ou mesmo possível, continuar a viver.

As primeiras semanas passaram numa neblina de tristeza e confusão. Nora dormia em qualquer horário, bebia vinho demais, para substituir os remédios Ambien e Xanax que ela havia jurado largar, e passava dias inteiros vagando pela casa cruelmente vazia, abria os armários, espiava em baixo das camas, como se de algum modo esperasse encontrar o marido e os filhos escondidos, sorrindo, como se acabassem de pôr em prática a maior pegadinha de suas vidas.

— Espero que estejam contentes! — Nora se imaginava falando para eles, fingindo estar irritada. — Eu já estava ficando maluca.

Certa noite, diante da televisão, mudando de canal a esmo, Nora esbarrou com um conhecido episódio de *Bob Esponja*, aquele em que neva na Fenda

do Biquíni. O efeito sobre ela foi instantâneo e arrebatador: pela primeira vez em séculos, as coisas ficaram claras na sua cabeça. Sentiu-se bem, melhor do que isso. Não foi só o fato de que pôde sentir a presença de seu filho pequeno na sala, sentado bem a seu lado, no sofá; às vezes era quase como se ela mesma fosse o próprio Jeremy, como se ela estivesse vendo o desenho através dos olhos do filho, experimentando o prazer desvairado que sente um menino de seis anos, rindo com tanta força que quase ficava sem fôlego. Quando terminou, Nora chorou durante muito tempo, mas foi um choro bom, do tipo que deixa a pessoa mais forte. Depois apanhou um caderno e escreveu o seguinte:

Acabei de ver o episódio da briga com bolas de neve. Você se lembra desse? Você gostava de brincar na neve, mas só quando não estava frio demais ou não ventava. Lembro a primeira vez que fomos passear de trenó naquele velho tobogã de madeira e você gritou porque caiu neve bem no seu rosto. Passou um ano inteiro antes de você deixar que a gente o levasse de novo, mas dessa vez você gostou mais porque, em vez de trenós no tobogã, tinha boias infláveis para deslizar na rampa de neve, e demoravam muito tempo até estourar. Você teria gostado de assistir ao *Bob Esponja* hoje, sobretudo a parte em que ele põe um funil na cabeça e transforma a cara numa metralhadora de bolas de neve. Tenho certeza de que você tentaria imitar o barulho que ele fazia enquanto disparava as bolas de neve e aposto que teria imitado muito bem, porque sei que você adora emitir sons engraçados.

Na manhã seguinte, ela foi até a loja Best Buy, comprou a coleção completa de DVDs de *Bob Esponja* e passou boa parte do dia assistindo a episódios da Primeira Temporada, uma maratona que a deixou irritada, vazia e com uma necessidade desesperada de ar fresco. Por essa mesma razão, ela sempre tinha tomado o cuidado de racionar o tempo de TV de seus filhos e compreendeu que precisava fazer o mesmo consigo.

Em pouco tempo, elaborou uma estratégia que se revelou surpreendentemente duradoura: permitia-se assistir ao *Bob Esponja* duas vezes por dia, uma de manhã e outra à noite, e sempre redigia uma breve anotação sobre cada episódio em seu caderno. Essa prática — que passou a dar a sensação de um ritual ligeiramente religioso — dava estrutura e foco à sua vida e a ajudava a não se sentir perdida o tempo todo.

Havia uns duzentos episódios no total, o que significa que ela viu cada um deles três ou quatro vezes ao longo de um ano. Mas tudo correu bem, ao menos até então. Nora ainda tinha algo para escrever depois de cada repetição, alguma lembrança ou observação desencadeada pelo que tinha

acabado de assistir, mesmo quando era um dos episódios que ela tinha passado a detestar.

Nos últimos meses, no entanto, algo fundamental se havia alterado. Ela quase nunca ria agora das palhaçadas de Bob Esponja; episódios que no passado ela havia achado divertidos agora lhe pareciam tremendamente tristes. O episódio daquela manhã, por exemplo, deu a impressão de ser uma espécie de alegoria, um comentário amargo sobre seu próprio sofrimento:

Hoje foi o concurso de dança, aquele em que Lula Molusco assume o corpo de Bob Esponja. Para fazer isso, ele sobe e entra na cabeça de Bob Esponja, convenientemente vazia, depois retira os braços e as pernas do amigo para substituí-los por seus próprios. Sim, eu sei que os membros de Bob Esponja podem se regenerar, mas, francamente, mesmo assim é uma coisa horrível. Durante a competição, Lula Molusco fica com câimbra e o corpo de Bob Esponja termina se contorcendo no chão, numa agonia. A plateia acha isso muito legal e lhe dá o Primeiro Lugar no concurso. Uma metáfora e tanto. A pessoa que sente mais dor vence. Será que isso significa que vou ganhar uma fita azul?

No fundo do coração, ela compreendia que o problema verdadeiro não era o desenho animado, mas a sensação de que estava perdendo seu filho outra vez, de que ele não estava mais na sala com ela. Fazia sentido, é claro: Jeremy agora teria nove anos, provavelmente já teria passado da idade em que assistiria aos desenhos de Bob Esponja com qualquer entusiasmo verdadeiro. Onde quer que ele estivesse, Jeremy estava fazendo outra coisa, crescendo sem ela, deixando Nora mais sozinha do que já estava.

O que ela precisava fazer era aposentar os DVDs — doá-los à biblioteca, jogá-los no lixo, qualquer coisa — antes que Bob Esponja e tudo o que estava associado a ele acabasse ficando para sempre envenenado dentro de sua mente. Teria sido mais fácil se Nora tivesse alguma coisa para pôr em seu lugar, algum desenho novo para preencher o espaço vago, mas toda vez que tentava perguntar a suas velhas amigas o que os filhos delas estavam vendo, as mulheres se limitavam a abraçá-la e dizer: *Ah, querida*, com a voz mais sofrida e baixinha do mundo, como se não tivessem entendido sua pergunta.

★ ★ ★

Antes do almoço, Nora deu um longo passeio de bicicleta na ciclovia Mapleton-Rosedale, um trecho de terra de vinte e sete quilômetros onde

antes ficava uma linha férrea. Ela gostava de andar lá nas manhãs dos dias úteis, quando a ciclovía ficava relativamente vazia e as pessoas que a usavam eram sobretudo adultos, em grande parte aposentados, que saíam de casa para fazer exercícios sem alegria que prolongavam a vida. Nora fazia questão de ficar longe dali nas tardes ensolaradas de final de semana, quando a pista ficava repleta de famílias em bicicletas e patins e a visão de uma garotinha com um capacete grande demais para sua cabeça ou de um garoto com cara zangada pedalando furiosamente numa bicicleta com rodinhas bambas extras podia obrigá-la a parar e se agachar, sem ar, na grama ao lado da ciclovía, como se tivesse levado um murro na boca do estômago.

Nora sentia-se forte e maravilhosamente vazia enquanto deslizava através do ar refrescante de novembro, desfrutando o calor intermitente do sol filtrado pelas árvores que pairavam acima da trilha, no geral despidas de suas folhagens. Era aquela época sem graça do outono que sucede o Dia das Bruxas, folhas amarelas e laranjas espalhadas pelo chão, como se fossem embalagens de bombons jogadas fora. Ela continuaria andando de bicicleta no ar frio pelo tempo que pudesse, ao menos até começar a nevar forte. Era a época mais triste do ano, sombria e claustrofóbica, um clima de depressão dos feriados e de listas sinistras. Ela torcia para conseguir escapar para algum lugar do Caribe ou do Novo México por um tempo, qualquer lugar iluminado e irreal, se conseguisse encontrar alguém para ir com ela que não a deixasse maluca. Tinha visitado Miami sozinha no ano anterior, o que fora um erro. Por mais que gostasse de solidão e de lugares estranhos, as duas coisas juntas lhe pregaram uma peça, liberando uma enxurrada de recordações e de perguntas que, em casa, ela conseguia manter debaixo de uma tampa bem fechada.

★ ★ ★

A ciclovía era mais ou menos uma linha reta, com a largura de um carro e coberta por uma camada de asfalto gasto, que levava do Ponto A para o Ponto B, sem nada de sensacional. Em teoria, era possível fazer um retorno em qualquer ponto do caminho, mas Nora ou ia até a metade — dando meia-volta na saída de Mapleton para cumprir um percurso fácil de ida e volta de vinte e cinco quilômetros — ou ia até o final em Rosedale, percorrendo um total de cinquenta e quatro quilômetros, distância que não



era nem um pouco desanimadora para ela. Se a ciclovía continuasse por mais dezoito quilômetros, ela seguiria em frente até o fim sem reclamar.

Não fazia muito tempo, Nora teria rido se alguém sugerisse que um passeio de bicicleta de três horas se tornaria parte de sua rotina diária. Naquele tempo, sua vida era tão cheia de afazeres, das emergências do dia a dia e da lista sempre crescente de tarefas a cumprir típicas de uma esposa e mãe em tempo integral que ela mal conseguia arranjar uma vaga no horário para duas aulas de ioga por semana. Mas naqueles dias ela não tinha rigorosamente nada melhor para fazer do que andar de bicicleta. Às vezes sonhava com aquilo pouco antes de pegar no sono, a visão hipnótica do chão sumindo por baixo da roda da frente, a sensação trepidante do mundo zunindo nas pontas do guidão.

Um dia teria de arranjar um emprego, ela entendia isso, não que houvesse alguma pressa especial naquele front. Com as generosas recompensas de sobrevivente que ela havia recebido — três pagamentos volumosos de seis dígitos do governo federal, que interviera depois que as companhias de seguro decretaram que a Partida Repentina era um “Ato de Deus”, pelo qual elas não poderiam ser responsáveis — ela imaginou que viveria bem durante os próximos cinco anos pelo menos, ou até mais, caso resolvesse vender a casa e se mudar para um imóvel menor.

No entanto, acabaria chegando o dia em que ela teria de começar a sustentar-se por conta própria e fazia todo o possível para pensar no assunto de vez em quando, mas nunca chegava a ir muito longe. Podia enxergar a si mesma se levantando de manhã cedo cheia de determinação, se vestindo, se maquiando e depois saindo pela porta, mas sua fantasia se desfazia nesse ponto. Para onde estava indo? A algum escritório? Uma escola? Uma loja? Não tinha a mínima ideia. Era formada em sociologia e ficara anos numa companhia de pesquisas que classificava as empresas em função de seus índices de responsabilidade social e ambiental, mas a única coisa que ela conseguia de fato se imaginar fazendo, àquela altura, era trabalhar com crianças. Infelizmente, havia experimentado fazer isso no ano anterior, prestara ajuda duas tardes por semana na antiga creche de Erin, e não tinha dado muito certo. Nora havia chorado muito na frente das crianças e abraçara algumas delas com um pouco de força demais, e com respeito e delicadeza lhe pediram para se afastar do trabalho.

*Ah, está bem, disse para si mesma. Talvez isso não tenha importância. Ou talvez nenhum de nós esteja mais neste mundo, daqui a cinco anos.*

Ou quem sabe ela encontraria um homem legal, se casaria e começaria uma família nova — quem sabe até uma família igual àquela que havia perdido. Era uma ideia sedutora, até que começava a pensar nas crianças substitutas. Seriam uma decepção, tinha certeza, porque seus filhos de verdade eram perfeitos, e como é que se pode competir com isso?

Desligou seu iPod e verificou no bolso do casaco para ter certeza de que o spray de pimenta estava à mão, antes de cruzar a Estrada 23 e entrar no comprido e ligeiramente estranho trecho da pista que passava entre o deserto industrial ao sul e a floresta mirrada que estava sob o controle nominal da Comissão de Parques do Condado ao norte. Nada de ruim jamais acontecera com ela por ali, mas tinha visto algumas coisas esquisitas nos últimos meses — um bando de cães que a seguiam na orla da mata, um homem musculoso assobiando alegremente, enquanto empurrava uma cadeira de rodas vazia pela ciclovia, e um padre católico de ar austero, de barba grisalha, que estendeu a mão, segurou e apertou o braço de Nora quando ela passou por ele. Depois, na semana anterior, dera de cara com um homem de terno sacrificando uma ovelha numa pequena clareira perto de um poço coberto de algas. O homem — um cara de meia-idade, atarracado, de cabelo crespo e óculos redondos — tinha uma faca grande apertada no pescoço do animal, mas ainda não havia começado a incisão. Tanto o homem quanto a ovelha olharam para Nora com uma expressão espantada e infeliz, como se ela os tivesse apanhado num ato que teriam preferido manter em caráter privado.

★ ★ ★

Na maioria das noites, ela jantava na casa da irmã. Às vezes era um pouco maçante, ser um eterno apêndice da família de outra pessoa, ter de representar o papel da tia Nora, se fingir interessada nas brincadeiras vãs de seus sobrinhos, mas mesmo assim ela se sentia agradecida por algumas horas de contato humano sem estresse, um alívio para o que, de outro modo, começaria a dar a sensação de um dia longo e muito solitário.

As tardes continuavam a ser seu maior problema, um bloco amorfo e banal de solidão. Foi por isso que ela ficou tão transtornada quando perdeu o emprego na creche — o trabalho preenchia as horas vazias de maneira perfeita. Nora executava tarefas, quando tinha a sorte de ter alguma para fazer — elas não eram nem de longe tão numerosas ou prementes como antes — e de vez em quando dava uma olhada num livro que pegara emprestado com

a irmã, uma dessas maníacas por compras, *Sr. Certo, bom de cama*, o tipo de comédia barata de que ela costumava gostar. Mas, naqueles dias, ler só servia para deixá-la sonolenta, sobretudo depois de andar de bicicleta durante muito tempo, e algo a que ela não podia se dar ao luxo de fazer era cochilar, pois não queria se ver plenamente acordada no escuro às três horas da manhã, com nada para lhe fazer companhia a não ser o interior da sua cabeça.

Naquele dia, porém, Nora recebeu uma visita inesperada, a primeira em muito tempo. O reverendo Jamison estacionou seu Volvo na frente da casa bem na hora em que ela estava empurrando a bicicleta para dentro da garagem, e Nora ficou surpresa com a alegria que sentiu ao vê-lo. Antes, as pessoas davam um pulo em sua casa o tempo todo, só para ver como ela estava, mas algum tipo de prazo de validade pareceu ter expirado uns seis meses antes. Pelo visto, mesmo as tragédias mais terríveis e as pessoas por elas arrasadas ficavam um pouco rançosas depois de um tempo.

— Oi — disse Nora, enquanto apertava o botão que baixava a porta automática da garagem, e depois desceu pela entrada para carros ao encontro do reverendo, movendo-se naquele bamboleio de pernas rijas típico de um ciclista que acabou de largar sua bicicleta, enquanto as travas de sua sapatilha de ciclista estalavam na calçada. — Como vai?

— Vou bem. — O reverendo sorriu de maneira pouco convincente. Era um magricela de aspecto preocupado, de jeans e uma camisa Oxford branca, parcialmente para fora da calça, batendo um envelope pardo na lateral da perna. — E você?

— Não vou mal. — Ela afastou uma mecha de cabelo que estava sobre os olhos, depois imediatamente se arrependeu do gesto, que revelava o desenho decorativo de marquinhos rosadas que seu capacete deixava na pele delicada da testa. — Dadas as circunstâncias.

O reverendo Jamison acenou com a cabeça, com ar sombrio, como se para levar em conta as circunstâncias.

— Você tem um tempinho? — perguntou.

— Agora? — disse ela, sentindo-se tímida de repente por causa das calças justas e do rosto suado, do cheiro fervente de esforço físico que sem dúvida estava contido por baixo do blusão impermeável. — Estou um caco.

Assim que falou aquilo, Nora parou um instante para se admirar com a persistência da própria vaidade. Achava que tinha deixado tudo aquilo para trás — afinal, que uso ela ainda poderia fazer da vaidade? —, mas pelo visto

era um reflexo profundo demais para realmente desaparecer de uma vez por todas.

— Não tem pressa — disse ele. — Posso esperar aqui fora enquanto você se apronta.

Nora não pôde deixar de sorrir, diante do absurdo da proposta. O reverendo Jamison havia ficado com ela, sentado a seu lado, em noites em que ela havia se sentido desnorçada de tanto sofrimento, e tinha preparado o café da manhã para Nora, quando acordava descabelada e babando no sofá da sala, ainda com as mesmas roupas do dia anterior. Era um pouco tarde para mostrar ares recatados de mocinha diante dele.

— Entre — disse ela. — Só preciso de um minuto.

★ ★ ★

Noutras circunstâncias, Nora acharia vagamente excitante entrar debaixo do chuveiro quente e vaporoso enquanto um homem razoavelmente bonito, que não era seu marido, a aguardava, paciente, no andar de baixo. Mas o reverendo Jamison era taciturno e sério demais, envolto demais em suas obsessões amargas para fazer parte ainda que do mais frágil cenário romântico.

Na verdade, Nora não tinha certeza se Matt Jamison ainda era reverendo. Ele já não pregava na Igreja da Bíblia de Sião, já não parecia fazer mais nada, a não ser pesquisar e distribuir aquele boletim horroroso, aquele mesmo que o convertera num pária. Pelo que Nora ouvira dizer, a esposa e os filhos o haviam deixado, os amigos já não falavam mais com ele e completos desconhecidos às vezes achavam necessário dar-lhe um soco na cara.

Nora tinha certeza de que ele merecia tudo isso, mas ainda nutria uma leve queda pelo homem que ele fora, aquele que a havia ajudado nos momentos mais sombrios de sua vida. Entre todos os possíveis conselheiros espirituais que se impuseram a ela após o 14 de Outubro, Matt Jamison era o único que Nora conseguia tolerar por mais de cinco minutos por vez.

De início, ficou um pouco ressentida com ele, da maneira como então se sentia ressentida com todo mundo. Nora não era religiosa e não conseguia entender por que todo padre, pastor e charlatão da linha Nova Era, num raio de oitenta quilômetros de Mapleton, achava que tinha o direito de se intrometer em sua desgraça e supunha que ela acharia reconfortante ouvir que aquilo que havia ocorrido a ela — o aniquilamento de sua família, para

dizer claramente — era, de algum jeito, parte dos planos de Deus ou o prelúdio de uma reunião gloriosa no paraíso, numa data posterior e não especificada. O monsenhor de Nossa Senhora das Dores tentou até convencê-la de que seu sofrimento não era assim tão excepcional, que na verdade ela não era em nada diferente de uma paroquiana dele que perdera o marido e três filhos num acidente de carro e, de algum modo, ainda conseguia levar uma vida razoavelmente feliz e produtiva.

— Mais cedo ou mais tarde, todos nós perdemos nossos entes queridos — disse ele. — Todos temos de sofrer, cada um de nós. Fiquei ao lado dela enquanto ela assistia aos quatro caixões que desciam à terra.

*Então ela tem sorte!*, Nora sentiu vontade de gritar. *Porque ao menos ela sabe onde eles estão!* Mas conteve a voz, entendendo como aquilo pareceria desumano, chamar de felizarda uma mulher em tais condições.

— Quero que o senhor vá embora — disse para o padre com voz calma. — Vá para casa e reze um milhão de ave-marias.

O reverendo Jamison tinha sido empurrado para ela pela irmã, que havia muitos anos era membro da Igreja da Bíblia de Sião, junto com Chuck e seus filhos. A família inteira dizia que havia nascido de novo no mesmo exato momento, um fenômeno que Nora achava altamente improvável, embora guardasse sua opinião para si. Diante da pressão de Karen, Nora e seus filhos assistiram uma vez a um culto na igreja — Doug se recusara a “desperdiçar a manhã de domingo” —, e Nora ficou um pouco desconcertada com o fervor evangélico do reverendo. Era um estilo de pregar que ela nunca tinha visto de perto, pois passara a infância como uma católica sem entusiasmo e em sua vida adulta era uma descrente igualmente desapaixorada.

Nora morava com a irmã havia alguns meses quando o reverendo começou a dar umas passadinhas por lá — convidado por Karen — para uma sessão semanal de “aconselhamento espiritual” informal. Nora não ficou contente com isso, mas àquela altura estava enfraquecida e abatida demais para resistir. No entanto, não era tão ruim quanto temia. Pessoalmente, o reverendo Jamison revelou-se muito menos dogmático do que era no púlpito. Não recorria a chavões nem a sermões pré-fabricados, nenhuma certeza agressiva acerca da sabedoria de Deus e de suas boas intenções. Diferentemente de outros clérigos com quem tinha lidado, ele fazia muitas perguntas sobre Doug, Erin, Jeremy e escutava suas respostas com toda atenção. Quando ia embora, Nora muitas vezes se surpreendia ao perceber que se sentia um pouco melhor do que antes de ele chegar.

Ela pôs um ponto final naquelas sessões quando resolveu voltar para casa, mas logo se flagrou telefonando para ele tarde de noite, toda vez que seus devaneios insones se tornavam suicidas, o que ocorria com bastante frequência. O reverendo sempre vinha prontamente, não importava que horas eram, e ficava a seu lado pelo tempo que ela precisasse. Sem a ajuda dele, Nora jamais teria sobrevivido àquela primavera desoladora.

Quando ficou mais forte, porém, Nora começou a se dar conta de que era o reverendo que estava desmoronando. Havia noites em que ele parecia tão desesperado quanto ela. Chorava com frequência e monologava continuamente sobre o Arrebatamento e sobre como era injusto ele ter ficado de fora.

— Eu dei tudo para Ele — queixava-se o reverendo Jamison, com a voz mergulhada na amargura de um amante rejeitado. — Minha vida inteira. E é assim que Ele me agradece?

Nora não tinha muita paciência para com esse tipo de conversa. A família do reverendo saíra incólume da catástrofe. Ainda continuavam no mesmo lugar onde ele os havia deixado, uma esposa amorosa e três filhos adoráveis. Na verdade, ele devia ficar de joelhos e agradecer a Deus todos os minutos do dia.

— Aquelas pessoas não eram em nada melhores do que eu — continuava ele. — Muitas eram até piores. Então como elas agora estão com Deus, enquanto eu continuo aqui?

— Como sabe que estão com Deus?

— Está nas Escrituras.

Nora balançou a cabeça. Ela havia avaliado a possibilidade do Arrebatamento ser uma explicação para os acontecimentos do 14 de Outubro. Todo mundo tinha feito isso. Era inevitável, já que tanta gente proclamava aquilo do alto dos telhados. Mas, para Nora, tal explicação nunca tinha feito o menor sentido, nem por um segundo.

— Não houve Arrebatamento algum — disse para ele.

O reverendo riu, como se tivesse pena de Nora.

— Está tudo lá, bem explicado, na Bíblia, Nora. “Dois homens estarão num campo; um será levado e outro será deixado.” A verdade está bem na nossa frente.

— Doug era ateu — Nora o lembrou. — Não existe Arrebatamento para ateus.

— É possível que em segredo ele fosse um crente. Talvez Deus conhecesse seu coração melhor do que ele mesmo.

— Não acho. Ele sempre se vangloriava de que não havia um pingote sequer de religião em seu corpo.

— Mas Erin e Jeremy... eles não eram ateus.

— Eles não eram nada. Eram só crianças pequenas. Só acreditavam na mãe e no pai e em Papai Noel.

O reverendo Jamison fechou os olhos. Ela não sabia dizer se ele estava pensando ou rezando. Quando abriu de novo os olhos, parecia tão perplexo quanto antes.

— Não faz sentido algum — disse ele. — Eu deveria estar entre os primeiros.

Nora lembrou-se daquela conversa depois, naquele mesmo verão, quando Karen informou que o reverendo Jamison tinha sofrido um colapso nervoso e havia tirado uma licença de seu trabalho na igreja. Nora pensou em dar um pulo na casa dele para ver como estava passando, mas não teve forças. Limitou-se a lhe mandar um cartão pelo correio, desejando uma melhora rápida, e ficou por isso. Não muito tempo depois, exatamente na ocasião em que a Partida Repentina completava seu primeiro aniversário, seu boletim foi publicado pela primeira vez, um compêndio de acusações virulentas contra os desaparecidos no 14 de Outubro, nenhum dos quais estava em condições de se defender. Um roubava o patrão. Outro dirigia embriagado. Outro tinha hábitos sexuais repulsivos. O reverendo Jamison ficava parado na esquina e distribuía a publicação de graça, e ainda que a maioria das pessoas se dissesse chocada com o que ele estava fazendo, nunca faltavam leitores para o jornal.

★ ★ ★

Depois que ele foi embora, Nora se perguntou como ela foi capaz de ser tão tola, tão completamente despreparada para algo que devia ser óbvio, desde o instante em que ele saiu do carro. E no entanto ela o havia convidado para entrar na cozinha e preparou para ele uma xícara de chá. Ele era um velho amigo, dissera para si mesmo, e eles tinham de pôr as notícias em dia.

Mas era mais do que isso, Nora se deu conta, enquanto observava seu rosto pálido, abatido, do outro lado da mesinha da copa. O reverendo Jamison estava um trapo, mas alguma parte de Nora o respeitava por isso, a mesma parte que às vezes sentia vergonha da própria sanidade abalada, a maneira

como ela havia conseguido tocar o barco depois de tudo o que havia acontecido, aferrando-se a alguma ideia patética de uma vida normal — oito horas de sono, três refeições por dia, muito ar livre e exercícios físicos. Às vezes aquilo também parecia loucura.

— Como você vai? — perguntou Nora num tom de voz vacilante, dando a entender que não estava só falando por falar.

— Estou exausto — disse ele, e parecia mesmo. — É como se meu corpo estivesse cheio de cimento fresco.

Nora confirmou com um aceno de cabeça, solidária. O próprio corpo naquele momento lhe dava uma sensação ótima, quente e relaxado depois do banho, os músculos agradavelmente doídos, o cabelo molhado preso com firmeza num turbante feito com uma toalha bastante felpuda.

— Você deveria descansar — disse ela. — Tire férias, sei lá.

— Férias. — Ele deu uma risadinha de desdém. — O que eu faria de férias?

— Ficaria na beira da piscina. Esqueceria as coisas por um tempo.

— Já passamos dessa fase, Nora. — Falou com ar grave, como se estivesse falando com uma criança. — Não dá mais para ficar sentado na beira da piscina.

— Talvez não — admitiu Nora, lembrando-se das próprias tentativas vãs de se divertir ao sol. — Foi só uma ideia.

Ele a fitou de um jeito que não pareceu particularmente amigável. Quando o silêncio se tornou mais tenso, ela imaginou se não seria uma boa ideia perguntar a ele sobre os filhos, descobrir se houvera algum tipo de reconciliação entre ele a família, mas acabou decidindo que não convinha. Quando as pessoas tinham uma notícia boa para dar, não era preciso arrancar delas.

— Vi seu discurso no mês passado — disse ele. — Fiquei impressionado. Você deve ter precisado de muita coragem para fazer aquilo. Você falou de maneira muito natural.

— Obrigada — disse ela, satisfeita com o elogio. Não era pouca coisa, vindo de um orador veterano como o reverendo. — Achei que não ia conseguir, mas... Não sei. Acho que senti que era algo que eu precisava fazer. Para manter viva a memória deles. — Baixou a voz, e fez uma confissão ao reverendo. — Faz só três anos, mas às vezes parece que faz séculos.

— O tempo de uma vida. — Ele ergueu sua caneca, cheirou o vapor que subia serpenteando do líquido, depois baixou a caneca sem tomar nenhum



gole. — Todos nós vivíamos num mundo de sonhos.

— Olho para as fotos de meu filhos — disse ela — e às vezes eu nem choro. Não sei dizer se é uma bênção ou uma maldição.

O reverendo Jamison confirmou com um gesto de cabeça, mas ela percebeu logo que na verdade ele não estava nem ouvindo. Depois de um momento, ele esticou a mão para apanhar algo no chão — era o envelope de papel pardo que segurava na entrada — e colocou-o sobre a mesinha da copa. Nora tinha se esquecido totalmente do envelope.

— Trouxe para você o novo exemplar de meu boletim — disse ele.

— Não, obrigada. — Levantou a mão num gesto educado de recusa. — Eu realmente não...

— Não. — Havia um tom incisivo de advertência em sua voz. — Você realmente deve.

Nora olhou com ar atônito para o envelope que o reverendo empurrava de leve na direção dela com a ponta do dedo indicador. Um som estranho saiu da boca dela, algo entre uma tosse e um riso.

— Está brincando?

— É sobre seu marido. — Em favor do reverendo, é preciso dizer que ele parecia autenticamente constrangido. — Eu podia ter publicado isso no número de outubro, mas segurei o assunto até depois do seu discurso.

Nora empurrou o envelope de volta sobre a mesa. Não fazia a menor ideia do segredo que ele continha e também não tinha a menor vontade de descobrir.

— Por favor, vá embora da minha casa — disse ela.

O reverendo Jamison levantou-se devagar, como se seu corpo estivesse de fato cheio de cimento fresco. Olhou pesarosamente para o envelope por um instante, depois balançou a cabeça.

— Desculpe-me — disse para ela. — Sou apenas o mensageiro.

## VOTO DE SILÊNCIO

De noite, depois da Subsistência diária e da Hora da Autoacusação, eles reexaminavam as pastas das pessoas que pretendiam seguir. Em teoria, é claro, estavam prontos a seguir qualquer pessoa, mas determinados indivíduos tinham sido selecionados como alvos de uma atenção especial, ou porque um dos Supervisores achava que estavam maduros para o recrutamento, ou porque algum residente tinha feito um Pedido Formal para que fizessem uma vigilância mais cerrada. Laurie lançou um olhar para a pasta no seu colo: *ARTHUR DONOVAN, 56 anos, Winslow Road 438, Apt. 3*. A fotografia grampeada na parte interna da capa mostrava um homem de meia-idade absolutamente comum — meio calvo, barrigudo, apavorado — empurrando um carrinho de compras vazio num estacionamento, seus fiapos de cabelo penteados sobre o crânio deslocados por uma brisa forte. Pai divorciado de dois filhos já crescidos, o Sr. Donovan trabalhava como técnico da Merck e morava sozinho. Segundo a mais recente anotação nos registros, Donovan havia passado a noite da quinta-feira anterior em casa, vendo televisão, sozinho. Deve ter feito isso muitas vezes, porque Laurie nunca pusera os olhos nele, em todas as suas rondas noturnas.

Sem se dar o trabalho de recitar a prece silenciosa obrigatória pela salvação da alma de Arthur Donovan, ela fechou a pasta e entregou para Meg Lomax, a nova convertida que ela ajudava a treinar. Toda noite, na Autoacusação, Laurie se obrigava a trabalhar exatamente aquela fraqueza, mas, apesar de suas repetidas promessas de melhorar, continuava a esbarrar nos limites da própria compaixão: Arthur Donovan era um estranho e ela não conseguia nutrir qualquer grande preocupação a respeito do que acontecera com ele no Dia do Juízo. Essa era a triste verdade, e não havia muito sentido em fingir que era diferente.

*Sou só humana, disse para si. Não há espaço suficiente para todo mundo no meu coração.*

Meg, por outro lado, observou a fotografia de Donovan com uma expressão de melancolia, balançando a cabeça e estalando a língua, num volume que seria inaceitável para qualquer um, mas não para uma Iniciante. Após um momento, ela pegou sua caderneta, rabiscou algumas palavras e mostrou a mensagem para Laurie.

**Coitado. Parece tão perdido.**

Laurie confirmou com um aceno de cabeça brusco, então esticou a mão para alcançar a pasta seguinte sobre a mesinha de centro, resistindo ao impulso de pegar sua caderneta e lembrar a Meg que ela não precisava escrever tudo o que lhe passava pela cabeça. Era uma coisa que Meg logo iria compreender por conta própria. Todo mundo acabava compreendendo, depois que o choque inicial de não poder falar se diluía. Só que algumas pessoas demoravam mais do que outras para se dar conta de como precisamos de poucas palavras para existir e quanta coisa na vida é possível negociar em silêncio.

Havia doze deles na sala cheia de fumaça de cigarro, o contingente de Vigilantes naquela noite, passando pastas de um para o outro, em sentido horário. A intenção era que fosse uma atividade solene, mas havia momentos em que Laurie esquecia seu propósito ali e começava a se divertir, selecionando suculentas pitadas de fofoca local dos registros, ou apenas renovando sua ligação com o mundo pecaminoso, mas colorido, ao qual ela supostamente havia renunciado. Sentia-se caindo naquela tentação enquanto lia a pasta de Alice Souderman, sua velha amiga na Associação de Pais e Mestres da escola Bailey. As duas haviam presidido o comitê do leilão por três anos seguidos e tinham permanecido muito próximas, mesmo durante o período turbulento que precedeu a conversão de Laurie. Ela não pôde deixar de intrigar-se com a notícia de que, ainda na semana anterior, Alice fora vista jantando na Trattoria Giovanni com Miranda Abbott, outra boa amiga de Laurie, mãe estressada de quatro filhos, com um ótimo senso de humor e um talento feroz para imitações. Laurie não sabia que Alice e Miranda eram amigas e lhe veio a certeza de que as duas tinham passado boa parte do tempo do jantar conversando a respeito *dela* e de como sentiam falta de sua companhia. Na certa ficaram perplexas com sua decisão de se retirar do mundo delas e zombavam da comunidade em que ela agora vivia, mas Laurie resolveu não pensar sobre isso. Em vez disso, concentrou-se na lasanha vegetariana da Trattoria Giovanni — era a especialidade do restaurante, o molho branco era saboroso, mas não gorduroso demais, as cenouras e a

abobrinha picadas tão finas que quase ficavam translúcidas — e numa imagem de si mesma como a terceira pessoa à mesa, bebendo vinho e rindo com as velhas amigas. Sentiu um impulso de sorrir, e teve de contrair a boca para se impedir.

*Por favor, ajude Alice e Miranda,* rezou Laurie quando fechou a pasta. *São pessoas boas. Tenha misericórdia delas.*

O que mais a chocava ao ler o conteúdo das pastas era como as coisas em Mapleton pareciam enganosamente *normais*. A maioria das pessoas se limitava a pôr antolhos e tocar adiante seus afazeres triviais, como se o Arrebatamento nunca tivesse acontecido, como se esperassem que o mundo fosse durar para sempre. Tina Green, nove anos de idade, ia para sua aula semanal de piano. Martha Cohen, vinte e três anos, ficava duas horas na academia de ginástica, depois passava numa drogaria da rede CVS a caminho de casa para comprar uma caixa de absorventes internos e um exemplar de *US Weekly*. Henry Foster, cinquenta e nove anos, ia passear com seu cão west highland terrier pela trilha em volta do lago Fielding e muitas vezes interrompia a caminhada para que o cachorro pudesse interagir com seus pares. Lance Mikulski, trinta e sete anos de idade, foi visto entrando na loja Victoria's Secret no shopping Two Rivers, onde adquiriu algumas peças de lingerie não especificadas. Aquela foi uma revelação constrangedora, pois a esposa de Lance, Patty, estava sentada bem em frente de Laurie naquele momento e dali a pouco teria oportunidade de ler o conteúdo da pasta. Patty parecia uma mulher bastante agradável — é claro, a maioria das pessoas parecia bastante agradável, quando não podia falar — e o coração de Laurie se encheu de pena dela. Sabia exatamente qual era a sensação de ler revelações constrangedoras sobre o marido, enquanto uma porção de pessoas que enchiam a sala liam a mesma informação e fingiam não perceber nada. Mas você sabia que elas estavam olhando e se perguntando se você seria capaz de manter o controle de si mesma, de alhear-se de emoções vulgares como o ciúme e a raiva e manter a mente no lugar, concentrada com firmeza no mundo que está para vir.

Ao contrário de Patty Mikulski, Laurie não tinha feito um Pedido Formal para que vigiassem seu marido; o único pedido que fez foi em relação à filha. No que lhe dizia respeito, Kevin podia se virar sozinho: era adulto e podia tomar as próprias decisões. Aconteceu que tais decisões incluíam ir para casa com duas mulheres diferentes, cujas pastas ela tivera o azar de examinar e por cujas almas ela deveria rezar, como se houvesse alguma chance de ela fazer isso.

Causara uma mágoa maior do que ela havia previsto imaginar o marido beijando outra mulher, tirando sua roupa num quarto desconhecido, deitando-se tranquilamente a seu lado depois de terminarem de fazer amor. Mas Laurie não tinha chorado, não tinha traído um pinga da dor que estava sentindo. Aquilo só acontecera uma vez desde que viera morar ali, no dia em que abriu a pasta da filha e descobriu que a fotografia familiar no verso da capa da pasta — um comovente retrato de escola de uma aluna do segundo ano de cabelo comprido e rosto doce e risonho — tinha sido substituída pelo que parecia uma fotografia de identificação da polícia de uma criminosa adolescente com olhos grandes e sem vida e cabeça raspada, uma garota com uma desesperada carência de amor materno.

★ ★ ★

Elas se agacharam atrás de uns arbustos na Russel Road, espiando por entre as folhas a porta da frente de uma grande casa branca em estilo colonial com um jardim de inverno de tijolos, que pertencia a um homem chamado Steven Grice. Havia luzes no térreo e no primeiro andar e parecia provável que a família de Grice estivesse em casa naquela noite. Apesar disso, Laurie decidiu ficar de vigia por um tempo — seria uma lição de persistência, a qualidade mais importante que um Vigilante poderia cultivar. Meg se pôs atrás dela, encolhendo-se para se proteger do frio.

— Puxa — sussurrou. — Estou morrendo de frio.

Laurie encostou um dedo nos lábios e balançou a cabeça.

Meg fez uma careta, articulando só com os lábios e sem qualquer som a palavra *Desculpe*.

Laurie deu de ombros, tentou não dar importância àquela gafe. Era a primeira vez que Meg saía para uma Vigilância Noturna; ainda levaria um tempo para ela se habituar. Não era só o sacrifício físico, mas o constrangimento social — a *grosseria*, até — de não poder preencher o silêncio com conversas, de mais ou menos ignorar a pessoa que estava respirando bem ao seu lado. Ia de encontro a todo impulso social que era enfiado na cabeça das pessoas quando crianças, sobretudo quando se tratava de uma mulher.

E no entanto Meg iria se acostumar, assim como Laurie tinha se acostumado. Ela talvez até viesse a apreciar a liberdade que advinha do silêncio, a paz que decorria da renúncia. Aquilo foi algo que Laurie aprendera

no inverno depois do Arrebatamento, quando ela passou todo o tempo com Rosalie Sussman. Quando as palavras são fúteis, é melhor guardá-las para si, ou até nem pensar nelas.

Um carro fez uma curva, saiu da Monroe e entrou na Russel, apanhando-as num jato prateado de luz, enquanto se aproximava fazendo barulho. O silêncio pareceu ainda mais profundo depois de sua passagem, a imobilidade, mais completa. Laurie observou uma folha que caiu de um bordo quase nu à beira do meio-fio, oscilou através do fecho de luz de um poste e tombou sem ruído sobre a calçada, mas a perfeição do momento foi sobrepujada pela agitação de Meg, enquanto vasculhava o bolso do casaco. Depois do que soou como uma prolongada luta, ela conseguiu extrair sua caderneta e rabiscar uma pergunta rápida, quase ilegível à luz da lua:

**Que horas são?**

Laurie levantou a mão direita, puxou a manga da camisa para trás e bateu com o dedo algumas vezes no pulso sem relógio, um gesto que visava transmitir a ideia de que o tempo era irrelevante para um Vigilante, que era preciso despojar-se das expectativas e ficar quieto e sossegado pelo tempo que fosse necessário. Com sorte, era até possível ter prazer com aquilo, experimentar a espera como uma forma de meditação, um modo de fazer contato com a presença de Deus no mundo. Às vezes acontecia: havia noites no verão em que o ar parecia impregnado de uma serenidade divina; bastava fechar os olhos e inspirar bem fundo. Mas Meg parecia frustrada, por isso Laurie apanhou seu bloquinho de notas — algo que ela esperava não ter de fazer — e escreveu uma só palavra, com grandes letras maiúsculas:

**PACIÊNCIA.**

Meg estreitou as pálpebras para ler durante alguns segundos, como se a ideia lhe fosse estranha, antes de se atrever a um pequeno aceno de cabeça em sinal de compreensão. Sorriu com coragem ao fazer aquilo e Laurie pôde ver como ela estava agradecida por aquele fiapo de comunicação, a mera gentileza de uma resposta.

Laurie sorriu para ela, recordando a própria fase de treinamento, a sensação que tivera, de estar completamente isolada, apartada de todos a quem amava — naquela altura, Rosalie Sussman tinha se mudado de Mapleton, para ajudar a lançar um centro novo em Long Island —, uma solidão que se tornou ainda mais penosa devido ao fato de ela ter feito isso por sua espontânea vontade. Não fora uma decisão fácil, mas, lembrando-se agora, parecia não só correta, mas inevitável.

Depois que Rosalie se mudou para a rua Gingko, Laurie fez o melhor que pôde para recuperar sua vida como esposa, mãe e cidadã participativa. Por um breve tempo, foi como uma bênção escapar do campo de força da dor de sua melhor amiga — voltar a fazer ioga e trabalho voluntário, dar longas caminhadas em torno do lago, monitorar os deveres de casa de Jill, se preocupar com Tom e tentar restaurar seu relacionamento com Kevin, que não escondia o fato de estar se sentindo rejeitado —, mas essa sensação de liberdade não durou muito tempo.

Ela disse ao seu terapeuta que aquilo lhe fazia lembrar da volta para casa no verão após seu primeiro ano na universidade Rutgers, retornando para o calor da família e dos amigos, e adorando aquilo durante uma ou duas semanas. Mas depois sentira-se aprisionada, morta de vontade de voltar para a faculdade, com saudade de suas colegas de alojamento e de seu novo e bonito namorado, das aulas, das festas e das conversas com risadinhas, já na cama, antes de dormir, compreendendo pela primeira vez que *aquilo* era sua vida real agora, e que *isso*, apesar de tudo que ela havia amado ali, estava terminado para sempre.

É claro que dessa vez tinha saudade não da empolgação e do romantismo da faculdade; mas da tristeza que havia compartilhado com Rosalie, da penumbra opressiva de seus compridos e silenciosos dias, selecionando fotografias de Jen, avaliando as possibilidades de um mundo que já não continha mais aquela menina doce e linda. Tinha sido horrível viver sabendo daquilo, aceitar sua brutal finalidade, mas dava a sensação de algo real, muito mais do que pagar as contas ou planejar a campanha de donativos da primavera para a biblioteca, ou recordar a si mesma que devia comprar uma caixa de massa tipo linguine no supermercado, ou parabenizar a própria filha pela nota 92 que tirou numa prova de matemática, ou esperar com toda paciência que o marido terminasse de rosnar e se retirasse de dentro do corpo dela. Agora era disso que ela precisava fugir, a irrealidade de fingir que as coisas estavam mais ou menos bem, que eles tinham topado com um buraco na estrada e deviam simplesmente ir em frente, cumprir suas obrigações, pronunciar suas frases vazias, desfrutar os prazeres simples que o mundo ainda insistia em oferecer. E ela encontrara aquilo que procurava nos Remanescentes Culpados, um regime de rigor e humilhação que ao menos oferecia a dignidade de dar a sensação de que a existência comportava algum tipo de relação com a realidade, que não era mais preciso estar engajado num jogo de faz de conta que consumiria o resto de sua vida.

Mas ela era uma mulher de meia-idade, uma esposa e mãe de quarenta e seis anos cujos melhores anos da vida tinham ficado para trás. Meg era uma garota sexy, de olhos grandes e vinte e poucos anos de idade, com sobrancelhas depiladas com cera, luzes louras no cabelo e vestígios do trabalho de uma manicure profissional. Havia um anel de noivado preso com fita adesiva em seu Livro de Memórias, uma pedra preciosa do tamanho de um seixo, que devia ter feito suas amigas darem gritos de inveja. Eram tempos terríveis para quem era jovem, pensou Laurie, ver todas suas esperanças e todos seus sonhos varridos, saber que o futuro com que contavam até então nunca chegaria. Devia ser a mesma sensação de ficar cego ou perder uma perna, ainda que você acreditasse que Deus tinha reservado alguma coisa melhor para você, logo depois da esquina, algo maravilhoso que você não podia nem imaginar.

Abrindo uma nova página da caderneta, Meg começou a escrever uma mensagem nova, mas Laurie não chegou a ver o que era. Uma porta abriu com um rangido e as duas viraram juntas para ver Steven Grice pisar na escadinha da saída de sua casa, um sujeito de aspecto comum, de óculos, um pouco barrigudo e com um pulôver de lã que parecia esquentar bastante, e que Laurie não pôde se impedir de cobiçar. O homem hesitou um momento ou dois, como se estivesse se aclimatando à noite, depois desceu a escadinha da porta de casa e atravessou o gramado até seu carro, que piscou num aceno animado de boas-vindas quando ele se aproximou.

Elas partiram no encalço no carro, mas o perderam de vista quando o veículo dobrou à direita no final do quarteirão. A hipótese de Laurie, com base em nada além de um palpite, era que Grice provavelmente ia até o supermercado Safeway para se abastecer com algum tipo de lanchinho noturno, bolo de blueberry ou sorvete de nozes ou quem sabe uma barra de chocolate amargo recheada com amêndoas, qualquer das muitas e muitas guloseimas com que ela se apanhava sonhando em momentos de distração ao longo do dia, em geral no vasto interlúdio esfomeado que separava a tigela de mingau de aveia da manhã da tigela de sopa da noite.

O supermercado ficava a dez minutos de caminhada rápida da Russel Road, o que significava que, se ela estivesse certa em sua hipótese e se as duas andassem bem depressa, poderiam alcançar Grice antes de ele sair da loja. É claro, depois disso, provavelmente, ele ia entrar no carro e voltar para casa, mas não fazia qualquer sentido se antecipar demais em suas previsões. Além disso, Laurie queria que Meg compreendesse que a Vigilância era uma



atividade fluida, com base na improvisação. Era plenamente possível que Grice não fosse ao supermercado e que as duas o perdessem de vista totalmente. Mas também era provável que, enquanto estivessem à procura dele, topassem com alguém da lista e pudessem transferir sua atenção para essa nova pessoa. Ou então podiam topar com uma situação totalmente imprevista, envolvendo pessoas cujos nomes elas nem sequer sabiam. O objetivo era ficar de olhos abertos e ir aonde fosse possível fazer o maior bem.

De todo modo, era um alívio estar em movimento, não estar mais escondida atrás da moita. Na opinião de Laurie, o exercício e o ar fresco eram as melhores partes daquele trabalho, ao menos em noites como aquela, quando o céu estava claro e a temperatura ainda estava acima dos cinco graus. Ela tentava não pensar em como seria em janeiro.

Ela parou na esquina a fim de acender um cigarro e ofereceu um para Meg, que recuou ligeiramente, antes de erguer a mão num fútil gesto de recusa. Laurie sacudiu o maço de cigarros com mais insistência. Detestava ser linha-dura, mas a regra era absolutamente clara: *Em Público, um Vigilante Deve em Todos os Momentos Levar Na Mão um Cigarro Aceso.*

Como Meg continuou a resistir, Laurie pegou um cigarro — os Remanescentes Culpados forneciam os de uma marca genérica, de sabor agressivo e odor suspeitosamente químico, comprados no atacado no escritório regional —, enfiou entre os lábios da jovem e pegou um fósforo para acendê-lo. Meg engasgou com violência na primeira tragada, como sempre acontecia com ela, em seguida, depois que passou o acesso de tosse, exalou um pequeno gemido de repulsa.

Laurie deu uma palmadinha em seu braço, comunicando que ela estava indo muito bem. Se pudesse falar, recitaria o lema que as duas tinham aprendido na Orientação: *Nós não fumamos por prazer. Fumamos para proclamar nossa fé.* Meg sorriu constrangida, fungou e esfregou os olhos, quando as duas retomaram sua marcha.

De certo modo, Laurie tinha inveja do sofrimento de Meg. Era assim que devia ser — um sacrifício para Deus, uma mortificação da carne, como se cada baforada fosse uma profunda violação pessoal. Era diferente para Laurie, que tinha sido fumante durante toda a faculdade e até os vinte e poucos anos. Só parou de fumar, e com dificuldade, no início da primeira gravidez. Para ela, voltar a fumar, depois de tantos anos, era como voltar para casa, um prazer ilícito introduzido clandestinamente no árduo regime de privações

que marcava a vida nos Remanescentes Culpados. O sacrifício, no caso dela, seria parar de fumar pela segunda vez, não poder saborear o primeiro cigarro da manhã, aquele que tinha um sabor tão bom que às vezes, deitada em seu saco de dormir, ela se apanhava soprando anéis de fumaça na direção do teto, só para se divertir.

★ ★ ★

Não havia muitos carros no estacionamento do supermercado Safeway, mas Laurie não podia excluir a possibilidade de um deles pertencer a Grice — ele dirigia um sedã comum, escuro, e ela não se dera o trabalho de observar a marca, o modelo nem o número da placa —, assim as duas entraram no supermercado para procurá-lo e dividiram-se a fim de cobrir uma área maior.

Ela começou na seção de frutas e verduras, desviando-se das frutas para evitar a tentação — era penoso olhar para os morangos e até pensar na palavra “morango” —, e passou correndo pelos legumes, que pareciam tão incrivelmente frescos e convidativos, cada um era uma propaganda do planeta condenado que os havia produzido: brócolis verde-escuros, pimentões vermelhos, densas esferas de repolho, cabeças úmidas de alface romana, suas folhas verdes e largas presas por fios metálicos brilhantes.

O setor da padaria era uma tortura, mesmo naquela hora já tardia — só havia poucas bisnagas, uma rosca de gergelim e uma broa de banana com nozes, sobras destinadas à lata dos pães dormidos. Um persistente odor de pão fresco permeava a área, misturando-se às luzes brilhantes e à música ambiente — “Rhinestone Cowboy”, por incrível que pareça, uma canção que havia anos ela não escutava — para induzir uma espécie de sobrecarga sensorial. Ela sentia-se quase tonta de desejo, espantada de lembrar que o supermercado, antes, lhe parecia penosamente enfadonho, apenas mais uma parada obrigatória no circuito mundano de sua vida, tão pouco excitante quanto o posto de gasolina ou a agência de correio. Em questão de meses, o supermercado tinha se tornado exótico e profundamente emocionante, um jardim do qual ela e todo mundo que conhecia tinham sido expulsos, quer soubessem disso ou não.

Laurie só conseguiu respirar com mais tranquilidade quando deu as costas para o balcão de delicatessen e procurou abrigo entre os alimentos embalados — latas de feijão, caixas de massa seca e garrafas de molho de salada —, um

monte de coisas gostosas, mas nada que obrigasse a pessoa a se controlar para não apanhar e enfiar na boca. A mera variedade de produtos era um assombro e, de certo modo, era ridícula e impressionante ao mesmo tempo: quatro prateleiras dedicadas só a molhos barbecue, como se cada marca tivesse suas propriedades únicas e poderosas.

O supermercado Safeway parecia meio adormecido, só um ou dois fregueses por setor, a maioria deles se movendo devagar, examinando as prateleiras com expressões de espanto. Para seu alívio, todos eles passavam sem dizer palavra, sem dar sequer um alô ou um aceno com a cabeça. Conforme o protocolo dos Remanescentes Culpados, o correto não era responder a um cumprimento com um sorriso ou um aceno de mão, mas fitando diretamente nos olhos da pessoa que havia cumprimentado e contando até dez bem devagar. Era algo bastante constrangedor de se fazer com estranhos e com pessoas conhecidas só de vista, mas era totalmente irritante quando a pessoa se encontrava frente a frente com um amigo íntimo ou algum familiar, e os dois ficavam ruborizados e inseguros — abraços estavam expressamente proibidos —, e uma enxurrada de sentimentos indescritíveis enchia o coração.

Ela esperava reencontrar-se com Meg em algum ponto depois do setor de comida congelada — o centro geográfico da loja —, mas não ficou alarmada, a não ser quando passou pelo setor de bebidas, de café e chá, de biscoitos e petiscos, sem qualquer sinal dela. Seria possível que as duas tivessem se cruzado sem perceber, que houvessem virado no corredor exatamente no mesmo momento em que a outra fez a curva na outra extremidade?

Laurie ficou tentada a voltar atrás, mas seguiu em frente até o setor de laticínios, onde Meg começara sua busca. Estava vazio, a não ser por um único cliente parado diante dos queijos fatiados, um homem careca, com um físico magro de corredor, que ela identificou, tarde demais, como Dave Tolman, pai de um antigo colega de escola de seu filho. Ele se virou e sorriu, mas ela fingiu não perceber.

Sabia que tinha sido irresponsável ao deixar Meg fora do alcance de sua vista daquele modo. As primeiras semanas no condomínio podiam ser difíceis e desnorteantes, os novatos tinham uma tendência para fugir de volta para suas vidas antigas, se tivessem uma oportunidade. Aquilo não era um problema, é claro: os Remanescentes Culpados não eram um culto, como tanta gente ignorante gostava de afirmar. Todo residente era livre para ir e vir

conforme sua vontade. Mas uma das tarefas do Iniciador era proporcionar orientação e companhia durante este tempo vulnerável, ajudando o Iniciante a vencer as inevitáveis crises e os momentos de fraqueza, para não perder a coragem e acabar fazendo algo de que iria se arrepender por toda a eternidade.

Ela pensou em dar uma volta rápida completa na loja para verificar de novo, depois resolveu seguir direto para o estacionamento, para o caso de Meg estar tentando fugir. Pegou um atalho entre duas caixas registradoras vazias, tentando não pensar em como seria voltar para o condomínio sem sua Iniciante e ter de explicar que a deixara sozinha, e logo num supermercado.

As portas automáticas se abriram devagar, libertando-a para entrar na noite, que parecia ter ficado sensivelmente mais fria. Ela estava prestes a começar a correr, quando, para seu imenso alívio, viu que não seria necessário. Meg estava parada bem na sua frente, uma jovem arrependida, em roupas brancas e sem forma, segurando um pedaço de papel na frente do peito.

**Desculpe**, dizia o texto. **Não conseguia respirar lá dentro.**

★ ★ ★

Já passava bastante da meia-noite quando as duas voltaram para a rua Ginkgo, esgueirando-se entre as duas barreiras de concreto e assinando seus nomes na guarita da entrada. Aquelas medidas de segurança tinham sido implementadas dois anos antes, depois da batida policial que resultou no martírio de Phil Crowther — homem casado, de quarenta e dois anos, pai de três filhos —, e em ferimentos em dois outros residentes. Os guardas haviam entrado no condomínio no meio da noite, munidos de mandados de busca e pés de cabra, na esperança de resgatar duas meninas que, afirmava o pai delas, tinham sido raptadas e eram mantidas presas, contra sua vontade, pelos Remanescentes Culpados. Enraivecidos com o que lhes pareceu serem táticas da Gestapo, alguns residentes atiraram garrafas e pedras contra os invasores; os guardas, em número inferior, entraram em pânico e reagiram com armas de fogo. Uma investigação posterior levou à absolvição dos guardas, mas criticou a invasão em si como “legalmente falha e mal-executada, com base em alegações não corroboradas de um pai rancoroso e que não tinha direitos de custódia”. Desde aquele episódio — e Laurie tinha de dar a Kevin a maior parte do crédito pela mudança — a polícia de Mapleton havia adotado uma

atitude diferente, evitando confrontos com os Remanescentes Culpados, fazendo o melhor possível para usar a diplomacia em lugar da força, quando disputas e crises inevitáveis surgiam. Mesmo então, a lembrança dos tiros continuava bem viva e dolorosa na rua Ginkgo. Laurie nunca ouvira ninguém sequer especular a possibilidade de retirar as barreiras para o tráfego, que em todo caso serviam também como monumentos, onde estavam pintadas com spray as palavras AMAMOS VOCÊ, PHILL — NOS VEREMOS NO PARAÍSO.

Tinham lhes dado um quarto no terceiro andar da Casa Azul, reservado para Iniciantes mulheres. Normalmente, Laurie ficava na Casa Cinza, o dormitório feminino vizinho, onde um cômodo de tamanho médio acomodava seis ou sete pessoas, todas em sacos de dormir estendidos sobre o chão duro. Toda noite era uma espécie de sombria festa do pijama, só para adultos — nada de risos nem de sussurros, só tosses, peidos, roncos e gemidos, os sons e os cheiros de gente estressada demais amontoadas num espaço pequeno demais.

A Casa Azul era altamente civilizada em comparação, quase luxuosa, só as duas num quarto de dimensões infantis, com duas camas de solteiro e paredes verde-claras, um tapete bege e macio que dava uma sensação gostosa nos pés descalços e, o melhor de tudo, um banheiro logo do outro lado do corredor. *Umas pequenas férias*, pensou Laurie. Ela se despiu enquanto Meg tomava banho, trocou suas roupas sujas por uma camisola folgada dos Remanescentes Culpados — um traje feio, mas confortável, feito com um lençol velho —, depois ficou de joelhos para rezar. Demorou-se, concentrou-se em seus filhos e depois passou para o próximo da lista, Kevin, sua mãe, seus irmãos, seus amigos e os ex-vizinhos, tentando visualizar todos vestidos em trajes brancos e banhados na luz dourada do perdão, como lhe haviam ensinado a fazer. Era um luxo rezar assim, num quarto vazio sem qualquer distração. Laurie sabia que Deus não se importava que ela estivesse de joelhos ou de ponta-cabeça, mas dava uma sensação melhor fazer as coisas direito, com a mente clara e toda a atenção.

*Obrigado por nos trazer Meg*, rezou ela. *Dê a ela força e me assegure a sabedoria para guiá-la na direção correta.*

A Vigília da Noite tinha ido muito bem, pensou Laurie. Elas tinham perdido o rastro de Grice e não encontraram ninguém mais que constasse nas pastas que haviam lido, mas viram bastante movimento no centro da cidade, acompanharam pessoas de bares e restaurantes até seus carros e foram a pé

para casa com um trio de garotas adolescentes que papeavam alegremente sobre meninos e escola, como se Meg e Laurie nem estivessem ali. Só tiveram um encontro desagradável, com uma dupla de imbecis de vinte e poucos anos na porta do Extra Inning. Não chegou a ser horrível, apenas os xingamentos de costume e os convites sexuais grosseiros do homem mais embriagado, um cara bonito, com um sorriso arrogante, que pôs o braço em torno de Meg como se ela fosse sua namorada. (“Vou trepar com a bonita”, disse para seu parceiro. “Você pode ficar com a vovó.”) Mas até aquilo foi uma lição útil para Meg, um gostinho do que significava ser uma Vigilante. Mais cedo ou mais tarde, alguém iria lhe dar um tapa, ou cuspir, ou coisa pior, e ela teria de ser capaz de suportar a agressão sem protestar nem tentar defender-se.

Meg saiu do banheiro sorrindo timidamente, o rosto rosado, o corpo perdido dentro de sua camisola, que parecia uma tenda. Era quase uma crueldade, pensou Laurie, envolver uma garota encantadora num saco de pano tão sem graça, como se sua beleza não tivesse lugar no mundo.

*Para mim é diferente*, disse para si mesma. *Estou bem feliz de estar escondida.*

A água no banheiro continuava morna, um luxo que ela havia aprendido a valorizar. Na Casa Cinza, era crônica a falta de água quente —, mas apesar disso os regulamentos exigiam dois banhos por dia. Laurie ficou no chuveiro por muito tempo, até o ar ficar denso com o vapor, o que não era um grande problema, pois os Remanescentes Culpados proibiam espelhos. Ela ainda tinha uma sensação estranha quando escovava os dentes na frente de uma parede vazia, usando uma pasta sem nome e áspera e uma escova ruim. Ela aceitava sem queixas a maior parte das restrições de higiene — era fácil entender por que perfumes, condicionadores de cabelo e cremes anti-idade podiam ser considerados extravagâncias —, mas continuava inconformada com a perda de sua escova de dentes elétrica. Havia passado semanas se roendo de desejo de usar aquela escova, antes de compreender que aquilo de que sentia falta era mais do que a sensação de boca limpa — na verdade, era o seu casamento, todos os anos de despreocupada felicidade doméstica, dias longos e atarefados que culminavam com ela e Kevin parados, lado a lado, diante da pia dupla, com as escovas movidas a bateria elétrica em suas mãos e as bocas cheias de espuma com sabor de menta. Mas aquilo tinha acabado. Agora, era só ela, num banheiro silencioso, enquanto seu punho se movia obstinadamente na frente do rosto, e ninguém sorria para o espelho, e ninguém sorria em resposta.

★ ★ ★

Durante o Período de Iniciação, o Voto de Silêncio não era absoluto. Havia um breve interlúdio depois que as luzes eram apagadas — em geral, não mais de quinze minutos —, quando elas tinham permissão para falar livremente, exprimir seus medos e fazer todas as perguntas que tinham ficado sem resposta durante o dia. O Desabafo era uma inovação recente, destinada a funcionar como uma espécie de válvula de escape, um jeito de tornar a transição para o silêncio absoluto um pouco menos abrupta e assustadora. Segundo uma exposição feita com PowerPoint a que Laurie tinha assistido — ela era membro da Comissão de Recrutamento e de Retenção —, a taxa de deserção entre os Iniciantes tinha declinado quase um terço desde que a nova estratégia fora adotada, o que era uma das principais razões para o condomínio estar tão cheio.

— E então, como você está? — perguntou Laurie, só para começar a conversa. Sua própria voz soou estranha para ela, um coaxar entorpecido no escuro.

— Bem, eu acho — respondeu Meg.

— Só bem?

— Não sei. É difícil ir embora e largar tudo para trás. Ainda não consigo acreditar que fiz isso.

— Você pareceu um pouco nervosa no supermercado.

— Estava com medo de encontrar algum conhecido.

— Seu noivo?

— É, mas não só Gary. Qualquer um de meus amigos. — Sua voz estava um pouco hesitante, como se ela estivesse fazendo força para se mostrar corajosa. — Meu casamento estava marcado para este final de semana.

— Eu sei. — Laurie lera a pasta de Meg e compreendeu que ela ia exigir uma atenção especial. — Deve ter sido bem difícil para você.

Meg fez um barulho engraçado com a boca, algo entre uma risadinha e um gemido.

— Tenho a impressão de que estou sonhando — disse. — Fico o tempo todo esperando a hora de acordar.

— Sei como é — tranquilizou-a Laurie. — Às vezes eu ainda me sinto assim. Fale-me um pouco a respeito de Gary. Como é ele?

— É incrível — respondeu Meg. — Muito bonito. Ombros largos. Cabelo ruivo. Tem uma linda covinha no queixo. Eu vivia dando beijos nessa

covinha.

— E o que ele faz?

— É analista de seguros. Terminou o MBA na primavera passada.

— Puxa. Ele parece impressionante.

— E é mesmo. — Meg falou aquilo em tom taxativo, como se fosse indiscutível. — É um cara fora de série. Inteligente, bonito, muito divertido. Adora viajar, vai à academia todo dia. Minhas amigas o chamam de Senhor Perfeito.

— E onde vocês se conheceram?

— No colégio. Ele jogava basquete. Meu irmão também estava no time e por isso eu ia a uma porção de partidas. Gary estava no último ano e eu, no segundo. Eu achava que ele nem sabia que eu existia. E então, um dia, ele simplesmente chegou perto de mim e disse: *Ei, irmã do Chris. Você não quer ir ao cinema comigo?* Dá para acreditar? Ele nem sabia meu nome e me chamou para sair.

— E você disse sim.

— Está brincando? Parecia que eu tinha ganhado na loteria.

— Vocês se entenderam logo?

— Puxa, sim. Na primeira vez que ele me beijou, pensei: *É com esse rapaz que vou me casar.*

— Você demorou muito tempo. Isso deve ter acontecido, o quê? Oito ou nove anos atrás?

— Ainda estávamos no colégio — explicou Meg. — Ficamos noivos logo depois que me formei, mas aí tivemos de adiar o casamento. Por causa do que aconteceu.

— Você perdeu sua mãe.

— Não foi só ela. Um dos primos do Gary, também... e duas garotas que conheci na faculdade, o chefe de meu pai, um cara com quem Gary malhava. Uma porção de gente. Você lembra como foi.

— Lembro.

— Não parecia certo, casar sem minha mãe. Éramos muito amigas, e ela ficou tão entusiasmada quando lhe mostrei o anel. Eu ia usar o vestido de casamento dela e tudo o mais.

— E Gary aceitou bem o adiamento?

— Totalmente. É como eu disse, ele é um cara muito legal.

— Portanto vocês mudaram a data do casamento, não foi?



— Não na mesma hora. Nem chegamos a falar sobre o assunto durante dois anos. Mas aí de repente decidimos acabar o que havíamos começado.

— E dessa vez você se sentiu preparada?

— Não sei. Acho que afinal acabei aceitando o fato de que minha mãe não ia mais voltar. Ninguém ia voltar. E Gary estava começando a ficar impaciente. Vivia me falando que estava farto de andar triste o tempo todo. Disse que minha mãe iria querer que nos casássemos, constituíssemos uma família. Disse que ela gostaria que nós fôssemos felizes.

— E o que você achou disso?

— Achei que ele tinha razão. E eu também estava cansada de ficar triste o tempo todo.

— E aí o que aconteceu?

Meg não falou nada por alguns segundos. Foi quase como se Laurie pudesse escutar Meg pensando no escuro, tentando formular sua resposta da maneira mais clara possível, como se muita coisa dependesse disso.

— Fizemos todos os preparativos, sabe? Alugamos um salão, contratamos um DJ, entrevistamos fornecedores de serviços para festas. Eu deveria estar feliz, não é? — Meg riu de leve. — Eu tinha a sensação de que nem estava ali, era como se tudo aquilo estivesse acontecendo com outra pessoa, alguém que eu nem sequer conhecia. Olhe só para ela, fazendo os convites. Olhe só para ela, experimentando seu vestido de noiva.

— Eu me lembro desse sentimento — disse Laurie. — É como se a gente estivesse morta e nem soubesse.

— Gary ficou bravo. Não conseguia entender por que eu não estava empolgada.

— E quando foi que você decidiu cair fora?

— A ideia já estava na minha cabeça havia algum tempo. Mas eu continuava esperando, entende, torcendo para que as coisas melhorassem. Fui a um terapeuta, tomei remédios, fiz um bocado de ioga. Mas nada deu certo. Semana passada, falei para Gary que eu precisava de mais um adiamento, mas ele nem quis me ouvir. Falou que podíamos ou casar ou nos separar de uma vez. A escolha era minha.

— E aqui está você.

— Aqui estou — concordou.

— Estamos contentes de tê-la conosco.

— Eu detesto mesmo os cigarros.

— Você vai acabar se acostumando.

— Tomara.

Nenhuma das duas falou mais, depois disso. Laurie rolou o corpo para o lado, desfrutando a maciez do lençol, tentando lembrar quando tinha sido a última vez que havia dormido numa cama tão confortável. Meg só chorou por um tempinho e depois ficou em silêncio.

## VÃO PARA O QUARTO

Nora esperava ansiosamente o baile, menos pelo evento em si do que pela chance de fazer uma declaração pública, deixar que seu mundinho soubesse que ela estava bem, que havia se recuperado da humilhação do artigo de Matt Jamison e que não precisava da piedade de ninguém. Durante todo o dia, sentira-se desafiadoramente animada, experimentando as roupas mais sensuais de seu guarda-roupas — ainda cabiam nela, algumas ficavam até melhores do que antes — e praticou seus passos de dança diante do espelho, pois era a primeira vez em três anos que ia dançar. *Nada mal*, pensou. *Nada mal mesmo*. Era como voltar no tempo, encontrar a pessoa que havia sido no passado e reconhecê-la como uma amiga.

O vestido que acabou escolhendo era vermelho e cinza, colado ao corpo, com a saia transpassada e um decote muito cavado, o mesmo vestido que usara pela última vez no casamento da filha do chefe de Doug, ocasião em que recebera uma enxurrada de elogios, inclusive do próprio Doug, o mestre da contenção. Nora percebeu que tinha feito a escolha correta quando mostrou para a irmã e viu sua expressão azeda.

— Você não vai vestir *isso*, vai?

— Por quê? Não gosta?

— É só um pouco... *cheguei* demais, não acha? As pessoas podem pensar que...

— Não me importo — disse Nora. — Podem pensar o que quiserem.

Uma inquieta, até agradável sensação de expectativa — aquela ansiedade de sábado à noite — tomou conta de Nora no carro de Karen, uma sensação que lhe fez lembrar dos tempos da faculdade, a época em que todas as festas pareciam ter o potencial de transformar sua vida. A sensação ficou com Nora ao longo de toda a viagem e durante a breve caminhada pelo estacionamento da escola, e só a abandonou na entrada do prédio, quando viu o cartaz que anunciava o baile:

MAPLETON É DIVERSÃO APRESENTA:  
BAILE DE ADULTOS DE NOVEMBRO  
DJ, DANÇA, BEBIDAS, PRÊMIOS  
OITO HORAS DA NOITE  
CAFETERIA DA ESCOLA HAWTHORNE

*Mapleton é diversão?*, pensou Nora, tendo uma repentina visão de relance de si mesma no reflexo na porta de vidro. *Por acaso isso é alguma piada?* Se era, então a piada era com ela, uma mulher cuja juventude já ficara para trás, usando um vestido de festa, prestes a entrar numa escola que seus filhos jamais teriam a oportunidade de frequentar. *Desculpe*, disse para eles, como se os filhos estivessem escondidos em sua mente, julgando tudo o que ela fazia. *Eu não pensei direito no que estava fazendo.*

— Qual é o problema? — perguntou Karen, espiando por cima do ombro. — A porta está trancada?

— É claro que não está *trancada*. — Nora empurrou a porta para mostrar à irmã que ela havia feito uma pergunta cretina.

— Não achei mesmo que estivesse — retrucou Karen, com irritação.

— Então por que perguntou?

— Porque você ficou parada na frente da porta, por isso.

*Cale a boca*, pensou Nora, enquanto entravam no corredor principal, um túnel brilhante, com o piso marrom encerado e uma infinidade de escaninhos verdes que se perdiam a distância, de ambos os lados. *Por favor, cale a boca*. Uma coleção de autorretratos de alunos estava exposta na parede em frente à secretaria principal, acima de uma faixa que dizia: SOMOS OS INDOMÁVEIS! Doía em Nora ver todos aqueles rostos jovens, esperançosos, desenhados de maneira canhestra, e pensar em todas aquelas mães mandando os filhos para a escola de manhã, com suas mochilas nas costas e suas lancheiras, e depois recebendo os filhos de volta na calçada, à tarde.

*Então, meu anjinho, como foi seu dia?*

— Eles têm um excelente curso de arte — disse Karen, como se estivesse promovendo a visita guiada da mãe de um possível aluno. — Também oferecem um curso de música muito bom.

— Ótimo — resmungou Nora. — Talvez eu devesse me inscrever.

— Estou só puxando assunto. Não precisa ficar tão irritada.

— Desculpe.

Nora sabia que estava sendo uma chata. Aquilo era especialmente injusto, uma vez que Karen fora a única pessoa que topara acompanhá-la, tão em cima da hora. Essa era a questão com sua irmã — Nora às vezes não gostava dela e dificilmente concordava com Karen, mas podia sempre contar com ela. Todas as outras pessoas que Nora tinha chamado — suas supostas amigas íntimas, do grupo de mães do qual ela não podia mais ter a pretensão de pertencer — haviam tirado o corpo fora, mencionando obrigações familiares ou qualquer outra coisa, mas só depois de tentarem dissuadir Nora de ir ao baile.

*Tem certeza de que é uma boa ideia, querida?* Nora detestava a maneira condescendente como a chamavam de “querida”, como se ela fosse uma criança, incapaz de tomar suas próprias decisões. *Não acha melhor esperar mais um pouco?*

O que queriam dizer era esperar mais um pouco para assentar a poeira levantada pelo artigo de Matt Jamison, sobre o qual provavelmente todo mundo na cidade continuava a conversar aos sussurros: NA FARRA COM OUTRAS: OS ENCONTROS SECRETOS DO PAI “HERÓI” COM A GATINHA SENSUAL DO MATERNAL. Nora só lera uma vez, na cozinha, depois da visita surpresa de Matt Jamison, mas uma vez fora suficiente para que todos os detalhes medonhos do tórrido caso de Doug com Kylie Mannheim ficassem gravados para sempre em sua memória.

Ainda agora, duas semanas depois, era difícil para ela aceitar a ideia de que Kylie era A Outra. Na mente de Nora, ela continuava a ser a adorada professora de seus filhos na Academia dos Brotinhos, uma garota encantadora, dinâmica, recém-saída da faculdade, que de algum jeito conseguia parecer inocente e íntegra, apesar de ter um piercing na língua e o braço esquerdo todo tatuado, o que fascinava os bebês. Era a autora de uma maravilhosa carta de avaliação que Nora, um dia, achou que iria guardar para sempre como um tesouro, uma análise de três páginas com observações meticulosas sobre o primeiro ano de Erin na escola, que elogiava suas “incomuns aptidões sociais”, sua “mente incansavelmente curiosa” e seu “destemido sentido de aventura”. Depois do 14 de Outubro, durante alguns meses, Nora levava a carta consigo para toda parte, para ler sempre que quisesse lembrar-se da filha.

Infelizmente, não havia a menor dúvida sobre a veracidade das acusações do reverendo. Ele havia recuperado no lixo um laptop de Kylie, velho e aparentemente quebrado — o cara na loja que consertava computadores

tinha dito para ela que o disco rígido havia pifado — e usou sua habilidade de recuperar dados, adquirida recentemente, para desencavar um tesouro de e-mails incriminatórios, fotos comprometedoras e sessões de bate-papo “chocantemente explícitas” entre “o belo pai de dois filhos” e “a atraente e jovem educadora”. O boletim incluía alguns trechos condenatórios daquela correspondência, em que Doug revelava um talento, até então oculto, para a escrita erótica.

Nora havia ficado totalmente arrasada, não só com as revelações sórdidas — não tinha desconfiado de nada, é claro —, mas também com o óbvio prazer do reverendo em torná-las públicas. Ela se manteve escondida por alguns dias depois do escândalo, revendo mentalmente todo seu casamento e se perguntando se cada minuto dele tinha sido uma mentira.

Depois que o choque inicial se desfez, ela percebeu que também estava sentindo uma espécie de alívio, o fardo tinha se tornado mais leve. Durante três anos ela lamentara a perda de um marido que na verdade não existia, ao menos não da maneira como ela havia imaginado. Agora que sabia a verdade, pôde ver que tinha perdido um pouco menos do que pensava, o que era quase igual a recuperar alguma coisa. Não era uma viúva trágica, afinal, apenas mais uma mulher traída por um homem egoísta. Era um papel menor, mais corriqueiro, e muito mais fácil de representar.

— Está pronta? — perguntou Karen.

Estavam paradas perto da porta da cafeteria, observando a atividade na pista de dança fracamente iluminada. O salão estava surpreendentemente cheio, uma porção de pessoas de meia-idade, sobretudo mulheres, movimentando-se com empolgação, ainda que meio desajeitadamente, ao som da música “Little Red Corvette”, de Prince, tentando encontrar um caminho de volta à versão mais jovem e mais flexível de si mesmas.

— Acho que sim — respondeu Nora.

Pôde ver as cabeças se virando enquanto entrava no cavernoso salão da festa, a atenção se voltando na direção dela. Era disso que suas amigas estavam querendo protegê-la, mas Nora na verdade não se importava nem um pouco. Se as pessoas queriam olhar para ela, que olhassem à vontade.

*Pois é, sou eu mesma, pensou ela. A Mulher Mais Triste do Mundo.*

Mergulhou de cabeça no grupo que dançava, os braços erguidos para o alto, soltando os quadris no ritmo da música. Karen estava bem ali a seu lado, cotovelos e joelhos se movendo sem parar. Fazia anos que Nora não a via dançar e tinha esquecido como era divertido ver sua irmã, uma mulher baixa

e pesada, movimentando todas as suas partes, sensual de um modo que ninguém poderia prever ao olhar para ela em qualquer outro contexto. Inclinararam-se e ficaram bem próximas, sorriram uma para a outra enquanto cantavam juntas: *Little Red Corvette, baby you're much too fast!* Nora girou para a esquerda, depois virou a parte superior do corpo para a direita, enquanto o cabelo comprido chicoteava o rosto. Pela primeira vez em séculos, sentia-se quase humana outra vez.



O jogo do qual participavam chamava-se Vão Para o Quarto. Parecia bastante com o Jogo da Garrafa, em que as pessoas ficavam em círculo, rodavam uma garrafa deitada no chão no meio da roda e beijavam a pessoa para quem a garrafa apontasse. Só que, nesse caso, depois do beijo, o grupo inteiro votava para decidir se um determinado casal podia se afastar do círculo e se retirar para um recinto privado. A votação acrescentava um componente de estratégia naquilo que, de outro modo, era um simples jogo de azar. Era preciso manter em vista todo um espectro de possibilidades, recalculando a cada lance quem a pessoa queria manter presente e quem desejava eliminar como rival. O objetivo — além do propósito óbvio de fisgar uma pessoa por quem já se estava atraído — era evitar ser um dos dois últimos jogadores na roda, porque eles também tinham de ir para um quarto, embora Jill soubesse por experiência própria que, na maioria das vezes, se limitavam a ficar sentados, sentindo-se fracassados. De certo modo, era melhor jogar com um número ímpar de pessoas, a despeito do constrangimento de se ver sozinho no final, na condição de resto, o que sobrou.

Aimee esfregou as mãos uma na outra para dar sorte, sorriu para Nick Lazarro — ele era a primeira opção de todas as garotas — e girou a setinha, que haviam aproveitado de um jogo de Twister. A setinha rodou depressa, sumiu num borrão, diminuiu a velocidade, retomou seu formato quando deu as últimas voltas no círculo, passou bem devagar por Nick e acabou parando em Zoe Grantham.

— Meu Deus — Zoe gemeu. Era uma garota bonita, voluptuosamente carnuda, com franjinhas de Cleópatra e suculentos lábios vermelhos que deixavam marcas no pescoço e no rosto das pessoas. — De novo, não.

— Ah, deixe disso — Aimee fez beicinho. — Não é tão ruim assim.

Engatinharam em direção uma da outra e beijaram-se no centro do círculo. Não foi nada de especial — sem língua, sem mão boba, só um educado selinho —, mas Jason Waldron começou a bater palmas e assoviar, como se as duas estivessem agindo como estrelas de cinema pornô.

— É isso aí! — berrou ele, como sempre fazia quando havia algum contato lésbico, por mais desinteressante que fosse. — Essas piranhas precisam de um quarto para elas!

Ninguém apoiou a ideia. Nick foi o próximo a girar a setinha, mas a flecha parou em Dmitri, portanto ele tentou de novo. Assim eram as regras sexistas do jogo deles: as garotas tinham de beijar-se, mas os rapazes, não, por razões que eram supostamente óbvias e de explicação desnecessária. Jill ficava aborrecida com aquela desigualdade não porque tivesse algo contra beijar garotas — achava agradável, sem problemas, com a única exceção da Aimee, que era muito como uma irmã —, mas porque acarretava uma segunda injustiça: garotas podiam se beijar, mas nunca podiam ir para um quarto, sob o argumento que isso deixaria dois rapazes sem parceiras, perturbando a simetria heterossexual do jogo. Jill tentou discutir algumas vezes a fim de levar os outros a repensar aquela regra, mas ninguém lhe deu apoio, nem mesmo Jeannie Chun, que seria a mais óbvia beneficiária da alteração.

Em seu segundo lance, Nick tirou Zoe e os dois se beijaram com tal entusiasmo que Max Connolly sugeriu que fossem para um quarto. Jeannie apoiou a sugestão, mas todos os outros votaram contra — Jill e Aimee porque queriam que Nick continuasse no jogo, Dmitri porque tinha um fraco por Zoe e Jason porque era o laçao de Nick e nunca votava para Nick ir para o quarto com ninguém a não ser Aimee.

O problema naquele tempo era este: não havia jogadores suficientes e todo o suspense acabara. No verão anterior, tinha sido a maior loucura: em certas noites, havia quase trinta pessoas na roda — isso era no quintal da casa de Mark Soller —, muitas das quais nem sequer se conheciam. A votação era tumultuada e imprevisível; o jogador podia ganhar a votação para ir para o quarto com um beijo xoxo ou com um beijo ardente. Na primeira vez que jogou, Jill acabou ficando com um cara da faculdade que, depois ela soube, era um grande amigo de seu irmão. Os dois se beijaram por um tempo, mas depois desistiram e passaram um tempão conversando a respeito de Tom, uma conversa que deu a ela mais informações sobre o irmão do que tudo o que soubera morando com ele na mesma casa durante tantos anos. Na segunda vez, foi para o quarto com Nick, que ela conhecia desde a escola, mas com



quem nunca havia falado. Ele era lindo, discreto, de olhos escuros, cabelo escorrido e uma expressão atenta, e ela se sentira linda com ele, absolutamente segura de que pertencia aos seus braços.

O jogo ficou cada vez mais reduzido e mais chato em setembro, quando a garotada que já estava na faculdade voltava para suas universidades, e continuou a encolher durante o outono, até seu número reduzir-se a um núcleo de oito jogadores mais contumazes, e toda partida acabava ficando mais ou menos igual: Aimee ficava com Nick, Jill e Zoe travavam uma disputa ferrenha por Max e Dmitri, e Jeannie e Jason acabavam juntos por falta de opção. Jill nem sabia mais por que se davam o trabalho de jogar — o jogo já lhe parecia mais um mau hábito, um ritual que havia ultrapassado a própria utilidade, mas era sempre acompanhado por uma débil esperança de que a dinâmica do grupo pudesse se alterar de tal modo que ela acabasse ficando com Nick de novo e pudesse trazer de volta à memória dele como seus corpos e suas mentes se encaixavam com perfeição.

Infelizmente, isso não ia acontecer naquela noite. Ela acertou nele na quarta vez que girou a setinha, sentiu o familiar abalo de empolgação quando o rosto de Nick se moveu na direção do seu e a decepção igualmente familiar quando se beijaram. Ele nem sequer fingiu estar interessado, tinha os lábios secos e só ligeiramente abertos, a língua passiva em reação aos movimentos ansiosos e questionadores da de Jill. Foi um desempenho tão letárgico — muito menos ardoroso do que o beijo que trocara com Zoe; Jill não estava mais nem em segundo lugar! — que ninguém se deu o trabalho de sugerir que fossem para um quarto. Quando terminou, ele esfregou a boca, fez um preguiçoso aceno de cabeça em sinal de aprovação e disse: “Obrigado, foi ótimo”, mas só por uma questão de educação. Poderiam muito bem ter apenas dado um aperto de mãos, ou acenado um para o outro, em lados opostos de uma rua. Aquilo até a fez se perguntar se seu rápido namoro de verão com Nick tinha mesmo acontecido, se a hora e meia gloriosa que tinham passado na cama dos pais de Mark não fora só uma invenção de sua imaginação, um caso grave de pensamento positivo.

Mas não era — os lençóis estavam frios e brancos, com florezinhas azuis estampadas, muito delicadas e inocentes, e Nick se entregara de verdade e com entusiasmo. A única coisa que havia mudado desde então era que ele havia se apaixonado por Aimee, como acontecia, mais cedo ou mais tarde, com todos os rapazes. Dava para perceber na maneira como seu rosto se iluminava quando a flecha finalmente apontava na direção dela e na maneira

séria e vagarosa como ele a beijava, como se não houvesse mais ninguém na sala, como se o que estavam compartilhando não fizesse parte de um jogo de forma alguma. Aimee não conseguia alcançar a sinceridade dele — havia algo inequivocamente teatral na maneira como ela se derretia no chão, puxando-o para cima de si e arqueando as costas, para poder esfregar sua região pélvica na dele — mas a combinação dos dois estilos produzia um efeito poderoso nos juízes. Quando Jason sugeriu que os dois fossem para o quarto, Zoe apoiou a sugestão e o voto a favor foi unânime, sem qualquer abstenção.



A barreira que separava Nora das pessoas ao redor ficou mais tênue e mais suave à medida que ela dançava; os outros não pareciam tão distantes nem tão estranhos como acontecia em geral quando passava por eles no supermercado ou na ciclovía. Quando esbarravam nela na pista de dança, o contato não era intrusivo nem desagradável. Se alguém sorria para ela, Nora sorria em resposta e, na maior parte das vezes, sorrir dava uma sensação boa, como se seu rosto tivesse nascido para aquilo.

Nora fez uma pausa após meia hora e caminhou até a mesa de bebidas, onde serviu-se em um copo plástico de chardonnay que sorveu em dois grandes goles. O vinho era sem graça, um pouco doce demais, mas achou que podia ficar melhor com gelo e um pouco de água com gás.

— Com licença, Sra. Durst?

Nora virou-se na direção da voz, que era suave e assustadoramente familiar. Por um longo momento de espanto, teve a sensação de que havia perdido o poder da fala e do pensamento.

— Desculpe incomodá-la — disse Kylie. Tinha cortado o cabelo bem curto, como um menino, e nela o corte ficava charmoso, um belo contraste com aquela tatuagem tão moderna em seu braço, que aparentemente Doug achava tão excitante. *Curto d+ suas tatus*, disse para ela numa das mensagens que o reverendo Jamison havia publicado em seu boletim. *Pedi à minha esposa para fazer uma, mas ela disse que não :(* — Podemos falar um instante?

Nora continuou muda. A loucura era que ela havia imaginado uma versão daquele momento com tanta clareza que já tinha decorado tudo. Durante os primeiros dias após saber do caso de Doug, Nora fantasiou repetidas vezes, e com muitos detalhes, uma cena em que invadia a antiga escola de seu filho bem na hora do repouso das crianças e dava um tapa na

cara de Kylie, com toda a força, na frente das outras professoras e das crianças também.

*Vagabunda*, ela diria com segurança, como se fosse o nome real de Kylie. (Nora havia experimentado um roteiro alternativo, em que berrava a palavra como se fosse uma maldição, mas ficou muito melodramático, nem de longe tão satisfatório.) *Você é uma pessoa asquerosa.*

E aí daria um tapa no outro lado da cara da traidora, o som do golpe reverberando como um tiro na sala escura. Havia mais uma porção de coisas que ela planejava dizer depois disso, mas as palavras não vinham mesmo ao caso. Os tapas, sim.

— Compreendo totalmente caso você não queira — prosseguiu Kylie. — Sei que isso é constrangedor.

Nora olhou bem para a garota, recordando como era bom — como era catártico e até virtuoso — o sentimento que vinha de brigar com ela em seus devaneios, como se Nora fosse um instrumento da justiça divina. Mas agora compreendia que a Kylie que ela desejava punir era imaginária, uma mulher mais bonita e mais confiante do que aquela que estava na sua frente. A Kylie de verdade parecia confusa e arrependida demais para que ela pudesse lhe dar um tapa. Parecia também muito mais baixa do que Nora se lembrava, talvez porque não estivesse rodeada por um mar de criancinhas pequenas.

— Sra. Durst? — Semicerrando as pálpebras, com ar preocupado, Kylie olhou para Nora. — Está se sentindo bem, Sra. Durst?

— Por que fica me chamando assim?

— Não sei. — Kylie olhou para seus tênis de camurça em estilo retrô. Com seus jeans apertados e sua camiseta curta e muito justa, também preta, com um ponto de exclamação branco entre o que Doug havia chamado de seus “peitinhos de animadora de torcida”, ela parecia saída de uma boate de roqueiros num porão, não alguém em uma cafeteria de escola do ensino médio. — É que tenho a sensação de que não tenho mais o direito de usar seu primeiro nome.

— É muita consideração de sua parte.

— Desculpe-me. — O rosto de Kylie tomou uma cor rosada mais forte. — Eu não esperava encontrar a senhora aqui. A senhora nunca veio às nossas festas antes.

— Não saio muito de casa — explicou Nora.

Kylie arriscou um sorriso hesitante. Seu rosto estava um pouco mais cheio do que antes, um pouco mais comum. *Já não estamos mais tão jovens, não*

é?, pensou Nora.

— A senhora dança mesmo muito bem — disse Kylie. — Parecia estar se divertindo bastante na pista de dança.

— Meu nome é diversão — disse Nora. Podia sentir o olhar das pessoas lhes observando a distância, sedentos de drama. — E você? Está se divertindo?

— Acabei de chegar.

— Tem uma porção de caras mais velhos. — Nora apontou. — Talvez até alguns casados.

Kylie confirmou com um aceno cabeça, como se tivesse sentido a alfinetada.

— Eu mereci isso — disse ela. — E quero que a senhora saiba que me arrependo muito do que aconteceu. Acredite, a senhora nem pode imaginar como me senti péssima...

Continuou falando, mas Nora só conseguia pensar no piercing de prata no meio da língua de Kylie, a pérola metálica fosca que ela podia entrever de relance quando Kylie abria a boca um pouco mais do que o normal. Era mais uma das coisas prediletas de Doug, o tema de um e-mail entusiasmado que Nora não conseguia apagar da memória:

Seus boquetes são o máximo!!! Quatro estrelas! Os melhores da minha vida. Adoro o jeito como vc me chupa devagar e tão sensual e me lambe com sua língua mágica e adoro a maneira como vc também adora tudo isso. O que vc disse — melhor do que 1 casquinha de sorvete? Tenho de parar agora — vou acabar gozando só de pensar na sua boquinha quente. Amor, beijos e sorvete,  
D.

*Os melhores da minha vida.* Era essa frase que deixava Nora arrasada, parecia uma traição maior do que o ato sexual propriamente dito. Durante os doze anos em que ela e Doug viveram juntos, ela havia feito muitos boquetes no marido, e ele parecia bastante feliz com aquilo, na época. Talvez até um pouco feliz demais, ela começara a pensar, e Doug dava um pouco a impressão de estar exercendo um direito adquirido. Algumas vezes ela se queixara da maneira como Doug empurrava sua cabeça para baixo, na direção de sua virilha — sem palavras, sem ternura, só uma ordem muda — e ele fingira escutar com atenção sua queixa, prometera ter mais delicadeza no futuro. E ele sempre tinha, por um tempo, até que deixava de ter outra vez. Perto do fim, chegou a um ponto em que todo o ato ficara envenenado para

ela e Nora não conseguia mais saber se estava fazendo aquilo porque queria ou porque ele esperava que fosse assim. Aparentemente Kylie era muito mais tranquila.

— Eu queria ligar para a senhora — disse ela, — mas aí, sei lá, depois de tudo o que aconteceu...

Ela parou no meio da frase, os olhos se arregalaram quando avistou Karen, que vinha na direção delas com uma urgência beligerante, a irmã mais velha ao resgate. Karen postou-se na frente de Nora, cara a cara com Kylie.

— Qual é o seu problema? — perguntou, indignada. — Você é maluca?

— Está tudo bem — murmurou Nora, colocando a mão no braço da irmã para contê-la.

— Não, não está nada bem — disse Karen, sem tirar os olhos de Kylie. — Estou chocada que você tenha a coragem de mostrar sua cara por aqui. Depois de tudo o que fez...

Kylie inclinou-se para o lado tentando restabelecer contato visual com Nora.

— Desculpe-me — disse ela. — Acho melhor eu ir embora.

— Boa ideia — disse Karen. — Você não deveria nem ter vindo, para começar.

Nora ficou parada ao lado da irmã e, junto com todo mundo no baile, observou enquanto Kylie cumpria a longa e vergonhosa marcha através da cafeteria, rumo à porta de saída. Kylie manteve os ombros para trás e o queixo erguido, compensando com a boa postura o fato de não ser mais bem-vinda ali.



As regras não exigiam que o casal fizesse sexo, quando se viam atrás da porta fechada, mas exigia que os dois jogadores ficassem só com as roupas de baixo. Jill e Max sabiam da regra e começaram a se despir assim que entraram no quarto da irmã caçula de Dmitri, que tinha as paredes pintadas de cor-de-rosa.

— Você de novo — disse ele, se jogando na cama numa cueca sambacção xadrez que Jill tinha visto algumas vezes antes.

— Pois é. — Jill estava quase certa de que ele também estava familiarizado com sua calcinha preta e seu sutiã bege. — É o Dia da Marmota.

— Ah, sei. — Ele tirou arrancou uns pelinhos de dentro de seu umbigo e jogou-os no chão. — Podia ser pior, não é?

— Sem dúvida. — Ela subiu na cama, ficou a seu lado, usando o quadril para empurrá-lo mais para a parede. — Com certeza podia ser pior.

Jill não estava apenas sendo gentil. Max era um cara doce, inteligente, e ela sempre se sentia aliviada quando ficava sozinha com ele. Era fácil conversar com Max e os dois já tinham se dado conta há muito tempo de que não funcionavam como parceiros sexuais, portanto não havia qualquer pressão nesse sentido. Com Dmitri era mais complicado, pois era mais bonito e mais interessado em sexo do que Max, só que ele também deixava claro, e de todas as forma possíveis, que preferia ficar com Aimee ou Zoe. Às vezes os dois transavam, mas depois Jill sempre acabava meio triste. A verdadeira catástrofe era ficar com Jason, mas isso quase nunca acontecia. Jill não entendia como Jeannie conseguia suportar. Talvez os dois ficassem só vendo filmes pornô de garotas transando com garotas.

Max cutucou o braço dela.

— Está com frio?

— Um pouco.

Max desdobrou a colcha que estava no pé da cama e estendeu-a sobre ambos.

— Melhor, hein?

— É, valeu.

Jill deu uma palmadinha na coxa dele, depois rolou sobre o lado do corpo para apagar a luz, porque os dois gostavam de ficar deitados no escuro. Às vezes dava a impressão de que eram casados havia muito tempo, como os pais foram. Ela se lembrava de que entrava no quarto deles para lhes desejar boa-noite e os dois pareciam muito aconchegados e contentes em seus pijamas, lendo, de óculos no rosto. Agora, o pai parecia um pouco perdido deitado ali, a cama parecia desequilibrada, como se estivesse prestes a virar para o lado. Jill imaginava que era por isso que ele dormia tantas vezes no sofá da sala.

— Você pegou o Sr. Coleman em biologia? — perguntou Max.

— Não, peguei a Sra. Gupta.

— Coleman era muito bom. Acho que não deviam ter despedido ele.

— Ele falou umas coisas bem cruéis.

— Eu sei. Não estou defendendo o que ele disse.

Algumas semanas antes, o Sr. Coleman tinha falado para uma de suas turmas que a Partida Repentina fora um fenômeno natural, uma espécie de reação autoimune global, um modo de a Terra combater a infecção descontrolada da humanidade. *Somos nós*, disse ele. *Nós somos o problema. Estamos deixando o planeta doente.* Alguns alunos ficaram chocados com aquilo — um deles perdera a mãe no 14 de Outubro — e alguns pais apresentaram uma queixa oficial. Havia apenas uma semana, o conselho escolar declarara que o Sr. Coleman tinha aceitado antecipar sua aposentadoria.

— Não sei — disse Max. — Na verdade eu não acho que o que ele disse seja assim tão maluco.

— Foi brutal — recordou Jill. — Ele disse que as pessoas que foram levadas eram Rejeitados. As famílias não gostaram.

— Uma porção de gente fala o contrário — observou Max. — Dizem que nós é que somos os rejeitados.

— Isso também é escroto.

Ficaram calados por um tempo. Jill sentia-se agradavelmente mole — não sonolenta, só relaxada. Dava uma sensação boa ficar ali deitada no escuro, debaixo da colcha, com um corpo quente a seu lado.

— Jill? — Max sussurrou.

— Hummm?

— Você se importa se eu bater uma punheta?

— Não — disse ela. — Vá em frente.



Kylie já estava na altura da secretaria principal quando Nora afinal a alcançou. O corredor estava vazio, as luzes fluorescentes brilhavam de maneira opressiva; o rosto de Kylie estava banhado de lágrimas. Constrangida, Nora desviou o olhar para a mancha desconcertante no braço dela, uma explosão multicolorida de videiras, folhas, bolhas e flores que devia ter doído como o diabo para fazer.

— Você não tem um casaco?

Kylie fungou e enxugou os olhos.

— Está no carro.

— Posso lhe perguntar uma coisa? — A voz de Nora soou estranhamente calma, apesar de sua agitação interior. — Ele ia me deixar?

Kylie balançou a cabeça.

— No começo, achei que ele talvez fosse, mas foi só uma fantasia minha.

— Como assim?

— Não sei. Depois das primeiras vezes, paramos de falar sobre o assunto. A questão simplesmente saiu de pauta.

— E você encarou isso numa boa?

— Na verdade, não. — Kylie tentou sorrir, mas não parecia nem um pouco feliz. — Eu não estava com a cabeça no lugar. Quer dizer, eu sei que não é uma boa se envolver com um homem casado. Mas foi o que fiz, apesar de tudo. O que isso quer dizer?

Nora tomou aquilo como uma pergunta retórica. Em todo caso, Kylie teria de resolver o assunto por conta própria.

— Estou curiosa com uma coisa — disse Nora. — Como começou?

— Simplesmente aconteceu. — Kylie deu de ombros, como se o caso continuasse um mistério até para ela. — Quer dizer, nós flertávamos um pouco de manhã, sabe, quando ele vinha deixar Erin. Eu elogiava a gravata dele e ele me provocava dizendo que eu parecia cansada, perguntava o que eu tinha feito na noite anterior. Mas uma porção de pais...

— Quando foi que rolou...?

Kylie hesitou.

— Tem certeza de que quer ouvir isso?

Nora podia ouvir o som da música que vinha flutuando da cafeteria — “Burning Down the House”, uma canção de que ela sempre havia gostado —, mas soava diluída e distante, como se emanasse do passado, e não de uma sala no final do corredor. Ela confirmou com um aceno de cabeça para que Kylie continuasse.

— Está bem. — Kylie pareceu infeliz, como se soubesse que estava cometendo um erro. — Foi na festa do feriado. A senhora levou as crianças para casa, mas Doug continuou na escola, para ajudar na limpeza. Depois acabamos saindo para tomar um drinque. A gente simplesmente meio que se entendeu bem logo.

Nora conseguia se lembrar daquela festa — Erin não tinha dormido à tarde naquele dia e passou a maior parte da noite chorando —, mas ela não conseguia se lembrar da presença de Doug na festa, muito menos da hora em que voltou para casa, ou como se comportou quando chegou. Tudo aquilo tinha desaparecido, de maneira irrecuperável.

— Durou muito tempo. Quase um ano.



Kylie franziu a testa, como se houvesse algo errado na matemática de Nora.

— Não pareceu tanto tempo. A gente mal se via. Ele aparecia uma vez por semana, ficava por uma ou duas horas, quando eu tinha sorte, e depois ia embora. E eu não podia reclamar, certo? Eu tinha entrado nessa por conta própria.

— Mas vocês devem ter conversado sobre o futuro. O que ia acontecer. Quero dizer, vocês não poderiam continuar assim indefinidamente.

— Eu tentava, acredite. Mas ele não tinha a menor paciência para conversas sobre relacionamento. Vivia dizendo assim: *Esta noite, não, Kylie. Não posso tratar desse assunto agora.*

Nora não pôde deixar de rir.

— Parece bem coisa do Doug mesmo.

— Ele era tão *homem* nesse sentido. — Kylie balançou a cabeça, sorrindo com ternura dessa lembrança. Mas então sua fisionomia se anuviou. — Acho que eu fazia ele se sentir jovem e popular de novo, entende? O senhor Homem de Família Empresário Insensível, com uma namorada feito eu. Era como se ele fosse um agente secreto.

Nora deu um resmungo, chocada com a plausibilidade da teoria. Doug era descolado quando os dois se conheceram — escrevia resenhas sobre música no jornal da faculdade, cultivava pelos faciais revoltos, jogava no time de Frisbee Radical —, mas ele havia descartado aquela versão de si mesmo no dia em que começou o curso de administração. Aconteceu tão de repente e de maneira tão irrevogável que Nora passou o primeiro semestre inteiro tentando entender onde tinha ido parar o cara com quem ela dormia. *Ei*, disse ela, *se você vai se vender, ao menos tenha a coragem de admitir.* Talvez Doug sentisse mais saudades de sua antiga personalidade do que deixava transparecer.

— Ele adorava o meu apartamento todo ferrado — prosseguiu Kylie. — Tenho um apartamentinho que dá para a rua Rankin, atrás do hospital, sabe? Uma porcária, mas acontece que me cansei de meninas malucas com quem já dividi apartamento, entende? Tem um cômodo só, amplo, com um futon estendido no chão e uma mesinha com duas cadeiras que achei no lixo. Totalmente bagunçado. Doug achava hilário. Também achava meu carro engraçado. Meu carro tem uns doze anos.

— Ele podia ser um pouco esnobe com esse tipo de coisa.

— Ele não falava nada de mal. Ficava era admirado de eu poder viver desse jeito. Como se eu tivesse escolha, entende? Quero dizer, a casa de vocês é tão linda, ele devia achar que todo mundo... — A voz dela esmoreceu quando reconheceu seu erro, já tarde demais.

— Você esteve na minha casa?

— Só uma vez — Kylie a tranquilizou. — Durante as férias da primavera. Você não levou seus filhos para a casa dos avós e Doug ficou em casa para trabalhar?

— Ah, meu Deus. — Aquela viagem havia sido um pequeno desastre. Ela e os filhos ficaram presos num enorme engarrafamento na rodovia Garden State e ela teve de parar o carro para que Jeremy fizesse um cocô de emergência no acostamento da estrada. Ela ficou parada, olhando para o céu e segurando a mão do filho, enquanto ele aliviava seu aperto, e aquele rio lerdo de carros se arrastava, movendo-se mais devagar do que uma pessoa caminhando. Quando Doug se juntou a eles no final de semana, parecia estranhamente alegre, muito mais simpático com os pais de Nora do que costumava ser. — Você dormiu lá? Na nossa cama?

Kylie pareceu mortificada.

— Desculpe-me. Eu não devia ter feito isso.

— Tudo bem. — Nora deu de ombros de leve, como se nada mais pudesse magoá-la. Em alguns dias, Nora tinha de fato essa sensação. — Nem sei por que estou perguntando essas coisas para você. Não tem mais importância agora.

— É claro que tem importância.

— Na verdade, não. Quer dizer, ele me deixou, de todo modo. Ele nos deixou, a nós duas.

— Não de propósito — disse Kylie. Parecia contente por ter sido incluída.

As duas se viraram ao mesmo tempo, surpresas com o rápido tropel de passos no corredor, até então sossegado. Nora logo entendeu que era Karen, antes mesmo de a irmã surgir abruptamente, dobrando no corredor às pressas, como se estivesse atrasada para a aula.

— Estou bem — disse Nora, erguendo a mão como se fosse um guarda de trânsito.

Karen parou. Seu olhar passou cuidadosamente de Nora para Kylie e de volta para Nora.

— Tem certeza?

— Estamos só conversando.

— Esqueça essa mulher — disse Karen. — Vamos voltar lá para dentro.

— Preciso de só mais um minuto, está bem?

Karen ergueu as duas mãos num gesto de rendição piedosa. Em seguida, deu de ombros num gesto que queria dizer “faça o que quiser”, e voltou na direção da cafeteria, enquanto seus saltos batiam no chão num ritmo de repreensão. Kylie esperou que o som dos passos morresse.

— Tem mais alguma coisa que a senhora queira saber? Para mim é uma espécie de alívio poder contar.

Nora sabia o que aquilo significava. Por mais penoso que fosse saber dos detalhes do caso de Doug, também tinha um efeito terapêutico, como se um pedaço do passado perdido lhe estivesse sendo devolvido.

— Só mais uma coisa. Em algum momento ele falou sobre mim?

— Só o tempo todo. — Kylie revirou os olhos.

— Sério?

— É. Vivia dizendo que amava você.

— Está brincando. — Nora não conseguiu esconder seu ceticismo. — Ele quase nunca falava isso para mim. Nem quando eu dizia isso primeiro.

— Era como um ritual. Logo depois que fazíamos sexo, ele ficava muito sério e dizia: *Isso não quer dizer que eu não ame Nora.* — Kylie pronunciou as palavras com uma voz grave, masculina, nada a ver com a voz de Doug. — Às vezes eu repetia as palavras junto com ele: *Isso não quer dizer que eu não ame Nora.*

— Puxa. Você devia ter ódio de mim.

— Eu não odiava você — respondeu Kylie. — Tinha só ciúme.

— Ciúme? — Nora tentou rir, mas o som morreu ainda dentro da garganta. Fazia muito tempo que não pensava em si mesma como alguém capaz de despertar ciúme nos outros. — Por quê?

— Você tinha tudo, entende? Marido, casa, filhos maravilhosos. Todas as suas amigas e roupas bonitas, a aula de ioga e as férias. E nem quando Doug estava na cama comigo eu conseguia levá-lo a esquecer você.

Nora fechou os olhos. Doug estivera encoberto por uma névoa em sua mente durante muito tempo, mas de repente ele reapareceu com clareza. Nora podia vê-lo deitado ao lado de Kylie, nu e orgulhoso, depois de transar com ela, mostrando para a jovem, com ar muito sério, seus compromissos familiares, seu duradouro amor pela esposa, deixando claro para a moça que ela podia ter só aquilo, e mais nada.

— Ele não se importava comigo — explicou Nora. — A verdade é que ele não suportava ver você feliz.



A julgar pelo modo descuidado como ela estava curvada no chão e encostada no armário de aço, Kevin pensou de início que Nora Durst estivesse dormindo, ou talvez embriagada. Quando chegou mais perto, porém, viu que seus olhos estavam abertos e razoavelmente alertas. Ela chegou até a dar um sorriso desbotado quando ele perguntou se estava passando bem.

— Tudo bem — respondeu Nora. — Estou só descansando um pouco.

— Eu também — disse ele, porque parecia mais diplomático do que falar a verdade, que ele tinha ido verificar como ela estava depois que duas pessoas diferentes disseram tê-la visto sozinha no corredor, com um aspecto bastante atormentado. — Está muito barulho lá dentro. Mal dá para ouvir os próprios pensamentos.

Nora confirmou com um gesto de cabeça, da maneira como fazemos quando na verdade não estamos escutando o que a outra pessoa fala e esperamos apenas que ela vá embora. Kevin não queria impor sua presença a Nora, mas também tinha a impressão de que ela precisava de companhia.

— Que ótimo que você veio — disse ele. — Parecia que você estava se divertindo. Sabe, antes.

— Estava, sim. — Para poder olhar nos olhos de Kevin, Nora teve de inclinar a cabeça num ângulo que parecia desconfortável. — Antes.

Era constrangedor ficar assim, meio por cima dela, sobretudo porque aquela posição permitia que Kevin tivesse o que lhe parecia uma visão indiscreta de seu decote. Sem pedir licença, ele se abaixou no chão, ao lado dela, e estendeu a mão.

— Meu nome é Kevin.

— O prefeito — disse ela.

— Isso mesmo. Nós nos vimos no desfile.

Ele estava prestes a retirar a mão, quando ela a segurou, poupando a Kevin aquele constrangimento. Nora tinha dedos magros e uma pegada surpreendentemente firme.

— Eu me lembro.

— Você fez um belo discurso.

Nora virou a cabeça para olhar melhor para ele, como se quisesse avaliar sua sinceridade. Ela estava usando maquiagem e a pele mais maltratada sob os olhos parecia menos visível do que de costume.

— Não me lembre — disse ela. — Estou tentando esquecer isso.

Kevin assentiu com um aceno de cabeça. Queria dizer algo favorável a ela a respeito do artigo do boletim de Matt Jamison — era um inacreditável golpe baixo, mesmo para o oportunista que Matt havia se tornado —, mas imaginou que Nora estava tentando esquecer também aquilo.

— Antes eu tivesse ficado de boca fechada — sussurrou Nora. — Sinto-me uma tremenda idiota.

— Você não tem culpa alguma.

— Não tenho culpa de nada. Mesmo assim me sinto péssima.

Kevin não tinha certeza do que devia responder. Sem pensar, esticou as pernas no chão, de modo que ficaram paralelas às de Nora, os jeans escuros de Kevin junto à pele nua dela. A simetria trouxe à memória de Kevin um artigo que tinha lido a respeito da linguagem corporal, como inconscientemente espelhamos a postura das pessoas que nos atraem.

— E então, o que achou do DJ? — perguntou ele.

— É bom. — Sua voz pareceu sincera. — Um pouco antiquado, mas bom.

— Ele é novo. O último antes dele falava demais. Tinha um microfone e ficava berrando para as pessoas irem para a pista de dança, e não era nem um pouco educado. Falava coisas como: *O que é que há, Mapleton? Isto aqui é uma festa, e não um velório!* Às vezes ele ficava meio pessoal demais. *Ei, você, Paletó de Tweed. Você ainda está respirando?* Recebemos um monte de reclamações.

— Deixe-me adivinhar — disse ela. — Você era o Paletó de Tweed.

— Não, não. — Kevin sorriu. — Foi só um exemplo.

— Tem certeza? — disse ela. — Porque eu não o vi na pista de dança.

— Eu queria. Mas fui impedido.

— Pelo quê?

— Lá dentro é como uma sessão do conselho. Toda vez que me viro, alguém começa a gritar comigo sobre ruas esburacadas, ou sobre a comissão de planejamento, ou que ninguém recolheu o lixo do quintal. Não consigo relaxar de verdade, não como eu fazia antes.

Nora inclinou-se para a frente e juntou os joelhos contra o peito. Havia algo de juvenil em sua postura, um comovente contraste com seu rosto, que

parecia mais velho do que o restante dela. Kevin ficou espantado quando ela sorriu, era como se uma luz tivesse se acendido por baixo da sua pele.

— Ei, Paletó de Tweed — disse ela.

— Só para que não haja dúvidas, eu nem tenho um paletó de tweed.

— Pois devia arranjar um — disse Nora. — Com reforços nos cotovelos. Aposto que ia ficar bem em você.



Jill ficou deitada no escuro por muito tempo, antes de se levantar e vestir-se. Deu um beijo delicado na testa de Max, mas ele nem se mexeu. Tinha adormecido logo depois de se masturbar e parecia estar fora de combate. Da próxima vez, Jill teria de lhe pedir para manter a luz acesa enquanto se masturbava, para que ela pudesse ver seu rosto. Era a melhor parte da coisa toda, no que lhe dizia respeito, a maneira como o rosto de um rapaz se contorcia todo, com violência, e depois relaxava, como se algum mistério terrível tivesse acabado de ser solucionado.

Jill desceu para o térreo e ficou surpresa de encontrar a sala vazia, com um aspecto lúgubre e estranho, sob a luz do televisor sem som. Aquele longo anúncio idiota de “Óculos Milagrosos” estava no ar outra vez, o anúncio que mostrava uma família de quatro pessoas — mãe, pai, filho e filha — caminhando pelo mato com óculos de visão noturna presos diante dos olhos, como os de soldados em guerra. No momento certo, todos eles paravam e olhavam para cima, apontavam admirados para algo no céu. Ela sabia de cor as palavras do locutor: *Compre dois Óculos Milagrosos pelo nosso preço promocional e ganhe mais dois ABSOLUTAMENTE GRÁTIS! Isso mesmo, compre dois e ganhe mais um par gratuitamente! Como um brinde extra, vamos acrescentar um jogo de quatro Aparelhos de Comunicação Familiar para a Segurança Doméstica SEM CUSTO! São sessenta dólares!* Na tela, o garotinho se agachava na floresta, falava com ar preocupado em seu Aparelho de Comunicação Familiar, que parecia a Jill uma versão para jardim de um walkie-talkie. O rosto do menino se abria num largo sorriso quando seus pais e sua irmã surgiam de trás das árvores, empunhando os próprios aparelhos, e corriam em sua direção para abraçá-lo. *Peça já! Você vai agradecer a Deus por ter feito isso!* Jill preferia morrer a admitir, mas aquele comercial vagabundo sempre a deixava com um nó na garganta, a alegria da família reunida outra vez e toda aquela babaquice sentimental.

Não que fosse obrigação dela, mas Jill dedicou alguns minutos a arrumar tudo, enquanto esperava Aimee. Sabia como podia ser deprimente acordar numa casa toda bagunçada, como aquilo podia dar a sensação de que o novo dia já era velho. É verdade que a casa de Dmitri era a central de festas — os pais e as duas irmãs pequenas estavam “fora” desde que Jill o conhecia, e ninguém esperava que eles voltassem tão cedo —, portanto talvez ele não se importasse tanto. Talvez o caos fosse o estado normal para ele, e a ordem, uma exceção intrigante.

Jill levou para a cozinha várias garrafas de cerveja vazias e lavou-as sob a torneira. Depois embrulhou a pizza fria, colocou dentro da geladeira e empurrou a caixa de papelão para dentro da lixeira. Tinha acabado de pôr a louça na máquina quando Aimee entrou, sorrindo encabulada, com o braço estendido à sua frente. Uma calcinha balançava em sua mão, presa entre a ponta do polegar e do indicador, como um objeto suspeito apanhado no lixo na beira de uma estrada.

— Que piranha que eu sou — disse ela.

Jill olhou bem para a calcinha. Era azul-clara, com margaridas amarelas.

— É minha?

Aimee abriu o armário embaixo da pia e enterrou a calcinha na lixeira.

— acredite — disse ela —, você não vai querer de volta.



Por mais que gostasse de dançar, Kevin nunca fora bom nisso. Era por causa do futebol americano, pensou — tinha os quadris e os ombros duros demais, era um pouco preso no chão, como se esperasse que dançarinos de um time adversário partissem para cima dele. Em consequência, Kevin tendia a ficar tolhido em um pequeno número de movimentos repetitivos, que lhe davam a sensação de estar imitando um brinquedo barato, movido a pilha.

Nora o deixou ainda mais consciente do que de costume de sua deficiência naquele departamento. Ela se movimentava com uma graça descontraída, pelo visto sem notar qualquer distinção entre seu corpo e a música. Por sorte, não parecia nem um pouco chateada com a inabilidade de Kevin. Na maior parte do tempo, Nora não parecia sequer saber que ele estava ali. Ficava de cabeça baixa, o rosto em parte escondido por uma oscilante cortina de cabelo escuro e reluzente, tão fina que parecia quase líquida. Nos raros momentos em que seus olhares se cruzavam, Nora lhe

dirigia um sorriso doce e surpreso, como se houvesse se esquecido de sua presença.

O DJ tocou “Love Shack”, “Brick House” e “Sex Machine” e Nora sabia a maior parte das letras. Ela rebolou e rodopiou, tirou os sapatos com pontapés no ar e dançou descalça no piso de madeira. A exuberância que mostrava era especialmente impressionante, porque devia saber que todos a observavam com muita atenção. O próprio Kevin podia sentir aquilo, como se tivesse entrado na mira de um holofote agressivo. O escrutínio não chegava a ser propriamente rude, pensou Kevin — havia naquilo algo de furtivo e impotente —, mas era incessante, e Kevin ficava cada vez mais constrangido sob seu olhar. Olhava em volta, sorrindo encabulado, pedindo desculpas a todos por ser tão desajeitado.

Dançaram sete músicas sem parar, mas, quando Kevin perguntou se Nora queria descansar — sem dúvida ele mesmo queria um descanso —, ela balançou a cabeça. Seu rosto estava reluzente de suor, seus olhos brilhavam.

—Vamos continuar.

Kevin ficou exausto depois do ataque de “I Will Survive” e “Turn the Beat Around” seguidas. Por sorte, a música que tocou depois foi “Surfer Girl”, a primeira música lenta desde que os dois tinham ido para a pista. Houve um momento de embaraço durante o arpejo da introdução, mas Nora respondeu ao olhar indagador de Kevin dando um passo à frente e pendurando os braços no pescoço nele. Kevin completou o abraço, colocando uma mão no ombro dela e a outra na região lombar de Nora. Ela baixou a cabeça sobre o ombro de Kevin, como se ele fosse seu par no baile de formatura.

Kevin deu um passinho à frente, arrastando o pé, e outro para o lado, enquanto respirava os aromas misturados do suor e do xampu de Nora. Ela seguiu os passos de Kevin, seu corpo se apertando ao dele, enquanto se moviam. Ele podia sentir o calor úmido da pele de Nora que subia através do pano fino de seu vestido. Nora sussurrou algo, mas suas palavras se perderam no colarinho de Kevin.

— Desculpe — disse ele. — Não ouvi.

Ela ergueu a cabeça. Sua voz estava suave e sonhadora.

— Tem um buraco na minha rua — disse para ele. — Quando você vai consertar?



**PARTE TRÊS**  
**BOAS FESTAS**

## GENTE SUJA

Tom estava nervoso na rodoviária. Preferia continuar viajando de carona, insistir nas estradas vicinais, acampar no mato, economizar o dinheiro deles para os casos de emergência. Tinham vindo de São Francisco para Denver assim, mas Christine estava cansada daquilo. Não chegara a dizer isso de forma tão direta, mas Tom percebia que ela achava que aquilo não era digno dela, levantar o polegar e fingir que era grata a pessoas que não faziam a menor ideia da honra que era representar qualquer papel, por mais insignificante que fosse, na história dela, pessoas que se comportavam como se estivessem fazendo um favor ao dar carona para dois pirralhos descalços e desgrenhados, no meio do nada, e levá-los pela estrada um pouco mais adiante.

Faltavam dois dias para o Dia de Ação de Graças — Tom tinha esquecido tudo a respeito do feriado, que antes era um de seus prediletos — e a área de espera estava entupida de passageiros e de bagagem, sem falar de um número problemático de guardas e soldados. Christine avistou um banco vazio — era um lugar só, no meio de uma fileira — e correu para ocupá-lo. Tentando controlar sua irritação, Tom se arrastou atrás dela, curvado sob o peso da mochila sobrecarregada, mantendo sempre em mente que as necessidades dela vinham em primeiro lugar.

Desvencilhando-se da mochila desajeitada — continha as coisas dela, bem como as suas, além da barraca e do saco de dormir —, Tom sentou-se aos pés de Christine, como um cão fiel, e se acomodou enviesado de modo a evitar o olhar do bando de soldados sentados bem em frente, todos em coturnos e farda de deserto. Dois cochilavam e um mandava uma mensagem pelo celular, mas o quarto — um soldado ruivo, magro, com olhos de coelho, com bordas cor-de-rosa — estava observando Christine com uma atenção que deixava Tom nervoso.

Era exatamente aquilo que deixara Tom preocupado. Christine era tão bonita que era impossível *não* olhar para ela, nem mesmo vestida naqueles

trapos sórdidos de hippie e com aquele gorro tricotado à mão, com um grande alvo de círculos concêntricos, azuis e laranja, pintado no meio da testa. Tinha passado mais de um mês desde a prisão do Sr. Gilcrest e a história já tinha quase sumido na memória das pessoas, mas ele achava que era só uma questão de tempo até que algum intrometido notasse Christine e a relacionasse com as noivas foragidas.

O olhar do soldado passou para Tom. Ele tentou ignorá-lo, mas o cara parecia ter todo o tempo do mundo e nada mais a fazer senão olhar. Por fim, Tom não teve escolha, a não ser virar-se e olhar nos olhos dele.

— Você, Chiqueirinho — disse o soldado. A etiqueta no bolso da camisa o identificava como Henning. — Essa daí é sua namorada?

— Só amiga — respondeu Tom, um pouco de má vontade.

— Qual é o nome dela?

— Jennifer.

— Para onde estão indo?

— Omaha.

— Ei, eu também. — Henning pareceu feliz com a coincidência. — Ganhei duas semanas de folga. Vou passar o Dia de Ação de Graças com a família.

Tom assentiu com uma aceno de cabeça, bem de leve, tentando dar a entender ao sujeito que ele não estava nem um pouco a fim de começar um bate-papo para se conhecerem. Mas Henning não entendeu o gesto.

— E então, o que traz vocês ao Nebraska?

— Estamos só de passagem.

— E de onde estão vindo?

— Phoenix — mentiu ele.

— É quente para cacete por lá, não é?

Tom olhou para o lado, tentando indicar que a conversa tinha terminado. Henning fingiu não notar.

— Mas me diga uma coisa, o que vocês têm contra tomar banho? Será que são alérgicos a água?

*Ah, meu Deus*, pensou Tom. *De novo, não*. Quando resolveram se disfarçar de Povo Descalço, imaginou que seriam objeto de muitas provocações a respeito de drogas e de amor livre, mas não tinha a menor ideia de quantas vezes teria de se dedicar ao tema da higiene pessoal.

— Nós damos valor à limpeza — explicou Tom. — Só não somos obcecados por isso.

— Dá para perceber. — Henning olhou de relance para os pés imundos de Tom como se fossem a Prova A. — Estou curioso. Qual o máximo de tempo que você já conseguiu ficar sem tomar banho?

Se tivesse algum interesse em ser honesto, teria dito sete dias, que era a extensão do período atual. Em nome da verossimilhança, ele e Christine tinham parado de tomar banho três dias antes de partirem de São Francisco e, durante o tempo que passaram na estrada, só tiveram acesso a banheiros públicos.

— Não é da sua conta.

— Legal, tudo bem. — Henning parecia estar se divertindo. — Responda só uma coisa. Qual foi a última vez que trocou sua cueca?

O soldado ao lado de Henning, um negro careca que digitava no celular como se sua vida dependesse daquilo, ergueu os olhos do telefone e deu uma gargalhada. Tom ficou em silêncio. Não havia um único modo digno de responder a uma pergunta sobre a sua cueca.

— Vamos lá, Chiqueirinho. Dê só uma ideia aproximada, assim por alto. Vai ganhar pontos extras se for menos de uma semana.

— Talvez ele seja desses que não usam cueca — conjecturou o negro.

— A pureza vem de dentro — explicou Tom, repetindo um dos lemas prediletos do Povo Descalço. — O que é exterior é irrelevante.

— Não para mim — retrucou Henning. — Sou eu quem vai ter de ficar doze horas no ônibus com você.

Tom não falou, mas sabia que o cara tinha certa razão. Durante os últimos dias, Tom estivera incomodamente consciente do fedor que ele e Christine exalavam. Todos os motoristas que deram carona para eles abriram na mesma hora os vidros das janelas do carro, por mais que estivesse frio ou chovendo. A verossimilhança já não era mais um problema.

— Desculpe se por isso ofendemos você — disse ele, um pouco áspero.

— Não se irrite, Chiqueirinho. Estou só de sacanagem.

Antes que Tom pudesse responder, Christine deu um pontapé de leve nas costas dele. Tom ignorou a mensagem, querendo mantê-la fora da conversa. Mas aí ela lhe deu mais um pontapé, forte o suficiente para ele não ter alternativa senão virar-se para ela.

— Estou morrendo de fome — disse ela, apontando com o queixo para a praça de alimentação. — Você não quer pegar uma fatia de pizza para mim?

Não foi só Henning que se incomodou com a presença deles no ônibus noturno. O motorista não se mostrou muito contente quando pegou as passagens dos dois; alguns passageiros resmungaram comentários depreciativos quando os dois passaram pelo corredor rumo às poltronas vazias no fundo.

Aquilo chegava quase a fazer com que Tom tivesse pena do Povo Descalço. Até começar a se fazer passar por um deles, não tinha a menor ideia de como eram impopulares entre o público em geral, ao menos fora de São Francisco. Mas toda vez que Tom se apanhava desejando que ele e Christine tivessem escolhido um disfarce mais respeitável — algo que lhes permitisse se misturarem um pouco melhor às pessoas comuns e não atraírem tanta hostilidade à solta — Tom se lembrava de que a fragilidade daquele disfarce específico era também a sua força. Quanto mais extravagante parecesse, tanto mais fácil era para as pessoas aceitar as aparências como algo real — limitavam-se a riscar os dois da lista de suspeitos, como um casal de imundos inofensivos, e os deixavam em paz.

Christine acomodou-se na poltrona da janela na última fila do ônibus, incomodamente perto do banheiro. Ela pareceu intrigada quando Tom se sentou do outro lado do corredor.

— O que é que há? — Deu uma palmadinha na poltrona vazia a seu lado. — Não vai me fazer companhia?

— Achei que a gente podia ir separado. Fica mais fácil para descansar um pouco.

— Ah. — Ela pareceu frustrada. — Acho que você não me ama mais.

— Esqueci de lhe dizer — respondeu Tom. — Conheci outra pessoa. Na internet.

— Ela é bonita?

— Só sei que é uma garota russa limpinha, em busca de garanhão americano rico.

— Ainda bem que não é o contrário.

— Muito engraçado.

Eles vinham brincando um com o outro desse jeito nas últimas semanas, fingindo que eram namorados, na esperança de que, com as brincadeiras, dissipassem um pouco da tensão sexual que parecia pairar no ar, mas aquilo só fazia a tensão ficar ainda maior. Na casa, já havia sido bastante perturbador, porém se tornara torturante agora que estavam em viagem, companheiros vinte e quatro horas por dia, comendo juntos, dormindo lado a lado na pequena barraca de escoteiro. Tom tinha ouvido Christine roncar e a vira de

cócoras no mato, e tinha afastado seu cabelo do rosto quando Christine vomitava de manhã, mas toda aquela intimidade não tinha sido capaz de engendrar nem a menor partícula de desprezo. Tom ainda se excitava toda vez que ela roçava nele e sabia que seria uma tortura insone ficar sentado ao lado de Christine durante doze horas, os olhos bem abertos, o joelho dela a poucos centímetros do seu.

Apesar da profusão de oportunidades, Tom ainda não tinha feito qualquer movimento de aproximação — não tentara beijar Christine na barraca, não havia nem segurado sua mão — e não tinha a intenção de fazê-lo. Christine tinha dezesseis anos e estava grávida de quatro meses — sua barriga começara a crescer — e a última coisa de que ela precisava naquela situação era das investidas sexuais de seu companheiro de viagem, a pessoa que supostamente deveria cuidar dela. A missão de Tom era bem simples: tudo o que tinha a fazer era entregá-la sã e salva em Boston, onde amigos solidários do Sr. Gilchrest haviam se oferecido para tomar conta dela, e lhe dariam casa, comida e cuidados médicos até a chegada do bebê, aquele que supostamente viria para salvar o mundo.

Tom, é claro, não acreditava naqueles absurdos sobre a Criança Milagrosa. Nem sequer compreendia o que podia significar *salvar o mundo*. Por acaso as pessoas que tinham desaparecido voltariam? Ou apenas as coisas ficariam melhores para quem tinha sido deixado para trás, haveria menos tristeza e preocupação em toda parte, um futuro mais promissor à frente? A profecia era excessivamente vaga, o que levava a toda sorte de rumores sem fundamento e de especulações desenfreadas, nenhuma das quais ele levava a sério, pela simples razão de que sua fé no Sr. Gilchrest tinha praticamente virado pó. Só estava ajudando Christine porque gostava dela e porque parecia uma boa ocasião para ir embora de São Francisco e começar um novo capítulo em sua vida, fosse ele qual fosse.

Mesmo assim, só para se divertir, às vezes ele se permitia cogitar a remota possibilidade de que tudo aquilo pudesse ser verdade. Talvez o Sr. Gilchrest fosse de fato um homem santo, apesar de todos seus defeitos, e o bebê talvez fosse mesmo algum tipo de salvador. Talvez tudo dependesse realmente de Christine e, portanto, dele. Talvez Tom Garvey, daqui a milhares de anos, fosse lembrado como o cara que a ajudou quando ela mais precisava e que sempre tinha se comportado como um cavalheiro, mesmo quando não era necessário.

*Esse sou eu*, pensou ele com uma satisfação amarga. *O cara que se comportou*.

★ ★ ★

Era o início da noite quando eles começaram a viagem. Tarde demais para poder apreciar a paisagem das Montanhas Rochosas. O ônibus era novo e estava limpo, com poltronas reclináveis e forradas de pelúcia, filme a bordo e internet sem fio grátis, embora nem Tom nem Christine pudessem usá-la. O banheiro nem cheirava tão mal, ao menos não por enquanto.

Tom tentou assistir ao filme — *Bolt*, um desenho animado sobre um cachorro que, iludido, acha que tem superpoderes —, mas não deu certo. Tinha perdido o gosto pela cultura pop depois da Partida Repentina e não conseguira recuperá-lo. Tudo agora parecia tão frenético e falso, tão desesperado para prender a atenção do público a fim de que ninguém percebesse as más notícias que estavam bem na frente de todos. Ele nem acompanhava mais os esportes, não tinha a menor ideia de quem tinha ganhado o campeonato nacional de beisebol. De todo modo, os times estavam desfalcados, as posições vagas eram preenchidas por jogadores de divisões inferiores e por jogadores aposentados que foram convocados de novo e às pressas. Ele só sentia mesmo falta da música. Seria legal ter de volta seu iPod verde-metálico para a viagem, mas o aparelho sumira muito tempo atrás, tinha sido perdido ou roubado em Columbus, ou talvez em Ann Arbor.

Ao menos Christine parecia se divertir. Ria das imagens que via na telinha à sua frente, sentada com os pés sujos sobre o estofamento da poltrona e com os joelhos dobrados e apertados contra o peito, os quais ela dizia estarem muito maiores do que antes, embora Tom não conseguisse perceber qualquer diferença. Daquele ângulo, com sua pequena barriga oculta sob um suéter folgado e uma jaqueta de lã esfrangalhada, Christine parecia uma criança, uma menina que deveria estar preocupada com o dever de casa e com o jogo de futebol com as amigas, e não com os mamilos machucados ou com a possibilidade de estar com uma taxa baixa de ácido fólico. Tom deve ter ficado olhando por muito tempo, porque ela se virou de repente, como se ele a tivesse chamado pelo nome.

— O que foi? — perguntou Christine, um pouco na defensiva. O alvo desenhado em sua testa estava um pouco desbotado; ela teria de retocá-lo quando chegassem a Omaha.

— Nada — respondeu Tom. — Estava viajando.  
— Tem certeza?  
— Sim, pode voltar para o seu filme.  
— É muito engraçado — disse ela, com os olhos cintilantes de prazer. —  
Esse cachorrinho é a maior viagem.

★ ★ ★

Houve uma corrida para o banheiro assim que o filme terminou. A fila andava com eficiência, no início, mas deu uma parada quando um cara mais velho, com uma bengala e uma fisionomia severamente resoluto, se enfiou lá e ficou. As pessoas que estavam atrás dele foram ficando visivelmente irritadas à medida que os minutos passavam lentamente, davam suspiros em intervalos cada vez menores, pediam aos colegas da frente da fila que batessem na porta para ver se o homem estava vivo lá dentro ou ao menos para descobrir se *Guerra e paz* era mesmo um livro tão bom quanto diziam.

Por azar, calhou de Henning ser o segundo da fila na hora do engarrafamento. Tom ficou de cabeça baixa, fingindo estar concentrado no jornal gratuito que ele pegara na rodoviária, mas podia sentir o olhar fixo do soldado bem no centro do alvo na testa.

— Chiqueirinho! — gritou ele, quando Tom afinal levantou os olhos. Parecia bem embriagado. — Meu velho amigo.

— Oi.

— Ei, Vovô! — esbravejou Henning, dirigindo-se à porta do banheiro. — Seu tempo acabou! — Virou-se para Tom com uma expressão irritada. — Que merda ele está fazendo lá dentro?

— Não se pode apressar a Mãe Natureza — explicou Tom. Parecia o tipo de coisa que o Povo Descalço diria.

— Isso é uma sacanagem — retrucou Henning, atraindo com isso um nervoso aceno de cabeça afirmativo da mulher de meia-idade que estava na sua frente. — Vou contar até dez. Se ele não sair logo daí, vou derrubar essa porta.

Nessa hora, ouviu-se o barulho da descarga da privada, que espalhou uma visível onda de alívio pelo corredor do ônibus. Seguiu-se um longo intervalo de silêncio, cheio de um suspense estranho, ao final do qual se ouviu de novo o barulho da descarga. Quando a porta afinal se abriu, o ocupante agora



famoso saiu e observou o público da fila. Enxugou a testa suada com uma toalha de papel e pronunciou um humilde apelo de desculpas.

— Tive um probleminha. — Esfregou a barriga, com a mão um pouco hesitante, como se as coisas ainda não estivessem de todo resolvidas. — Nada que eu pudesse evitar.

Tom captou um ar de aflição enquanto o velho seguia adiante mancando, e sua substituta entrou no banheiro e deu um gemido abafado de protesto quando fechou a porta.

— E aí, o que está rolando aqui atrás? — perguntou Henning, muito mais alegre agora que o congestionamento tinha terminado. — Vocês estão fazendo uma festinha?

— Só passando o tempo — disse Tom. — Tentando descansar um pouco.

— Sei, tudo bem. — Henning confirmou com um gesto de cabeça, como se estivesse por dentro do assunto, e deu uma palmadinha nos bolsos de trás da calça. — Estou com o meu uísque Jim Beam. Posso dividir com vocês numa boa.

— A gente não curte álcool.

— Saquei. — Henning uniu o polegar e o indicador e levou-os aos lábios. — Preferem uma ervinha, não é?

Tom confirmou com um aceno de cabeça, com ar compenetrado. O Povo Descalço gostava de fato de uma ervinha.

— Também tenho um pouco aqui comigo — comunicou Henning. — Daqui a algumas horas vamos ter uma parada e, se quiserem, podemos dividir.

Antes que Tom pudesse responder, ouviu-se o barulho da descarga.

— Obrigado, meu Jesus — resmungou Henning.

Ao sair do banheiro, a mulher de meia-idade sorriu constrangida para Henning.

— É todo seu — disse para ele.

Ao entrar, Henning deu mais uma tragada no seu cigarro imaginário. — A gente se vê daqui a pouco, Chiqueirinho.

★ ★ ★

Embalado pelo zunido dos pneus grandes, Tom acabou pegando no sono em algum ponto perto de Ogallala. Foi acordado um pouco depois — não tinha noção de quanto tempo havia cochilado — pelo barulho de vozes e por uma confusa sensação de alarme. O ônibus estava escuro, exceto pelo brilho de

algumas poucas luzes de leitura dispersas e da tela de alguns laptops, e Tom levou alguns segundos para recuperar o senso de orientação. Virou-se instintivamente para verificar como estava Christine, mas o soldado estava entre eles. Estava sentado ao lado dela, com uma garrafa de uísque na mão, e falava em tom de voz baixo e confidencial.

— Ei! — A voz de Tom soou mais alta do que pretendia, o que despertou alguns olhares aborrecidos e um ou dois pedidos de outros passageiros para que não fizesse barulho. — O que você está...?

— Chiqueirinho. — Henning falou em voz baixa. Havia uma expressão doce no seu rosto. — Nós acordamos você?

— Jennifer? — Tom inclinou-se para a frente, tentando ver Christine de relance. — Você está bem?

— Estou legal — respondeu ela, mas Tom achou que havia um tom de repreensão em sua voz, o que ele sabia que era merecido. Ele devia ser seu guarda-costas e lá estava ele, dormindo durante o expediente. Só Deus sabia quanto tempo ela havia ficado encurralada daquele jeito, rechaçando as investidas de um soldado bêbado.

— Volte a dormir. — Henning esticou a mão através do corredor e deu uma palmadinha no ombro dele com o que pareceu um gesto tranquilizador e paternal. — Não tem motivo nenhum para se preocupar.

Tom esfregou os olhos e tentou pensar. Não queria criar hostilidade com Henning nem provocar qualquer perturbação da ordem. A única coisa de que eles não precisavam àquela altura era chamar atenção desnecessária.

— Escute — disse ele, no tom de voz mais cordial e sensato que conseguiu. — Não quero bancar o chato, mas já está muito tarde e a gente tem dormido muito pouco nos últimos dias. Seria muito legal da sua parte se você pudesse voltar para sua poltrona e deixar a gente descansar por algum tempo.

— Não, não — protestou Henning. — Não é nada disso. Estamos só batendo um papo.

— Não é nada pessoal — explicou Tom. — Estou pedindo a você numa boa.

— Por favor — disse Henning. — Eu só preciso de alguém para conversar. Estou passando por uns maus bocados ultimamente.

Ele parecia sincero e Tom começou a se perguntar se não teria reagido de forma exagerada. Mas não estava gostando nem um pouco daquela situação,

aquele desconhecido muito perto de Christine, ocupando a poltrona a que Tom havia renunciado de maneira tão estúpida.

— Está tudo bem — disse-lhe Christine. — Não me importo que o Mark fique aqui.

— Mark, é?

Henning confirmou com a cabeça.

— É o meu nome.

— Está bem. Tanto faz. — Tom suspirou, admitindo sua derrota. — Se para ela está tudo bem, acho que para mim também está.

Henning ofereceu a garrafa num gesto de paz. *Que se dane*, pensou Tom. Tomou um golinho, estremecendo enquanto a bebida pegava fogo em sua garganta.

— É isso aí — disse Henning. — Temos um longo caminho até Omaha. Vai ser melhor se a gente curtir um pouco.

— Mark estava me contando sobre a guerra — explicou Christine.

— A guerra? — Tom teve um sobressalto, quando um tremor tardio do uísque percorreu seu corpo. De repente sentiu-se lúcido, muito alerta. — Qual delas?

— No Iêmen — respondeu ele. — Um fim de mundo filho da puta.

★ ★ ★

Christine cochilou, mas Tom e Henning continuaram conversando em voz baixa, enquanto passavam a garrafa de um para outro, através do corredor do ônibus.

— Vou ter de partir daqui a dez dias. — Henning parecia que não conseguia acreditar totalmente naquilo. — Doze meses de serviço.

Contou que vinha de uma família de militares. O pai fora soldado; bem como dois tios e uma tia. Henning e o irmão mais velho, Adam, tinham feito um pacto de se alistarem logo depois do 14 de Outubro. Ele vinha de uma cidadezinha rural de Cristãos Seguidores da Bíblia e, naquela época, todo mundo que ele conhecia acreditava que o Fim do Mundo estava muito próximo. Contavam que ia estourar uma guerra de grandes proporções no Oriente Médio, a batalha prevista no Apocalipse. O inimigo seria nada menos do que o exército do Anticristo, o líder de fala doce que uniria as forças do mal sob uma única bandeira e invadiria a Terra Santa.

No entanto, até então, nada daquilo tinha acontecido. O mundo estava cheio de tiranos corruptos e desprezíveis, mas nos últimos três anos nenhum deles se destacara como um possível Anticristo e nenhum tinha invadido Israel. Em lugar de uma guerra de grandes proporções, havia apenas a rotineira profusão de guerras pequenas e sórdidas. A do Afeganistão estava quase terminada, mas a da Somália continuava enrolada e a do Iêmen, piorando. Alguns meses antes, o presidente tinha anunciado uma grande movimentação de tropas.

— Falei com um cara que acabou de voltar — explicou Henning. — Disse que lá naquelas bandas é que nem na Idade da Pedra, só tem areia, cascalho e minas explosivas improvisadas.

— Caramba. — Tom tomou mais um gole do uísque. Estava começando a ficar todo soltinho. — E você tem medo?

— Porra, claro. — Henning puxou o lóbulo da orelha como se tentasse arrancá-lo. — Tenho dezenove anos. Não quero acordar na Alemanha com uma perna a menos.

— Isso não vai acontecer.

— Aconteceu com meu irmão. — Henning falou com sobriedade, a voz firme e distante.

— Caramba. Que merda.

— Vou vê-lo amanhã. É a primeira vez desde que aconteceu.

— E como ele está?

— Bem, eu acho. Puseram-no numa cadeira de rodas, mas em breve ele vai arranjar uma perna nova. Uma dessas próteses de alta tecnologia.

— São bem maneiras.

— Quem sabe ele não vira um desses corredores biônicos. Vi uma reportagem sobre um cara que agora corre mais rápido do que antes. — Henning sorveu as últimas gotas da garrafa de uísque, depois enfiou a garrafa vazia no bolso da poltrona à sua frente. — Vai ser esquisito ver meu irmão assim. Meu irmão mais velho.

Henning recostou-se na poltrona e fechou os olhos. Tom achou que ele ia cochilar, mas aí o soldado deu um resmungo suave, como se uma ideia interessante tivesse acabado de passar por sua cabeça.

— Você é que está certo, Chiqueirinho. Vai aonde quer, faz o que quer, ninguém fica dando ordens a você nem tenta estourar seus miolos. — Olhou para Tom. — Esse é o grande lance, não é? Você fica só rolando por aí, de olho em alguma festa, não é?

— É nosso dever nos divertir — explicou Tom. Estava bastante familiarizado com a teologia; uma porção de professores que ele vinha formando em São Francisco tinha passado por uma fase de Povo Descalço, antes de se tornarem Santos Wayners. — Acreditamos que o prazer é uma dádiva do criador e que glorificamos o criador quando nos divertimos. O único pecado é o sofrimento. Para nós, essa é a Regra Número Um.

Henning sorriu.

— Esse é meu tipo de religião.

— Dito assim, parece simples, mas não é tão fácil quanto você pensa. Parece que a espécie humana foi programada para o sofrimento.

— Com certeza — respondeu Henning, com uma convicção surpreendente. — Há quanto tempo você vive desse jeito?

— Mais ou menos um ano. — Tom e Christine tinham ensaiado suas histórias de disfarce exatamente para aquele tipo de situação e Tom estava contente de terem feito aquilo: estava um pouco embriagado demais para conseguir improvisar alguma resposta. — Eu estava fazendo faculdade, mas tudo parecia muito absurdo. Sabe, o mundo ia acabar e eu ia me formar em contabilidade. Que bem aquilo iria me trazer?

Henning deu um tapinha na testa.

— E que história é essa desses círculos?

— É um alvo. Assim o Criador vai poder nos identificar.

Henning olhou de relance para Christine. Ela respirava suavemente, a cabeça encostada no vidro da janela, as feições delicadas em repouso, como se seus traços tivessem sido antes desenhados do que esculpidos no rosto.

— E por que o dela tem uma cor diferente? Quer dizer alguma coisa?

— É uma escolha pessoal, como uma assinatura. Uso marrom e dourado porque eram minhas cores no colégio.

— Eu podia usar bege e verde — disse Henning. — São as cores da camuflagem.

— Legal. — Tom confirmou com um aceno de cabeça. — Nunca vi um assim.

Henning inclinou-se para ele, através do corredor do ônibus, como se quisesse compartilhar um segredo.

— Então, é verdade?

— O quê?

— Que vocês curtem umas orgias e tal?

Pelo que Tom tinha ouvido dizer, o Povo Descalço promovia grandes reuniões no solstício ao ar livre, no deserto, onde todo mundo comia cogumelos, tomava ácido, dançava e trepava. Para ele, não parecia nada de formidável, só uma grande festa avacalhada, como as das fraternidades de estudantes na universidade.

— A gente não chama de orgia — explicou. — É mais como um retiro espiritual. Sabe? Como um ritual de união.

— Acho isso uma boa. Bem que eu gostaria de me unir a umas gatinhas hippies.

— É mesmo? — Tom não pôde resistir. — Mesmo que não trocassem de calcinha há uma semana?

— Ah, que se dane! — disse Henning com um sorriso. — A pureza vem de dentro, não é?

★ ★ ★

Christine acordou-o com um leve empurrão quando o ônibus parou na rodoviária em Omaha. A cabeça de Tom parecia grande e insustentável, pesada demais para o pescoço.

— Ah, meu Deus. — Tom fechou os olhos em face do ataque feroz da luz do dia que atravessava as janelas com vidro fumê. — Não me diga que já é de manhã.

— Pobrezinho. — Ela deu umas palmadinhas de leve no antebraço de Tom. Estavam sentados um do lado do outro, Tom na poltrona onde Henning tinha ficado.

— Ugh. — Ele rodou a língua por dentro da boca. Tinha um gosto horrível: uísque azedo, maconha, fumaça de ônibus, tristeza. — Atire em mim e acabe com tudo isso.

— Nunca. É muito mais divertido ver você sofrer.

Henning tinha ido embora. Haviam lhe dado um abraço de despedida, mais ou menos às quatro horas da madrugada, numa parada de ônibus no centro de lugar nenhum no meio do nada.

— Espero que ele esteja bem — disse ela, como se lesse o pensamento de Tom.

— Eu também.

Henning estava a caminho de São Francisco, ia pegar carona para o oeste, com um pedaço de papel dentro da carteira no qual Tom tinha escrito o

endereço do Elmore's Café e as instruções "pergunte por Gerald". Que Tom soubesse, não existia Gerald algum, mas isso não tinha importância. O Povo Descalço iria acolhê-lo, com ou sem apresentações. Todo mundo era bem-vindo, mesmo — e especialmente — um soldado, se tinha resolvido que não queria fazer parte daquela história de matar e morrer.

— É meio incrível — comentou Christine, enquanto estavam com os outros passageiros na plataforma de concreto, esperando para pegar as bagagens. — Você o converteu para uma religião em que você mesmo não acredita.

— Eu não o converti. Ele mesmo é que se converteu.

O motorista estava de mau humor, pegava as malas e as bolsas de lona e jogava para trás, sem prestar a menor atenção ao lugar onde iam cair. O bando de passageiro recuou alguns passos, para lhe dar mais espaço.

— Não podemos criticá-lo — disse Christine —, ele vai se divertir muito mais em São Francisco.

A mochila deles bateu no chão com um baque. Tom curvou-se para pegá-la, mas deve ter se levantado um pouco bruscamente demais. Suas pernas amoleceram de repente, ele oscilou por um ou dois segundos, ficou esperando que a tonteira passasse. Podia sentir o suor irrompendo de sua testa, uma gotinha viscosa de cada vez.

— Ah, caramba — disse ele. — Hoje vai ser um dia horrível.

— Bem-vindo à minha vida — disse Christine. — Quem sabe a gente pode vomitar juntos.

Uma família de ruivos estava parada dentro da rodoviária, olhando ansiosamente para os passageiros que desembarcavam. Eram quatro pessoas: o pai magricelo e a mãe rechonchuda — tinham mais ou menos a mesma idade que os pais de Tom —, uma adolescente emburrada e um cara abatido, de uma perna só, numa cadeira de rodas. *Adam*, pensou Tom. Estava sorrindo com um ar irônico, segurando um pedaço de papel, como um motorista no desembarque do aeroporto.

MARK HENNING, diziam as letras no papel.

Os Henning mal perceberam Tom e Christine. Estavam atarefados demais conferindo todos os rostos que saíam pela porta do ônibus, esperando com toda paciência que aparecesse o rosto certo, o único que importava.

## FLOCOS DE NEVE E BENGALINHAS DE CAMELO

Kevin chegou à prefeitura por volta das oito horas naquela manhã, uma hora mais cedo do que o habitual, na esperança de conseguir adiantar uma parte do trabalho antes de ir para o colégio encontrar-se com a orientadora educacional de Jill. Cumprindo uma promessa de campanha, ele havia optado por um estilo participativo de governo, e estava acessível para encontrar-se com os eleitores durante uma hora todos os dias, atendendo por ordem de chegada. Em parte, era uma questão de fazer boa política e, em parte, uma estratégia de sobrevivência. Kevin era um animal social: gostava de ter um lugar para ir de manhã, um motivo para fazer a barba, tomar banho e vestir roupas decentes. Gostava de sentir-se ocupado e importante, seguro de que sua esfera de influência se estendia para além das fronteiras do próprio quintal.

Tinha aprendido aquilo a duras penas, depois de vender suas grandes lojas de bebida Patriot Liquor, um bom negócio que lhe trouxera independência financeira aos quarenta e cinco anos. A aposentadoria precoce tinha sido o sonho no centro de seu casamento, um objetivo que ele e Laurie vinham perseguindo desde o mais remoto passado que sua memória conseguia alcançar. Nunca diziam aquilo em voz alta, mas aspiravam a ser um daqueles casais que viam na capa da revista *Money Magazine* — pessoas de meia-idade de aspecto vigoroso, montadas numa bicicleta dupla ou de pé no convés de seu barco a vela, alegres refugiados da rotina massacrante, que conseguiram, graças a uma combinação de sorte, trabalho duro e planejamento cuidadoso, abocanhar um naco de boa vida enquanto ainda eram jovens o bastante para desfrutá-la.

Mas não tinha dado certo. O mundo havia mudado demais e Laurie também. Enquanto Kevin vivia atarefado, cuidando da venda de sua empresa — era uma transação estressante, demorada —, ela ia aos poucos se afastando da vida que eles conheciam, preparando-se mentalmente para um futuro completamente distinto, que não incluía uma bicicleta dupla nem um barco a



vela, nem mesmo um marido, aliás. O sonho que os dois haviam compartilhado se tornara propriedade exclusiva de Kevin e, portanto, inútil para ele.

Kevin levou um tempo para compreender aquilo. Tudo o que sabia na ocasião era que a aposentadoria não lhe caía bem e que era possível sentir-se um hóspede indesejável na própria casa. Em vez de fazer todas as coisas empolgantes com que havia sonhado — treinar para uma competição de triatlão para pessoas de mais de quarenta anos, aprender a pescar com iscas artificiais, reacender a paixão em seu casamento —, ele passava a maior parte do tempo vagando sem direção, um homem sem rumo em calças folgadas de ginástica, que não conseguia entender por que a esposa o ignorava. Kevin ganhou peso, administrava com um rigor meticuloso as compras dos mantimentos para casa, cultivou um interesse insalubre pelos antigos videogames do filho, sobretudo pelo Futebol Americano de John Madden, que podia consumir tardes inteiras se ele não tomasse cuidado. Deixou a barba crescer, mas tinha muitos fios grisalhos, por isso raspou a barba. Era esse tipo de coisa que representava um acontecimento importante na vida de um aposentado.

Concorrer nas eleições revelou-se um antídoto perfeito para o que o afligia. Aquilo o tirara de dentro de casa e o colocara em contato com uma porção de gente diferente sem ser nem de longe algo tão exigente quanto um trabalho de verdade. Na condição de prefeito de uma pequena cidade, Kevin raramente trabalhava mais do que três ou quatro horas por dia — passava boa parte desse tempo percorrendo os diversos setores da prefeitura, conversava com vários funcionários e chefes de departamento —, mas essa escassa estrutura produzia um grande efeito em sua rotina diária. Tudo o mais se encaixava ao redor daquilo — as tardes eram para exercícios e passeios, as noites eram para relaxar; mais tarde, havia sempre o *Carpe Diem*.

★ ★ ★

No caminho de seu gabinete de prefeito, Kevin deu uma passadinha na central de polícia para sua reunião diária e flagrou o chefe Rogers comendo um enorme *muffin* de blueberry, uma franca violação de sua dieta para prevenir doenças cardíacas.

— Ah. — O chefe cobriu com a mão em concha a abóbada rompida de seu *muffin*, como que para proteger o recato da comida. — Um pouco cedo,

não é?

— Desculpe. — Kevin recuou um passo. — Posso voltar mais tarde.

— Não, tudo bem. — O chefe acenou com a mão para ele entrar. — Sem problemas. Quer um pouco de café?

Kevin encheu um copinho de isopor com o café da garrafa térmica prateada, que ele serviu apertando um botão em cima da tampa, depois acrescentou creme e sentou-se.

— Alice me mataria se visse isso. — O chefe, com um orgulho culpado, apontou a cabeça para seu *muffin*. Era um homem mole, de olhar triste, que sofrera dois ataques do coração e tinha uma tripla ponte de safena, com menos de sessenta anos. — Mas já larguei a bebida e o sexo. Eu estou perdido se largar também meu café da manhã.

— Você é que sabe. A gente só não quer ver você de novo no hospital.

O chefe de polícia suspirou.

— Escute o que vou lhe dizer. Se eu morrer amanhã, vou me arrepender de uma porção de coisas, mas este *muffin* não vai ser uma delas.

— Eu não ficaria preocupado com isso. Na certa você vai viver mais do que todos nós.

O chefe não pareceu achar que aquela era uma situação muito provável.

— Faça-me um favor: se um dia você entrar aqui de manhã e me encontrar emborcado em cima da escrivania, apenas retire as migalhas do meu rosto antes da ambulância chegar.

— Claro — disse Kevin. — Quer que eu penteie seu cabelo também?

— É uma questão de dignidade — explicou o chefe de polícia. — A partir de certo ponto, isso é tudo o que nos resta.

Kevin assentiu com um gesto de cabeça, deixando que seu silêncio assinalasse a transição para assuntos de trabalho. Se não tomasse cuidado, um papo furado com Ed Rogers podia durar a manhã inteira.

— Algum problema durante a noite?

— Nada de mais. Um motorista embriagado, um caso doméstico, um bando de cachorros vadios na William Road. A chatice de sempre.

— Qual foi o caso doméstico?

— Roy Grandy ameaçou a esposa de novo. Passou a noite na cadeia.

— Era de imaginar. — Kevin balançou a cabeça. A esposa de Grandy tinha obtido uma ordem de proteção judicial no verão, mas ela deixou o prazo expirar e não pediu outra. — O que você vai fazer?

— Não posso fazer grande coisa. Quando chegamos lá, a esposa ficou dizendo que tudo não passava de um grande mal-entendido. Vamos ter de soltá-lo.

— Alguma novidade na história do Falzone?

— Nada. — O chefe de polícia pareceu irritado. — É a mesma velha história de sempre. Ninguém sabe de nada.

— Bem, vamos continuar investigando.

— É querer tirar leite de pedra, Kevin. Não se pode obter informação com gente que não vai falar. Eles tinham de compreender que a coisa funciona nos dois sentidos. Se querem que a gente os proteja, precisam entrar no nosso jogo.

— Eu sei. Só estou preocupado com minha esposa. No caso de haver algum maluco à solta por lá.

— Entendo. — A fisionomia soturna do chefe de polícia tornou-se marota. — Mas devo dizer: se minha esposa fizesse um voto de silêncio, eu a apoiaria cem por cento.

★ ★ ★

Três semanas tinham se passado desde que encontraram o corpo de um Vigilante assassinado perto do Monumento aos Que Partiram, no Greenway Park. Desde então, além de fazerem os testes de balística de rotina e identificarem a vítima — era Jason Falzone, vinte e três anos, ex-garçom de um bar em Stonewood Heights —, a polícia fez muito pouco progresso na investigação. Uma investigação de porta em porta em toda a vizinhança em redor do parque não conseguira localizar qualquer pessoa que tivesse visto ou ouvido algo suspeito. Não era tão surpreendente assim: Falzone tinha sido assassinado depois da meia-noite, numa área deserta a quilômetros da casa mais próxima. Só haviam disparado um tiro, bem de perto, uma única bala na nuca.

Os investigadores também se viram frustrados em seu esforço para localizar o parceiro da vítima ou entrevistar quem quer que fosse entre os membros dos R.C., os quais por princípio recusavam-se a cooperar com a polícia ou com qualquer órgão do governo. Depois de uma negociação litigiosa, Patti Levin, a diretora da filial de Mapleton e sua porta-voz, concordou “por cortesia” em responder por escrito a uma série de perguntas, mas as informações que ela forneceu não levaram a lugar algum. Os detetives

se mostraram especialmente céticos diante da afirmação dela de que Falzone estava sozinho na noite do assassinato, pois era sabido de todos que os Vigilantes andavam em pares.

*Nem sempre temos um número par de pessoas em serviço, escreveu ela. A simples matemática determina que alguns de nossos membros tenham de operar de forma independente.*

Ofendidos com o que lhes pareceu uma sonegação de informações, sem falar do tom condescendente de Levin, alguns membros da equipe de investigadores levantaram a possibilidade de usar meios mais agressivos — intimações, mandados de busca e apreensão etc. —, mas Kevin os convenceu a conterem os ímpetos. Uma de suas prioridades como prefeito era reduzir a tensão entre a cidade e os Remanescentes Culpados; não se faria isso mandando um grupo de guardas fortemente armados invadir o condomínio deles, numa missão vaga, a fim de reunir potenciais testemunhas, ainda mais depois do que acontecera na última vez.

À medida que os dias iam passando sem que houvesse qualquer prisão, Kevin esperava que a polícia fosse criticada por residentes assustados — assassinatos eram extremamente raros em Mapleton, e casos sem solução e aparentemente gratuitos eram algo nunca visto —, mas o protesto nunca se concretizou. Não só isso, mas as cartas de leitores publicadas no jornal local podiam servir de alguma indicação, um bom número de cidadãos achava que Jason Falzone recebera mais ou menos o castigo que merecia. *Não estou tentando justificar o que aconteceu, declarava um leitor, mas encenqueiros que deliberadamente fazem o papel de impertinentes não devem ficar nem um pouco surpresos se provocam uma reação dessas.* Outro comentarista se mostrou mais direto: *Já passou muito da hora de expulsar de Mapleton os R.C. Se a polícia não cuidar disso, alguém vai cuidar.* Até os pais da vítima manifestaram uma atitude moderada diante de sua morte: *Lamentamos a perda de nosso filho amado. Mas a verdade é que Jason se tornara um fanático. Antes de desaparecer de nossas vidas, falava com frequência de seu desejo de morrer como um mártir. Parece que seu desejo foi atendido.*

Portanto, aquela era a situação em que se encontravam: um assassinato brutal, com traços de execução, nenhuma testemunha e ninguém pedindo justiça —, nem a família da vítima, nem os R.C., nem a boa gente de Mapleton. Apenas um jovem morto no parque, mais um sinal de que o mundo tinha enlouquecido.

★ ★ ★

A lanchonete Daisy's Diner era um daqueles lugares retrôs cheios de aço inoxidável e couro artificial marrom. Tinha sido reformada de maneira encantadora uns vinte anos antes e agora tinha a aparência gasta de novo — as banquetas remendadas com fita adesiva, as xícaras de café rachadas, o assoalho xadrez, em outros tempos deslumbrante, agora arranhado e sem brilho.

O aparelho de som estava tocando a versão de Bing Crosby de “The Little Drummer Boy”. Kevin esfregou com a mão o vidro embaçado da janela para criar um ponto translúcido e olhou com satisfação o cenário festivo do lado de fora — grandes representações de flocos de neve e bengalinas carameladas suspensas em cordões estendidos pela rua principal, grinaldas de sempre-vivas de verdade presas nos postes de luz, o centro comercial da cidade fervilhando de carros e pedestres.

— Está ficando bonito esse ano — disse ele. — Só falta um pouco de neve.

Jill resmungou de maneira evasiva, enquanto mordida seu hambúrguer vegetariano. Kevin se sentia um pouco culpado por deixar a filha perder uma aula para almoçar com ele, mas precisavam conversar e era difícil fazer isso em casa, com Aimee sempre por perto. Além do mais, àquela altura do semestre, o estrago já estava feito.

A reunião com a orientadora educacional não tinha corrido nada bem, para dizer o mínimo. De algum modo vago, Kevin já sabia que as notas de Jill estavam baixando, mas avaliara mal a gravidade da situação. Uma aluna que antes só tirava notas A e com os melhores índices de avaliação geral, sua filha não conseguia agora alcançar a nota mínima em matemática e química e, na melhor hipótese, iria arrancar um C em inglês avançado e história geral — duas de suas melhores matérias —, se tirasse nota máxima nas provas finais e entregasse um monte de trabalhos atrasados antes das férias de Natal, eventualidades que a cada dia pareciam mais remotas.

— Estou perplexa — disse a orientadora educacional. Era uma jovem séria, de cabelo comprido liso e óculos octogonais. — É uma completa derrocada acadêmica.

Jill tinha ficado sentada, quieta, com uma cara inexpressiva, a fisionomia oscilando entre um tédio educado e um ligeiro divertimento, como se estivessem falando de outra pessoa, uma garota que ela conhecia muito por

alto. Kevin também foi objeto de críticas bem severas. A Sra. Margolis não conseguia entender sua atitude *blasé*, o fato de ele não ter falado com nenhum dos professores de Jill nem ter respondido aos muitos e-mails sobre o progresso insatisfatória da filha.

— Que e-mails? — perguntou Kevin. — Não recebi e-mail algum.

Constatou-se que as mensagens continuavam indo para o endereço de Laurie, e por isso Kevin nunca as tinha visto, mas a confusão veio apenas confirmar o ponto de vista geral da orientadora educacional, que era o fato de Jill não estar recebendo a supervisão e o apoio necessários em casa. Kevin não refutou a acusação; sabia que tinha deixado a peteca cair. Desde o tempo em que Tom começara a frequentar o jardim de infância, Laurie é que tinha cuidado da educação dos filhos. Ela supervisionava os deveres de casa, assinava os boletins e as autorizações, além de conversar com os professores novos nas reuniões de volta às aulas. Tudo o que Kevin teve de fazer ao longo daqueles anos foi tentar parecer interessado quando a esposa lhe contava o que estava acontecendo; ele obviamente ainda não tinha aceitado o fato de que toda a responsabilidade agora cabia a ele.

— Compreendo que houve uma... reviravolta na casa de vocês — disse a Sra. Margolis. — Visivelmente, Jill está tendo alguns problemas de adaptação.

Concluiu a reunião riscando um grande X na lista de faculdades que ela e Jill tinham elaborado no início do ano letivo. Williams, Wesleyan, Bryn Mawr — agora todas elas estavam fora de cogitação. O processo já estava adiantado demais, porém o que eles precisavam fazer nas próximas semanas era mudar o foco para instituições menos seletivas, faculdades que pudessem ser um pouco mais tolerantes com um semestre de notas horríveis de uma aluna que, a não ser por isso, era excelente. Era uma pena, disse a orientadora educacional, mas era essa a situação em que se encontravam, portanto era melhor que eles encarassem a realidade.

*I'll play my drum for him, pa rum pum pum pum*, Vou tocar minha bateria para ele, dizia a música.

— E então, o que você acha? — perguntou Kevin, olhando para a filha do outro lado da mesa revestida de fórmica.

— Sobre o quê? — Jill encarou-o, o rosto paciente e impenetrável.

— Você sabe. A faculdade, o ano que vem, o restante de sua vida...

A boca de Jill se contraiu com repulsa.

— Ah, isso.

— É, isso.

Ela mergulhou uma batata frita num potinho de ketchup, depois a enfiou na boca.

— Não sei bem. Nem sei se quero mesmo fazer uma faculdade.

— É mesmo?

Ela deu de ombros.

— Tommy foi para a faculdade. Olhe só o que aconteceu com ele.

— Você não é o Tommy.

Jill limpou a boca com um guardanapo. Um débil rubor havia colorido suas bochechas.

— Não é só isso — disse ela. — É que... sobramos só nós dois. Se eu for, você vai ficar sozinho.

— Não se preocupe comigo. Faça o que é preciso. Eu vou me virar. — Tentou sorrir, mas só conseguiu fazer isso até a metade. — Além do mais, até onde eu sei, somos três morando lá em casa.

— Aimee não faz parte da família. É só uma hóspede.

Kevin estendeu a mão para pegar o copo — só tinha gelo — e levou a boca até a ponta do canudo, sugou as últimas gotas que restavam. Jill tinha razão, é claro. Só tinham sobrado eles dois.

— O que você acha? — perguntou ela. — Quer que eu vá embora para fazer faculdade?

— Quero que você faça o que quiser. O que a deixar feliz.

— Puxa, obrigada, pai. Ajudou muito.

— É para isso que me pagam tão bem.

Jill levou a mão ao topo da cabeça e, distraída, ficou beliscando as pontinhas do cabelo. Nas últimas semanas, os fios tinham crescido mais grossos e mais escuros, era visível, e sem o couro cabeludo branco e reluzente, ela ficou com um aspecto muito menos severo.

— Eu andei pensando — disse Jill. — Eu preferia ficar em casa no ano que vem, se você não se importar.

— Claro que não me importo.

— Talvez eu pudesse estudar em Bridgeton State, dá para ir e voltar todo dia. Podia ter algumas aulas. Quem sabe arranjar um emprego de meio-período.

— Claro — disse ele. — Pode ser uma boa.

Terminaram a refeição em silêncio, mal conseguiam se encarar. Kevin sabia que um pai menos egoísta ficaria frustrado — Jill merecia um lugar muito melhor para estudar do que Bridgeton State, o último recurso de

quem não conseguia entrar numa faculdade —, mas tudo o que sentiu foi um alívio tão forte que foi quase constrangedor. Só quando a garçonete veio recolher os pratos, Kevin tomou coragem para falar.

— Então, eh, eu também queria perguntar o que você quer ganhar de presente de Natal.

— Natal?

— Sim — respondeu ele. — É um grande feriado, lembra? E vai chegar daqui a pouco.

— Na verdade eu nem pensei nisso.

— Vamos lá — disse ele. — Ajude-me.

— Não sei. Um suéter?

— Cor? Tamanho? Eu preciso de alguma diretiva.

— Pequeno — respondeu Jill, fazendo uma careta, como se revelar a informação fosse algo doloroso. — Preto, pode ser.

— Ótimo. E quanto a Aimee?

— Aimee? — Jill pareceu surpresa, e até um pouco incomodada. — Você não precisa dar presente para Aimee.

— Mas o que ela vai fazer? Ficar parada olhando para nós dois enquanto abrimos nossos presentes?

A garçonete voltou com a conta. Kevin olhou para o papel, depois pegou a carteira.

— Talvez luvas — sugeriu Jill. — Ela vive pegando as minhas emprestadas.

— Certo. — Kevin pegou seu cartão de crédito e colocou na mesa. — Vou comprar luvas para ela. Avise se pensar em outra coisa.

— E a mamãe? — perguntou Jill, depois de alguns segundos. — Vamos comprar algum presente para ela?

Kevin quase riu, mas se controlou quando viu a expressão séria no rosto da filha.

— Não sei — respondeu. — É provável que não a vejamos.

— Ela gostava de brincos — sussurrou Jill. — Mas acho que já não pode mais usá-los.

★ ★ ★

Estavam numa faixa de pedestres na frente da lanchonete quando uma mulher passou por eles bem depressa numa bicicleta laranja. Chamou Kevin



na hora em que passou zunindo, uma saudação curta que ele não conseguiu decifrar muito bem.

— Oi. — Ele ergueu a mão num cumprimento atrasado, dirigido ao espaço que ela já não ocupava. — Como vai?

— Quem é? — Os olhos de Jill seguiram a ciclista enquanto ela descia a rua, dobrando a esquina que levava à rua Pleasant, deslizando na mesma velocidade que o carro que vinha a seu lado.

— Ninguém que você conheça — disse Kevin, se perguntando por que não queria dizer o nome dela.

— Que coragem — observou Jill. — Andar de bicicleta em dezembro.

— Está vestida para isso — disse Kevin, torcendo para que fosse mesmo verdade. — Hoje em dia existem essas roupas impermeáveis e sei lá mais o quê.

Falou de maneira relaxada, na esperança de que a agitação emocional passasse. Não tinha visto nem falado com Nora Durst desde o baile, a noite em que dançaram juntos até as luzes se acenderem. Ele a acompanhara até seu carro e se despedira como um cavalheiro, apertando sua mão, dizendo que tinha apreciado muito sua companhia. A irmã dela estava bem ali do lado, uma mulher atarracada, de aspecto impaciente, portanto não aconteceu nada além daquilo.

— Ligue um dia desses — sugeriu Nora. — Meu telefone está no catálogo.

— Com certeza — respondeu Kevin. — Vou fazer isso.

Estava falando sério, inclusive. Por que não telefonaria? Nora era inteligente, bonita, fácil de conversar, e ele também não andava com tantas opções assim no momento. Mas passaram três semanas e Kevin ainda não tinha ligado. Pensou muito em telefonar, tanto que nem precisava mais procurar o telefone dela no catálogo de assinantes de Mapleton. Mas dançar com Nora era uma coisa, sair com ela, conhecê-la de verdade, aproximar-se daquilo com que Nora era obrigada a viver, era algo completamente diferente.

*Ela é muita areia pro meu caminhãozinho*, disse Kevin para si mesmo, sem saber muito bem o que queria dizer, nem qual era o tamanho do caminhãozinho dele, ou quanto de areia ela era.

Levou Jill de volta para a escola em seu carro, depois foi para casa e fez ginástica com halteres no porão, um ambicioso programa de exercícios de musculação que estava desenvolvendo um belo volume em seus braços e em

seu peito. Fez galinha assada e batata para as garotas, leu um capítulo de *American Lion* após o jantar e depois foi andando até o Carpe Diem, onde a noite transcorreu sem surpresas, só os rostos familiares e o bate-papo agradável de pessoas que se conheciam um pouco bem demais e que amanhã fariam exatamente a mesma coisa.

Só quando foi para cama é que os pensamentos se voltaram para Nora outra vez, o choque que sentira quando ela passou de bicicleta. Na luz do dia, o momento veio e foi embora numa correria desordenada, mas no escuro, no sossego do quarto, a sensação foi lenta e contundente. Naquela versão simplificada, Jill não estava com ele; a rua Principal estava vazia. Não só isso, como Nora não estava de capacete nem de roupa de elastano, apenas com o belo vestido do dia do baile. O cabelo estava solto e esvoaçante, a voz clara e firme, quando passou ligeiro.

— Covarde — disse ela, e tudo o que Kevin pôde fazer foi confirmar, com um movimento de cabeça.

## A MELHOR CADEIRA DO MUNDO

No carro, Nora fez o melhor que pôde para se comportar como se não fosse nada de mais, como se fazer compras no shopping no auge da temporada do Natal fosse a coisa mais comum do mundo — porque somos americanos, porque o Natal estava muito próximo, porque fazíamos parte de uma grande família, gostássemos disso ou não, e precisávamos comprar presentes para certo número de parentes. Karen a acompanhava, mantinha a conversa leve e descontraída, não dizia nada capaz de chamar a atenção para o significado daquela jornada, nada capaz de sugerir que Nora “estava sendo corajosa” ou “dando um passo à frente” ou “tocando sua vida”, qualquer uma das expressões consoladoras que Nora passara a desprezar.

— É difícil comprar presentes para meninos adolescentes — disse Karen. — Eles não me dizem nem quais são os jogos de videogame que querem ganhar, como se eu tivesse a obrigação de saber qual é a diferença entre Onda Cerebral Assassina 2 e Onda Cerebral Assassina Edição Especial. Além do mais, falei para eles que não ia comprar nada classificado como jogo adulto, eu nem gosto dos jogos da categoria adolescentes, para ser franca, então tudo isso limita muito minhas opções. E as caixas em que eles vêm são tão pequenininhas, parece até que embaixo da árvore de Natal está... *vazio*, muito diferente do tempo em que eram crianças e havia uma porção de presentes se derramando para todos os lados, enchendo a sala inteira. *Aquilo* sim é que era Natal de verdade.

— Quem sabe uns livros? — disse Nora. — Eles gostam de ler, não é?

— Acho que sim. — Karen mantinha o olhar em frente, fixo nas lanternas traseiras do Explorer que ia diante delas. O trânsito estava pesado para a hora, sete e meia da noite, parecia até a hora do *rush*; parecia que todo o rebanho tinha tomado uma decisão coletiva de fazer compras. — Eles gostam daquelas besteiras de fantasia, e todos os títulos parecem iguais. No Natal passado dei para o Jonathan uma dessas trilógicas que vendem numa caixa, *Os lobisomens de Necrópolis*, ou algo do tipo, e quando fui ver ele já

tinha os livros. Estavam bem ali na estante dele. E foi a mesma coisa com tudo. Acho que os meninos não ganharam nada que os deixasse de fato contentes.

— Talvez você devesse fazer uma surpresa para eles. Não se concentre tanto no que você sabe que eles querem. Apresente algo novo.

— Como o quê?

— Não sei. Pranchas de surfe ou algo assim. Vales para aula de escalada ou de mergulho submarino, esse tipo de coisa.

— Hummm. — Karen pareceu intrigada. — Não é má ideia.

Nora não sabia dizer se sua irmã estava sendo sincera, mas na verdade não tinha importância. Ainda faltava meia hora para chegarem ao shopping e elas precisavam conversar sobre *alguma coisa*. No mínimo, era uma oportunidade para ela praticar aquele tipo de conversa banal, sem nada de pesado ou de perturbador. Era uma habilidade que ela precisava desenvolver, se quisesse entrar de novo a sério no mundo social — fazer uma entrevista de trabalho, digamos, ou sair para jantar com um homem interessante.

— Está... está bem quente hoje, para esta época do ano — arriscou.

— Não é? — A reação de Karen foi estranhamente enfática, como se estivesse esperando o dia inteiro uma chance de discutir o tempo. — Ontem à tarde eu saí só de suéter.

— Puxa. Em dezembro. Isso é uma loucura.

— Não vai durar muito.

— Ah, não?

— Amanhã vai chegar uma frente fria. Ouvi no rádio.

— Que pena.

— O que a gente pode fazer? — O bom humor de Karen voltou de forma tão abrupta quanto antes havia sumido. — Seria legal se nevasse no Natal. Faz um bom tempo que não temos um Natal com neve.

Não era tão difícil, pensou Nora. Era só ficar tagarelando, empilhando um comentário vazio sobre outro. O macete era dar a impressão de que estava interessada, mesmo quando não estava. E era preciso tomar cuidado com aquilo.

— Falei com mamãe hoje à tarde — disse Karen. — Este ano talvez ela não faça um peru. Disse que talvez faça um grande rosbife ou quem sabe um pernil de carneiro. Lembrei a ela que Chuck não gosta de carneiro, mas você sabe como ela é. As coisas entram por um ouvido e saem pelo outro.

— Nem me fale.

— Se bem que tenho de reconhecer que dou mais ou menos meu apoio a ela na questão do peru. Quer dizer, a gente acabou de comer peru no Dia de Ação de Graças e as sobras duraram um tempão. Já chega dessa história de peru.

Nora confirmou com um aceno de cabeça, embora na verdade não desse a mínima para aquela questão — ultimamente não andava comendo carne alguma, nem mesmo peixe ou frango. Não era tanto uma questão de objeção ética, mas uma mudança conceitual, como se a comida e os animais tivessem deixado de ser categorias que se sobrepunham. Ainda assim, Nora ficou aliviada ao saber que talvez não houvesse peru no jantar de Natal. Karen tinha feito um peru bem grande no Dia de Ação de Graças e a família inteira ficara reunida em torno do animal durante o que pareceu uma extensão de tempo torturante, erguendo elogios bombásticos à sua pele dourada e marrom e ao seu recheio succulento. *Que ave maravilhosa*, não paravam de falar uns para os outros, o que era uma coisa estranha de se dizer sobre um bicho morto e sem cabeça. E então seu primo Jerry fez todo mundo posar para uma fotografia de grupo, com a ave maravilhosa no lugar de honra. Ao menos ninguém faria nada do gênero com um rosbife.

— Isto é ótimo! — exclamou Karen, enquanto esperavam o sinal vermelho no acesso para o shopping. Apertou com a mão a perna de Nora, pouco acima do joelho. — Não acredito que estamos fazendo isto.

A verdade era que Nora também mal conseguia acreditar. Tudo aquilo fazia parte de um experimento, a decisão impulsiva que ela havia tomado de permanecer em casa naquele ano e encarar as festas de fim de ano de cabeça erguida, em vez de fugir para a Flórida ou para o México durante uma semana, torrar debaixo do sol, fingir que não existia no mundo uma data chamada Natal. Mesmo assim, ela havia se surpreendido em aceitar o convite de Karen para ir ao shopping, o epicentro de toda a loucura.

A culpa era sobretudo de Kevin Garvey, Nora estava certa disso. Havia passado um mês desde que os dois tinham dançado no baile e Nora até então não conseguia entender o que fazer com a situação. Só sabia que qualquer coisa — até um passeio ao shopping com a irmã — era melhor do que a perspectiva de ficar mais uma noite em casa como uma adolescente, esperando o telefonema dele. Àquela altura, já deveria estar bem claro que aquilo não ia acontecer, porém alguma parte de seu cérebro não aceitava a conclusão lógica — Nora não parava de olhar sua caixa de entrada de e-mail a cada cinco minutos, levava o telefone consigo para onde quer que fosse,

para o caso de ele resolver entrar em contato enquanto ela estivesse no banho ou lavando roupa.

Claro, Nora poderia perfeitamente dar um telefonema para ele ou mandar um e-mail casual. Kevin era o prefeito, afinal de contas; se ela quisesse, era só dar um pulo em seu gabinete no horário de trabalho, começar a reclamar sobre parquímetros ou qualquer outra coisa. Quando ela era jovem e solteira, nunca tinha tido a menor dificuldade para tomar a iniciativa, chamar um homem para sair ou ao menos facilitar as coisas para ele fazer o convite. Mas agora a questão já não era mais essa. Kevin dissera que ia telefonar e parecia ser um sujeito em quem se podia confiar quando diz que ia fazer uma coisa. Se não era esse tipo de pessoa, então que fosse para o inferno — não faria mesmo bem algum a ela.

De algum modo, Nora compreendia que Kevin dançara com ela por pena. Nora estava inteiramente disposta a admitir que foi assim que começou — um filantropo e um caso de caridade —, mas terminou de forma completamente distinta, a cabeça dela no ombro dele, os braços de Kevin apertados em torno dela, uma espécie de corrente percorrendo os corpos de ambos, dando em Nora a sensação de uma mulher morta que, com um choque, é trazida de volta à vida. E não foi só ela: Nora tinha visto a expressão no rosto dele quando as luzes se acenderam, a ternura e a curiosidade em seus olhos, a maneira como continuou a abraçá-la e a arrastar os pés, muito tempo depois de a música ter parado.

No início, foi difícil quando ele não telefonou — difícil mesmo —, mas um mês é bastante tempo e Nora já havia aceitado o fato de que tudo tinha sido um alarme falso, ao menos até a semana anterior, quando ela passara por ele de bicicleta e tudo voltara a se agitar. Kevin estava parado na rua Principal com sua filha punk ao lado; tudo o que Nora precisava fazer era apertar os freios, deslizar até os dois e dizer: *Ei, como vai?* Aí ao menos ela poderia examinar o rosto dele, ter uma ideia mais clara do que estava acontecendo. Mas Nora fora covarde — gelou, esqueceu-se de usar os freios, passou direto e muito depressa como se estivesse atrasada para um compromisso, como se tivesse algum lugar melhor para ir do que uma casa onde o telefone não tocava nunca e ninguém a visitava.

— Ah, olhe lá! — exclamou Karen. Elas estavam rodando pelo estacionamento, em busca de uma vaga que não ficasse a um quilômetro da entrada. Apontou para uma garota e sua mãe, a mãe mais ou menos da idade de Nora, a filha talvez de oito ou nove anos, as duas com chifres de alces na

cabeça, e os da menina enfeitados com luzes vermelhas que piscavam. — Não é um encanto?

★ ★ ★

Dois Vigilantes vestidos de branco estavam postados na frente da entrada da Macy's, com um sujeito grisalho de aspecto envelhecido que tocava um sino para o Exército da Salvação. Por delicadeza, Nora aceitou um folheto de um dos membros dos R.C. — *Será que você já esqueceu?*, indagava a capa —, depois jogou-o numa lixeira situada convenientemente logo após a porta.

Nora sentiu um miniataque de pânico quando passaram pelo quiosque de perfumes, um pequeno animal que sente o perigo iminente. Em parte era uma reação ao cheiro de uma dúzia de perfumes diferentes borrifados no ar por mulheres jovens muito maquiadas e que pareciam acreditar que estavam prestando um serviço público, e em parte também um sentimento mais geral de sobrecarga sensorial, produzido pelo repentino ataque de luzes brilhantes, música animada e consumidores ávidos. Os manequins sem rosto também não ajudavam, seus corpos paralisados paramentados com roupas da última moda.

Ficou mais fácil respirar depois que entraram no corredor principal, com seu teto alto de vidro — o shopping tinha três andares, com sacadas nos dois andares superiores — e com seu piso branco e vasto, que fez Nora lembrar-se de uma antiga estação ferroviária. Depois do chafariz central, havia uma enorme árvore de Natal que se erguia diante de uma fila de crianças à espera de sua vez de falar com Papai Noel; no topo da árvore, já acima do primeiro mezanino, havia um anjo espetado. A árvore fez Nora pensar num navio dentro de uma garrafa, tão grande que a pessoa era obrigada a se perguntar como tinha entrado ali.

Karen era uma consumidora brutalmente eficiente, uma dessas pessoas que sempre sabem exatamente o que estão procurando e onde podem encontrar o que desejam. Caminhava pelo shopping a passos largos e um ar de concentração feroz, os olhos firmes e voltados para a frente, nada de ficar olhando produtos à toa nem de comprar por impulso. Ela agia da mesma forma no supermercado, riscava item por item em sua lista com uma caneta vermelha e nunca passava duas vezes pelo mesmo lugar.

— O que você acha? — perguntou ela, segurando uma gravata com listras azuis e laranja, na Big Guys Wearhouse. — Muito ousada?

— Para Chuck?

— Para quem mais seria? — Jogou a gravata de volta na bancada de promoções. — Os meninos nunca vestem paletó e gravata.

— Daqui a pouco vão começar. Vão a bailes do colégio e outras coisas, não é?

— É, pode ser. — Karen enfiou a mão de novo no emaranhado serpenteante de gravatas. — Primeiro vão precisar começar a tomar banho.

— Eles não tomam banho?

— Eles *dizem* que tomam banho. Só que suas toalhas vivem secas. Hummm. — Karen selecionou uma candidata mais provável, losangos amarelos sobre um fundo verde de seda. — O que acha?

— É bonita.

— Não sei. — Karen franziu a testa. — Ele já tem muitas gravatas verdes. Já tem muitas gravatas, ponto. Toda vez que alguém pergunta o que ele quer ganhar de presente de Natal, sempre responde: *Só uma gravata. Uma gravata está ótimo.* Então é isso que ele ganha. No aniversário e no Dia dos Pais é a mesma coisa. E ele sempre parece perfeitamente satisfeito com elas. — Largou a gravata, depois olhou para Nora. Havia uma expressão meiga em seu rosto, afeição, resignação, diversão, tudo misturado. — Meu Deus, como ele é maçante.

— Ele não é maçante — disse Nora. — É só...

Hesitou, na falta de um adjetivo melhor.

— Maçante — disse Karen outra vez.

Era difícil contestar aquilo. Chuck era um bom provedor, um sujeito sólido, sem cor, que trabalhava como Supervisor de Controle de Qualidade nos Laboratórios Myriad. Gostava de bife, Springsteen e beisebol e nunca havia manifestado uma opinião que causasse em Nora a mais leve surpresa. *Com Chuck, a chatice é garantida*, dizia Doug. É claro, Doug era o Senhor Imprevisível, encantador e excêntrico, a cada mês uma paixão nova — Tito Puente e Bill Frisell, squash, libertarianismo, comida etíope, mulheres jovens e sensuais com um monte de tatuagens e um gosto por felação.

— É a mesma coisa com tudo — disse Karen, enquanto examinava uma gravata vermelha e larga, uma mistura de listras pretas finas com listras prateadas largas. — Eu bem que tento levar Chuck a sair um pouco da rotina, vestir camisa azul com terno cinza ou, Deus me livre, uma camisa cor-de-rosa, mas ele fica só olhando para mim com se eu tivesse ficado maluca. *Quer saber de uma coisa? Vamos ficar mesmo com a branca de sempre.*



— Ele gosta do que gosta — disse Nora. — É uma criatura de hábitos.

Karen se afastou da bancada de promoções. Aparentemente a vermelha tinha ganhado.

— Acho que eu não devia reclamar — disse ela.

— Não devia — concordou Nora. — Não devia mesmo.

★ ★ ★

A caminho da praça de alimentação, Nora passou pela loja Feel Better e resolveu dar uma olhada. Ainda tinha vinte minutos antes da hora combinada para reencontrar-se com Karen, que havia se esquivado para “umas comprinhas particulares”, um código familiar para dizer *agora vou comprar um presente para você e preciso que você fique longe por um tempinho*.

O coração de Nora ainda batia acelerado quando entrou na loja, seu rosto quente de orgulho e de vergonha. Tinha acabado de obrigar-se a fazer um circuito sozinha pela grande árvore de Natal no andar principal do shopping, onde todos os pais e seus filhos esperavam para encontrar-se com Papai Noel. Constituía mais um desafio de Natal, uma tentativa de encarar seu medo de cabeça erguida, uma tentativa de acabar com seu hábito vergonhoso de evitar a visão de crianças pequenas sempre que possível. Não era esse o tipo de pessoa que ela queria ser — fechada, na defensiva, que mantém distância de tudo o que pode recordar aquilo que foi perdido. Uma lógica similar lhe dera a ideia de candidatar-se, no ano anterior, a uma vaga para trabalhar na creche, mas aquilo tinha sido excessivo, era cedo demais. A experiência de agora era mais controlada, só um golpe seco, uma questão de cerrar os dentes e aguentar o tranco.

Na verdade, a experiência correu bem. A maneira como tudo estava organizado, as crianças em fila do lado direito encontravam Papai Noel no meio e depois saíam pela esquerda. Nora se aproximou pelo lado da saída, caminhava de maneira rápida, como se fosse uma consumidora normal a caminho da loja Nordstrom. Só uma criança passou por ela, um menino gorducho que falava animadamente com o pai de cavanhaque pontudo. Nenhum dos dois prestou atenção em Nora. Atrás deles, em cima do palco improvisado, um menino asiático de roupa preta apertava a mão do Papai Noel.

A parte difícil veio depois que Nora deu a volta por trás da árvore — havia um trem de brinquedo gigantesco rodando freneticamente em torno

do tronco da árvore de Natal — e tomou a direção oposta, caminhando devagar por toda a extensão da fila, como um general que passa as tropas em revista. A primeira percepção que teve foi de que o ânimo estava baixo. Já era tarde; as crianças, em sua maioria, pareciam aturdidas, prestes a desabar de sono. Alguns dos menorezinhos choravam ou se retorciam nos braços dos pais e algumas crianças mais crescidas pareciam prestes a sair correndo para o estacionamento. A maioria dos pais tinha um ar irritado, os invisíveis balões de história em quadrinho sobre suas cabeças cheios de pensamentos, como *Pare com essa choradeira... Já estamos quase chegando... Isto aqui era para ser divertido... Agora você vai fazer isso, querendo ou não!* Nora lembrava-se daquele sentimento, tinha fotografias para provar, os dois filhos sentados, desamparados, olhos vermelhos de tanto chorar, no colo de um derrotado Papai Noel.

Devia haver trinta crianças na fila e só dois meninos lembravam o Jeremy, muito menos do que Nora esperava. No passado, houve ocasiões em que quase todos os menininhos partiam seu coração, mas agora Nora já estava bem melhor, contanto que o menino não fosse louro e muito magrinho, com bochechas rosadas como as de um soldadinho de chumbo. Só uma menina fez Nora pensar em Erin, e a semelhança, na verdade, não era física — era antes algo em sua expressão, uma sabedoria precoce que parecia muito tocante em seu rosto inocente. A menina — era uma beldade que chupava o dedo e tinha um emaranhado de cabelos castanho-escuros — olhou fixamente para Nora com uma curiosidade tão solene que Nora parou e fitou-a também, provavelmente por um tempo longo demais.

— Posso ajudar a senhora? — perguntou o pai da menina, erguendo os olhos de seu BlackBerry. Tinha mais ou menos quarenta anos, de cabelo grisalho, mas com o corpo em boa forma, num terno amarrotado parecendo de trabalho.

— O senhor tem uma filha encantadora — disse Nora. — Deve guardar bem esse tesouro.

O homem colocou a mão de maneira protetora na cabeça da filha.

— Faça isso — respondeu, um pouco de má vontade.

— Fico feliz pelo senhor — disse Nora.

Em seguida se afastou, antes que pudesse acrescentar algo que fosse perturbar o pai da menina ou estragar o restante do próprio dia, como já havia acontecido muitas vezes antes.

★ ★ ★

A loja Feel Better tinha um lema interessante — Tudo o Que Você Precisa Para o Restante De Sua Vida —, mas no final tratava-se apenas de uma dessas lojas de yuppies, especializada em produtos cheios de frescura para pessoas que já possuíam coisas demais, produtos como chinelos com aquecimento interno e balanças de banheiro que davam parabéns entusiásticos e de forma personalizada quando a pessoa alcançava seu objetivo de perda de peso e faziam críticas construtivas também personalizadas quando isso não acontecia. Ainda assim, Nora deu uma volta demorada e vagarosa pela loja, examinou os rádios de emergência movidos à manivela, travesseiros programáveis e cortadores de pelos de nariz que não faziam barulho, apreciando o ambiente agradavelmente austero — música de fundo New Age, em vez de canções natalinas — e a idade avançada da clientela. Nada de lindas criancinhas olhando fixamente para ela naquela loja, só homens e mulheres de meia-idade se cumprimentando educadamente com um meneio de cabeça enquanto apanhavam aquecedores de toalha e acessórios de alta tecnologia para vinhos.

Nora só reparou na cadeira quando estava saindo. Ocupava um canto escuro da loja, uma cadeira reclinável de couro marrom de aspecto comum, instalada como um trono sobre um estrado baixo e atapetado, banhada pelo brilho suave de uma luz suspensa. Nora aproximou-se para ver mais de perto e ficou espantada ao descobrir que custava quase dez mil dólares.

— Ela vale esse preço — disse o vendedor. Ele havia se aproximado e falado antes mesmo que ela notasse sua presença. — É a melhor cadeira do mundo.

— É bom que seja mesmo — disse Nora com uma risada.

O vendedor confirmou com um aceno de cabeça, com ar compenetrado. Era um jovem de cabelo revoltado e terno caro, o tipo de terno que ninguém esperava ver numa pessoa que trabalhava no shopping. Ele inclinou-se para a frente, como se fosse lhe contar um segredo.

— É uma cadeira massageadora — disse. — A senhora gosta de massagens?

Nora franziu a testa — era uma pergunta complicada. Ela adorava massagem, antigamente. De quinze em quinze dias tinha uma sessão de Trabalho Corporal Integrado com Arno, um atarracado gênio austríaco que trabalhava no spa da academia dela. Uma hora com ele e nada mais a afligia

— TPM, joelho dolorido, casamento medíocre —, Nora sentia-se renascida, capaz de encarar o mundo com energia positiva e de coração aberto. Ela havia tentado voltar às sessões com Arno um ano antes, mas descobriu que não conseguia mais suportar ser tocada de maneira tão íntima.

— Até gosto, sim — respondeu Nora.

O vendedor sorriu e fez um gesto na direção da cadeira.

— Experimente — disse ele. — Deixe para me agradecer depois.

★ ★ ★

No início, Nora ficou alarmada, a maneira como o descanso para a cabeça se pôs em movimento de forma violenta, as bolas duras de borracha — ou o que quer que fossem — rolando para cima e para baixo por trás do estofamento macio feito de couro, escavando os músculos nodosos em redor de sua coluna, equipamentos semelhantes a dedos que beliscavam seu pescoço e seus ombros. O assento vibratório e acolchoado ondulava de maneira indecente, disparava palpitações elétricas quentes e intermitentes para dentro das nádegas e das coxas. Tudo aquilo era excessivo, até que o vendedor lhe mostrou como usar o controle. Nora experimentou os comandos — velocidade, temperatura, intensidade — até encontrar a combinação ideal, depois levantou o descanso para as pernas, fechou os olhos e rendeu-se.

— Muito bom, não é? — comentou o vendedor.

— Hummm — concordou Nora.

— Aposto que a senhora nem sabia como estava tensa. Esta época do ano é bem estressante. — Como Nora não respondeu, ele acrescentou. — Pode ficar à vontade, não tem pressa. Dez minutos disso e a senhora vai ficar nova em folha.

*Aham, está bem,* pensou Nora, satisfeita demais com a cadeira para ficar irritada com a presunção do vendedor. Era de fato um equipamento fora de série, diferente de tudo o que já conhecera. Numa massagem normal, o que se experimentava era uma sensação ligeiramente alarmada de ser espremida, de sentir o corpo achatado de encontro à mesa, o rosto enfiado e comprimido no buraco, uma força poderosa, ainda que benévola, manipulando a gente, de cima. A cadeira era exatamente o contrário, toda a energia irrompia de baixo para cima, o corpo era levantado e amolecido, nada a segurava por cima, a não ser o ar.

Houve uma época, e não fazia muito tempo, que a ideia de uma cadeira de massagem de dez mil dólares pareceria algo obscuro para Nora, uma forma vergonhosa de luxo. Mas na verdade, quando ela parava para pensar, não era um preço tão caro assim a pagar por algo tão terapêutico, sobretudo se a gente dividia o custo por dez ou vinte anos. No final das contas, uma cadeira de massagem não era tão diferente assim de uma banheira de hidromassagem com água quente, ou de um Rolex, ou de um automóvel esportivo, qualquer dos diversos itens de luxo que as pessoas compravam a fim de se alegrar, muitas delas, aliás, já muito mais alegres do que Nora.

Além do mais, quem iria saber? Karen, talvez. Mas Karen não ligaria. Vivia incentivando Nora a se fazer mimos, comprar sapatos novos, alguma joia, fazer um cruzeiro, passar uma semana em Canyon Ranch. Sem falar que Nora ia deixar a irmã usar a cadeira sempre que quisesse. Podiam transformar aquilo numa atividade regular, um encontro toda quarta-feira à noite para massagens. E ainda que os vizinhos descobrissem, o que importava para Nora? O que eles iam fazer? Dizer coisas maldosas e ferir seus sentimentos?

*Boa sorte com isso*, pensou Nora.

Não, a única coisa que a continha era o pensamento do que ia acontecer se ela possuísse de fato a cadeira, se ela pudesse sentir-se assim tão bem sempre que quisesse. O que ia acontecer se não houvesse nenhum freguês andando em redor, nenhum vendedor a seu lado, nenhuma Karen para encontrar dali a cinco ou dez minutos? O que ia acontecer se fosse só Nora e uma casa vazia, com a noite inteira à sua frente e nenhum motivo para desligar aquela cadeira?

## O MÉTODO BALZER

Na manhã de Natal, eles assistiram a uma apresentação de PowerPoint, as dezoito residentes do sexo feminino na Casa Azul reunidas na sala de um porão gélido. Era como faziam, por enquanto: exposições simultâneas em todas as casas dentro do condomínio fechado, bem como nos vários postos avançados espalhados pela cidade. Tinham corrido rumores dentro da filial de Mapleton acerca da necessidade de construir ou adquirir uma estrutura grande o bastante para acomodar o conjunto dos membros, mas Laurie preferia assim — era mais íntimo e comunitário, parecia menos uma igreja. A religião organizada havia fracassado; os R.C. não tinham nada a ganhar se convertendo a uma nova religião.

As luzes se apagaram e a primeira imagem surgiu na parede, uma fotografia de uma coroa de flores pendurada na porta de uma casa de subúrbio comum.

HOJE É “NATAL”.

Laurie lançou um rápido olhar de esguelha para Meg, que ainda parecia um pouco perturbada. As duas tinham ficado acordadas até tarde na noite anterior, conversando a respeito dos sentimentos divididos de Meg sobre a época do Natal, a maneira como aquela ocasião a fazia sentir saudades da família e dos amigos e a levava a questionar sua vida nova. Meg chegou a se flagrar desejando que tivesse esperado um pouco mais para unir-se aos Remanescentes Culpados e assim pudesse passar mais um Natal com seus entes queridos, em nome dos velhos tempos. Laurie disse para ela que era natural ficar nostálgica naquela época do ano, que era semelhante à dor que as pessoas amputadas sentiam no membro que já não existia. A coisa propriamente dita tinha sumido, mas de algum modo ainda fazia parte da pessoa, ao menos por algum tempo.

A segunda imagem mostrava uma árvore de Natal miserável, enfeitada com uns poucos pedaços de lantejoulas, jogada na sarjeta, sobre uma camada de neve suja, à espera do caminhão de lixo para levá-la embora.

### O “NATAL” NÃO TEM SENTIDO.

Meg fungou de leve, como uma criança tentando ser corajosa. Durante o Desabafo da véspera, ela contou para Laurie uma visão que teve aos quatro ou cinco anos de idade. Sem conseguir dormir na véspera do Natal, Meg descera na ponta dos pés para o térreo da casa e vira um homem gordo e barbudo parado diante da árvore de Natal da família, conferindo os itens de uma lista. Não estava de roupa vermelha — parecia mais o uniforme azul de um motorista de ônibus —, mesmo assim ela o reconheceu como Papai Noel. Observou-o por um tempo, depois esgueirou-se de volta para cima, com o corpo cheio de uma extática sensação de espanto e de confirmação. Quando adolescente, ela se convenceu de que tudo aquilo tinha sido um sonho, mas parecera real na ocasião, tão real que ela contou tudo para a família na manhã seguinte como um fato puro e simples. Seus familiares ainda se referiam àquilo dessa maneira, brincando, como se fosse um fato histórico documentado — a Noite em que Meg viu Papai Noel.

Na imagem seguinte, um grupo de jovens cantores de hinos de Natal postados num semicírculo, de bocas abertas e olhos cintilantes de alegria.

### NÓS NÃO VAMOS PARTICIPAR DA COMEMORAÇÃO.

Laurie mal conseguia se lembrar dos Natais de sua infância. Ser mãe tinha obscurecido aquilo tudo; o que permanecia gravado em sua memória era o entusiasmo do rosto dos próprios filhos, sua contagiante alegria com as festas. Era uma coisa que Meg nunca iria experimentar. Laurie tranquilizou-a, dizendo que não havia problema em sentir raiva por causa daquilo e que era saudável admitir e exprimir sua raiva, muito melhor do que alimentá-la com negação.

O voto de silêncio proibia tanto a fala quanto o riso, mas algumas pessoas relaxaram e deram risadas da imagem seguinte, uma casa iluminada como um bordel em Las Vegas, o jardim atulhado de estátuas típicas da época natalina — um presépio, um rebanho de renas, um Grinch inflável, alguns elfos, soldadinhos de brinquedo, anjos e bonecos de neve feitos de plástico, além de

um sujeito de ar amargo, de cartola na cabeça, que devia ser o Avarento Ebenezer, do conto de Natal de Charles Dickens.

O “NATAL” É UMA DISTRAÇÃO. NÃO PODEMOS  
MAIS NOS DAR AO LUXO DA DISTRAÇÃO.

Laurie já havia assistido a uma porção de projeções em PowerPoint ao longo dos seis meses anteriores e tinha até ajudado a montar algumas delas. Constituíam uma forma essencial de comunicação no âmbito dos R.C., uma espécie de sermão portátil, sem pregador. Laurie agora já compreendia a estrutura, sabia que as projeções sempre davam uma guinada no meio, afastavam-se do tema em pauta e se desviavam para o único assunto que de fato importava.

O “NATAL” PERTENCE AO MUNDO ANTIGO.

A legenda continuou fixa, enquanto uma série de imagens se sucederam depressa, todas representando o mundo do passado: uma megaloja do Walmart, um homem montado num cortador de grama móvel, a Casa Branca, as garotas animadoras da torcida dos Dallas Cowboys, um cantor de rap cujo nome Laurie não sabia, uma pizza que ela não conseguia nem olhar, um homem bonito e uma mulher elegante compartilhando um jantar à luz de velas, uma catedral europeia, um caça, uma praia lotada, uma mãe amamentando um bebê.

O MUNDO ANTIGO ACABOU. DESAPARECEU  
TRÊS ANOS ATRÁS.

Nas projeções de PowerPoint dos R.C., o Arrebatamento era ilustrado com fotografias das quais indivíduos particulares tinham sido apagados de maneira tosca. Algumas pessoas removidas por Photoshop eram famosas; outras tinham um interesse mais local. Uma das fotografias da série fora tirada por Laurie, um instantâneo ingênuo de Jill e Jen Sussman numa expedição para colher maçãs, quando elas tinham dez anos. Jill estava sorrindo e erguia na mão uma brilhante maçã vermelha. O espaço em forma de Jen, ao lado da



amiga, estava vazio, uma bolha cinza-clara rodeada por brilhantes cores outonais.

NÓS PERTENCEMOS AO MUNDO NOVO.

Rostos familiares encheram a tela, um depois do outro, toda a soturna militância da filial de Mapleton. Meg apareceu perto do final, junto com outras Iniciantes, e Laurie apertou a perna dela com a mão, em sinal de congratulação.

NÓS SOMOS LEMBRANÇAS VIVAS.

Dois Vigilantes do sexo masculino numa plataforma ferroviária, fitando um homem de negócios muito bem-vestido, que fingia não vê-los.

NÃO VAMOS DEIXAR QUE ELES ESQUEÇAM.

Uma dupla de Vigilantes do sexo feminino acompanhava uma jovem mãe pela rua, enquanto ela empurrava seu filho num carrinho de bebê.

VAMOS ESPERAR, VIGIAR E PROVAR  
QUE SOMOS MERECEDORES.

As mesmas duas fotografias reapareceram, com os Vigilantes apagados, ostensivos em sua ausência.

DESTAVEZ NÃO SEREMOS ESQUECIDOS.

Um relógio, o ponteiro de segundos andando.

AGORA NÃO VAI DEMORAR MUITO.

Um homem de ar preocupado olhando fixamente para eles, da parede. Era de meia-idade, um pouco gorducho, não especialmente bonito.

ESTE É PHIL CROWTHER. PHIL É UM MÁRTIR.

O rosto de Phil foi substituído pelo rosto de um jovem, barbado, com os olhos radiantes de um fanático.

JASON FALZONE TAMBÉM É UM MÁRTIR.

Laurie balançou a cabeça. Pobre rapaz. Era só um pouco mais velho do que seu filho.

ESTAMOS TODOS PREPARADOS PARA SERMOS MÁRTIRES.

Laurie se perguntou como Meg estava recebendo tudo aquilo, mas não conseguia ler a expressão em seu rosto. As duas tinham conversado sobre o assassinato de Jason e compreendiam o perigo que corriam toda vez que saíam do condomínio fechado. No entanto, havia algo na palavra *mártir* que lhe dava arrepios.

FUMAMOS PARA PROCLAMAR NOSSA FÉ.

Apareceu na parede a imagem de um cigarro, um cilindro branco e bege que flutuava contra um fundo muito preto.

VAMOS FUMAR.

Uma mulher na fileira da frente abriu um maço novo e passou-o para o restante da plateia. As mulheres da Casa Azul acenderam um cigarro e sopraram fumaça, lembrando-se de que o tempo estava se esgotando, e que não tinham medo.



As garotas dormiram até tarde, deixando Kevin sozinho durante boa parte da manhã. Ele ouviu o rádio por um tempo, mas as alegres canções de Natal o irritavam, uma lembrança deprimente de Natais passados, mais alegres e

movimentados. Era melhor desligar o rádio, ler seu jornal e tomar seu café em silêncio, fingir que era apenas uma manhã comum.

*Evan Balzer*, pensou Kevin, o nome veio à tona espontaneamente, do pântano de suas memórias de homem de meia-idade. *Era assim que ele fazia.*

Balzer era um antigo colega de faculdade, um cara sossegado, atento, que morava no mesmo andar de Kevin quando estava no segundo ano da faculdade. Ficava na dele, sozinho na maior parte do tempo, mas no semestre da primavera ele e Kevin fizeram o mesmo curso de economia; se habituaram a estudar juntos duas noites por semana e em seguida sair para tomar cerveja e comer uns petiscos.

Balzer era um cara divertido — inteligente, irônico, cheio de opiniões —, mas era difícil conhecê-lo mais intimamente. Falava de forma fluente sobre política, cinema e música, mas se fechava em concha, feito um ex-prisioneiro de guerra, se alguém perguntava sobre sua família e sua vida anterior à faculdade. Levou meses para confiar em Kevin o suficiente a ponto de compartilhar com ele um pouco de seu passado.

Certas pessoas têm infâncias de merda interessantes, mas a de Balzer tinha sido apenas uma infância de merda — um pai que fora embora de casa quando ele tinha dois anos, uma mãe que era uma bêbada incorrigível, mas bonita o bastante para ter sempre um ou dois homens por perto, ainda que nunca por muito tempo. Por necessidade, Balzer aprendeu a se cuidar sozinho ainda bem cedo na vida — se não cozinhasse, fizesse as compras ou lavasse a roupa, provavelmente nada disso seria feito. De algum modo, ainda assim conseguia se sair muito bem na escola, tirando notas altas o bastante para ganhar uma bolsa de estudos completa em Rutgers, embora ainda tivesse de lavar a louça e as panelas no Bennigan's para conseguir viver.

Kevin se admirou com a resistência de seu amigo, com sua capacidade de superar as adversidades. Aquilo lhe fez compreender como tivera sorte, em comparação, por ter crescido numa família estável e razoavelmente feliz, que tinha amor e dinheiro mais do que o suficiente para tocar a vida adiante. Kevin passara as duas primeiras décadas de vida tomando como algo natural e seguro que tudo estaria sempre bem, que ele poderia cair que logo viria alguém para segurá-lo e colocá-lo de pé outra vez. Balzer jamais pensara assim, nem por um minuto; sabia por experiência própria que era possível cair e continuar caindo, que pessoas como ele não podiam se dar ao luxo de um momento sequer de fraqueza, de nenhum grande erro.

Embora os dois continuassem ligados até a formatura, Kevin jamais conseguiu convencer Balzer a ir com ele para casa no Dia de Ação de Graças ou no Natal. Era uma pena, porque Balzer tinha perdido contato com a mãe — dizia nem saber onde ela estava morando — e nunca fazia planos pessoais para as férias, exceto passá-las sozinho no minúsculo apartamento perto do campus que ele havia alugado no início do terceiro ano, na esperança de economizar algum dinheiro, cozinhando a própria comida.

— Não se preocupe comigo — sempre dizia para Kevin. — Vou ficar bem.

— O que vai fazer?

— Nada demais. Só vou ler, eu acho. Ver TV. O de sempre.

— O de sempre? Mas é Natal.

Balzer deu de ombros.

— Não se eu não quiser que seja.

De certa forma Kevin admirava a teimosia de Balzer, sua recusa em aceitar o que considerava uma caridade, mesmo partindo de um bom amigo. Mas aquilo não o fazia sentir-se nem um pouco melhor quanto à sua incapacidade de ajudar. Kevin estava em casa, diante de uma mesa cheia de gente, com sua numerosa família, todo mundo falando, rindo e comendo, quando, sem mais nem menos, era surpreendido pela repentina e desoladora visão de Balzer sozinho em seu apartamento, que parecia uma cela, comendo miojo, com as persianas das janelas fechadas.

Balzer foi fazer um curso de direito logo depois que se formaram e ele e Kevin acabaram perdendo contato. Sentado na cozinha na manhã de Natal, Kevin pensou que talvez fosse interessante procurar Balzer no Facebook, descobrir o que ele fizera nos últimos vinte anos. Talvez estivesse casado agora, talvez fosse pai e levasse a vida plena e feliz que lhe fora negada na juventude, permitindo-se amar e, em troca, ser amado. Talvez ele apreciasse a ironia se Kevin confessasse que agora era ele quem se escondia das festas natalinas e empregava o método Balzer com resultados bastante bons.

Mas aí as garotas desceram e Kevin esqueceu-se do velho amigo, porque de repente ele teve a sensação de que era Natal de verdade e eles tinham muito que fazer — meias para esvaziar e presentes para desembulhar. Aimee achou que seria legal ter música e então Kevin ligou o rádio de novo. As canções de Natal soaram bem dessa vez, bregas e familiares e, de certo modo, tranquilizadoras, como se esperava mesmo que fossem.

Não havia tantos presentes assim embaixo da árvore — ao menos não como na época em que as crianças eram pequenas e levavam a maior parte da manhã para abrir tudo —, mas as garotas não pareciam se importar. Não tiveram a menor pressa em abrir cada embalagem, examinando a caixa e retirando o papel muito devagar, como se fossem ganhar pontos extras pelo capricho. Experimentaram as roupas ali mesmo na sala, provaram as camisas e os suéteres por cima da blusa dos pijamas — no caso de Aimee, uma camiseta sem manga, precariamente fina — e elogiaram-se, chegando a fazer alarde com coisas como meias quentes e chinelos felpudos, divertindo-se tanto que Kevin desejou ter trazido mais alguns presentes para as duas, só para prolongar a diversão.

— Legal! — disse Aimee, enfiando na cabeça o chapéu de lã que Kevin tinha achado na loja de material esportivo Mike's, com protetores de orelha de aspecto meio cômico que ficavam balançando sob a linha do queixo. Aimee enterrou o chapéu bem fundo na testa, quase no nível das sobrancelhas, mas mesmo assim ficava bonito nela, como tudo, aliás. — Bem que eu estava precisando de um desses.

Aimee levantou-se do sofá, abrindo os braços enquanto se aproximava, e deu em Kevin um abraço de agradecimento. Fez isso depois de cada presente, a tal ponto que o gesto acabou virando uma espécie de brincadeira, uma pontuação rítmica no processo de abertura dos presentes. Era um pouco mais fácil para ele agora que o frugal vestuário matutino de Aimee tinha sido reforçado por um suéter, uma echarpe, um chapéu e um par de luvas.

— Vocês são tão legais comigo — disse ela e, por um segundo, Kevin achou que Aimee ia começar a chorar. — Não consigo me lembrar da última vez que tive um Natal tão bom.

Kevin também ganhou algumas coisas, embora só depois de suportar a usual rodada de queixas sobre como era difícil comprar presentes para um homem da idade dele, como se homens adultos fossem seres autossuficientes, como se um pênis e uma barba por fazer fossem tudo do que eles precisassem para sobreviver. Jill lhe deu uma biografia sobre os primeiros anos de vida de Teddy Roosevelt e Aimee lhe deu um par de *hand grips*, porque sabia que Kevin gostava de musculação. As garotas também lhe deram dois embrulhos idênticos, pequenos objetos densos envoltos em papel de seda. Dentro do que foi dado por Jill estava uma caneca decorativa que proclamava que ele era o Pai Número 1.

— Puxa — exclamou Kevin. — Muito obrigado. Eu sabia que estava entre os dez primeiros, mas não imaginei que tivesse alcançado a primeira posição.

A caneca de Aimee era exatamente igual, só que nela estava escrito Melhor Prefeito do Mundo.

— A gente devia comemorar o Natal mais vezes no ano — disse ele. — É bom para a minha autoestima.

As garotas começaram a arrumar tudo em seguida, juntaram os papéis de embrulho e as embalagens descartadas e reuniram tudo dentro de um saco de lixo. Kevin apontou para o presente solitário embaixo da árvore, uma caixinha amarrada com uma fita, dando a impressão de que podia conter uma joia.

— E aquele presente ali?

Jill ergueu os olhos. Havia um laço de fita adesiva colado em seu couro cabeludo, o que lhe dava o aspecto de um bebê grande e agitado.

— É da mamãe — disse ela, observando-o bem de perto. — Caso ela passe por aqui.

Kevin assentiu, como se aquilo fizesse todo sentido para ele.

— Muito delicado da sua parte — respondeu para a filha.



Tocaram a campainha de Gary, mas ninguém atendeu. Meg deu de ombros e sentou-se no frio degrau de concreto, contente de esperar ali, à vista de todos, até que seu ex-noivo regressasse de onde quer que estivesse na manhã de Natal. Laurie sentou-se a seu lado, fazendo o melhor possível para ignorar a obscura sensação de temor que a perseguia desde o instante em que haviam deixado a rua Ginkgo. Laurie não queria estar ali e tampouco queria ir à próxima parada do itinerário delas.

Infelizmente, suas instruções eram bem claras. Sua missão era visitar seus entes queridos, fazer o que pudessem para interromper os ritmos e os rituais aconchegantes do Natal. Laurie conseguia entender o significado daquilo no quadro geral das coisas: se os Remanescentes Culpados tinham uma missão fundamental, esta consistia em resistir ao assim chamado Retorno à Normalidade, o processo cotidiano de esquecer o Arrebatamento ou, no mínimo, atribuí-lo ao passado, tratá-lo como uma parte do contínuo tecido

da história humana, e não como um cataclismo que pusera um ponto final na história.

Não que os R.C. tivessem algo especial contra o Natal — não gostavam de festas em geral —, tampouco eram inimigos de Jesus Cristo, como muita gente supunha equivocadamente. A questão de Jesus era um pouco confusa, Laurie tinha de admitir. Ela havia debatido aquela questão antes de resolver aderir ao grupo, intrigada com a maneira como os Remanescente Culpados pareciam abraçar tantos elementos da teologia cristã — o Arrebatamento e a Provação, é claro, mas também o inerente caráter pecaminoso da humanidade, e a certeza do Juízo Final —, ao mesmo tempo que ignoravam por completo a figura do próprio Jesus Cristo. Em termos gerais, eram muito mais concentrados em Deus Pai, a divindade ciumenta do Velho Testamento, que cobrava uma obediência cega e testava a lealdade de seus seguidores de formas criativas e cruéis.

Laurie havia levado muito tempo para entender aquilo e ainda não tinha certeza de haver compreendido totalmente. Os Remanescentes Culpados não eram muito dados a explicar seu credo; não tinham sacerdotes ou ministros, não tinham escrituras e nenhum sistema formal de instrução. Era um estilo de vida, não uma religião, uma contínua improvisação enraizada na convicção de que o mundo pós-Arrebatamento exigia um novo modo de viver, livre das formas antigas e desacreditadas — sem casamento, sem famílias, sem consumismo, sem política, sem religião convencional, sem entretenimento vazio. Aqueles dias tinham terminado. Tudo o que restara para a humanidade era encolher-se em sua toca e esperar o inevitável.

Era uma manhã ensolarada, muito mais fria do que aparentava, a rua Magazine estava tão imóvel e silenciosa quanto uma fotografia. Embora supostamente ganhasse um bom salário desde que saíra da faculdade de administração, Gary continuava a viver como um estudante, dividia o andar de cima de uma casa modesta com dois outros caras, ambos com namoradas. Os finais de semana ali eram uma loucura, explicara Meg, com tanta gente fazendo sexo num espaço tão reduzido. E se você não fizesse sexo, porque não estava no clima ou por qualquer outro motivo, sentia-se quase como se estivesse violando os termos do contrato de aluguel.

As duas deviam estar sentadas na entrada da casa havia meia hora sem avistar ninguém, quando viram um sujeito velho e raivoso andando na rua com seu trêmulo cachorro *chihuahua*. O homem olhou fixamente para elas e resmungou algo que Laurie não conseguiu ouvir muito bem, embora tivesse

certeza de que não fora *Feliz Natal*. Até aderir aos R.C., Laurie nunca havia compreendido de fato como as pessoas podiam ser rudes, como se sentiam livres para agredir e ofender pessoas totalmente desconhecidas.

Alguns minutos depois, um carro virou na rua Magazine, vindo de Grapevine, um veículo escuro e reluzente que parecia um utilitário esportivo compacto. Laurie pôde sentir a excitação de Meg quando o carro se aproximou e sua frustração quando ele passou direto, com um ronco do motor. Meg estava muito nervosa com a perspectiva de ver Gary, a despeito das muitas advertências de Laurie para ela não ter muitas expectativas em relação ao encontro. Meg ia ter de aprender sozinha o que Laurie compreendera durante o verão — que era melhor deixar tudo como estava, evitar encontros desnecessários com as pessoas que ela havia deixado para trás, não mexer no dente dolorido com a ponta da língua. Não que ela não amasse mais aquelas pessoas, mas justamente porque as amava e porque aquele amor agora era inútil, apenas mais uma dor vazia do membro amputado.



Nora vinha treinando para não pensar demais em seus filhos. Não porque quisesse esquecê-los — nada disso —, mas para recordá-los de maneira mais precisa. Pela mesma razão, ela tentava não olhar muitas vezes para fotografias ou vídeos antigos. O que acontecia em ambos os casos era que a pessoa só lembrava o que já sabia, o mesmo fiel punhado de circunstâncias e impressões de sempre. *Erin era tão teimosa. Na festa de Jeremy havia um palhaço. Os cabelos soltos que ela usou ficaram tão bonitos. Como ele adorava molho de maçã.* Depois de um tempo, tais fragmentos se endureciam numa espécie de narrativa oficial que deixava de fora milhares de lembranças igualmente legítimas, desviando as perdedoras para alguma área de depósito abarrotada no porão de seu cérebro.

O que Nora havia descoberto pouco tempo antes era que tais memórias descartadas tinham muito mais probabilidade de vir à tona se ela não fizesse força para recuperá-las, se elas simplesmente tivessem permissão para emergir por conta própria, no curso normal do dia. Andar de bicicleta era uma atividade especialmente frutífera nesse aspecto, o perfeito mecanismo de recuperação das memórias, pois sua mente consciente se mantinha ocupada com uma infinidade de pequenas tarefas — examinar o caminho à frente, verificar o velocímetro, monitorar a respiração e a direção do vento — e a



parte inconsciente ficava livre para divagar. Às vezes, não ia muito longe: havia passeios de bicicleta em que Nora ficava apenas cantarolando e repetindo o mesmo trechinho de uma antiga canção — *Shareef don't like it! Rockin' the Casbah, Rock the Casbah!* — ou se perguntando por que suas pernas pareciam tão pesadas e sem vida. Mas também havia aqueles dias mágicos em que algo simplesmente estalava e toda sorte de memórias incríveis começava a pipocar em sua cabeça, pequeninos tesouros perdidos do passado — Jeremy, certa manhã, descendo para o térreo da casa num pijama amarelo que, na noite anterior, cabia muito bem nele, mas que agora parecia ter ficado pequeno; a pequenina Erin com uma expressão de pânico no rosto, depois de encanto, depois em pânico outra vez, enquanto mordiscava pela primeira vez uma batata frita acebolada e com creme de leite. As sobrancelhas dele que ficavam mais claras no verão. Como o polegar de Erin ficava depois que chupava o dedo a noite inteira, rosado e enrugado, décadas mais velho do que o restante do seu corpo. Estava tudo ali, trancado num cofre-forte, uma enorme fortuna da qual Nora só podia fazer saques pequenos e muito esparsos.

Nora deveria ir à casa da irmã para abrir presentes e tomar um café da manhã tardio, mas telefonou para Karen e disse para começar sem ela. Disse que estava um pouco indisposta, mas achava que ficaria bem, depois de dormir um pouco.

— Encontro com você na casa da mamãe hoje à tarde.

— Tem certeza? — Dava para perceber a desconfiança na voz de Karen, sua capacidade quase sobrenatural para pressentir qualquer tipo de evasão ou dissimulação. Karen devia ser uma mãe formidável. — Tem algo que eu possa fazer? Quer que eu vá até aí?

— Vou ficar bem — tranquilizou-a Nora. — Aproveite o dia. Vejo você mais tarde, está bem?



Às vezes, quando ficava esperando tempo demais no frio, Laurie divagava para um estado de fuga, perdia a noção de onde estava e do que fazia. Era um mecanismo de defesa, um jeito surpreendentemente eficaz de bloquear o desconforto físico e a ansiedade, embora fosse também um pouco assustador, pois parecia ser o primeiro passo no caminho para se morrer de frio.

Laurie deve ter saído do ar desse jeito, sentada na escadinha da porta da casa de Gary — as duas já estavam ali fazia um bom tempo —, pois não percebeu que um carro havia parado na frente da casa até que as pessoas começaram a desembarcar do veículo, e a essa altura Meg já estava em movimento, descia a escadinha da entrada e caminhava para lá, a passos largos, atravessando o gramado morto e marrom, com uma pressa quase alarmante, depois de um interlúdio de calma tão demorado.

O motorista deu a volta na frente do capô do carro — era um pequeno Lexus esportivo, recém-lavado, que reluzia na pálida luz do sol de inverno — e tomou posição ao lado da mulher que tinha acabado de deixar o banco do carona. Ele era alto e bonito, com seu sobretudo de pelo de camelo, e o cérebro de Laurie havia descongelado apenas suficiente para reconhecer Gary, cujo rosto confiante e sorridente ela vira numerosas vezes no Livro de Memórias de Meg. A mulher também lhe pareceu vagamente familiar. Os dois olhavam fixamente para Meg, com expressões que misturavam diversos graus de piedade e assombro, mas, quando Gary afinal falou, tudo o que Laurie ouviu na voz dele foi um toque de irritação e cansaço.

— Que diabo você está fazendo aqui?

Fiel ao seu treinamento, Meg ficou calada. Seria melhor se tivesse um cigarro na mão, mas nenhuma das duas estava fumando quando o carro estacionou. Foi culpa de Laurie, um lapso em sua supervisão.

— Não está me ouvindo? — A voz de Gary agora soou mais alta, como se achasse que Meg tinha ficado com alguma deficiência auditiva. — Fiz uma pergunta.

A mulher que estava com ele olhou-o, intrigada.

— Você sabe que ela não pode falar, não sabe?

— Ela pode falar perfeitamente — retrucou Gary. — Antes ela falava tanto que meu ouvido chegava a doer.

Com um ar vagamente mortificado, a jovem se virou outra vez para Meg. Era baixa e curvilínea, um pouco instável em seus sapatos de salto alto. Laurie não pôde deixar de admirar seu casaco, um cintilante anoraque azul, com capuz e punhos revestidos de pelos. Provavelmente o pelo era sintético, mas parecia bem quente.

— Desculpe — disse a jovem para Meg. — Sei que isso deve ser estranho para você. Ver nós dois juntos.

Laurie inclinou-se para a esquerda, tentando enxergar o rosto de Meg, mas o ângulo não permitia.

— Não peça desculpas para *ela* — disparou Gary. — Ela que devia pedir desculpas.

— Começou duas semanas atrás — prosseguiu a jovem, como se Meg tivesse pedido uma explicação. — Uma porção de gente foi ao Massimo's e bebemos muito vinho tinto e aí fiquei bêbada demais para dirigir meu carro até em casa. Então Gary me deu uma carona. — Ela levantou as sobrancelhas, como se a história não precisasse de mais nenhuma explicação. — Não sei se é uma coisa séria nem nada. Estamos só saindo juntos. Por enquanto.

— Gina. — A voz de Gary foi incisiva e teve um toque de advertência. — Não faça isso. Não é da conta dela.

*Gina*, pensou Laurie. *A prima de Meg. Uma das damas de honra.*

— É claro que é da conta dela — disse Gina. — Vocês dois ficaram juntos durante tantos anos! Iam se casar.

— Olhe para ela. Eu nem sei quem é essa pessoa. — Gary observou Meg, enojado.

— Ainda é a Meg. — Gina falava com voz tão baixa que Laurie mal conseguia distinguir as palavras. — Não seja cruel com ela.

— Não estou sendo cruel. — A expressão do rosto de Gary se atenuou um pouco. — Só que não suporto vê-la desse jeito. Não hoje.

Manteve-se bem longe de sua ex-noiva, em seu caminho rumo à casa, como se achasse que ela poderia tentar agredi-lo, ou bloquear sua passagem. Gina hesitou só o tempo de dar de ombros num gesto de desculpas, depois foi atrás de Gary. Nenhum dos dois prestou a menor atenção em Laurie quando se arrastaram pela escadinha da porta, nenhuma palavra, sequer um olhar em sua direção.

Depois que Gary e Gina entraram, Laurie acendeu um cigarro e atravessou o gramado na direção de Meg, que continuava parada de costas para a casa, fitando o Lexus como se estivesse pensando em comprá-lo. Laurie ofereceu um cigarro, Meg apanhou-o e fungou em silêncio, enquanto o levava aos lábios. Laurie gostaria de poder dizer algumas palavras — *Muito bem*, ou *Bom trabalho* — para indicar a Meg que ela estava orgulhosa. Mas tudo o que Laurie fez foi lhe dar uma palmadinha no ombro, uma só, bem de leve. Esperava que aquilo fosse o suficiente.



Nora não tinha planejado dar uma volta de bicicleta muito demorada. Tinha de chegar à casa da mãe entre uma e duas horas da tarde, um horário que não lhe permitia uma corrida de mais de vinte e cinco ou trinta quilômetros, metade da distância que costumava percorrer, mas felizmente era o bastante para limpar sua cabeça e acelerar seu coração, talvez desse até para queimar algumas calorias antes da grande refeição. Além do mais, o dia estava gélido, uns quatro graus negativos segundo o termômetro do lado de fora da janela de sua cozinha, ou seja, as condições estavam longe de serem as ideais para um exercício físico puxado ao ar livre.

Mas o frio acabou se revelando um obstáculo menor do que Nora havia previsto. O sol brilhava, as ruas estavam limpas — a neve e o gelo eram os verdadeiros desmancha-prazeres para os passeios de bicicleta no inverno — e o vento não estava tão forte assim. Nora usava suas luvas de alta-tecnologia, sapatos revestidos com neoprene e um capuz de polipropileno por baixo do capacete. Só o rosto ficava exposto à intempérie e ela podia suportar aquilo muito bem.

Imaginou dar meia-volta quando chegasse a doze quilômetros, metade da ciclovía, mas, quando chegou lá, continuou em frente. Era boa demais a sensação de estar em movimento, os pedais subindo e descendo embaixo dos pés, o vapor branco saindo da boca. Que importância tinha se ela chegasse um pouco atrasada na casa da mãe? Haveria muita gente lá — todos os irmãos e irmãs com suas famílias, algumas tias e tios e primos — e não dariam pela falta de Nora. Na verdade, ficariam até aliviados. Sem Nora por perto, podiam rir, abrir presentes, elogiar os filhos uns dos outros sem se perguntar se haviam, inadvertidamente, dito algo que pudesse ferir os sentimentos dela, sem dirigir a Nora aqueles olhares tristes e conhecedores, sem dar aqueles suspirinhos trágicos.

Era isso que tornava aquelas festas tão cansativas. Não a indiferença de seus parentes, sua incapacidade de reconhecer seu sofrimento, mas exatamente o contrário — sua incapacidade de esquecer-se daquilo por um segundo que fosse. Diante dela, estavam sempre pisando em ovos, se mostravam tão atenciosos e cuidadosos, tão aflitivamente solidários, como se ela estivesse morrendo de câncer ou acometida por alguma doença que a desfigurasse, como sua tia materna May — um figura lamentável da infância de Nora —, cujo rosto tinha ficado paralisado numa retorcida careta permanente, por causa da paralisia de Bell.

*Seja boazinha com a tia May, dizia sempre sua mãe. Ela não é um monstro.*

O trecho mais arriscado do percurso, depois da estrada 23, estava quase vazio naquele dia, nada de gente estranha nem cães sem dono, nenhum animal sendo sacrificado e nenhuma atividade criminosa, só um ou outro ciclista que vinha na direção oposta e acenava para ela de forma amigável quando passava. Seria uma situação quase idílica se Nora não estivesse tão apertada para fazer xixi. Nos meses mais quentes, o condado instalava um banheiro químico no final da ciclovia — era nojento, suportável apenas numa emergência —, mas no inverno o retiravam. Nora não era muito chegada a ficar de cócoras no mato, ainda mais quando não existia vegetação bastante para barrar a visão de quem passava, mas havia dias em que não tinha escolha e esse era um daqueles dias. Ao menos Nora achou lenços de papel no bolso de seu casaco.

Antes de voltar para a bicicleta, telefonou para o celular de Karen e ficou aliviada ao ser logo encaminhada para a caixa de mensagens. Como uma criança que estivesse matando aula, Nora tossiu uma ou duas vezes, depois falou com uma voz artificialmente congestionada. Disse que estava se sentindo um pouco pior e achava que não era boa ideia sair de casa, ainda mais porque o que tinha podia ser contagioso.

— Vou fazer um chá e voltar para a cama — explicou. — Deseje Feliz Natal por mim para todo mundo.

As ruas depois da ciclovia eram quase estradas rurais, passavam sinuosas por casas isoladas e por uma ou outra pequena fazenda, restolhos de milho sobressaíam na terra gelada, como os pelos numa perna que havia muito não era depilada. Nora não sabia aonde ia, mas não se importava de perder-se. Agora que tinha se livrado do evento de Natal, não se importava se o passeio de bicicleta durasse o dia inteiro.

Queria ficar pensando nos filhos, mas sua mente voltava sempre para a pobre tia May. Tinha morrido muito tempo antes, mas Nora ainda conseguia visualizá-la com uma estranha nitidez. Costumava ficar sentada em silêncio nas reuniões familiares, a boca torcida num ângulo bizarro, os olhos atordoados de desespero atrás dos óculos de lentes grossas. De vez em quando tentava falar, mas ninguém conseguia compreender uma única palavra do que dizia. Nora lembrava que a pressionavam para abraçá-la e depois, em recompensa, lhe davam um bombom.

*Será que eu sou isso?*, perguntou-se. *Sou a nova tia May?*

Andou de bicicleta por cento e sete quilômetros ao todo. Quando afinal chegou em casa, havia cinco mensagens piscando na secretária eletrônica, mas

Nora achou que podiam esperar. Subiu, tirou as roupas úmidas — tinha ficado toda trêmula, de repente — e tomou um banho quente e demorado de banheira. Enquanto estava ali de molho, ficava retorcendo a boca de modo que o lado esquerdo ficasse mais baixo do que o direito e tentava imaginar como seria viver daquele jeito, o rosto para sempre paralisado, a voz enrolada, todo mundo tentando se mostrar supergentil para que ela não se sentisse um monstro.



Havia algo de patético em assistir sozinho ao antigo filme *A felicidade não se compra*, mas Kevin não conseguiu pensar em mais nada para fazer. O Carpe Diem estava fechado; Pete e Steve estavam ocupados com suas famílias. Chegou a pensar rapidamente em telefonar para Melissa Hulbert, mas resolveu que era má ideia. Provavelmente ela não ficaria muito empolgada ao receber no Dia de Natal um telefonema desanimado com o intuito de fazer sexo, ainda mais porque Kevin não tentara entrar em contato com ela desde seu último e malfadado encontro, na noite em que ela havia cuspidido numa Vigilante.

As garotas tinham saído de casa uma hora antes. Kevin ficou espantado com a brusquidão com que saíram — receberam uma mensagem de texto no celular e foram embora —, mas ele não podia dizer que as culpava por quererem passar um tempo com os amigos. Ficaram com ele durante toda a manhã e boa parte da tarde e tinha sido muito divertido. Depois que terminaram de abrir os presentes, Aimee fez panquecas com pedacinhos de chocolate e depois foram dar uma longa caminhada em redor do lago. Quando retornaram para casa, jogaram três partidas de um jogo de dados chamado General. Então, na verdade, ele não tinha do que reclamar.

A não ser pelo fato de estar só, com o restante da tarde e parte da noite à frente, uma extensa amplitude de solidão. Era incompreensível a maneira como sua vida, antes tão movimentada e cheia de gente, havia se encolhido, o casamento terminado, o filho perdido para o mundo, seu pai e sua mãe mortos, os irmãos dispersos — o irmão na Califórnia, a irmã no Canadá. Alguns parentes continuavam nos arredores — o tio Jack e a tia Marie, um punhado de primos —, mas todos tinham a própria vida. O clã Garvey era como a antiga União Soviética, uma potência que se diluíra num bando de unidades fracas e raivosas.

*Isto aqui deve ser o Quirguistão*, pensou ele.

E ainda por cima ele não estava gostando do filme. Talvez já o tivesse visto vezes demais, porém a história toda parecia tão forçada, tanto esforço só para mostrar para um homem bom que ele era bom. Ou talvez Kevin estivesse apenas sentindo-se um pouco parecido demais com George Bailey, sem qualquer anjo da guarda por perto. Kevin ficava mudando de canal, atrás de alguma outra coisa para ver, e acabava voltando para o canal de onde tinha saído. Repetiu o ciclo inteiro várias vezes até que a campainha tocou, três toques rápidos tão repentinos e vibrantes que ele se levantou do sofá um pouco rápido demais e quase desmaiou. Antes que pudesse receber suas visitas, teve de parar e fechar os olhos, dando um tempo para assimilar o choque de ficar de pé.



Por um ou dois minutos, Laurie não conseguiu pensar em nada, senão como era bom não estar mais no frio da rua. Lentamente, porém, à medida que seu corpo se aquecia, a estranheza de estar de novo em sua casa começou a se instalar. Aquela era sua casa! Era tão espaçosa e decorada de maneira tão carinhosa, mais bonita do que tinha se permitido recordar. O sofá macio onde estava sentada — ela mesma o havia escolhido na loja *Elegant Interiors* e passara dias aflita por causa das amostras de estofamento, tentando decidir se o cinza-esverdeado combinava melhor com o tapete do que o vermelho-tijolo. E aquele televisor LCD HD-TV wide screen — estava passando *A felicidade não se compra*, dentre todas as coisas —, eles tinham comprado na *Cotsco*, alguns meses antes do Arrebatamento, empolgados com a nitidez natural da imagem. Tinham visto as reportagens sobre a catástrofe naquele mesmo televisor, os locutores visivelmente abalados pelo que estavam relatando, as tomadas de acidentes de trânsito e de testemunhas oculares atônitas, repetidas sem parar, numa enxurrada estonteante. E aquele homem parado na sua frente, sorrindo nervoso, aquele era seu marido.

— Puxa — ele estava dizendo. — Que grande surpresa.

Kevin mostrou-se um pouco perturbado ao ver as duas paradas na porta da casa, mas se recuperou depressa, fez ambas entrarem como se fossem convidadas, abraçou Laurie no corredor — ela tentou evitar, mas era impossível naquele espaço estreito — e apertou a mão de Meg, dizendo-lhe que tinha muito prazer de conhecê-la.

— Vocês parecem estar com frio — observou. — Não estão vestidas de maneira apropriada para esse tempo.

Frio era pouco, pensou Laurie. Era muito difícil achar roupas brancas que fossem de fato quentes. Calças, camisas e suéteres não eram problema, mas casacos e roupas para ficar ao ar livre no frio eram outra história. Laurie se achava sortuda por ter uma echarpe branca para enrolar na cabeça e um moletom pesado com capuz, feito de algodão e com uma discreta logomarca da Nike estampada no bolso. Mas ela precisava de luvas melhores — as de algodão que tinha eram ridiculamente finas, do tipo que se usava para fazer uma inspeção surpresa — e um par de botas, ou ao menos sapatos de verdade, algo um pouco mais consistente do que os tênis surrados que estavam em seus pés.

— Querem alguma coisa para comer? — perguntou Kevin. — Posso fazer um café, um chá ou outra coisa. Tenho cerveja e vinho também, se quiserem. Fiquem à vontade, sirvam-se. Você sabe onde tudo fica guardado.

Laurie não respondeu a tal oferta, nem se atreveu a olhar para Meg. Estava claro que queriam comer alguma coisa; estavam morrendo de fome. Mas não podiam dizer isso e seguramente não podiam se servir. Se Kevin pusesse alguma comida na frente delas, ficariam muito felizes de comer, mas a iniciativa teria de partir dele, e não delas.

— É melhor não olhar muito — acrescentou Kevin, pensando melhor. — Não estamos comendo de forma tão saudável como antes. Acho que você não aprovaria.

Laurie quase riu. Adoraria devorar alguns cachorros-quentes arrancados direto da embalagem, na frente de Kevin, para que ele soubesse qual era a sua opinião atual no que se referia à alimentação saudável. Mas Kevin não lhe deu a oportunidade. Em vez de ir para a cozinha como faria um bom anfitrião, ele se limitou a sentar na cadeira reclinável forrada de couro marrom que Laurie comprara na loja Triangle Furniture, a cadeira onde ela adorava ler nas ociosas manhãs dos finais de semanas, sem acender luz nenhuma, apenas com a luz do sol que jorrava através das janelas do lado sul da casa.

— Você está bonita — disse ele, examinando-a com uma franqueza alarmante. — Gosto do cabelo grisalho. Na verdade, faz você parecer mais jovem. Vá entender...

Laurie sentiu que ruborizara. Não tinha certeza se estava constrangida por conta própria ou porque Meg estava a seu lado. No entanto, mesmo



assim foi agradável ouvir um elogio. Kevin não tinha sido tão parcimonioso nos elogios quanto os maridos de algumas de suas amigas, sobretudo nos primeiros anos do casamento, mas nos últimos anos os elogios haviam se tornado seguramente mais escassos.

— Eu também estou ficando um pouco grisalho — disse Kevin, batendo com a mão no lado da cabeça. — Acho que faz parte.

Era verdade, Laurie notou, embora não tivesse percebido a mudança antes de ele apontar. *Distinto*, ela teria dito, se pudesse. A exemplo de muitos homens de sua geração, Kevin mantivera um ar juvenil muito tempo depois de ter qualquer direito àquilo, e o cabelo grisalho — o pouco que havia — acrescentava um toque bem-vindo de seriedade a seu aspecto.

— Você emagreceu muito — prosseguiu Kevin, lançando um olhar desejoso aos arredores da fivela de seu próprio cinto. — Tenho malhado, mas parece que não consigo baixar meu peso para menos de oitenta e seis quilos.

Laurie teve de fazer um esforço consciente para não pensar muito no corpo de Kevin. Era um pouco perturbante ver o marido tão de perto depois de tanto tempo, defrontar-se com sua pessoa de carne e osso, experimentar o sutil orgulho de posse que tinha sido uma das mais doces sensações subjacentes em seu casamento: *Meu marido é um homem atraente*. Não exatamente bonito, mas atraente de um jeito amigável, camarada. Ele estava vestindo um suéter cinza fechado com zíper que ela costumava pegar emprestado nos dias de chuva, muito folgado e macio ao toque.

— O que tenho de fazer é cortar os lanchinhos de fim de noite. Salgadinhos de micro-ondas e torta de blueberry, esse tipo de porcaria. É isso que está acabando comigo.

Meg deu um leve gemido e Laurie lançou um olhar incisivo na direção da cozinha, mas Kevin não entendeu a deixa. Estava distraído demais com a televisão, Jimmy Stewart, todo enrolado com alguma coisa, gaguejava e abanava os braços. Kevin apanhou o controle remoto na mesinha de centro e apertou o botão de desligar.

— Não suporto esse filme — resmungou. — Lembre-me de nunca mais assistir.

Sem a TV ligada, a casa pareceu sinistramente silenciosa, quase fúnebre. O relógio no conversor da TV a cabo indicava que eram só quatro e vinte, mas a escuridão da noite já começava a baixar, fazendo pressão nas janelas.

— Jill não está em casa — explicou Kevin, embora não fosse realmente necessário. — Saiu faz mais ou menos uma hora, com sua amiga Aimee. Você

conhece a Aimee, não é? Está morando com a gente desde o fim do verão. É uma boa garota, mas um pouco desarvorada. — Kevin mordiscou o lábio, como se refletisse acerca de um problema complicado. — Jill vai bem, eu acho. Mas está tendo um ano difícil. Sente muito a sua falta.

Laurie manteve o rosto resolutamente inexpressivo, não queria trair o alívio que sentia com a ausência da filha. Com Kevin ela conseguia lidar. Era um adulto e Laurie podia contar com ele para se comportar como tal, aceitar o fato de que seu relacionamento tinha sofrido uma mudança necessária e irrevogável. Mas Jill era só uma criança e Laurie ainda era sua mãe, e isso era outra história, totalmente diferente. Kevin levantou-se de súbito da cadeira reclinável.

— Vou ligar para ela. Vai ficar muito chateada se não vir você.

Foi à cozinha para apanhar o telefone. Assim que saiu, Meg pegou seu bloco de anotações e rabiscou **Banheiro?**. Ela assentiu com um gesto de cabeça, em sinal de agradecimento, quando Laurie apontou para o fim do corredor, e não perdeu tempo em seguir naquela direção.

— Dei azar — explicou Kevin quando voltou, ainda com o telefone na mão. — Deixei um recado, mas nem sempre ela confere os recados. Eu sei que gostaria de ver você.

Entreolharam-se. Por algum motivo, o ambiente ficou um pouco mais incômodo sem a presença de Meg na sala. O ar escapou da boca de Kevin numa expiração vagarosa.

— Não tenho notícias de Tom. Desde o verão. Ando um pouco preocupado com ele. — Esperou um momento antes de prosseguir. — Estou preocupado com você também. Sobretudo depois do que aconteceu no mês passado. Espero que esteja tomando cuidado.

Laurie deu de ombros, tentando indicar ao marido que ela estava bem, mas o gesto pareceu mais ambivalente do que ela planejara. Kevin pôs a mão no braço de Laurie, alguns centímetros acima do cotovelo. Não havia nada especialmente terno no gesto, mas a pele de Laurie começou a palpitar sob o toque. Já fazia muito tempo.

— Olhe — disse ele. — Não sei por que você está aqui, mas é mesmo muito bom ver você.

Laurie assentiu, tentando transmitir o sentimento de que também era bom vê-lo. A mão de Kevin agora estava se movendo, fazia um hesitante movimento para cima e para baixo no seu braço, não tão intencional que se pudesse classificá-lo como uma carícia. Mas Kevin era um desses homens que

não dedicava muito tempo a contatos físicos casuais. Raramente tocava em Laurie, a menos que estivesse pensando em sexo.

— Por que não fica aqui esta noite? — disse ele. — É Natal. Você devia ficar com sua família. Só esta noite. Para ver como se sente.

Laurie lançou um olhar preocupado na direção do banheiro, se perguntando o que estaria mantendo Meg lá dentro tanto tempo.

— Sua amiga também pode ficar — continuou Kevin. — Posso arrumar a cama do quarto de hóspedes, se ela quiser. Ela pode voltar de manhã.

Laurie se perguntou o que Kevin queria dizer: *Ela pode voltar de manhã*. Queria dizer que ela mesma ficaria lá? Será que ele estava lhe pedindo para voltar para casa? Ela balançou a cabeça, triste, mas com firmeza, tentando esclarecer que ela não fora fazer uma visita íntima.

— Desculpe — disse Kevin, finalmente entendendo a deixa e tirando a mão distraída do braço de Laurie. — É que estou me sentindo meio triste esta noite. É bom ter alguma companhia.

Laurie assentiu. Sentiu pena dele, de verdade. Kevin sempre adorou o Natal, aquela reunião familiar obrigatória.

— Isso é um pouco frustrante — disse para Laurie. — Gostaria que você falasse comigo. Sou seu marido. Eu gostaria de ouvir sua voz.

Laurie fraquejou. Estava prestes a dizer algo como *Eu sei, é ridículo*, desfazendo oito meses de trabalho penoso num único instante de fraqueza, mas, antes que pudesse fazê-lo, ouviu a descarga da privada. Logo depois, a porta do banheiro se abriu. E então, assim que Meg surgiu, sorrindo como para pedir desculpas, o telefone tocou na mão de Kevin. Atendeu-o sem verificar o visor.

— Alô — disse.



Nora ficou tão espantada com o som da voz dele que não conseguiu falar. De algum modo, com a ajuda de duas taças de vinho no estômago quase vazio, tinha conseguido se convencer de que Kevin não estaria em casa, que ela poderia simplesmente deixar um recado rápido na secretária eletrônica e escapar ileso.

— Alô — disse ele de novo, parecendo mais confuso do que irritado. — Quem é?

Ela sentiu-se tentada a desligar, ou fingir que tinha sido um engano, mas então se controlou. *Sou uma mulher adulta, pensou, não uma menina de doze anos passando um trote.*

— É Nora — disse ela. — Nora Durst. Nós dançamos no baile.

— Eu lembro. — A voz dele soou mais fria do que ela esperava, um pouco cautelosa. — Como vai?

— Vou bem. E você?

— Tudo certo — respondeu, mas não parecia ser verdade. — Sabe como é, estou curtindo o Natal.

— Eu também — disse Nora, mas não parecia ser verdade também.

— Então...?

Sua pergunta, que não era exatamente uma pergunta, ficou pairando por alguns segundos, tempo suficiente para que Nora tomasse um gole de vinho e revisasse mentalmente as palavras que tinha ensaiado na banheira: *Não quer sair para tomar café um dia desses? Estou livre quase todas as tardes.* Ela já havia imaginado tudo. As tardes não tinham tanta pressão, e o café também não. Se a pessoa fosse tomar um café com alguém de tarde, podia fingir que não era exatamente um encontro.

— Eu estava pensando — disse ela. — Você não quer ir à Flórida?

— Flórida? — Ele pareceu tão surpreso quanto ela mesma.

— É. — A palavra brotara de sua boca, mas era a certa, aquela que ela queria de fato dizer. Nora queria a Flórida, e não um café. — Não sei quanto a você, mas eu bem que podia tomar um pouco de sol. Aqui está muito deprimente.

— E você quer que eu...?

— Se você quiser — disse ela. — Se estiver disponível.

— Puxa. — Ele não pareceu infeliz com o convite. — E de que estimativa de tempo nós estamos falando?

— Não sei. Amanhã é cedo demais?

— Depois de amanhã é melhor. — Fez uma pausa e depois falou: — Escute, agora eu não estou podendo falar de verdade. Posso ligar para você mais tarde?



Kevin tentou parecer indiferente quando pôs o telefone no bolso, mas era difícil, com Laurie e sua amiga olhando fixamente para ele com uma

curiosidade muito franca, como se ele devesse explicações a elas.

— É só uma colega — sussurrou. — Ninguém que vocês conheçam.

Laurie nitidamente não acreditou nele, mas o que ele podia dizer? *Uma mulher que eu mal conheço me convidou para ir à Flórida e eu acho que aceitei o convite?* Nem ele mesmo podia acreditar. Desligara o telefone fazia apenas alguns segundos e já parecia que havia algum engano — algum complicado mal-entendido, ou talvez até alguma brincadeira. O que ele tinha de fazer era ligar para Nora e esclarecer algumas coisas, mas não poderia fazer isso antes de ficar sozinho, e Kevin não tinha a menor ideia de quanto tempo teria de esperar. Laurie e sua companheira pareciam que ficariam felizes de permanecerem plantadas ali olhando para ele por toda a noite.

— Então...? — Kevin bateu as mãos de leve uma na outra, tentando mudar de assunto. — Alguém está com fome?



Laurie caminhou lentamente rumo à rua Principal, um ou dois passos atrás de Meg, desfrutando a estranha indolência que se experimenta quando se está com a barriga cheia. A refeição não tinha sido um luxo — não havia sobras de um banquete da tarde, como deve acontecer na noite de Natal — mas mesmo assim foi delicioso. Devoraram tudo o que Kevin pôs na frente delas — cenourinhas, tigelas de sopa enlatada de macarrão com galinha, com migalhas de torradas por cima, salame e sanduíches de queijo no pão branco — e depois arremataram com um saco de bombons Hershey's e uma xícara de café quente e fresquinho.

As duas estavam se aproximando da esquina quando ela ouviu o som de passos e a voz de Kevin chamou seu nome. Laurie virou-se para vê-lo correndo pelo meio da rua, sem casaco nem chapéu, brandindo um braço no ar como se estivesse tentando chamar um táxi.

— Você esqueceu isto — disse quando a alcançou. Havia uma caixinha na mão dele, o presente órfão que ela havia percebido embaixo da árvore. — Quer dizer, fui eu que esqueci. É para você. Da Jill.

Laurie sabia que era mesmo da filha, só de olhar para o embrulho. Um presente de Kevin seria mais desleixado, algo sem capricho, feito às pressas, com o mínimo de enfeites possível. Mas a caixa que ele estava segurando tinha sido embrulhada com cuidado, o papel bem esticado, os cantos retos, a fita bem frisada entre a tesoura e o dedo polegar.

— Ela ia me matar se eu esquecesse — acrescentou Kevin, mais ofegante do que ela esperava, depois de uma corrida tão curta.

Laurie aceitou o presente, mas não deu qualquer sinal de que ia abri-lo. Dava para perceber que Kevin queria ficar ali e ver, mas ela achou que não era boa ideia. Já tinham festejado o Natal em família mais do que o necessário, muito mais do que era bom para eles.

— Está bem — disse Kevin, entendendo a deixa. — Ainda bem que consegui alcançar você. E obrigado de novo por ter vindo.

Voltou para casa e as duas prosseguiram rumo à rua Principal, parando num sinal de trânsito perto da rua Hickory para abrir o presente. Meg ficou bem perto de Laurie, observando com uma expressão ansiosa enquanto ela desfazia metodicamente o trabalho da filha, puxava a fita colorida de cetim, rompia a fita adesiva, retirava o papel. Ela imaginou que o embrulho continha alguma joia, mas quando tirou a tampa o que encontrou foi um isqueiro de plástico barato descansando sobre um chumaço de algodão. Nada de chique, só um isqueiro Bic vermelho descartável, com cinco palavras pintadas no corpo com algo que parecia Liquid Paper.

*Não se esqueça de mim.*

Meg pegou seu maço e cada uma acendeu um cigarro, revezando-se com o isqueiro novo. Era mesmo um presente muito gentil e Laurie não pôde evitar chorar um pouco, imaginando a filha na mesa da cozinha, escrevendo aquela mensagem simples, comovente, com um pincelzinho miúdo. Era um objeto para guardar como a um tesouro, cheio de valor sentimental, razão pela qual Laurie não teve opção a não ser ajoelhar-se no chão e jogá-lo no primeiro bueiro de águas pluviais que encontrou, empurrando-o através das grades como se empurra uma moedinha numa fenda. Ele caiu durante um tempo que pareceu muito demorado e quase não fez barulho quando bateu no fundo.

# PARTE QUATRO

QUER NAMORAR COMIGO?

## UMA NAMORADA ACIMA DA MÉDIA

A câmara municipal estava lotada para a sessão aberta de janeiro. Kevin voltara da Flórida já havia duas semanas e por isso ficou um pouco surpreso com o número de comentários que recebeu a respeito de seu bronzado.

— Está com ótimo aspecto, Sr. Prefeito!

— Divertiu-se um pouquinho no sol, hein?

— Esteve perto de Boca? Meu tio tem uma casa lá.

— Umas férias até que me fariam bem!

*Será que eu estava tão pálido assim?*, pensou, ao ocupar seu assento no centro da mesa comprida, na frente da sala, entre o vereador DiFazio e a vereadora Herrera. Ou será que as pessoas estavam reagindo a algo mais profundo do que o brilho corado de sua pele, alguma mudança mais íntima que eles não conseguiam explicar de outra forma?

Em todo caso, Kevin estava alegre com o saudável comparecimento, um grande salto em comparação à melancólica sessão de dezembro, que consistiu em não mais do que uma dúzia dos suspeitos de costume, a maioria cidadãos idosos e sovinas, contrários a todas as despesas de governo — federal, estadual e municipal —, exceto à Previdência Social e ao Atendimento Médico, dos quais eles mesmos dependiam para existir. A única pessoa presente com menos de quarenta anos era a repórter do *Mensageiro*, uma garota bonita que tinha acabado de se formar e que ficava cochilando em cima do seu laptop.

Ele deu início à sessão, com seu martelinho de juiz, às sete horas em ponto, sem se importar com os habituais cinco minutos de atraso para aguardar os retardatários. Queria, pelo menos uma vez, seguir à risca a programação, manter o andamento da sessão e terminar o mais próximo possível das nove horas. Dissera a Nora que chegaria por volta das dez e portanto não queria deixá-la esperando.

— Bem-vindos — disse ele. — É ótimo ver todos aqui, ainda mais numa noite fria de inverno. Como a maioria de vocês já sabe, sou o prefeito Garvey



e estas agradáveis pessoas aqui são os membros da câmara municipal da cidade.

Houve uma educada salva de palmas e depois o vereador DiFazio ergueu-se para convidar todos a fazerem o Juramento de Lealdade, que eles recitaram num murmúrio afobado e vagamente constrangido. Kevin pediu a todos que continuassem de pé para fazerem um minuto de silêncio em homenagem a Ted Figueroa, o cunhado recém-falecido da vereadora Carney, uma figura proeminente no mundo dos esportes juvenis de Mapleton.

— Muitos de nós conhecemos Ted como um treinador lendário e a força propulsora por trás do Programa de Basquete da Manhã de Sábado, do qual foi codiretor durante duas décadas, muito depois dos próprios filhos terem ficado adultos. Era um homem generoso e dedicado e sei que falo por todos nós quando digo que sua falta será muito sentida.

Inclinou a cabeça e contou devagar até dez, o que alguém certa vez lhe dissera ser a receita prática para um momento de silêncio. Pessoalmente, ele não gostava muito de Ted Figueroa — o cara era um babaca, na verdade, um técnico ultracompetitivo que selecionava a dedo os melhores jogadores para os próprios times e quase sempre ganhava o campeonato — mas aquele não era o momento nem o lugar para ser honesto a respeito dos mortos.

— Muito bem — disse, depois que eles se sentaram. — O primeiro ponto de nossa pauta é a aprovação das atas da assembleia de dezembro. Há alguma moção para aprovar?

O vereador Reynaud apresentou a moção. A vereadora Chen apoiou.

— Todos a favor? — perguntou Kevin. Os sins foram unânimes. — A moção foi aprovada.



Em seus tempos de moça, durante o brevíssimo intervalo de liberdade entre seu primeiro beijo e o noivado com Doug, Nora chegou a se considerar uma namorada de primeira classe. Em sua condição atual — com metade da vida e um outro mundo para trás —, ela achava difícil reconstituir as origens de sua crença. Era possível que tivesse lido uma reportagem na revista *Glamour* sobre as “Dez Habilidades Essenciais de uma Namorada” e tivesse se dado conta de que dominava oito delas. Ou talvez tivesse respondido as questões do “Teste Definitivo da Boa Namorada” na revista *Elle* e tivesse alcançado o grau máximo: *Você é uma campeã!* Mas também era provável que o hábito da

autoestima estivesse tão profundamente arraigado em sua psique que simplesmente nem lhe ocorria pensar de outro modo. Afinal de contas, Nora era bonita, era inteligente, sua calça jeans vestia bem, seu cabelo era brilhante e liso. É claro que ela era uma namorada melhor do que a maioria. Era melhor do que a maioria em tudo.

Tal convicção constituía uma parte tão intrínseca de sua autoimagem que ela chegou a declará-la em voz alta, com todas as letras, durante uma mortificante briga de término com o namorado de quem mais gostara na faculdade. Brian era um estudante de filosofia carismático cujas palidez de biblioteca e cintura rotunda — ele cultivava um desdém europeu pelos exercícios físicos — não reduziam em nada seu atrativo cerebral. Ele e Nora formaram um casal firme durante a maior parte do segundo ano de faculdade — referiam-se a si mesmos como “melhores amigos e almas gêmeas” —, até que Brian decidiu, ao regressar das férias de primavera, que eles deviam passar a sair com outras pessoas.

— Eu não quero sair com mais ninguém — disse ela.

— Tudo bem — respondeu ele. — Mas e se eu quiser?

— Então está tudo acabado entre nós. Não vou dividir você com outra pessoa.

— Lamento ouvir isso. Porque já estou saindo com outra pessoa.

— O quê? — Nora ficou autenticamente perplexa. — Por que você faria uma coisa dessas?

— Como assim? Por que as pessoas saem umas com as outras?

— Quer dizer, por que você precisa disso?

— Não entendo a pergunta.

— Sou uma ótima namorada — disse Nora. — Você sabe disso, não sabe?

Brian a examinou com atenção durante alguns segundos, quase como se a estivesse vendo pela primeira vez. Havia algo desconcertantemente impessoal no olhar de Brian, uma espécie de distanciamento científico.

— Você é legal — admitiu ele, com uma ponta de relutância. — Seguramente está acima da média.

Depois que Nora se formou, aquela se tornou uma de suas histórias prediletas. Contou-a tantas vezes que acabou virando uma piada de repertório do seu casamento. Toda vez que fazia algo com zelo — apanhava as camisas de Doug na lavanderia, preparava para ele um jantar sofisticado sem qualquer motivo aparente, lhe fazia uma massagem nas costas quando ele

chegava do trabalho —, Doug a examinava com atenção por alguns instantes, esfregava o queixo com a mão, como um estudante de filosofia.

— É verdade — dizia, com um ar de suave espanto. — Você é de fato uma namorada acima da média.

— Pode crer — respondia Nora. — Estou no quinquagésimo terceiro percentil.

A piada parecia um pouco menos engraçada ultimamente, ou talvez fosse engraçada de outro jeito, agora que Nora tentava ser a namorada de Kevin Garvey e se saía pessimamente. Não porque não gostasse dele — esse não era nem um pouco o problema —, mas porque ela não conseguia lembrar como representar o papel que, no passado, lhe vinha naturalmente. O que uma namorada dizia? O que fazia? Parecia a sensação que tivera na sua lua de mel em Paris, quando de repente Nora se dera conta de que não sabia falar uma única palavra em francês, embora tivesse estudado a língua durante todo o ensino médio.

*É tão frustrante*, dissera para Doug. *Eu sabia essas coisas.*

Nora queria dizer a mesma coisa para Kevin, queria que ele soubesse que ela estava só um pouco enferrujada, que, mais dia, menos dia, tudo aquilo iria lhe voltar à mente.

*Je m'appelle Nora. Comment vous appelez-vous? Eu sou uma ótima namorada.*



Assembleias da câmara de vereadores se pareciam um pouco com uma igreja, pensou Kevin, uma sequência familiar de rituais — nomeações, exonerações, anúncios (“Congratulações para a Tropa de Bandeirantes 173, cuja Segunda Venda Anual de Pão de Mel para levantar fundos angariou mais de três mil dólares para os Amigos dos Bichos Internacionais, uma instituição de caridade que envia bichos de pelúcia para crianças indígenas pobres no Equador, na Bolívia e no Peru...”), proclamações (“Fica proclamado que, de hoje em diante, o dia 25 de fevereiro será o Dia de Jantar fora de Casa em Mapleton!”), Pedidos de Autorização, Resoluções Orçamentárias, Relatórios das Comissões e Decretos Pendentes — que eram ao mesmo tempo enfadonhos e estranhamente reconfortantes.

Cumpriram os itens da pauta num ritmo muito bom — os únicos quebra-molas que reduziram a velocidade da reunião foram os relatórios da comissão sobre Edificações e Terrenos (detalhes demais sobre o processo de

seleção do contrato para a pavimentação do lote municipal número 3) e Segurança Pública (um resumo evasivo da investigação paralisada sobre o assassinato de Falzone seguido de uma extensa discussão sobre a necessidade de uma presença policial mais forte dentro e em torno do Greenway Park) — e conseguiram concluir os assuntos oficiais um pouco antes do horário programado.

— Muito bem — disse Kevin para a plateia. — É a vez de vocês. A pauta está aberta para os comentários do público.

Em teoria, Kevin estava ansioso para ouvir diretamente a opinião de seus eleitores. Vivia falando isso: “Estamos aqui para prestar um serviço a vocês. E não podemos fazer isso se não soubermos o que estão pensando. O trabalho mais importante que podemos fazer é escutar suas preocupações e suas críticas e encontrar meios inovadores e de custo viável de atendê-los.” Kevin gostava de pensar no período de Consulta Pública como uma aula prática de civismo — o autogoverno numa escala verdadeiramente pessoal, um diálogo frente a frente entre os eleitores e as pessoas que eles elegeram, a democracia tal qual os fundadores da República haviam imaginado.

Na prática, porém, a Consulta Pública era, em geral, um desfile de aberrações, um fórum para que excêntricos e monomaníacos dessem vazão a seus pequenos ressentimentos e frustrações existenciais, a maior parte dos quais se situavam longe da esfera de alcance de um governo municipal. Uma das oradoras regulares sentia a premente necessidade de fornecer a seus concidadãos atualizações mensais de uma complicada disputa contábil que travava com seu plano de saúde. Outro defendia com fervor a abolição do horário de verão no âmbito das fronteiras de Mapleton, uma medida reconhecidamente heterodoxa, que ele esperava que fosse inspirar as demais cidades e estados a seguirem o mesmo caminho. Um frágil senhor frequentemente expressava sua infelicidade com o mau serviço de entrega domiciliar oferecido pelo *Daily Journal*, jornal que tinha parado de ser publicado havia mais de vinte anos. Por um tempo, a assembleia havia tentado peneirar os oradores, barrando aqueles cujos comentários não tratavam de “questões locais relevantes”, mas tal medida feriu os sentimentos de tanta gente que acabou sendo rapidamente abandonada. Agora estavam de volta ao sistema antigo, informalmente conhecido como “Um Discurso por Maluco”.

A primeira pessoa que discursou na assembleia de janeiro foi um jovem padre residente na Rainer Road, que se queixou dos carros que passavam em

alta velocidade pela sua rua, usada como atalho na hora do rush do fim da tarde, e perguntou por que a polícia se mostrava tão relapsa em fazer cumprir as leis de trânsito.

— O que vocês estão esperando que aconteça para fazerem alguma coisa? — perguntou. — Será que uma criança vai ter de morrer?

A vereadora Carney, chefe da Comissão de Segurança Pública, garantiu ao homem que a polícia estava planejando uma grande operação de segurança no trânsito para a temporada de férias do verão, uma campanha que ia incluir um componente de informação pública e também um vigoroso componente coercitivo. Nesse meio-tempo, ela iria pessoalmente pedir ao Chefe de Polícia Rodgers que ficasse de olho na Rainer Road e nas ruas vizinhas, na hora do rush do fim da tarde.

O orador seguinte foi uma mulher de meia-idade e de aspecto amigável, de muletas, que queria saber por que tantas calçadas de Mapleton não eram devidamente limpas com pás depois das nevascas. Ela mesma havia escorregado num trecho congelado em Watley Terrace e torcera o tornozelo.

— A remoção da neve é obrigatória em Stonewood Heights — enfatizou. — E é muito mais seguro caminhar lá no inverno. Por que não fazemos algo parecido, aqui?

O vereador DiFazio explicou que foram feitas consultas sobre aquele mesmo assunto em três ocasiões, até onde ele se lembrava. Em todas as vezes, um grande número de cidadãos idosos testemunhou sua oposição a qualquer mudança na lei, por razões financeiras e também por razões de saúde pública.

— Estamos todos presos numa espécie de dilema nessa questão — disse ele. — É uma situação terrível: se a gente faz alguma coisa, está errado e, se não faz, está errado também.

— Vou dizer a vocês o que eu gostaria de ver — interveio Kevin. — Eu gostaria de fazer uma espécie de cadastro de pessoas que precisam de ajuda para remover a neve com pás, e talvez dividir essa tarefa com a secretaria de trabalho voluntário do colégio. Desse modo, a garotada poderia obter créditos por serviços públicos prestados fazendo algo realmente necessário.

Vários membros da assembleia gostaram da ideia e a vereadora Chen, chefe da Comissão de Educação, concordou em entrar em contato com o colégio.

As coisas ficaram um pouco mais quentes quando o orador seguinte — um jovem veemente, de olhos fundos e barba grande e irregular — tomou a palavra. Identificou-se como o chefe de cozinha e proprietário de um

restaurante vegano aberto recentemente, chamado Café Pureza, e disse que queria deixar registrada uma queixa contra a avaliação injusta que seu restaurante havia recebido do Inspetor de Saúde.

— É ridículo — disse ele. — O Café Pureza é impecável. Não manipulamos carne, ovos, nem derivados de leite, que são a principal fonte das doenças oriundas da alimentação. Tudo o que servimos é fresco e preparado com amor, numa cozinha nova em folha com tecnologia de ponta. Mesmo assim tiramos nota B, ao passo que a Galinha Rápida ganhou A! *Galinha Rápida?* Será que estão querendo tirar um sarro da minha cara? Já ouviram falar de salmonela? E a Chumley's Stakehouse? *Fala sério!* Será que algum de vocês já viu como é a cozinha da Chumley's Stakehouse? Será que vocês vão ter a coragem de me olhar bem nos olhos e dizer que aquilo é mais limpo do que o Café Pureza? Isso é brincadeira. Tem alguma coisa aí que não está me cheirando bem, e pode apostar que não é a comida do meu restaurante.

Kevin não ficou lá muito satisfeito com o tom de superioridade do chefe de cozinha nem com sua equivocada decisão de criticar seus competidores — certamente, aquele não era o melhor caminho para fazer amigos e influenciar pessoas numa cidade pequena —, mas tinha de admitir que uma nota A para a Galinha Rápida parecia algo um pouco improvável. Três anos antes, Laurie fizera com que ele parasse de ir lá, depois ter encontrado uma bateria do tamanho de uma moeda dentro de um frasco de molho de alho. Quando ela levou a bateria para mostrar para o dono, ele riu e disse: *Ah, então foi aí que ela foi parar.*

Bruce Hardin, inspetor de saúde de Mapleton havia muitos anos, pediu autorização para responder diretamente aos “argumentos precipitados” do chefe de cozinha. Bruce era um sujeito corpulento de cinquenta e poucos anos que havia perdido a esposa na Partida Repentina. Não parecia especialmente vaidoso, mas era difícil explicar o contraste desconcertante entre o cabelo castanho-escuro e o bigode grisalho prateado, sem levar em conta a aplicação de uma boa dose de L'Oréal for Men. Falando com a autoridade imperturbável de um velho burocrata, fez ver que seus relatórios estavam abertos ao público e que em geral continham fotografias que documentavam todas as infrações cometidas. Qualquer pessoa que quisesse examinar seu relatório sobre o Café Pureza ou qualquer outro fornecedor de alimentos poderia fazê-lo com toda liberdade. Ele tinha certeza de que seu

trabalho era capaz de resistir ao escrutínio mais rigoroso. Em seguida, voltou-se e encarou o chefe de cozinha barbudo.

— Eu ocupo este cargo há vinte e três anos — disse ele, com um perceptível tremor na voz. — E esta é a primeira vez que minha integridade é questionada.

O chefe de cozinha fez questão de deixar claro que não estava questionando a integridade de ninguém. Bruce disse que não foi essa a impressão que teve e que era covardia tentar negá-lo. Kevin interferiu antes que a situação saísse do controle e sugeriu que talvez fosse mais construtivo se eles se reunissem num local mais calmo e tivessem uma conversa franca sobre as providências que o Café Pureza precisava tomar para melhorar sua avaliação na próxima inspeção. Acrescentou que tinha ouvido grandes elogios ao restaurante vegano e o considerava uma contribuição valiosa ao eclético rol de restaurantes e lanchonetes da cidade.

— Não sou vegetariano, em absoluto — disse ele —, mas não vejo a hora de comer lá. Talvez um almoço na quarta-feira que vem, que tal? — E olhou para os membros da assembleia. — Quem quer se juntar a mim?

— Você vai pagar? — gracejou o vereador Reynaud, provocando uma risada de aprovação da multidão presente.

Kevin conferiu a hora no relógio de pulso, antes de chamar o próximo orador. Já eram quinze para as nove e havia pelo menos dez pessoas com a mão erguida, inclusive o Cara do Horário de Verão e o Senhor que Nunca Recebia Seu Jornal.

— Puxa — exclamou ele. — Parece que hoje estamos muito animados.

★ ★ ★

Por algum motivo, Nora sempre ficava um pouco surpresa ao ver Kevin na porta de sua casa, mesmo quando já estava à espera dele. Havia algo de normal demais e reconfortante em toda aquela situação, um homem grande, amigável, colocando uma sacola de papel pardo nas mãos dela, com o gargalo de uma garrafa de vinho para fora.

— Desculpe — disse. — A assembleia se estendeu muito. Todo quiseram falar.

Nora abriu o vinho e Kevin lhe contou tudo, com muito mais detalhes do que ela desejava. Nora fez o que pôde para se mostrar atenta e interessada, assentindo com gestos de cabeça nos momentos que pareciam ser adequados,

fornecendo comentários ou perguntas ocasionais a fim de manter o fluxo da conversa.

*Uma boa namorada é uma boa ouvinte*, dizia para si mesma.

No entanto estava só fingindo, e sabia disso. Na vida passada de Nora, Doug ficava sentado de frente para ela naquela mesma mesa e punha à prova sua paciência da mesma forma, com solilóquios compridos e tortuosos sobre um acordo qualquer com o qual estivesse lidando no momento, e soterrava Nora com misteriosos detalhes jurídicos e financeiros da alguma transação, pensava em voz alta sobre os vários obstáculos difíceis que podiam se interpor e o que ele faria para superá-los. Porém, por mais maçante que fosse, ela sempre compreendia que o trabalho de Doug era *importante* para ela num nível pessoal, que aquilo tinha consequências para a família deles e que ela precisava prestar atenção. Por mais que apreciasse a companhia de Kevin, Nora não conseguia se convencer de verdade de que ela precisava dar importância às complicações do código de edificações ou à ampliação do prazo de validade das licenças de animais de estimação.

— Mas isso é só para cachorros? — perguntava.

— Gatos também.

— Então você vai anistiar as multas das taxas atrasadas?

— Tecnicamente, estamos só ampliando o prazo para o registro.

— E qual é a diferença?

— É uma forma de incentivar o cumprimento da lei — explicou Kevin.



Estavam sentados juntos diante do televisor de tela plana, o braço de Kevin sobre o ombro de Nora, seus dedos brincando com os cabelos escuros e sedosos dela. Nora não fazia objeções a ser tocada assim, mas também não dava qualquer sinal de que gostava. A atenção dela estava toda voltada para a tela, que Nora observava com um ar de meditação intensa, como se *Bob Esponja* fosse um filme de arte sueco da década de 1960.

Kevin estava adorando ver o filme com ela, não porque gostasse de *Bob Esponja* propriamente — achava aquilo barulhento e estranho —, mas porque lhe dava uma desculpa para finalmente parar de falar. Ficara tagarelando por mais tempo do que devia sobre a assembleia da câmara —, se prolongou demais explicando a questão do orçamento para a remoção da neve, a sensatez da substituição dos parquímetros do centro da cidade por uma



máquina de bilhetes etc. etc. —, só para poupar a ambos do mal-estar de ficarem num silêncio prolongado, como dois velhos casados que nada têm para conversar.

O que tornava a situação tão enlouquecedora era o fato de mal se conhecerem, mesmo depois da temporada de férias em que ficaram juntos. Ainda havia tanta coisa para descobrir, tantas perguntas que ele queria fazer, se ela lhe permitisse. Mas, na Flórida, Nora esclarecera que seus assuntos pessoais eram um tema proibido. Ela não falaria sobre seu marido ou seus filhos, nem mesmo sobre sua vida antes deles. E Kevin tinha visto como Nora ficava tensa nas poucas vezes em que ele tentara contar algo sobre a própria família, a maneira como ela tinha se retraído e desviado os olhos, como se um policial estivesse apontando o fecho de uma lanterna em seus olhos.

Na Flórida eles estavam num ambiente estranho, sem nada de familiar, passavam a maior parte do tempo ao ar livre, onde era fácil romper o silêncio com uma simples troca de palavras sobre a temperatura do mar, a beleza do pôr do sol, o fato de um pelicano ter acabado de passar voando. Ali em Mapleton não havia nada disso. Eles ficavam sempre dentro de casa, sempre na casa dela. Nora não queria ir ao cinema, a um restaurante, nem mesmo ao Carpe Diem para tomar uns drinques. A única coisa que faziam era travar conversas vazias e assistir a *Bob Esponja*.

Nem aquilo Nora explicava para Kevin. Ele compreendia que se tratava de um ritual de recordação e sentia-se comovido por Nora permitir que ele compartilhasse a experiência, mas gostaria de saber um pouco mais a respeito do que o desenho animado significava para ela e o que ela escrevia em seu caderno, depois que o episódio terminava. Mas aparentemente *Bob Esponja* também não era da sua conta.

★ ★ ★

Nora não queria ser assim, distante e fechada. Queria ser como tinha sido na Flórida, de coração aberto e cheia de vida, livre no corpo e no espírito. Aqueles cinco dias passaram como um sonho, os dois embriagados de sol e de adrenalina, perpetuamente admirados de se verem juntos num calor incomum, livres da prisão de suas rotinas. Caminhavam e andavam de bicicleta, flertavam e nadavam no mar, e quando ficavam sem assunto tomavam mais uma bebida, ou ficavam sentados na banheira de

hidromassagem, ou liam algumas páginas de livros de ação que haviam comprado na livraria do aeroporto. No final das tardes, separavam-se por algumas horas, recolhiam-se cada um em seu próprio quarto para tomar banho e tirar um cochilo, antes de se reencontrarem para o jantar.

Nora o convidara para ir ao seu quarto na primeira noite. Depois de uma garrafa de vinho no jantar e uma sessão de amassos na praia, pareceu que era a coisa educada a se fazer. Nora não ficou nervosa ao tirar a roupa, não pediu a ele para apagar a luz. Limitou-se a ficar nua, de pé, impregnando-se da admiração dele. A pele de Nora dava a sensação de estar brilhando.

*O que você acha?*, perguntou Nora.

*Lindas clavículas*, disse ele. *Ótima postura, também.*

*Só isso?*

*Venha aqui para a cama e vou lhe dizer o que acho da parte de trás dos seus joelhos.*

Ela foi para a cama, aninhou-se no corpo dele. O torso de Kevin era uma laje pálida, de uma solidez tranquilizadora. Na primeira vez em que Nora o abraçou, teve a sensação de abraçar uma árvore.

*Que tal a parte de trás dos meus joelhos?*

*Quer que eu seja franco?*

*Quero.*

A mão de Kevin desceu pela parte de trás de sua coxa.

*Está um pouco úmida.*

Ela riu e ele lhe deu um beijo, ela o beijou em resposta e esse foi o final da conversa. O único tropeço veio alguns minutos depois, quando ele tentou penetrá-la e descobriu que ela estava seca. Nora pediu desculpas, disse que estava sem prática, mas ele a silenciou, lambendo sua barriga até o centro do corpo, umedecendo-a com sua língua. Ele não teve pressa, deixou claro que ela podia relaxar, levando-a por um caminho desconhecido, até que ela parou de se preocupar com para onde aquilo iria e, com um pequeno grito, se deu conta de que já havia chegado lá, que algo havia relaxado dentro dela e que uma coisa quente estava escorrendo para fora de seu corpo. Quando recobrou o fôlego, rastejou para o lado da cama e retribuiu o favor, sem pensar uma vez sequer em Doug ou em Kylie, quando o tomou na boca, sem pensar em nada, até terminar, até ele finalmente parar de gemer e ela ter certeza de que havia engolido até a última gota.

Kevin sentiu uma ligeira palpitação de suspense quando o desenho animado terminou e Nora fechou seu caderno.

— Desculpe. — Nora cobriu a boca, reprimindo educadamente um bocejo. — Estou um pouco cansada.

— Eu também — admitiu Kevin. — Foi um dia muito longo.

— Está tão frio lá fora. — Ela estremeceu num gesto solidário. — É uma pena que você tenha de ir.

— Mas eu não *tenho* de ir — recordou Kevin. — Eu adoraria ficar aqui. Tenho sentido falta de você.

Nora pensou um pouco.

— Muito em breve — disse ela. — Eu só preciso de um pouco mais de tempo.

— Não precisamos fazer nada. Podemos só fazer companhia um ao outro. Só conversarmos até pegarmos no sono.

— Desculpe, Kevin. Realmente não estou pronta para isso.

*É claro que está*, ele queria lhe dizer. *Não lembra como foi? Como pode não estar pronta para o que aconteceu?* Mas ele sabia que era inútil. Na hora em que começamos a apelar e defender nossa causa, ela já está perdida.

Nora conduziu-o até a porta e lhe deu um beijo de boa-noite, um casto mas demorado beijo de despedida, que pareceu um pedido de desculpas e ao mesmo tempo um convite para voltar outro dia.

— Posso ligar para você amanhã? — perguntou Kevin.

— Claro — respondeu ela. — Ligue amanhã.



Nora trancou a porta e levou as taças de vinho para a pia. Em seguida, subiu ao primeiro andar e preparou-se para dormir.

*Sou uma péssima namorada*, pensou, enquanto escovava os dentes. *Nem sei por que faço todo esse esforço.*

Era constrangedor saber que tudo era culpa dela, que ela havia se oferecido para ocupar aquele cargo e, enganosamente, induzira Kevin a lhe dar a vaga. Ela que o convidara para ir à Flórida, afinal, ela que, durante cinco dias, representara o papel de um ser humano funcional e razoavelmente alegre. No fim das férias, Nora quase começou a acreditar que *era* de fato um ser humano funcional e razoavelmente alegre — do tipo que podia ficar de mãos dadas com alguém por baixo da mesa, ou servir garfadinhas de

sobremesa na boca dessa outra pessoa — portanto ela não podia culpar Kevin por compartilhar aquela impostura, nem por ele se sentir confuso e traído quando ela resolvia voltar atrás e desfazer tudo.

Mas Nora não era aquela pessoa, ao menos não ali em Mapleton, nem de longe, e não adiantava nada esconder a verdade. Nora não tinha amor algum para dar a Kevin nem a ninguém, nenhuma alegria, vigor ou compreensão. Continuava mutilada, ainda lhe faltavam partes cruciais. Compreender aquilo havia quase esmagado Nora, ao voltar para casa, o peso insuportável da própria existência, uma capa de chumbo estendida sobre seus ombros frágeis. *Bem-vinda ao lar, Nora.* Pareceu muito mais pesada do que ela se lembrava, muito mais opressiva, e pelo visto aquele era o preço que era preciso pagar por querer fugir de debaixo dela, às escondidas, durante alguns dias. *Fez boa viagem?*

## O POSTO AVANÇADO

Numa manhã sem vento no final de janeiro, enquanto nevava de leve, Laurie e Meg caminharam da rua Ginkgo até seu novo alojamento na Parker Road, um enclave residencial sossegado no extremo leste do Greenway Park.

O Posto Avançado 17 era pequeno, porém mais bonito do que Laurie esperava, um Cape Cod azul-escuro, com um sótão e um acabamento branco em volta das janelas. Em vez de uma trilha de cimento, uma calçada pavimentada com pedras cor de barro levava até a entrada principal. A única coisa de que Laurie não gostou foi a porta da frente, que parecia um pouco enfeitada demais em comparação com o restante da casa, a madeira marrom lustrosa com um decorativo vidro oval e fosco embutido, o tipo de acabamento que se espera ver numa mansão esnobe em Stonewood Heights, não numa residência modesta de Mapleton, como aquela.

— É fofa — sussurrou Meg.

— Podia ser muito pior — concordou Laurie.

Gostaram mais ainda quando viram a parte de dentro. O térreo era aconchegante, sem dar a impressão de ser espremido, avivado por uma porção de pequenos detalhes — uma lareira a gás na sala, tapetes pequenos com desenhos geométricos de cores fortes, mobília confortável, de estilos diversos. O ponto alto era a cozinha reformada, um espaço amplo e claro com equipamentos em aço inoxidável, um forno digno de restaurante e uma janela acima da pia que dava para a paisagem reconfortante de um parque arborizado, os galhos nus congelados, cobertos por uma fina camada de pó branco. Laurie podia facilmente imaginar sua antiga personalidade de pé diante da bancada de pedra-sabão, numa tarde de um dia de fim de semana, picando legumes, enquanto a NPR, a estação de rádio nacional, murmurava ao fundo.

A visita foi guiada por seus novos colegas de alojamento, dois homens de meia-idade que atenderam à campanha da porta com os crachás presos em suas camisas. “Julian” era alto e um pouco curvado, de óculos de armação de

metal e nariz pontudo que parecia farejar com curiosidade o ar em redor. Tinha o rosto muito bem barbeado, uma anomalia no âmbito dos Remanescentes Culpados. “Gus” era ruivo, atarracado, de pele avermelhada; tinha a barba aparada com esmero e fartamente mesclada de pelos grisalhos.

**Bem-vindas,** escreveu ele num bloco de comunicação. **Estávamos à espera de vocês.**

Laurie sentiu-se incomodada, mas fez o possível para ignorar. Sabia que os postos avançados podiam ser mistos, mas não havia previsto nada tão íntimo, dois homens e duas mulheres compartilhando uma casa pequena à beira do bosque. Mas se aquele era seu posto, que fosse. Ela compreendia que era uma honra ser escolhida para o Programa de Colonização da Comunidade — tratava-se do coração dos planos de expansão a longo prazo dos Remanescentes Culpados — e queria demonstrar que era digna da confiança nela depositada pelos líderes, que sem dúvida faziam o melhor possível com os recursos de que dispunham.

Além do mais, ela e Meg teriam o segundo andar inteiro para si — dois quatinhos e um banheiro compartilhado —, portanto a privacidade não seria problema. Meg escolheu o quarto cor-de-rosa, que dava para a rua; Laurie ocupou o amarelo, com vista para o parque, o qual provavelmente tinha pertencido a uma adolescente. A cama — parecia ter vindo da loja de móveis IKEA — estava montada bem rente ao chão, um colchão fino, como um futon, estendido sobre um estrado de madeira clara. As paredes estavam nuas, mas dava para ver os espaços vazios onde, pouco tempo antes, pendiam cartazes, três retângulos ligeiramente mais claros do que a área em torno.

Laurie tinha trazido uma só mala — todos seus pertences mundanos — e arrumou suas coisas em questão de minutos. Deu uma sensação de anticlímax — mais parecia que estava chegando a um hotel do que se instalando em um novo lar —, quase o bastante para deixá-la com nostalgia de seus tempos de mudanças febris, em sua vida pregressa: as semanas de preparação, as caixas, a fita adesiva, as etiquetas, o grande caminhão parado na porta, a aflição de ver sua vida inteira desaparecer dentro da barriga do caminhão. E depois o movimento peristáltico contrário, todas as caixas saindo, o baque quando pousavam no chão, o grito quando as caixas eram abertas. O estranho desapontamento de uma casa nova, a importuna sensação de deslocamento que parece que nunca vai desaparecer. Mas ao menos ela sabia, bem lá no fundo, que algo importante havia ocorrido, que um capítulo de sua vida havia terminado e um outro começava.

*Um ano, ela costumava dizer. Leva um ano para a gente se sentir em casa de verdade. E às vezes demora ainda mais.*

Depois de colocar as roupas nos gaveteiros — também de madeira clara, também da IKEA —, Laurie ficou de joelhos por muito tempo, sem rezar, só pensando, tentando adaptar sua mente ao fato de que ela agora estava morando ali, que aquele lugar era seu lar. Ajudava saber que Meg estava perto, apenas a alguns passos. Não tão perto quanto na Casa Azul, onde as duas dividiam um quarto, mas ainda assim estava bem perto, mais do que poderia razoavelmente ter esperado.

★ ★ ★

Como regra geral, as amizades eram desencorajadas no âmbito dos Remanescentes Culpados. A organização estava estruturada de maneira a impedir que as pessoas passassem tempo demais juntas ou que contassem demais com pessoas específicas para sua subsistência social. No condomínio da rua Ginkgo, os membros moravam em grupos numerosos que eram frequentemente recombinaados; os trabalhos cumpriam um rodízio segundo um esquema regular. Os Vigilantes formavam pares escolhidos por sorteio e raramente uma pessoa trabalhava com o mesmo parceiro duas vezes no mesmo mês. O objetivo era reforçar a ligação entre o indivíduo e o grupo como um todo, não entre um indivíduo e outro.

Tal estratégia fazia sentido aos olhos de Laurie, ao menos em teoria. As pessoas se encontravam extremamente vulneráveis quando vinham se unir aos Remanescentes Culpados. Depois de consumir tanta energia para conseguir separar-se de suas vidas antigas, sentiam-se exaustas e aturdidas, e profundamente vulneráveis. Sem uma orientação adequada, era muito fácil recair em padrões familiares, recriar involuntariamente os relacionamentos e comportamentos que haviam acabado de deixar para trás. Mas, se tivessem permissão de fazer isso, acabariam perdendo exatamente aquilo que tinham vindo buscar: a oportunidade de recomeçar, de desvencilhar-se dos falsos confortos da amizade e do amor, de esperar os dias finais sem distrações ou ilusões.

A principal exceção a essa política eram os relacionamentos muito estreitos entre Iniciante e Iniciador, que a organização tendia a encarar como um mal necessário, uma estratégia estatisticamente eficaz, porém emocionalmente perigosa, para integrar os novatos no grupo. O problema

não era tanto a formação de um vínculo forte e exclusivo entre os dois indivíduos envolvidos — pois era esse o interesse — quanto o trauma de desfazer aquele vínculo, de separar duas pessoas que, no fundo, tinham se tornado uma unidade.

Era missão do Iniciador preparar o Iniciante para aquela eventualidade. Desde o primeiro instante, Laurie havia seguido à risca o protocolo, recordava a Meg diariamente que a parceria entre as duas era temporária, e que chegaria ao fim no dia 15 de janeiro — Dia da Formatura —, momento em que Meg se tornaria um membro pleno da Filial de Mapleton dos Remanescentes Culpados. A partir daí, as duas seriam colegas, não amigas. Tratariam uma à outra com cortesia — nada mais, nada menos — e obedeceriam de forma rigorosa ao seu voto de silêncio, quando estivessem na companhia uma da outra.

Laurie tentara ao máximo seguir tal regra, mas aquilo não trouxera muito benefício a nenhuma das duas. À medida que se aproximava o final do período probatório de Meg, as duas ficavam cada vez mais deprimidas e agitadas. Diversas noites terminavam com uma delas, ou ambas, em lágrimas, lamentando a injustiça da situação, se perguntando por que não podiam simplesmente continuar vivendo daquele modo, persistir numa forma de trabalhar que estava dando certo e que era boa para ambas. De certo modo, era pior para Laurie, porque sabia exatamente para o que estava retornando — um quarto lotado na Casa Cinza, ou talvez na Casa Verde, um saco de dormir sobre o chão frio, longas noites sem uma amiga por perto para ajudar a passar o tempo, nada para lhe fazer companhia senão a voz assustada dentro da própria cabeça.

★ ★ ★

Uma semana antes, na manhã do Dia da Formatura de Meg, apresentaram-se na Casa Principal com um peso no coração. Antes de saírem, se abraçaram durante muito tempo e disseram uma à outra para ter coragem.

— Não vou esquecer você — prometeu Meg, a voz baixa, um pouco rouca.

— Você vai ficar bem — sussurrou Laurie, sem conseguir convencer nem a si mesma. — Nós duas vamos.

Patti Levin, a primeira e única Diretora da Filial de Mapleton, estava à espera delas em seu gabinete, sentada atrás de uma enorme escrivaninha bege,



como se fosse a diretora de um colégio. Era uma mulher miúda, de cabelo grisalho frisado e rosto sério, mas surpreendentemente jovial. Fez um gesto com seu cigarro, convidando-as a sentarem-se.

— Hoje é o grande dia — disse ela.

Laurie e Meg continuaram caladas. Só tinham permissão para falar em resposta a uma pergunta direta. A diretora observou-as, o rosto alerta, mas inexpressivo.

— Vejo que andaram chorando.

Não adiantava negar. Mal tinham dormido e passaram boa parte da noite chorando. Meg estava um caco — o cabelo embolado, os olhos inchados e vermelhos — e Laurie não tinha razão para acreditar que seu aspecto estivesse melhor.

— É difícil! — soluçou Meg, como uma adolescente com o coração partido. — É difícil demais!

Laurie estremeceu diante daquela quebra de decoro, mas a diretora deixou passar. Segurando o cigarro entre a pontinha do dedo indicador e a do polegar, trouxe-o até a boca e sugou com força através do filtro, como se ele não estivesse deixando a fumaça passar, e semicerrou as pálpebras com implacável determinação.

— Eu sei — disse a diretora, quando exalou a fumaça. — É o caminho que escolhemos seguir.

— É sempre tão ruim assim? — Meg parecia à beira do choro outra vez.

— Às vezes. — A diretora deu de ombros. — É diferente para pessoas diferentes.

Agora que Meg havia quebrado o gelo, Laurie resolveu que podia falar também.

— É culpa minha — explicou. — Não fiz meu trabalho direito. Fiquei muito apegada à minha Iniciante e deixei a situação escapar ao controle. Estraguei tudo mesmo.

— Isso não é verdade! — protestou Meg. — Laurie é uma excelente mentora.

— É culpa nossa também — admitiu a diretora. — Nós vimos o que estava acontecendo. Deveríamos ter separado vocês um mês atrás.

— Desculpe. — Laurie obrigou-se a encarar a diretora. — Vou tentar me sair melhor da próxima vez.

Patti Levin balançou a cabeça.

— Acho que não vai haver uma próxima vez.

Laurie não discutiu. Sabia que não merecia uma segunda chance. Nem tinha certeza de que queria mesmo outra oportunidade, se ela ia ter de sentir-se assim, quando terminasse.

— Por favor, não condene Meg por causa disso — pediu Laurie. — Ela se empenhou a fundo nos dois últimos meses e fez muito progresso, apesar de meus erros. Admiro sinceramente a força de vontade e a determinação de Meg. Sei que ela trará uma contribuição importante à Filial.

— Laurie me ensinou tanta coisa — interveio Meg. — Ela é um excelente exemplo e uma fonte de inspiração, sabe?

Por piedade, a diretora deixou passar. No silêncio que seguiu, Laurie se viu olhando fixamente para o cartaz na parede, atrás da escrivaninha. Mostrava uma sala de aula cheia de crianças e adultos, todos vestidos de branco, todos com as mãos levantadas, como ansiosos alunos de conceito A. Cada mão erguida segurava um cigarro.

QUEM QUER SER MÁRTIR?, perguntava a legenda do cartaz.

— Vocês já devem ter notado que aqui está um pouco lotado — explicou a diretora. — Não paramos de receber novos recrutas. Em algumas casas, já temos pessoas dormindo nos corredores e na garagem. É uma situação simplesmente insustentável.

Durante um ou dois instantes funestos, Laurie se perguntou se ela não estaria sendo expulsa dos R.C. para dar lugar a alguém mais digno da função. Mas aí a diretora lançou um olhar para uma folha de papel que estava sobre a escrivaninha.

— Vocês vão ser transferidas para o Posto Avançado 17 — disse ela. — Vão se mudar na terça-feira que vem.

Laurie e Meg trocaram olhares desconfiados.

— Nós duas? — perguntou Meg.

A diretora assentiu com um aceno de cabeça.

— É a preferência de vocês, não é?

Responderam que sim, era.

— Muito bem. — Pela primeira vez desde que elas tinham chegado ao gabinete, Patti Levin sorriu. — O Posto Avançado 17 é um lugar muito especial.



A única coisa que a vida tinha ensinado para Jill era que as coisas mudavam o tempo todo — de forma abrupta, imprevisível e muitas vezes sem qualquer bom motivo. Mas, pelo visto, saber disso não servia de grande coisa. Porque mesmo assim a pessoa podia ser surpreendida pela melhor amiga, bem no meio de um macarrão com queijo, na hora do jantar.

— Sr. Garvey — disse Aimee. — Acho que já está na hora de eu começar a pagar algum aluguel.

— *Aluguel?* — O pai de Jill deu uma risada, como se achasse muito legal ser feito de bobo. Ele andava com ótimo humor, desde seu regresso da Flórida. — Isso é ridículo.

— Estou falando sério. — Aimee parecia absolutamente séria. — Vocês têm sido muito generosos comigo. Mas estou começando a me sentir uma parasita, entende?

— Mas você não é uma parasita. É nossa hóspede.

— Já estou morando aqui faz muuuito tempo. — Fez uma pausa, desafiando Kevin a discordar. — Tenho certeza de que vocês estão de saco cheio da minha cara.

— Não seja boba. Adoramos sua companhia.

Aimee franziu a testa, como se a bondade de Kevin servisse apenas para piorar a situação.

— Não estou só dormindo aqui. Eu como a comida de vocês, uso a máquina de lavar e secar roupa, vejo sua TV a cabo. Aposto que há outras coisas também.

*Internet, pensou Jill. Calefação e ar-condicionado, absorventes internos, maquiagem, xampu e condicionador, pasta de dente, minhas roupas de baixo...*

— Não tem problema algum. — Ele lançou um olhar para Jill, querendo saber se ela não teria uma opinião diferente. — Não é mesmo?

— Claro — respondeu Jill. — Tem sido divertido.

E Jill estava falando sério, apesar de suas reclamações eventuais sobre a ampla e ilimitada invasão de sua casa por Aimee. Sem dúvida, houve momentos de instabilidade no outono, mas as coisas haviam melhorado nos últimos dois meses, mais ou menos. O Natal foi mesmo muito bom e elas fizeram uma excelente festa de ano-novo, enquanto o pai estava de férias. Nas semanas que seguiram, Jill fez questão de afirmar sua independência em relação a Aimee, já não saía mais todas as noites, fazia um esforço bem-intencionado de manter em dia seus trabalhos escolares e de passar um pouco

mais de tempo com o pai. Parecia que eles haviam afinal alcançado um equilíbrio, no qual todos podiam conviver.

— Nunca paguei aluguel — disse Aimee —, portanto não tenho a menor ideia de qual seria o valor, ainda mais numa casa linda como esta. Mas acho que é o senhorio que decide o valor, não é?

O pai de Jill teve um pequeno sobressalto ao ouvir a palavra *senhorio*.

— Não seja ridícula — disse ele. — Você é uma aluna do ensino médio. Como vai poder pagar um aluguel?

— Isso é outro assunto que eu queria conversar com você. — Aimee, de repente, pareceu insegura. — Acho que parei com o colégio.

— O quê?

Jill ficou espantada ao ver que Aimee estava ficando ruborizada, pois isso nunca acontecia.

— Vou largar o colégio — disse.

— Por que iria fazer isso? — perguntou ele. — Você vai se formar daqui a poucos meses.

— Você não viu meu boletim — explicou Aimee. — Fui reprovada em todas as matérias no período passado, até em educação física. Se eu quiser me formar, vou ter de repetir a última série no ano que vem, e prefiro dar um tiro na cabeça a ser uma aluna repetente na última série. — Virou-se para Jill, pedindo apoio. — Vamos, conte para ele como estou ferrada no colégio.

— É verdade — disse Jill. — Ela não consegue nem lembrar como se faz para abrir o armário onde guarda os livros.

— Olhe só quem está falando — disse Kevin.

— Neste semestre eu vou me sair melhor — prometeu Jill, pensando como seria muito mais fácil se endireitar, com Aimee fora de cena.

Elas não iriam juntas a pé para o colégio toda manhã para fumar maconha nos fundos do supermercado nem fugiriam na hora do almoço para ficar duas horas na rua. *Eu posso ser eu mesma de novo*, pensou ela. *Deixar meu cabelo crescer outra vez, começar a sair com meus velhos amigos...*

— Além do mais — acrescentou Aimee —, eu tenho um emprego. Lembra o Derek, da iogurteria? Ele é o gerente de um restaurante da rede Applebee's no Stonewood Plaza. Ele me contratou como garçomete. Horário integral, vou começar na semana que vem. O uniforme é feio, mas as gorjetas devem ser muito boas.

— *Derek?* — Jill não tentou esconder sua repulsa. — Achei que você detestava o Derek.

O antigo chefe de ambas era um sujeito desprezível, casado, de trinta e poucos anos — seu chaveiro era uma telinha de LCD que exibia fotografias do filho bebê —, que gostava de pagar bebidas alcoólicas para suas funcionárias menores de idade e lhes fazer uma porção de perguntas sobre sua vida sexual. *Já usou um vibrador?*, tinha perguntado a Jill certa noite, assim, sem mais nem menos. *Aposto que você ia adorar.* Chegou até a se oferecer para comprar um para ela, só porque ela parecia ser uma pessoa muito legal.

— Eu não *detesto* o Derek. — Aimee tomou um gole de água, depois deu um exagerado suspiro de alívio. — Meu Deus, mal posso esperar para largar de uma vez aquele colégio. Fico deprimida toda vez que caminho pelo corredor. Todos aqueles *babacas* andando numa procissão.

— Adivinha? — disse o pai de Jill. — Todos eles vão ao Applebee's e você vai ter de tratar todos muito bem.

— E daí? Ao menos serei paga por isso. E quer saber qual é a melhor parte dessa história? — Aimee fez uma pausa, forçando um sorriso de orgulho. — Vou poder dormir todo dia até bem tarde, o quanto eu quiser. Acabou essa história de acordar de ressaca logo ao raiar do dia. Portanto vou ficar muito agradecida se vocês não ficarem falando alto de manhã.

— Ha, ha — disse Jill, tentando rechaçar uma visão repentina e incômoda de sua casa, depois que ela tivesse saído para ir ao colégio, Aimee vagando pela cozinha só de camiseta e calcinha, o pai olhando da mesa, enquanto ela sorvia o leite direto da caixa de papelão, todo dia uma catástrofe à espreita. Jill estava bem contente de saber que o pai tinha uma nova namorada, uma mulher com idade mais próxima da dele, ainda que ela fosse um pouco assustadora.

— Escute. — Ele parecia muito preocupado, como se Aimee fosse sua filha. — Sinceramente, acho que você devia pensar melhor. Você é inteligente demais para largar o colégio.

Aimee deu um suspiro suave, como se estivesse começando a perder a paciência.

— Sr. Garvey — começou ela. — Se o senhor está mesmo incomodado com isso, acho que posso procurar outro lugar para morar.

— A questão não é onde vai morar. Eu só não quero que você se subestime.

— Eu entendo. E sou muito grata. Mas você não vai me fazer mudar de ideia.

— Muito bem. — Ele fechou os olhos e esfregou a testa com a ponta de três dedos, como fazia quando estava com dor de cabeça. — E que tal isto aqui? Daqui a um ou dois meses, depois que você já tiver trabalhado um tempo, podemos sentar calmamente e conversar sobre a questão do aluguel. Nesse meio-tempo, você continua como nossa hóspede e todo mundo fica contente, está bem?

— Está bem. — Aimee sorriu, como se fosse exatamente o que ela estava esperando. — Eu gosto quando todo mundo fica contente.



Laurie não conseguia dormir. Era sua terceira noite no Posto Avançado e a transição não estava sendo tão tranquila quanto ela esperara. Em parte, por causa da estranheza de, após vinte e três anos de casamento e nove meses de vida comunitária, estar novamente morando em um quarto só seu. Simplesmente não estava mais habituada à solidão e à maneira como ficar deitada sozinha num colchão confortável podia dar a sensação de estar rodando infinitamente pelo espaço sideral.

Também tinha saudade de Meg, tinha saudade de suas conversas sonolentas na hora de dormir, a camaradagem de colegas de escola durante o Desabafo. Houve noites em que as duas haviam ficado acordadas durante horas, duas vezes suaves indo e vindo, recontando a história de suas vidas, em capítulos aleatórios. No início, Laurie tinha feito um esforço com toda boa-fé para manter ambas concentradas no aprendizado de Meg, para desencorajar mexericos fúteis e papos nostálgicos, mas as palavras pareciam ter sempre uma vontade própria. E a verdade era que Laurie, tanto quanto Meg, gostava da trajetória sinuosa da conversa. Laurie perdoava a própria fraqueza recordando que se tratava de uma condição temporária, que o Dia da Formatura ia chegar muito em breve e ela, necessariamente, teria de retomar o regime de silêncio e de autodisciplina.

E ali estava Laurie, tentando fazer exatamente aquilo, mas com Meg no quarto vizinho, tão perto que parecia um absurdo e quase uma crueldade não poder falar com ela. Era penoso ficar sozinha em qualquer circunstância, porém era ainda mais penoso quando a pessoa sabia que não precisava ser assim, quando bastava empurrar o cobertor para o lado, levantar da cama e ir na ponta do pé pelo corredor. Porque Laurie não tinha a menor dúvida — nenhuma dúvida mesmo — de que Meg estava acordada naquele exato

momento, pensando exatamente o mesmo, resistindo exatamente à mesma tentação.

Era simples controlar-se no Condomínio, com tanta gente em volta, com tantos olhos vigilantes. No Posto Avançado, não havia ninguém para impedi-las de fazer o que quisessem, ninguém para reparar, exceto Gus e Julian, e aqueles dois homens não estavam em condições de criticar ninguém. Dividiam a suíte principal no térreo — tinha uma cama de casal *king size* e uma banheira de hidromassagem no banheiro anexo — e Laurie às vezes achava que ouvia as vozes deles, tarde da noite, débeis bolhas de fala flutuando sem rumo pela casa silenciosa, bolhas que estouravam pouco antes de chegarem aos ouvidos dela.

*O que será que estão conversando?, ela se perguntava. Será que estão falando sobre a gente?*

Não os censuraria se fosse isso. Se ela e Meg estivessem juntas, seguramente estariam conversando a respeito de Gus e Julian. Não para reclamar — não havia tanta coisa assim de que se queixar —, mas só para trocar impressões, da maneira como fazemos quando alguma pessoa nova entra na vida da gente e não sabemos muito bem como lidar com ela.

Os dois pareciam ser sujeitos legais, pensava Laurie, embora talvez um pouco arrogantes e voltados para si mesmos. Também podiam ser um pouco mandões, mas Laurie desconfiava que tal atitude fosse antes um fruto acidental das circunstâncias do que um traço de seu caráter. Os dois foram os únicos ocupantes do Posto Avançado 17 durante quase um mês, antes da chegada de Laurie e Meg, e naturalmente tinham passado a encarar o lugar como uma propriedade sua e supunham que as recém-chegadas teriam de seguir as regras que eles haviam estabelecido. Por uma questão de princípio, Laurie não achava aquilo justo — os Remanescentes Culpados se baseavam na igualdade, não na antiguidade ou no tempo de serviço —, mas Laurie achou que era melhor esperar mais um pouco, antes de levantar qualquer discussão a respeito do processo de tomada de decisões.

Além disso, as regras da casa não pareciam, afinal, especialmente opressivas. A única que causava algum incômodo pessoal em Laurie era a proibição de fumar dentro de casa — ela gostava de começar o dia com um cigarro na cama —, mas ela não tinha nenhuma intenção de tentar alterar a regra. A norma foi aplicada a fim de proteger Gus, que sofria muito de asma. Muitas vezes ficava sem ar e, logo na véspera, ele havia sofrido um ataque violento bem no meio do jantar, levantara-se da mesa bruscamente, com uma

expressão de pânico no rosto, arquejando e chiando como se tivesse sido resgatado do fundo de uma piscina. Julian correu para o quarto para apanhar o inalador e depois ficou esfregando as costas de Gus durante alguns minutos, até sua respiração voltar a parecer um pouco mais normal. Fora assustador ver aquilo, e se Laurie tinha que fumar no quintal dos fundos para dar a Gus alguma ajuda, era um sacrifício que estava mais do que disposta a fazer.

Na verdade, Laurie sentia-se grata por ter a chance de praticar algum tipo de renúncia, pois o Posto Avançado exigia bem pouco delas. A vida ali era muito mais fácil do que no Condomínio. A comida era farta, ainda que não muito sofisticada — em geral macarrão, feijão e legumes enlatados — e o termostato era mantido numa temperatura civilizada de dezessete graus. Ela podia ir para a cama quando tinha vontade e dormir o quanto quisesse. Em relação ao trabalho, podia determinar o próprio horário e redigia seus relatórios sozinha.

Era quase perturbadoramente confortável, um dos motivos pelos quais Laurie fazia tanta força para se manter afastada de Meg e não recair na rotina fácil da amizade. Já era bastante ruim estar aquecida, bem-alimentada e livre para fazer o que quisesse. Se, ainda por cima, ficasse feliz, se ela tivesse uma boa amiga para lhe fazer companhia à noite, então de que adiantava pertencer aos Remanescentes Culpados? Por que não voltar simplesmente à casa grande em Lovell Terrace, unir-se de novo ao marido e à filha, vestir roupas bonitas outra vez, renovar sua matrícula na academia de ginástica Mapleton Fitness Club, pôr em dia os programas de TV que ela perdeu, redecorar a sala, cozinhar pratos interessantes com os legumes da estação, fingir que a vida era boa e que o mundo não havia desmoronado?

Afinal, não era tarde demais.

★ ★ ★

— Você está conosco há um bom tempo — dissera Patti Levin no final da conversa da semana anterior. — Acho que está na hora de tornar isso oficial, não acha?

O envelope que ela colocou na mão de Laurie continha uma única folha de papel, um Pedido de Divórcio de Comum Acordo. Laurie tinha preenchido os espaços em branco, conferira as informações necessárias e assinara o nome na linha reservada para a Requerente A. Só faltava levar o formulário para Kevin e conseguir que ele assinasse a linha do Requerente B.



Laurie não tinha motivo para crer que ele fosse fazer alguma objeção. Como poderia? Seu casamento estava terminado — havia sofrido o que a justiça chamava de “rompimento irremediável” — e os dois sabiam disso. O pedido de divórcio era uma formalidade legal, uma declaração burocrática de algo que já era óbvio.

Então qual era o problema? Por que o envelope continuava sobre a penteadeira, pesando tanto em sua consciência que parecia brilhar no escuro?

Laurie não era ingênua. Compreendia que os Remanescentes Culpados precisavam de dinheiro para sobreviver. Era impossível administrar uma organização tão grande e ambiciosa sem fazer despesas importantes — todas aquelas pessoas precisavam de comida, de moradia, de atendimento médico. Era preciso adquirir novas propriedades, as antigas tinham de ser conservadas. Cigarros. Veículos. Computadores, advogados, propaganda. Sabão, papel higiênico, tudo. A soma ia longe.

Naturalmente, esperava-se que os membros contribuíssem com o que pudessem. Se tudo o que a pessoa tinha era o pagamento mensal do Seguro Social, era isso o que ela dava. Se a soma total dos bens mundanos da pessoa consistia num velho Oldsmobile enferrujado e com o amortecedor quebrado, os Remanescentes Culpados podiam usar aquilo também. E se a pessoa tivesse a sorte de ser casada com um homem de negócios bem-sucedido, por que não iria desfazer aquela união civil e doar para a causa a parte que lhe cabia no divórcio?

Pois é, por que não?

Laurie não tinha certeza de quanto dinheiro estava envolvido na questão — os advogados teriam de calcular. Só a casa valia mais ou menos um milhão — eles tinham pagado um milhão e seiscentos mil pela casa, mas isso tinha sido cinco anos antes, quando o mercado ainda não havia quebrado — e as diversas aposentadorias e os vários investimentos somados deviam também alcançar a mesma quantia, no mínimo. Qualquer que fosse o saldo final, cinquenta por cento seria um desembolso volumoso, substancial o bastante para Kevin ser obrigado a pensar em vender a casa a fim de conseguir saldar suas obrigações.

Laurie queria entregar a parte que lhe cabia para os Remanescentes Culpados, queria mesmo. Mas a ideia de andar até lá, tocar a campainha e pedir que Kevin lhe entregasse a metade de tudo aquilo que ela mesma havia abandonado a enchia de vergonha. Ela tinha entrado nos Remanescentes Culpados porque não tinha escolha, porque era o único caminho que lhe

fazia algum sentido. No curso daquele processo, ela havia perdido a família, os amigos e seu lugar na comunidade, todo o conforto e a segurança que o dinheiro podia pagar. Aquela foi sua decisão e Laurie não estava arrependida. Mas Kevin e Jill também pagaram um preço alto e não tinham recebido nada em troca. Parecia egoísta — impróprio — aparecer de uma hora para outra na porta da casa deles com a mão estendida, pedindo ainda mais.

★ ★ ★

Ela devia ter pegado no sono de repente, porque acordou com um susto, ciente de algum movimento perto dela.

— Laurie? — sussurrou Meg. Sua camisola emitia um fulgor fantasmagórico na porta do quarto. — Está acordada?

— Algum problema?

— Não está ouvindo?

Laurie escutou com atenção. Achou que tinha percebido um som abafado, umas batidinhas ritmadas.

— O que é isso?

— Está mais alto no meu quarto — explicou Meg.

Laurie saiu da cama, abraçou-se para se proteger do frio e seguiu Meg pelo curto corredor até o outro quarto. Era mais claro daquele lado da casa, o brilho de um poste de iluminação da Park Road se infiltrava através da janela. Meg se agachou diante de um aparelho de calefação antigo, um trambolho prateado com pés em forma de garras, como uma banheira de antiquário, e chamou Laurie com um aceno, para se juntar a ela.

— Estou bem em cima deles — disse Meg.

Laurie inclinou a cabeça e colocou o ouvido bem pertinho do metal, de modo que chegou a sentir o calor residual que exalava dali.

— Está assim há um tempão.

Agora o som estava bem claro, como se estivessem ouvindo um rádio. As batidas não eram mais leves nem misteriosas. Era uma autêntica percussão, uma cabeceira de cama que batia contra a parede, com o protesto das molas ao fundo. Laurie também podia ouvir vozes, uma bruta e monótona — apenas repetia a palavra *fode* sem parar — e a outra voz em tom agudo, com um vocabulário mais variado — *oh* e *Meu Deus* e *Jesus* e *por favor*. Laurie não tinha certeza de qual voz pertencia a Gus ou a Julian, mas sentiu-se contente por nenhum dos dois parecer estar sofrendo de falta de ar.

— Como vou dormir desse jeito? — perguntou Meg.

Laurie não teve coragem de falar. Sabia que devia ficar escandalizada, ou ao menos perturbada, com o que estava ouvindo — os Remanescentes Culpados não permitiam sexo entre seus membros, gays ou não —, mas naquele momento Laurie não sentia nada, senão surpresa e perplexidade, e um pouco mais de interesse do que gostaria de admitir.

— O que vamos fazer? — continuou Meg. — Vamos ter de denunciar?

Laurie teve de ter muita força de vontade para se afastar do aparelho de calefação. Virou-se para Meg, seus rostos estavam a poucos centímetros um do outro, no escuro.

— Não é da nossa conta — disse ela.

— Mas...

Laurie segurou Meg pelo pulso e ajudou-a a ficar de pé.

— Pegue seu travesseiro — disse. — Pode dormir no meu quarto esta noite.

## DESCALÇA E GRÁVIDA

Tom vestiu o casaco de esqui que pegara emprestado com Terrence Falk, tomando cuidado para sua barba não prender no zíper, que ele fechou até em cima, junto ao queixo. O zíper tinha puxado os pelos da barba algumas vezes e doera muito para ele conseguir soltar.

— Aonde vai? — perguntou Christine do sofá.

— Harvard Square. — Retirou um gorro de lã do bolso do casaco e ajeitou-o na cabeça. — Quer vir?

Ela baixou o rosto, olhou para o pijama que estava vestindo — calça com bolinhas coloridas e uma blusa pequena e justa que apertava a fértil protuberância da barriga — como se aquilo fosse uma resposta em si mesmo.

— Você pode trocar de roupa — disse para ela. — Não estou com pressa.

Ela contraiu os lábios, tentada a aceitar a sugestão. Os dois estavam em Cambridge fazia um mês e ela só havia saído de casa umas poucas vezes — uma para a consulta com o médico e duas vezes para fazer compras com Marcella Falk. Christine nunca reclamava daquilo, mas Tom imaginava que ela devia estar ficando um pouco indócil.

— Não sei. — Ela olhou nervosa para a cozinha, onde Marcella assava biscoitos. — Provavelmente eu não deveria.

Os Falk nunca disseram explicitamente que ela não tinha permissão de sair de casa sozinha — não eram assim tão mandões —, mas, no dia a dia, a desencorajavam a fazer aquilo. Simplesmente não valia a pena correr o risco — ela podia escorregar no gelo, pegar um resfriado, chamar a atenção da polícia —, sobretudo agora que estava no terceiro trimestre de uma gravidez cuja importância para o mundo não fosse de todo compreendida. E aquela não era apenas a opinião pessoal deles — estavam em estreito contato com o Sr. Gilcrest, por intermédio de seu advogado, e ele queria que Christine soubesse como era grande sua preocupação com sua segurança, bem como com a saúde e o bem-estar de seu filho, ainda por nascer.

*Ele quer que você fique tranquila, disseram para Christine. Quer que você coma bem, comidas boas e que descanse bastante.*

— É uma caminhada de dez minutos — disse Tom. — Você pode se agasalhar bem.

Antes que Christine tivesse a chance de responder, Marcella Falk acudiu afobada, vindo da cozinha, com um avental listrado e brandindo um tabuleiro cheio de biscoitos sobre a palma da mão virada para cima.

— Aveia e passas! — cantarolou enquanto se aproximava do sofá. — O preferido de alguém!

— Oba. — Christine estendeu a mão para pegar um biscoito e deu uma mordida. — Hummm. Gostoso e quentinho.

Marcella colocou o tabuleiro sobre a mesinha de centro. Quando ergueu o corpo, olhou para Tom com uma expressão de surpresa fingida, como se não soubesse que ele estava ali, como se não tivesse ficado escutando a conversa dos dois desde o começo.

— Oh... — Tinha cabelo escuro e curto, olhos vigilantes e o corpo forte de uma viciada em ioga de cinquenta e poucos anos de idade. — Vai sair?

— Só para andar um pouco. Christine talvez venha comigo.

Marcella fez o melhor que pôde para aparentar interesse, e não preocupação.

— Você está precisando de alguma coisa? — perguntou para Christine, com uma doçura um pouco exagerada na voz. — Tenho certeza de que Tom terá todo prazer em trazer para você.

Christine balançou a cabeça.

— Não preciso de nada.

— Pensei que um pouco de ar livre seria bom para ela — sugeriu Tom.

Marcella mostrou-se intrigada, como se “ar livre” fosse um conceito estranho.

— Podemos abrir uma janela, sem problemas — disse.

— Não, tudo bem. — Christine simulou um bocejo. — Estou meio cansada mesmo. Acho que vou só tirar uma soneca.

— Ótimo! — O rosto de Marcella relaxou. — Vou acordar você por volta das duas e meia. O personal trainer vem às três horas para cuidar de seus exercícios.

— Bem que estou precisando mesmo de uns exercícios — admitiu Christine. — Estou virando uma bola.

— Que bobagem — retrucou Marcella. — Você está linda.

Quanto a isso, tinha razão, pensou Tom. Agora que estava devidamente abrigada em uma casa e comendo de maneira adequada, Christine ganhava peso e se tornava mais bonita a cada dia. O rosto brilhava, o corpo amadurecia com graça. Os seios ainda não estavam tão grandes, mas já se mostravam mais redondos e mais cheios do que antes, e às vezes Tom ficava um pouco hipnotizado pela imagem deles. Também precisava fazer um esforço consciente para não estender a mão e afagar a barriga de Christine toda vez que ela estava perto, não que ela fosse reclamar. Ela não se importava que Tom a tocasse. Às vezes chegava a agarrar a mão dele e colocá-la com a palma bem em cima do bebê, para que Tom pudesse sentir o movimento dentro dela, a pequenina criatura dando cambalhotas em câmara lenta, nadando às cegas dentro de sua bolha. Mas era completamente diferente acariciá-la sem permissão, tratar o corpo de Christine como se fosse uma propriedade pública. Os Falk faziam aquilo o tempo todo, fechavam os olhos e balbuciavam de modo carinhoso para o bebê, como se fossem avós orgulhosos, e Tom achava aquilo uma falta de educação.

Ele caminhou na direção da porta, resistindo à tentação de apanhar um biscoito no caminho.

— Tem certeza de que não quer umas botas? — perguntou Marcella. — Tenho certeza de que Terrence tem um par extra.

— Não, obrigado. Estou bem assim.

— Divirta-se — disse Christine. — Diga aos hippies que mandei um alô.

★ ★ ★

Era uma tarde úmida e cinzenta, não especialmente fria para fevereiro. Tom rumou para o leste pela rua Brattle, tentando não ficar obcecado com as botas de Terrence Falk. Se eram parecidas com o casaco, ou com suas luvas superleves e misteriosamente confortáveis, na certa tinham sido projetadas para suportar os rigores de uma expedição à Antártica. Um dia de inverno comum não seria nada demais para botas como aquelas. Nem seria preciso olhar para onde estava indo.

*Mas, não,* Tom zombou de si mesmo, jogando amarelinha num arquipélago de poças lamacentas na rua Appleton. *Tenho de fazer isso da maneira mais difícil.*

Ao menos calçara seus chinelos. Era o que o Povo Descalço da Nova Inglaterra tinha permissão de usar, quando havia neve no chão. Nem botas,

nem sapatos, nem tênis, nem mesmo sandálias de alças afiveladas ou com velcro — só chinelos de borracha, que já eram melhor do que nada, mas também não eram grande coisa. Pouco tempo antes, Tom tinha visto um casal de nerds com sacos de plástico em volta dos chinelos — estavam presos com elásticos no tornozelo —, mas aquela modificação era amplamente ridicularizada em Harvard Square.

Na Califórnia, afirmava-se com frequência que os pés descalços, com o tempo, endureciam a pele e ficavam “tão bons quanto sapatos”, mas em Boston ninguém acreditava naquilo, pelo menos não no meio do inverno. A sola dos pés ficava que nem couro após alguns meses, isso era verdade, mas os dedos nunca se habituavam ao frio. E não importava o que a pessoa vestisse — se os pés congelassem, o restante do corpo padecia junto.

Mas não fazia sentido reclamar, porque todo o sofrimento de Tom, no que dizia respeito àquilo, era autoinfligido e completamente desnecessário. Ele havia completado sua missão, entregara Christine sã e salva em seu novo e confortável lar, para o casal generoso que havia prometido cuidar dela pelo tempo que fosse necessário, até o Sr. Gilcrest solucionar seus problemas legais. Não havia nada que impedisse Tom de apagar o alvo desenhado em sua testa, calçar sapatos e tocar sua vida adiante. Porém, por algum motivo, ele não conseguia fazer isso.

Christine não hesitara. Na noite em que chegaram à casa dos Falk, ela entrou no banheiro logo depois do jantar e tomou um banho quente muito demorado. Ao sair de lá, sua testa estava limpa, o rosto rosado e profundamente aliviado, como se a memória da estrada fosse um pesadelo que ela estava feliz de poder apagar. Desde então, Christine tinha ficado à toa, vagando pela casa — uma casa vitoriana espetacularmente reformada na rua Fayerweather —, em roupas de grávida feitas de algodão orgânico. Numa tentativa de reparar o estrago causado por meses de exposição ao sol e à chuva, os Falk tinham providenciado os serviços de uma pedicure coreana que fazia atendimento domiciliar, embora tivessem obrigado Christine a usar uma máscara a fim de proteger a ela e ao bebê contra exalações potencialmente nocivas. Também houve visitas de um massoterapeuta, um dentista, um nutricionista e uma enfermeira e parteira que daria toda a assistência no que todos desejavam que fosse um parto feito em casa.

Todos aqueles profissionais eram devotos de Santo Wayne e todos tratavam Christine como uma rainha, como se fosse um raro privilégio polir as unhas dos dedos de seus pés ou retirar o tártaro de seus dentes. Terrence e

Marcella eram os mais obsequiosos de todos; na verdade chegaram a se ajoelhar aos pés de Christine quando ela entrou em sua casa, e curvaram-se até a testa tocar no chão. A moça ficou encantada com toda aquela atenção, feliz de retomar sua vida de Esposa Número Quatro, a Especial, o Receptáculo Eleito do Sr. Gilchrest.

Para Tom, era diferente. Estar rodeado por todos aqueles crentes verdadeiros deixava mais claro do que nunca que já não era mais um deles, que não existia mais qualquer personalidade anterior que ele pudesse reclamar para si. A parte de sua vida com Santo Wayne tinha acabado, a fase seguinte não havia começado, e Tom não tinha a mais remota ideia de qual seria. Talvez por isso Tom se mostrava tão relutante em se desfazer de seu disfarce: ser um falso Descalço era a única identidade real que lhe restava.

No entanto, era mais do que isso. Tom fora feliz na estrada, mais feliz do que se dera conta na ocasião. A viagem fora longa e de vez em quando angustiante — foram assaltados e ameaçados à faca em Chicago e quase morreram congelados numa nevasca na região oeste da Pensilvânia —, mas agora que aquilo tinha terminado, Tom sentia saudades da emoção e da proximidade que havia entre ele e Christine. Os dois formavam uma boa equipe, melhores amigos e agentes secretos, improvisando seu caminho para atravessar o país, enfrentando de maneira criativa todos os obstáculos que se interpuseram em sua passagem.

Os disfarces que haviam escolhido funcionaram melhor do que poderiam ter imaginado. Em todo lugar aonde iam, encontravam adeptos locais do Povo Descalço e eram tratados como membros da família, recebiam comida, carona e muitas vezes um lugar para dormir. Christine tinha adoecido em Harrisburg e eles ficaram três semanas numa casa decadente, habitada por uma comunidade, perto da assembleia de deputados estaduais da Pensilvânia, comendo arroz e feijão numa tigela comunitária, dormindo junto com os outros no chão da cozinha. Não tinham se tornado amantes, mas houve ocasiões em que chegaram bem perto disso, manhãs em que acordaram nos braços um do outro e precisaram de alguns segundos para lembrar por que aquilo era errado.

Na estrada, raramente falavam a respeito do Sr. Gilchrest. À medida que as semanas passavam, ele se transformava numa abstração, uma figura do passado cada vez mais nebulosa. Houve dias em que Tom esquecia tudo a respeito dele, dias em que não conseguia deixar de pensar em Christine como sua namorada e no bebê, como seu filho. Permitia-se imaginar que os



três formavam uma família, que em breve iriam se estabelecer em algum lugar e construir uma vida juntos.

*Depende de mim, dizia para si mesmo. Eu tenho de cuidar deles.*

Porém, na casa dos Falk, aquela fantasia morreu sob o peso do constrangimento. O Sr. Gilchrest estava em toda parte, era impossível ignorá-lo, muito menos esquecê-lo. Havia fotos dele em todos os quartos, inclusive uma fotografia gigantesca presa no teto da suíte principal, bem em cima da cama de Christine, para que o rosto dele fosse a primeira coisa que ela visse ao abrir os olhos de manhã. Em todo canto, Tom podia sentir o grande homem sorrindo para ele, zombando dele, lembrando quem era o verdadeiro pai. A imagem que Tom mais detestava era o cartaz emoldurado no porão, na parede ao lado do sofá-cama, o punho dele cerrado e erguido em triunfo, o rosto coberto de lágrimas.

*Seu filho da puta, pensava Tom, todo final de noite e todo início de manhã. Você não a merece.*

Tom sabia que precisava sair daquela casa e ficar longe daquele rosto. Mas não conseguia decidir-se a ir embora, simplesmente largar Christine e abandoná-la com os Falk. Não quando tinham chegado tão longe juntos, quando a data prevista para o parto estava a apenas dez semanas daquele dia. O mínimo que Tom podia fazer era aguentar firme até a chegada do bebê, ser útil da maneira que pudesse.

★ ★ ★

O Mandrake era uma cafeteria de porão na rua Mount Auburn, um dos principais pontos de encontro do Povo Descalço em Harvard Square. Assim como o Elmore's na Haight, os donos e administradores do Mandrake eram adeptos do movimento e pareciam estar indo muito bem nos negócios, não só no ramo dos chás de ervas e dos bolinhos de farinha de trigo integral, mas também na maconha, nos cogumelos, bem como no ácido, ao menos quando o cliente sabia quem procurar e a maneira correta de fazer um pedido.

Tom pediu um chá com leite para a garota eufórica atrás do balcão — os funcionários usavam camisetas que traziam a inscrição: SEM SAPATOS? AMAMOS VOCÊ! — e em seguida examinou com a atenção a sala entupida de gente, em busca de algum lugar para se sentar. A maioria das mesas estava ocupada pelo Povo Descalço, mas havia um punhado de cidadãos comuns e professores universitários misturados a eles, forasteiros que ou haviam entrado ali por

engano ou gostavam do efeito contagiante e nostálgico que vinha da mera proximidade de pessoas drogadas, músicas de Grateful Dead, pinturas faciais e corpos sem banho.

Eggy acenou para Tom — era impossível deixar de perceber sua cabeça careca naquele mar de cabeludos —, de sua mesa num canto escuro, onde ele estava empenhado em mais uma maratona de gamão com Kermit, o Descalço mais velho que Tom já conhecera. Uma garota loura e desconhecida, mais ou menos da idade de Tom, era a única espectadora.

— Você, Cara do Norte! — gritou Eggy. — Matou algum caribu?

Tom fez um gesto obscuro com o dedo para ele, enquanto puxava uma cadeira para se sentar. Recebia muitas provocações no Mandrake a respeito do vestuário de inverno que pegara emprestado com Terrence Falk, que era muitos níveis acima das porcarias de quinta categoria que a maioria dos frequentadores vestia.

Kermit olhou para Tom com o fascínio turvo das pessoas permanentemente chapadas. Tinha cabelos compridos, oleosos e de um tom cinza-amarelado, que ele gostava de alisar com os dedos, quando estava mergulhado em pensamentos. Corriam rumores de que ele tinha sido professor de inglês na Universidade de Boston.

— Sabe como a gente devia chamar você? — perguntou. — Jack London.

Dar apelidos às pessoas era coisa séria no Mandrake. Nas poucas semanas que vinha frequentando o lugar, Tom já tinha sido apelidado de Frisco, Vossa Excelência e, mais recentemente, Cara do Norte. Mais cedo ou mais tarde, pensou ele, algum apelido ia acabar pegando.

— Jack London — Eggy murmurou o nome, experimentando-o na própria língua. — Gostei.

— Li uma história dele — disse a garota. Parecia uma novata, de cara redonda e saudável, com o maior alvo pintado na testa que Tom já tinha visto, um disco verde e branco do tamanho de uma bolacha de chope. — No colégio, na aula de inglês. Um cara lá no Polo Norte que ficava o tempo todo tentando acender uma fogueira para não ficar com hipotermia, mas o fogo apagava toda hora. E no final os dedos dele congelaram e o cara acabou se ferrando.

— Homem contra natureza. — Eggy assentiu com um aceno de cabeça, com ar de sabedoria. — O eterno conflito.

— Na verdade, existem duas versões dessa história — comentou Kermit.  
— Na primeira, o cara sobrevive.

— Então por que ele escreveu a segunda? — perguntou a garota.

— Pois é, por quê? — Kermit riu de um jeito sinistro. — Porque a primeira versão era papo furado, por isso. Bem no fundo, Jack London sabia que nunca se pode fazer uma fogueira. Não quando a gente precisa de verdade.

— E você sabe o que é mais terrível? — perguntou a garota, com animação. — O cara queria matar o cachorro, abrir a barriga dele de cima a baixo e aquecer as mãos nas entranhas do bicho. Mas na hora em que tentou fazer isso, não conseguia mais nem segurar a faca.

— Por favor. — Eggy pareceu um pouco enjoado. — Será que podíamos mudar de assunto?

— Por quê? — perguntou a garota.

— Ele adora cachorros — explicou Kermit. — Eggy já não lhe contou sobre o Quincy?

— Eu conheci a garota na noite passada. — Eggy se mostrou indignado. — O que você está pensando? Que mal conheço uma pessoa saio logo tagarelado sobre meu cachorro?

Kermit dirigiu um olhar sorridente para Tom, que sabia muito bem que Eggy falava o tempo todo sobre o Quincy, um cão de guarda de noventa quilos que tinha ido embora de sua casa depois da Partida Repentina e, desde então, nunca mais tinha sido visto. Em vez de uma carteira, Eggy levava consigo um pequeno álbum com mais ou menos uma dúzia de fotografias do cachorrão, muitas vezes em companhia de uma mulher alta, séria, de cabelo preto e escovado para trás. Era Emily, a noiva sumida de Eggy, ex-aluna de pós-graduação na Kennedy School of Government. Eggy não falava muito sobre ela.

Kermit estendeu a mão e pegou o dado.

— É minha vez, não é?

— É. — Eggy apontou para uma peça branca na faixa do meio. — Acabei de fazer desse cara meu prisioneiro.

— De novo? — Kermit pareceu irritado. — Você podia ter um pouco de pena sabia?

— Do que está falando? Por que eu deveria ter pena? É a mesma coisa que dizer para um jogador de futebol americano que ele não deve derrubar um jogador do time adversário só porque ele está com a bola na mão.

— Não existe qualquer lei que diga que ele tem que derrubar o outro.

— Não, mas ele seria um péssimo jogador se não fizesse isso.

— Verdade. — Kermit sacudiu o dado na mão. — Mas não vamos retirar o livre-arbítrio de nossa equação.

Tom revirou os olhos. As pessoas do Povo Descalço que ele havia conhecido participava de jogos diferentes em cidades diferentes — Banco Imobiliário em São Francisco, baralho em Harrisburg, gamão em Boston —, mas, a despeito do que jogassem, a ação sempre se desdobrava num ritmo glacial, interrompida a cada passo por debates despropositados e por digressões filosóficas. Na maioria das vezes, as partidas terminavam no meio, por causa do tédio.

— Aliás, me chamo Lucy — disse a garota para Tom. — Mas esses caras me chamam de Ai.

— *Ai*? — perguntou Tom. — De onde veio esse apelido?

Eggy ergueu os olhos do tabuleiro. Ele usava óculos redondos, de armação de metal, que, juntos com a cabeça raspada, lhe davam o ar de um monge.

— Ela era uma das flagelantes originais de Harvard. Conhece a história?

Tom confirmou com um gesto de cabeça. Tinha visto um vídeo na internet um tempo antes, uma passeata de estudantes universitários em marcha por Harvard Yard, em trajes de banho, mortificando a própria carne com chicotes feitos em casa e com açoites de nove pontas, alguns com pregos e tachas em cada uma delas. Depois, os jovens sentaram-se na grama para esfregar pomadas nas costas uns dos outros. Declararam estar purificados por seu sofrimento, temporariamente expurgados de sua culpa.

— Puxa. — Tom olhou para Ai com um pouco mais de atenção. Ela vestia um suéter azul-claro de algodão que parecia recém-saído da lavanderia. Tinha a pele clara, o cabelo bonito e macio, como se ainda tivesse acesso a chuveiros e a um plano de refeições regulares. — Aquilo é muito radical.

— Você devia ver as cicatrizes — disse Eggy com admiração. — As costas dela parecem um mapa topográfico.

— Vi esses idiotas uma vez — disse Kermit para a garota. — Eu estava sentado do lado de fora do Au Bon Pain, era um lindo dia de primavera e de repente, sem mais nem menos, uma porção de moleques apareceram em fila na calçada, feito um coro que canta *a cappella*, e começaram a berrar as notas que tiraram nas provas para entrar na faculdade, enquanto se flagelavam com

toda força. *Setecentos e vinte, Leitura Crítica! Pancada! Setecentos e oitenta, Matemática! Pancada! Seiscentos e noventa, Redação! Pancada!*

Ai ficou ruborizada.

— Fazíamos assim no início. Mas depois começamos a personalizar a prática. Alguém gritava: *Papel Principal em Godspell!* E outro dizia: *Mensageiro do Congresso!* ou *Redator da revista National Lampoon!* O meu era muito longo: *Atleta da Equipe da Universidade em Duas Modalidades!* — Ela riu ao se lembrar daquilo. — Teve um cara que apareceu algumas vezes e berrava dizendo que era um tremendo garanhão e que tinha um grande orgulho do tamanho do seu pênis. *Vinte centímetros! Eu mesmo medi! Cheguei a postar fotos nos classificados on-line!*

— Esses babacas de Harvard — disse Eggy. — Vivem contando vantagem por algum motivo.

— É verdade — admitiu Ai. — A ideia toda era que devíamos expiar os pecados do orgulho excessivo e do egoísmo, mas chegávamos a ser competitivos até nisso. Um cara que eu conhecia sempre gritava a mesma coisa: *Sou o Maior Babaca Que Já Existiu!*

— Isso é pedir muito — disse Kermit. — Sobretudo em Harvard.

— Por quanto tempo você ficou nessa? — perguntou Tom.

— Alguns meses — respondeu ela. — Mas aonde é que se pode chegar com uma coisa dessas? Isso não *leva* a lugar nenhum, sabe? Depois de um tempo, a gente até fica entediado com a dor.

— E então, o que aconteceu? Você simplesmente jogou fora seu chicote e voltou para a faculdade?

— Eles me fizeram tirar um ano de folga. — A garota deu de ombros, como se fosse um assunto sobre o qual não valia a pena conversar. — Fiz muito *snowboard*.

— Mas agora você está de volta à faculdade?

— Tecnicamente. Mas na verdade não estou assistindo às aulas nem nada. — Ela tocou no alvo pintado na testa. — Neste momento, estou mais interessada nisto. Parece um esquema muito bom, sabe? Tem muito mais estímulo social e intelectual. Acho que é do que estou precisando.

— E também tem mais sexo e drogas — acrescentou Eggy, com um sorriso forçado.

— Sem dúvida, muito mais. — Ai pareceu ficar um pouco perturbada. — Meus pais não estão muito contentes com isso. Sobretudo com a parte do sexo.

— Eles nunca ficam — disse Kermit. — Mas faz parte do trato. Você tem de se libertar dessas convenções de classe média. Tem de encontrar seu próprio caminho.

— É difícil — disse ela. — Somos uma família muito unida mesmo.

— Ela não está brincando — informou Eggy aos demais. — Eles telefonaram ontem à noite, enquanto estávamos trepando, e ela atendeu o telefone.

— Por quê? — perguntou Kermit. — Você nunca ouviu falar de caixa de mensagens?

— Nosso trato é este — explicou Ai. — Posso fazer o que eu quiser, contanto que eu sempre atenda o telefone. Eles só querem saber se estou viva. Sinto que eu devo isso a eles.

— Vai muito além disso. — Eggy pareceu realmente exasperado. — Ficaram conversando durante meia hora, uma conversa longa e enrolada sobre moralidade, responsabilidade e respeito próprio.

Kermit pareceu intrigado.

— Enquanto estavam trepando?

— Pois é — resmungou Eggy. — Foi muito excitante.

— Eles me deixaram louca. — Ai estava ficando ruborizada outra vez. — Não querem admitir nem que sexo casual é mais saudável do que eu me chicotear. Ficaram tentando traçar uma equivalência moral entre as duas coisas, o que é ridículo.

— Então, escutem só isso, ela me passou o telefone. — Eggy fingiu que dava um tiro na cabeça. — Obrigou-me a falar com os pais dela. Eu estava nu, com uma puta ereção. Inacreditável.

— Eles queriam falar com você.

— Sei, mas eu não queria falar com eles. Como você acha que eu me senti, sendo interrogado por pessoas que nunca vi na vida... qual é meu nome verdadeiro, quantos anos eu tenho, se estou praticando sexo seguro com a menininha deles. No fim, falei só assim: *Escute, sua menininha é uma adulta responsável pelos próprios atos*, e eles responderam: *Nós sabemos disso, mas ela continua a ser nossa filha e é mais importante para nós do que qualquer outra coisa no mundo*. Agora me diz, que porra eu vou responder a um negócio desses?

— Tudo isso é só por causa da minha irmã — disse Ai. — Até hoje eles não conseguiram superar o que aconteceu. Nenhum de nós conseguiu, na verdade.

— De todo modo — disse Eggy, cansado —, na hora em que ela pegou o telefone outra vez, eu já não tinha mais vontade de trepar nem nada. E olha que é preciso de muito para tirar minha vontade de trepar.

Ai olhou para ele.

— Você superou isso bem rápido.

— Você foi muito persuasiva.

— Ah — disse Kermit. — Então houve um final feliz, no fim das contas.

— Dois, na verdade. — Eggy parecia cheio de si. — Ela é uma atleta e e tanto.

Tom não ficou surpreso com aquilo — os Descalços viviam se vangloriando de suas proezas sexuais —, mas ele não conseguia deixar de sentir-se ofendido em nome de Ai. Num mundo que fizesse algum sentido, ela não estaria sequer falando com Eggy, muito menos indo para a cama com ele. A garota deve ter pressentido a solidariedade de Tom, porque se virou para ele com uma expressão curiosa.

— E quanto a você? — perguntou ela. — Mantém contato com sua família?

— Na verdade, não. Já faz tempo.

— Vocês brigaram?

— Nós só nos afastamos, cada um foi para um lado.

— Seus pais sabem que você está vivo e bem de saúde?

Tom não sabia como responder.

— Estou devendo um e-mail para eles — disse baixinho.

— De quem é a vez? — perguntou Eggy para Kermit.

Ai pegou seu telefone deslizou-o sobre a mesa na direção de Tom.

— Você devia dar um telefonema para eles — disse. — Aposto que iam gostar de ter notícias suas.

## NO GRAPEFRUIT

Nora comprou um vestido novo para o Dia dos Namorados e imediatamente se arrependeu. Não porque tivesse ficado feio; o problema não era esse, nem de longe. O vestido era um encanto, mescla de seda e *rayon* azul e cinza, sem manga, decote em V e cintura alta — e caía nela perfeitamente, como se feito sob medida. Mesmo sob a luz desoladora da cabine de provas da loja, Nora pôde ver como ele vestia bem nela, como enfatizava a elegância de seus ombros e o comprimento das pernas, como o tecido fosco e claro realçava a cor escura de seu cabelo e de seus olhos, suas invejáveis maçãs do rosto, seu queixo de traços finos.

*Minha boca*, disse Nora para si mesma. *Tenho uma boca muito bonita.* (Sua filha tinha exatamente a mesma boca, mas Nora preferia não pensar naquilo.)

Era fácil imaginar os olhares que ela atrairia com aquele vestido, como as cabeças iriam virar-se quando ela passasse entre as mesas no restaurante, o prazer nos olhos de Kevin enquanto a admirava do outro lado da mesa. *Aquele* era o problema, a facilidade com que ela se deixara envolver no entusiasmo em torno do Dia dos Namorados. Porque Nora já compreendia que na verdade não estava dando certo, que ela havia cometido um erro ao se envolver com Kevin e que a união dos dois estava com os dias contados — não por causa de nada que ele tivesse feito ou deixado de fazer, mas por causa dela, por causa da pessoa que ela era e de tudo o que já não era mais capaz de fazer. Portanto, de que adiantava ficar tão bonita — mais bonita do que tinha direito, na verdade —, comer um jantar gostoso num restaurante chique, tomar um vinho caro e dividir uma espécie de sobremesa imoral, de tão deliciosa, começar algo que na certa iria levá-los à cama e depois às lágrimas? Para que submeter qualquer um dos dois àquilo tudo?

A questão era que Kevin não lhe dera nenhum aviso. Simplesmente apareceu com aquilo alguns dias antes, quando já estava a caminho da porta, para sair.



Quinta-feira às oito, disse ele, como se já fosse algo certo. *Marque no seu calendário.*

*Marcar o quê?*

*O Dia dos Namorados. Fiz reservas para dois no Pamplermousse. Passo para pegar você às sete e meia.*

Aconteceu tão depressa e pareceu tão natural que nem ocorreu a Nora fazer qualquer objeção. Como poderia? Kevin era seu namorado, ao menos por enquanto, e estavam no meio de fevereiro. É claro que ele ia levá-la para jantar fora.

*Vista algo bem bonito, dissera ele.*

★ ★ ★

A vida inteira, Nora tinha sido a maior fã do Dia dos Namorados, mesmo nos tempos da faculdade, quando uma porção de gente que Nora respeitava tratava aquela festa, na melhor hipótese, como uma piada sexista, um conto de fadas dos velhos tempos sombrios, em que Ward levava para June uma caixa em forma de coração cheia de bombons de chocolate.

*Deixe eu ver se entendi direito, Brian brincava com ela. Eu lhe dou flores e você abre as pernas?*

*Isso mesmo, ela respondia. É exatamente assim que funciona.*

E ele também compreendera a mensagem. Até o senhor Pós-Estruturalista lhe trouxera uma dúzia de rosas e a levava para jantar num restaurante que ele não tinha condições de pagar. E quando chegaram em casa, ela cumpriu sua parte do acordo, com um pouco mais de entusiasmo e criatividade do que de costume.

*Está vendo?, disse ela. Não foi tão ruim, foi?*

*Foi legal, ele admitiu. Acho que uma vez por ano não vai me matar.*

À medida que foi ficando mais velha, Nora se deu conta de que não havia razão para se desculpar. Era o jeito como ela era e mais nada. Nora gostava que lhe servissem vinho, que a levassem para jantar fora, que lhe dessem a sensação de que era especial, gostava quando o mensageiro aparecia no escritório com um grande buquê de flores e um bilhete gentil e suas colegas de trabalho lhe diziam como ela era uma mulher de sorte por ter um marido tão atencioso. Era algo de que Nora sempre gostou em Doug: ele nunca deixava de comemorar com ela o Dia dos Namorados, nunca esquecia as flores, nunca dava a impressão de que estava apenas agindo

automaticamente. Doug gostava de manter Nora desestabilizada, um ano a surpreendia com joias, no ano seguinte era um final de semana num hotel de luxo. Champanhe e morangos na cama, um soneto em sua homenagem, uma refeição gourmet feita em casa. Agora ela compreendia que tudo aquilo era só da boca para fora, que na certa ele rolava para fora da cama depois que ela pegava no sono e escrevia e-mails ardentes para Kylie ou para outra mulher, mas na época Nora não sabia disso. Naquele tempo, cada presente parecia mais um gesto gentil numa série que iria prosseguir para sempre, um tributo que ela merecia receber de um homem meigo e que a amava.



Havia uma vela entre os dois e, sob seu brilho, o rosto de Nora parecia mais jovem do que de costume, como se as linhas de tensão tivessem sido apagadas dos cantos dos olhos e da boca. Kevin torcia para que a luz suave estivesse fazendo o mesmo favor a ele, dando a Nora uma visão momentânea do cara bonito que ele era antigamente, aquele que Nora nunca tivera a chance de encontrar.

— Este restaurante é bacana — disse Kevin. — Bem simples.

Nora olhou em redor da sala de jantar como se estivesse vendo aquilo pela primeira vez, observando a decoração rústica com um ar de aprovação relutante — o pé-direito alto com as vigas à mostra, as luminárias em formato de sino penduradas acima das mesas de acabamento rústico, o piso de tábuas corridas e as paredes de tijolos à mostra.

— Por que chamam o restaurante de grapefruit? — perguntou Nora.

— Grapefruit?

— Pamplemousse. É grapefruit em francês.

— É mesmo?

Nora levantou o cardápio, apontou para o círculo amarelo na capa.

Kevin semicerrou os olhos diante da imagem.

— Eu pensei que era o sol.

— É um grapefruit.

— Ops!

Os olhos de Nora vagaram na direção do bar, onde se aglomerava um bando festivo de clientes à espera de que alguma das mesas vagasse. Kevin não conseguia entender por que todos eles se mostravam tão alegres. Ele detestava

aquilo, ficar matando o tempo com a barriga vazia, sem saber quando o garçom viria afinal chamar seu nome para ocupar uma mesa.

— Deve ter sido difícil conseguir reservar uma mesa aqui — disse Nora. — Às oito horas e tudo.

— Só liguei na hora certa. — Kevin deu de ombros, como se não fosse nada de extraordinário. — Alguém cancelou uma reserva logo antes de eu telefonar.

Não era exatamente verdade — Kevin teve de pedir um favor ao fornecedor de vinhos do restaurante, que começara como vendedor de sua firma Patriot Liquors —, mas ele achou melhor manter aquela informação em segredo. Havia muitas mulheres que ficariam impressionadas com sua habilidade para mexer seus pauzinhos, mas Kevin estava bastante seguro de que Nora não era uma delas.

— Você é só um cara de sorte, então — disse ela.

— Isso mesmo. — Ele inclinou sua taça na direção de Nora, sugerindo um brinde, mas sem grande insistência. — Feliz Dia dos Namorados.

Ela imitou o gesto.

— O mesmo para você.

— Você está linda — disse Kevin, não pela primeira vez naquela noite.

Nora sorriu de maneira pouco convincente e abriu o cardápio. Kevin podia ver que estava custando muito para ela estar ali, ficar exposta daquele modo, deixando que a cidade inteira soubesse do segredinho dos dois. Mas ela havia feito isso — *havia feito isso por ele* — e isso era o mais importante.

★ ★ ★

Kevin tinha de dar o crédito daquilo para Aimee. Sem seu incentivo, ele jamais teria levado adiante a ideia, não teria tido coragem de atrair Nora para fora de sua zona de conforto.

— Não quero pressioná-la — dissera Kevin. — É uma pessoa muito frágil.

— É uma sobrevivente — lembrou Aimee. — Aposto que é muito mais forte do que você imagina.

Kevin sabia que era uma proposta muito arriscada, pedir conselhos amorosos a uma adolescente — nada menos do que uma jovem que tinha largado os estudos —, mas ele passara a conhecer Aimee muito melhor nas últimas semanas e agora a encarava antes como uma amiga e uma semelhante

do que como uma colega de turma da filha. Para alguém que havia tomado tantas decisões ruins a respeito da própria vida, Aimee conseguia de fato entender os outros e como a cabeça deles funcionava.

No início, tinha sido meio estranho, os dois sozinhos em casa, depois que Jill saía para o colégio, mas rapidamente superaram o constrangimento. Ajudou bastante o fato de Aimee estar se comportando melhor do que nunca, descer do quarto completamente acordada e vestida, e não como uma Lolita sonolenta, de blusinha curta e barriga de fora. Aimee contou para ele como era seu novo emprego — pelo visto, o trabalho de uma garçonete era muito mais difícil do que ela havia imaginado — e fez uma porção de perguntas sobre o trabalho dele. Discutiam sobre os acontecimentos recentes, sobre música e esporte — ela era muito ligada no campeonato de basquete — e viam vídeos engraçados no YouTube. Aimee também se mostrava curiosa a respeito da vida pessoal de Kevin.

— Como vai sua namorada? — perguntava quase todo dia de manhã. — O caso de vocês está ficando sério?

Por um tempo, Kevin se limitou a responder: *Ela vai bem*. E mudava de assunto para que Aimee entendesse que não era da sua conta, mas Aimee se recusava a compreender a deixa. Então, certa manhã, na semana anterior, sem ter tomado nenhuma decisão consciente, Kevin deixou escapar uma resposta mais sincera.

— Tem algo errado — respondeu. — Eu gosto muito dela, mas acho que estamos ficando sem combustível.

Contou toda a história para Aimee, menos os escassos detalhes sexuais — o desfile, o baile, a impulsiva viagem à Flórida, a rotina em que caíram quando voltaram para casa, a sensação de que ela estava afastando Kevin, de que ele não era de fato bem-vindo na vida dela.

— Eu tento conhecê-la melhor, mas ela se fecha, fica calada. É frustrante.

— Mas você quer ficar com ela?

— Não se for desse jeito.

— Bem, e como você quer que seja?

— Um relacionamento normal, entende? O mais normal que ela conseguir, neste momento. Sair juntos de vez em quando, ir ao cinema ou qualquer outro programa. Talvez com amigos, para que não fiquemos só nós dois. E eu gostaria de poder travar uma conversa de verdade, sem ter de ficar o tempo todo preocupado de estar falando algo errado.

— E ela sabe disso?

— Acho que sim. Não vejo como poderia não saber.

Aimee examinou-o por alguns segundos, enquanto a língua pressionava a bochecha por dentro.

— Você é educado demais. Você tem de dizer para ela o que você quer.

— Eu tento. Mas quando a chamo para sair, ela simplesmente diz que não, que prefere ficar em casa.

— Não lhe dê escolha. Diga apenas: “Ei, vou levar você para jantar fora. Já reservei nossa mesa.”

— Parece meio autoritário.

— Qual é a alternativa?

Kevin deu de ombros, como se a resposta fosse óbvia.

— Arrisque — disse Aimee. — O que você tem a perder?



Nick e Zoe estavam se agarrando com vontade. Estavam de joelhos sobre o tapete, tão perto de Jill que ela poderia tocá-los. Zoe ronronava alegremente enquanto Nick lambia e esfregava o nariz no pescoço dela, de um jeito que mais parecia a ideia de preliminar de um vampiro.

— O clima está esquentando, pessoal. — Jason falava num microfone imaginário, empregava a voz de um locutor esportivo, de um jeito que não era tão engraçado quanto ele imaginava. — Lazarro está absolutamente determinado, abre seu caminho metodicamente rumo ao campo do adversário...

Se Aimee estivesse ali, faria algum comentário sagaz e desdenhoso a fim de quebrar a concentração de Nick e lembrá-lo de que não devia perder o controle. Só que Aimee não estava jogando — tinha abandonado o jogo um mês antes, quando começara a trabalhar no Applebee's — então, se alguém fosse interferir, teria de ser Jill.

Mas Jill ficou de boca fechada enquanto o casal tombava no chão, entre beijos, Nick por cima, as pernas de Zoe enroladas como uma rede de pesca por trás dos joelhos dele. Jill estava surpresa com a profundidade da própria indiferença diante daquele espetáculo. Se fosse Aimee que estivesse embaixo de Nick, Jill estaria louca de ciúmes. Mas era Zoe, e Zoe não tinha importância. Se Nick a queria, tudo bem, podia ficar com ela.

*Divirta-se, pensou Jill.*

Era quase constrangedor lembrar quanto tempo e quanta energia emocional ela havia desperdiçado com Nick no outono, consumindo-se por causa do único rapaz que ela não podia ter, o troféu que Aimee havia conferido a si mesma. Ele continuava a ser lindo, com aquele maxilar quadrado e as pestanas sonhadoras, mas e daí? Antes, no verão, quando Jill o conhecera, ele também era gentil e engraçado, muito atento e vivo — Jill se lembrava de rir com ele mais do que do sexo que tinham feito —, mas naqueles dias ele parecia um zumbi, de cara fechada, muito pragmático, só mais um cretino com uma ereção. Não era culpa dele — Jill sentia-se desajeitada e sem saber o que falar na presença dele, incapaz de pensar em algo para dizer: nada que pudesse perturbar a fisionomia inexpressiva no rosto dele, nada que fosse capaz de fazer Nick lembrar que os dois eram amigos, que Jill era algo mais do que uma boca solícita ou uma mão embebida com alguma loção oleosa.

Mas o problema verdadeiro não era Nick, e também não era Jill nem Zoe nem qualquer um dos outros jogadores. Era Aimee. Só quando Aimee parou de ir à casa de Dmitri, Jill percebeu como ela era importante, não apenas para o jogo, mas para o grupo como um todo. Ela era o membro essencial, o sol em seu pequenino sistema solar, a força magnética que mantinha todos juntos.

*Ela é nosso Wardell Brown*, pensou Jill.

Wardell Brown tinha sido o centro do time de basquete do irmão de Jill no colégio, um superastro de um metro e noventa e cinco que regularmente fazia mais pontos do que todos seus colegas de equipe somados. Era quase cômico vê-los jogando juntos, quatro caras brancos, competentes, de altura comum, se virando como podiam para acompanhar o jogo de um gigante negro e gracioso que praticava o basquete num nível completamente diferente. Durante o último ano de Tom no colégio, Wardell conduziu o time dos Piratas, jogo a jogo, até a última rodada do torneio estadual, para no final não poder jogar a finalíssima do campeonato por causa de uma torção no tornozelo. Privado de seus serviços, o time se desmantelou e perdeu de uma forma humilhante.

— Wardell é o nosso cimento — disse o técnico depois do jogo. — Se ele não joga, as engrenagens não encaixam.

Era assim que Jill se sentia, quando jogava Vão Para O Quarto sem Aimee por perto. Descolada. Desmantelada. À deriva. Como um pequeno planeta claudicando pelo espaço sideral, perdido de sua órbita.



As entradas estavam demorando uma eternidade. Ou talvez fosse só uma impressão. Nora não estava mais habituada a comer em restaurantes, ao menos não em restaurantes em Mapleton, onde todo mundo disfarçava tão mal a atenção sobre ela, lançando olhares de esguelha e espiando discretamente por cima da beirada do cardápio, dirigindo pequenos raios de piedade em sua direção, embora talvez fosse só sua imaginação. Talvez ela quisesse apenas pensar que era o centro das atenções e assim teria uma desculpa para sentir-se tão visível como se estivesse sobre um palco com um holofote apontado para seu rosto, aprisionada num desses pesadelos em que a gente desempenha o papel principal numa peça da escola, mas que, por qualquer motivo, não conseguiu memorizar as falas do personagem.

— Como você era quando criança? — perguntou Kevin.

— Não sei. Como todo mundo, eu acho.

— Nem todo mundo é igual.

— As pessoas não são tão diferentes quanto imaginam.

— Você era uma garota bem feminina? Usava vestidos cor-de-rosa?

Nora podia sentir olhares atentos provenientes de uma mesa um pouco mais atrás e um pouquinho à direita, onde uma mulher que ela conhecia, mas cujo nome lhe escapava, estava sentada com o marido e outro casal. A filha da mulher, Taylor, tinha sido aluna na Academia dos Brotinhos durante a temporada em que Nora trabalhara como professora assistente. A garota tinha uma voz fraca, quase inaudível — Nora vivia pedindo para ela repetir o que tinha dito — e falava obsessivamente sobre seu melhor amigo, Neil, e como os dois se divertiam muito quando estavam juntos. Nora já conhecia Taylor havia seis meses quando se deu conta de que Neil era um cachorro boston terrier, e não um garoto da vizinhança.

— Às vezes eu usava vestidos. Mas eu não era nenhuma princesinha nem nada disso.

— E era uma criança feliz?

— Bastante feliz, eu acho. Tive alguns anos ruins no meio da escola.

— Por quê?

— Sabe como é. Espinhas, aparelho nos dentes. O de sempre.

— E tinha amigas?

— Claro. Eu não era a menina mais popular do mundo, mas tinha amigas.

— Como se chamavam?

*Meu Deus*, pensou Nora. *Ele é implacável*. Kevin estava despejando aquelas perguntas em cima dela desde o momento em que se sentaram à mesa, como se fosse um repórter que queria escrever uma matéria para o jornal da cidade — “Meu jantar com Nora: A saga comovente de uma mulher patética.” As perguntas eram bem tranquilas — *O que fez hoje? Você já jogou hóquei? Já quebrou um osso?* —, mas mesmo assim incomodavam Nora. Dava para ver que as perguntas eram só uma forma de aquecimento, preparativos para as perguntas que ele queria mesmo fazer: *O que aconteceu naquela noite? Como continuou a viver? Como é ser você?*

— Isso foi há muito tempo, Kevin.

— Nem tanto assim.

Ela avistou o garçom que vinha na direção deles, um homem baixo, de pele naturalmente morena, com o rosto de um ídolo de filme mudo e um prato em cada mão. *Finalmente*, pensou, mas o garçom simplesmente passou direto por eles, a caminho de outra mesa.

— Você não lembra mesmo os nomes de suas amigas?

— Lembro, sim — respondeu, falando com voz mais incisiva do que pretendia. — Não estou com qualquer lesão cerebral.

— Desculpe — disse Kevin. — Eu estava só tentando conversar.

— Eu sei. — Nora sentiu-se uma estúpida por falar com ele de maneira rude. — Não é culpa sua.

Kevin olhou com ar preocupado para a cozinha.

— Eu me pergunto por que está demorando tanto.

— Tem muita gente para ser atendida — disse Nora. — Os nomes delas eram Liz, Lizzie e Alexa.



Max começou a tirar a roupa assim que Jill fechou a porta, como se ela fosse uma médica que não gostasse de ficar esperando. Ele estava usando um suéter de lã por cima de uma camiseta, mas tirou as duas peças com um único puxão afobado, e a eletricidade estática fez seu cabelo embolado eriçar e ficar de pé num halo juvenil. Tinha o tórax estreito, comparado com o de Nick, liso e sem músculos, a barriga era magra e afundada, mas não de um jeito que lembrasse os modelos masculinos de cueca.



— Já faz um tempão — disse ele, enquanto desafivelava o cinto e deixava a calça deslizar pelas coxas magricelas, até ficar embolada nos tornozelos.

— Nem tanto tempo assim. Só uma semana, mais ou menos.

— Muito mais do que isso — respondeu ele, enquanto se desvencilhava dos jeans e chutava a calça na direção da parede, onde ela caiu em cima do suéter e da camiseta. — Doze dias.

— Mas quem está contando, não é?

— É. — Sua voz era vazia e amarga. — Quem está contando?

Max continuava aborrecido com ela, ofendido com a avidez com que ela havia se jogado em cima de Nick, assim que ele ficou acessível. Mas o jogo era esse. Era preciso fazer escolhas, exprimir preferências, causar dor e sofrer. De vez em quando, se a gente tivesse a mesma sorte que Nick e Aimee haviam tido, nossa primeira escolha nos escolhia também. Mas na maioria das vezes era bem mais confuso.

— Bem, agora estou aqui — disse Jill para ele.

— Isso mesmo. — Ele sentou-se na beira da cama, tirou as meias e jogou-as sobre a pilha de roupas descartadas. — Você ficou com o prêmio de consolação.

Seria muito fácil contradizê-lo, lembrar como ela havia renunciado de bom grado ao suposto primeiro prêmio — e no Dia dos Namorados, nada menos que isso, não que alguém ali estivesse se importando com aquela história —, mas por algum motivo Jill não lhe fez aquela gentileza. Sabia que não era justo. Num mundo mais lógico, sua decepção com Nick teria deixado Jill mais receptiva a Max, e não menos, porém não foi assim que aconteceu. O contraste só tinha servido para realçar as deficiências dos dois rapazes, o fato de que o mais sexy não era legal, e que o legal não era sexy.

— Qual é o problema? — perguntou ele.

— Nada. Por quê?

— Você está aí parada. Por que não vem para a cama?

— Não sei. — Jill tentou sorrir, mas não deu certo. — Estou meio tímida esta noite.

— Tímida? — Ele não pôde evitar uma risada. — É um pouco tarde para a timidez.

Ela moveu o braço num vago arco, tentando abranger o jogo, o quarto e a vida deles no mesmo gesto.

— Você nunca se cansa de tudo isso?

— Às vezes — respondeu ele. — Não hoje.

Jill não se mexeu. Após alguns segundos, Max se esticou completamente sobre a cama, tornozelos cruzados, dedos entrelaçados por trás da nuca. Sua cueca era diferente, marrom e apertada, com enfeites laranja nas bordas, excepcionalmente estilosa.

— Cueca bonita — disse ela.

— Minha mãe comprou na Costco. Uma embalagem com oito, cada uma de uma cor diferente.

— Antigamente minha mãe comprava calcinhas para mim — disse Jill. — Mas eu disse para ela que aquilo era estranho e então ela parou.

Max rolou na cama e ficou de lado, apoiou o queixo na mão, observando Jill com expressão pensativa. Agora, de fato, estava parecido com um modelo de cuecas, se é que existia um mundo onde os modelos de cuecas tinham pernas feito varetas de limpar chaminé e pouco tônus muscular.

— Esqueci de dizer — falou Max. — Vi sua mãe outro dia. Ela me seguiu até em casa, depois da minha aula de violão. Ela e outra mulher.

— É mesmo? — Jill tentou se mostrar descontraída. Era constrangedor, a maneira como seu coração dava pulos toda vez que alguém mencionava sua mãe. — Como vai ela?

— É difícil de dizer. Elas simplesmente fizeram aquilo que sempre fazem, sabe? Ficam paradas bem perto e encaram a gente.

— Detesto isso.

— É sinistro — concordou Max. — Mas eu não disse nada de ruim. Deixei que me acompanhassem até em casa e pronto.

Jill se sentiu quase enjoada de tanta saudade. Fazia meses que não via a mãe nem de longe e nunca esbarrava com ela nas ruas de Mapleton, embora ela parecesse ser familiar na cidade. As outras pessoas a viam o tempo todo.

— Ela estava fumando?

— Estava.

— Você a viu acender um cigarro?

— Provavelmente. Por quê?

— Dei para ela um isqueiro de presente de Natal. Queria saber se está usando.

— Não faço a menor ideia. — A cara de Max ficou tensa e pensativa. — Não, espere aí. Elas usaram fósforos.

— Tem certeza?

— Tenho. — A dúvida havia sumido de sua voz. — Foi na última sexta-feira. Lembra como estava frio por causa do vento gelado? A mão dela estava

tremendo e foi muito difícil riscar e acender o fósforo. Eu até me ofereci para fazer isso para ela, mas não me deixou. Teve de fazer três ou quatro tentativas.

*Vaca*, pensou Jill. *Bem-feito para ela*.

— Vamos. — Max deu palmadinhas na cama. — Relaxe. Não precisa tirar a roupa, se não quiser.

Jill pensou na sugestão. Costumava gostar de ficar deitada ao lado de Max no escuro, dois corpos quentes sob o cobertor, falando tudo o que passava pela cabeça.

— Não vou tocar em você — prometeu ele. — Não vou nem bater punheta.

— É bondade sua — disse ela. — Mas acho que vou para casa.



Os dois ficaram aliviados quando a comida afinal chegou, em parte porque estavam famintos, mas sobretudo porque lhes dava uma desculpa para interromper a conversa por um tempo, tomar fôlego, e quem sabe recomeçar num tom mais leve. Kevin sabia que havia cometido um erro ao despejar tantas perguntas em cima dela e transformar um bate-papo ameno num interrogatório.

*Tenha paciência*, ele dizia para si. *É para ser um jantar divertido*.

Após algumas garfadas em silêncio, Nora ergueu os olhos de seu ravióli de cogumelos.

— Delicioso — disse ela. — O molho branco.

— O meu também. — Kevin ergueu um pedaço de carne de cordeiro para que Nora o examinasse, mostrando para ela como estava grelhado com perfeição, marrom nas beiradas, rosado no centro. — Derrete na boca.

Ela sorriu com um pouco de enjoo e Kevin lembrou, tarde demais, que Nora não comia carne. Será que ela sentia nojo, perguntou-se Kevin, quando lhe pediam para admirar um pedaço de carne grelhada espetada na ponta de um garfo? Ele entendia perfeitamente como era fácil a pessoa se transformar num vegetariano, aprender a pensar em “animal morto” e não em “carne tenra e succulenta”. Ele mesmo tinha feito aquilo em numerosas ocasiões, em geral depois de ler reportagens sobre matadouros e frigoríficos, mas seus receios desapareciam logo, assim que pegava um cardápio nas mãos.

— E então, como foi seu dia? — perguntou Nora. — Algo de interessante?

Kevin hesitou só por um segundo. Já havia previsto aquele momento e tinha planejado não correr qualquer risco, dizer alguma coisa inócua e tranquila — *Na verdade, não, fui trabalhar e depois voltei para casa* —, guardando a verdade para mais tarde, algum momento indeterminado no futuro, quando ele a conhecesse um pouco melhor e seu relacionamento estivesse um pouco mais consolidado. Porém quando seria aquilo? Como se pode conhecer alguém um pouco melhor, se não se pode dar uma resposta sincera a uma pergunta simples, sobretudo sobre um evento tão importante?

— Meu filho telefonou hoje à tarde — disse para ela. — Eu não tinha qualquer notícia dele desde o verão. Estava muito preocupado com ele.

— Puxa — disse Nora, após um breve silêncio, que não chegou a ficar tão denso que criasse algum constrangimento. — E ele está bem?

— Acho que sim. — Kevin quis sorrir, mas fez o melhor que pôde para resistir ao impulso. — Pela voz, parecia estar bem.

— E onde ele está?

— Não quis dizer. O celular que estava usando tinha o código de área de Vermont, mas não era dele. Fiquei muito aliviado só de ouvir o som de sua voz.

— Que bom para você — disse Nora um pouco secamente, fazendo um esforço para soar satisfeita e sincera.

— Tem algum problema falar disso? — perguntou Kevin. — Podemos conversar sobre outro assunto, se você...

— Tudo bem, não tem problema — ela tranquilizou-o. — Fico feliz por você.

Kevin resolveu não forçar muito sua sorte.

— E quanto a você? Fez algo divertido esta tarde?

— Na verdade, não — respondeu Nora. — Depilei minhas sobrancelhas.

— Ficaram bonitas. Elegantes e bem-desenhadas.

— Obrigada. — Ela tocou na testa, deslizando a ponta do dedo por cima da sobrancelha direita, que de fato parecia um pouco mais definida do que de costume. — Seu filho ainda faz parte daquele culto? Aquela história do Santo Wayne?

— Ele disse que está cheio dessa história. — Kevin baixou os olhos para a vela larga espetada no suporte de vidro grosso, a chama tremulante flutuando numa poça de cera derretida. Sentiu um impulso de afundar o dedo no líquido quente e deixar que a cera endurecesse em contato com o ar, como

uma segunda pele. — Diz que está pensando em talvez vir para casa, voltar para faculdade.

— É mesmo?

— Foi o que disse. Tomara que seja verdade.

Nora pegou a faca e o garfo e cortou um ravióli. Era grande e fofo, ondulado nas beiradas.

— Vocês dois eram muito ligados? — perguntou ela, ainda com o olhar voltado para baixo, cortando as metades ao meio. — Você e seu filho?

— Eu achava que sim. — Kevin ficou surpreso com o tremor na própria voz. — Ele era o meu garoto. Sempre tive muito orgulho dele.

Nora ergueu os olhos, com uma expressão estranha no rosto. Kevin pôde sentir a própria boca se esticando, a pressão aumentando por dentro dos olhos.

— Desculpe — disse ele, um segundo antes de cobrir a boca com a mão, tentando abafar o som de seus soluços. — Preciso de um segundo, por favor.



Do lado de fora, a temperatura devia estar nove graus negativos, mas o ar da noite dava uma sensação de pureza. Jill ficou parada na calçada e olhou para a casa de Dmitri, seu segundo lar nos últimos seis meses. Era uma casa pequena e precária, uma caixa suburbana banal, com uma escadinha de cimento na entrada e uma janela panorâmica à esquerda da porta da frente. Durante o dia, o exterior ficava com um tom sujo de bege, mas naquele instante não tinha cor alguma, era só uma forma escura contra um fundo ainda mais escuro. Uma estranha sensação de melancolia tomou conta de Jill — era a mesma sensação que tinha quando passava na frente de sua antiga escola de balé, ou nos campos de futebol em Greenway Park —, como se o mundo fosse um museu de memórias, uma coleção de lugares que ela ia deixando para trás à medida que ficava mais velha.

*Bons tempos*, pensou Jill, mas só para fazer uma experiência, só para ver se acreditava naquilo. Depois se virou e tomou o caminho de casa, a rua tão sossegada e o ar tão rarefeito que seus passos ressoavam como batidas de um tambor sobre a calçada, alto o bastante para acordar os vizinhos.

Não era tão tarde assim, mas Mapleton era uma cidade-fantasma, não havia pedestre algum à vista, nenhum cachorro sem dono. Jill entrou na Windsor Road, lembrando a si mesma para parecer atenta e decidida. Tinha

feito um curso de defesa pessoal alguns anos antes e o instrutor dissera que a Regra Número Um era nunca dar a impressão de ser uma vítima. *Fique de cabeça erguida e com os olhos abertos. Dê a impressão de que sabe exatamente aonde está indo, mesmo que não saiba.*

Na esquina da North Avenue, Jill parou a fim de pensar nas opções que tinha. Dali até Lovell Terrace eram quinze minutos a pé, mas só metade desse tempo, se pegasse um atalho pelo trilho do trem. Se Aimee estivesse ali, não teria hesitado — elas viviam pegando o atalho —, mas Jill nunca tinha feito aquilo sozinha. Para fazer a travessia, era preciso caminhar por um trecho de rua bastante deserto, passar por duas oficinas de automóveis, pelo departamento de Obras Públicas e por fábricas misteriosas com nomes como Syn-Gen Systems e Standard Nipple Works e depois esgueirar-se através de um buraco no alambrado dos fundos do estacionamento do ônibus escolar. Depois de atravessar os trilhos e dar a volta por trás da farmácia Walgreens, ela já estaria numa área bem melhor, uma zona residencial repleta de postes de iluminação e de árvores.

Jill não ouviu o barulho do carro. Ele simplesmente veio voando por trás, uma presença repentina e alarmante no limite de seu campo de visão. Jill arquejou, depois rodopiou numa desajeitada posição de caratê, quando o vidro da janela do passageiro baixou.

— Ei. — Um rosto familiar e surpreso olhava para ela, emoldurado por dreadlocks louros reconfortantes. — Você está legal?

— Eu estava. — Jill tentou parecer irritada, quando baixou as mãos. — Até você quase me matar de susto.

— Desculpe. — Scott Frost, o gêmeo sem brinco na orelha, era o passageiro. — Você sabe caratê?

— Sei. Jackie Chan é meu tio.

— Essa é boa. — Ele sorriu com ar aprovador.

— Onde está Aimee? — Adam Frost perguntou, do banco do motorista. — Faz um tempão que a gente não a vê.

— Trabalhando — explicou Jill. — Arranjou um emprego no Applebee's. Scott piscou para Jill, com os olhos inchados e comoventes.

— Está precisando de carona?

— Estou bem — respondeu. — Moro logo depois dos trilhos.

— Tem certeza? Está um frio de matar.

Jill deu de ombros de forma estoica.

— Não me importo de ir a pé.

— Ei. — Adam inclinou a cabeça e se fez visível para ela. — Se vir a Aimee, diga que mandei um alô.

— Talvez a gente pudesse sair um dia desses — sugeriu Scott. — Nós quatro.

— Claro — respondeu Jill, e o Prius partiu, tão silencioso como havia chegado.



No banheiro masculino, Kevin jogou água fria no rosto e o enxugou com uma toalha de papel. Sentia-se um tolo, perdendo o controle daquele jeito na frente de Nora. Deu para ver como a deixou perturbada, a maneira como ficou paralisada, como se nunca tivesse visto um homem adulto chorar e nem soubesse que aquilo era possível.

Ele mesmo fora pego de surpresa. Ficara tão preocupado com a reação de Nora diante do que ele estava dizendo que nem pensou na própria reação. Mas algo se rompera dentro dele, um elástico estivera esticado com tanta força por tanto tempo que o próprio Kevin havia se esquecido de que ele estava lá. Foi a expressão *meu garoto* que detonou a crise, a repentina recordação de um peso leve sobre os ombros. Tom empoleirado em suas costas, como um rei sobre um trono, contemplando o mundo lá de cima, enquanto a mão delicada se apoiava no topo da cabeça do pai e os calcanhares de seus tênis de velcro batiam de leve no peito de Kevin, enquanto ele andava.

Apesar do que havia acontecido, Kevin estava feliz de ter compartilhado com Nora aquela boa notícia, feliz por ter resistido à tentação de poupar os sentimentos dela. *Para quê?* Para poderem, assim, continuar se escondendo um do outro, fazendo suas refeições num silêncio incômodo, se perguntando por que não tinham assunto algum? Aquilo era mais difícil, mas dava a impressão de ser um grande avanço, um primeiro passo necessário por um caminho que poderia levar a algum lugar aonde valesse realmente a pena chegar.

*Não sei quanto a você,* pensou em dizer para ela, quando voltasse para a mesa. *Mas um jantar muito bom sempre me faz chorar.*

Aquela era a maneira certa de tratar o caso — nada de desculpas, só uma piadinha para aliviar o clima. Kevin amassou a toalha de papel e jogou-a dentro do cesto de lixo, verificou sua aparência no espelho pela última vez, antes de ir para a porta.

Uma pequena semente de preocupação brotou em seu peito quando avançou pelo salão e viu a mesa deles vazia. Disse a si mesmo para não se preocupar, que ela devia ter aproveitado sua ausência para ir ao banheiro também. Serviu-se de um pouco mais de vinho e comeu uma garfada de salada de beterraba, tentando não olhar para o guardanapo embolado, ao lado do prato dela.

Passaram alguns minutos. Kevin pensou em bater na porta do banheiro feminino, talvez até enfiar a cabeça um pouco para ver se ela estava bem, mas o garçom com jeito de galã parou ao lado da mesa, antes que ele tivesse a oportunidade. O homem olhou para Kevin com uma expressão que parecia combinar, em partes iguais, tristeza e diversão compadecida. A voz tinha um leve sotaque hispânico.

— Posso retirar o prato da madame, senhor? Ou quer que mande vir a conta?

Kevin pensou em protestar, insistir em dizer que a senhora iria voltar, mas sabia que era inútil.

— Ela...?

— Pediu-me para lhe dar suas desculpas.

— Mas eu a trouxe de carro — disse Kevin. — Ela não tem carro.

O garçom baixou os olhos, apontando com a cabeça para o prato de Kevin.

— Quer que eu ponha numa quentinha para o senhor levar?



Jill atravessou a rua, mantinha o queixo erguido e os ombros abertos quando passou depressa pela oficina Junior's Auto Body, um hospital de carros com para-brisas espatifados e portas amassadas, para-choques pendurados e dianteiras retorcidas. Alguns casos mais graves tinham *air bags* vazios pendurados nos volantes e não era raro que o saco de ar murcho estivesse manchado de sangue. Por experiência própria, ela sabia que não devia olhar com atenção nem pensar muito nas pessoas que haviam viajado naqueles carros.

Jill sentia-se uma idiota por ter recusado a oferta que os gêmeos fizeram de lhe dar uma carona até em casa. Foi só por orgulho ferido que ela havia recusado, raiva deles por terem-na surpreendido daquele jeito, mesmo que sem querer. Havia também certa dose de cautela de boa moça, a vizinha



dentro de sua cabeça que lhe dizia para não entrar em carros com desconhecidos. Naquele caso, era meio que agir contra si mesma, pois a alternativa parecia ainda mais arriscada do que o perigo que supostamente estava tentando evitar.

Além do mais, os gêmeos não eram de fato pessoas desconhecidas e Jill não tinha o menor medo deles. Aimee disse que eles tinham sido verdadeiros cavalheiros no dia em que ela matou aula e ficou na casa dos dois. Só queriam saber de fumar maconha e jogar pingue-pongue, horas e horas de pingue-pongue. Pelo visto, eram ótimos jogadores, mesmo quando estavam doidões. Se algum dia houvesse uma olimpíada de maconheiros, Aimee achava que os gêmeos Frost na certa ganhariam a medalha de ouro e a de prata no tênis de mesa, dominando a competição como Vênus e Serena.

Durante aquela mesma conversa, Aimee deixara escapar sua desconfiança de que Scott Frost tinha uma quedinha por Jill, possibilidade que Jill se recusou a levar a sério, na ocasião. Por que Scott teria uma queda por *ela*? Ele sequer a conhecia e Jill não era o tipo de garota por quem os rapazes se apaixonavam a distância.

*Tudo tem uma primeira vez*, dissera Aimee.

*Exceto quando não tem*, retrucara Jill.

Mas agora ela estava se perguntando se aquilo era verdade, pensando na maneira como Scott olhava para ela, a frustração em seus olhos quando Jill lhe disse que preferia ir a pé, e até o modo como riu de sua piadinha boba sobre Jackie Chan, o que significava ou que ele estava muito doidão ou que tinha muita simpatia por ela, ou as duas coisas.

*Talvez a gente pudesse sair um dia desses*, disse ele. *Nós quatro.*

*Talvez a gente pudesse mesmo*, pensou ela.

★ ★ ★

Jill ouviu o apito de um trem que se aproximava quando entrou no estacionamento da empresa Transporte Estelar, abrigo de um vasto rebanho de ônibus amarelos, mais do que o bastante para evacuar a cidade inteira. De noite, pareciam criaturas vindas de outro mundo, fileira após fileira de monstros enormes, a parte dianteira olhando fixamente para a frente, um regimento de rostos estúpidos e idênticos. Jill passou depressa por eles, enquanto seus olhos disparavam cautelosos para a direita e para a esquerda, conferindo os becos escuros que separavam um ônibus do outro.

O apito ressoou de novo, seguido pelas sinetas de alarme e pelo repentino assovio de deslocamento de ar, quando um trem de dois andares irrompeu no trilho que ia para leste, uma parede em alta velocidade, feita de aço opaco e de vidro luminoso. Durante alguns segundos ensurdecedores, não existia mais nada no mundo, porém logo depois ele desapareceu, deixando para trás a terra trepidante.

Continuando seu caminho, Jill contornou o para-choque do último ônibus e virou à esquerda. Só viu o homem barbudo quando os dois quase esbarraram um no outro, tolhidos entre o ônibus do lado esquerdo e o alambrado, de dois metros e meio de altura, à sua direita. Ela abriu a boca para gritar, mas então se deu conta de que não era necessário.

— Você me assustou — disse ela.

O barbudo fitou-a. Era um Vigilante, baixo e atarracado, vestido num jaleco branco e com calça de pintor, e parecia em estado de emergência médica.

— Você está bem? — perguntou Jill.

O homem não respondeu. Estava curvado para a frente, mãos apoiadas nas coxas, ofegante, sem fôlego, como um peixe fora d'água, emitindo um som estrangulado toda vez que abria a boca.

— Quer que eu chame uma ambulância?

O Vigilante balançou a cabeça e se pôs ereto. Enfiou a mão no bolso da calça, pegou um inalador e levou-o à boca, apertou o botão e aspirou com força. Esperou alguns segundos antes de expirar e depois repetiu a operação.

O remédio agiu depressa. Quando guardou o inalador no bolso, o homem já respirava com mais facilidade, ainda arquejava um pouco, mas já não emitia aquele som horrível. Bateu a poeira da calça e deu um pequeno passo para frente. Jill recuou a fim de lhe abrir caminho, encostou-se no alambrado para que ele pudesse espremer-se e passar.

— Boa noite — falou às costas dele, só para ser gentil, porque muitos não eram.



Kevin saiu do restaurante arrasado, o saco com as sobras do jantar batendo de leve na sua perna enquanto caminhava. Ele não queria levar as sobras, mas o garçom insistiu, dizendo que seria uma pena desperdiçar tanta comida boa.

A casa de Nora ficava a pelo menos dois quilômetros dali, portanto não era possível que ela já tivesse chegado. Se Kevin queria encontrá-la, podia simplesmente seguir de carro pelo Washington Boulevard, atento a qualquer pedestre solitário. A parte difícil viria depois disso, quando ele parasse o carro a seu lado e baixasse o vidro da janela.

*Entre, diria Kevin. Eu levo você para casa. É o mínimo que posso fazer.*

Por que ela merecia tal cortesia? Tinha ido embora por livre e espontânea vontade, sem uma única palavra de explicação. Se queria ir para casa no frio, era uma prerrogativa dela. E se queria telefonar para ele depois e pedir desculpas — bem, isso também era com ela.

Mas e se Nora não ligasse? E se Kevin ficasse esperando horas e horas e o telefone nunca tocasse? Em que ponto ele acabaria perdendo a paciência e telefonaria para ela, ou quem sabe pegaria o carro e iria à casa dela, tocaria a campainha até Nora abrir a porta? Duas da madrugada? Quatro da madrugada? No raiar do dia? A única coisa que ele sabia com segurança era que não ia conseguir dormir antes de conseguir falar com Nora, obter algum tipo de explicação pelo que havia acontecido. Portanto, talvez a melhor coisa a fazer fosse simplesmente ir atrás dela naquele instante, resolver o assunto o mais depressa possível, para não ter de passar o restante da noite em claro, pensando.

Estava tão concentrado em seu dilema que mal percebeu as duas Vigilantes paradas junto ao carro, e só se deu conta de quem elas eram quando já havia destrancado a porta com o controle remoto.

— Ei — disse Kevin, sentindo um alívio momentâneo por Nora não estar ali, por eles não terem de passar por aquele drama particular logo naquele momento, a namorada nova que encontra a esposa afastada. — Vocês estão bem?

Não responderam, mas nem precisavam responder, não quando estavam naquele frio de matar. A parceira parecia estar com hipotermia — estava toda encolhida, com os braços em volta do corpo, e balançava para um lado e para outro, com um cigarro enfiado no canto da boca, como se estivesse colado —, mas Laurie olhava para ele com uma expressão de ternura, firme, o tipo de olhar que as pessoas dirigem para a gente num velório, quando o falecido é uma pessoa de sua família e elas querem corresponder à sua dor.

— Qual é o problema? — perguntou Kevin.

Havia um envelope de papel pardo na mão de Laurie. Ela lhe entregou, batendo com o envelope no peito dele, como se fosse uma coisa que Kevin

tinha de ver.

— O que é?

Laurie lhe dirigiu um olhar que dizia: *Você sabe o que é.*

— Ah, meu Deus — murmurou ele. — Está brincando comigo, não está?

A expressão de Laurie não se alterou. Continuou lhe oferecendo o envelope, até que ele o segurou.

— Desculpe — disse ela, rompendo seu voto de silêncio. O som de sua voz pareceu chocante para Kevin, tão estranho e tão familiar ao mesmo tempo, como a voz de um morto num sonho. — Eu gostaria que houvesse outra maneira.



Jill se espremeu para atravessar o buraco no alambrado, caminhou a passos arrastados para subir no aterro de cascalho onde passavam trilhos, fez uma pausa no topo a fim de verificar se não vinha nenhum trem. Era um lugar interessante para se ficar, completamente sozinha naquela amplo espaço aberto, como se tivesse o mundo inteiro só para si. Os trilhos corriam até sumir ao longe, dos dois lados de Jill, como um rio, e refletiam a luz dos três quartos de lua, dois brilhos paralelos que se apagavam nas trevas.

Jill equilibrou-se num trilho como um malabarista na corda bamba, andou na ponta dos pés com os braços abertos, tentou imaginar o que teria acontecido se o Vigilante que havia encontrado pouco antes fosse sua mãe. Será que as duas teriam rido e se abraçado, admiradas de se verem sozinhas num lugar tão improvável? Ou será que sua mãe ficaria zangada por encontrá-la ali, decepcionada com seu hálito de álcool, com sua deplorável falta de juízo?

*Bem, de quem é a culpa por isso?*, pensou Jill, pulando do trilho. *Não tem ninguém tomando conta de mim.*

Ela desceu do aterro dos trilhos pelo outro lado, seguiu na direção da rua estreita que passava atrás da Walgreens, enquanto seus tênis escorregavam no cascalho solto. Então ela parou.

Um som ficou preso em sua garganta.

Sabia que os Vigilantes andavam sempre em pares, mas o encontro com o homem barbudo tinha sido tão rápido e estranho que Jill nem parou para pensar onde estaria o parceiro dele.

Bem, agora ela sabia.

Jill deu alguns passos relutantes para frente, aproximando-se do vulto de branco estendido no chão. Estava deitado de bruços perto de uma grande caçamba de lixo com a inscrição GALLUCI BROS., os braços muito abertos, como se tentasse abraçar o planeta. Havia uma pequena poça de um líquido perto da cabeça, uma substância luminosa que ela torcia com toda força para ser água.

**PARTE CINCO**  
CRIANÇA MILAGROSA

## AGORA, FALTA POUCO

Estava gelado demais para ficar sentado na varanda dos fundos, com uma xícara de café da manhã, mas Kevin não pôde evitar. Depois de passar o inverno inteiro confinado, ele queria aproveitar todos os minutos de sol que o mundo concedesse, ainda que precisasse de um suéter, um casaco e um gorro de lã para poder desfrutar do ar livre.

A primavera tinha chegado depressa nas últimas semanas — jacintos e campainhas-de-inverno, lampejos de amarelo nos arbustos repentinamente renascidos e depois uma explosão turbulenta de cantos de passarinhos e de flores em botão, um pouco mais de verde por todo lado a cada vez que a gente se virava para olhar. O inverno não tinha sido severo, segundo os padrões históricos, mas dera a impressão de ter sido longo e obstinado, quase eterno. Março foi especialmente lúgubre — frio e úmido, céu cinzento e opressivo —, o clima sombrio refletia e intensificava a sensação de mau agouro que havia afligido Mapleton desde o assassinato do segundo Vigilante, no Dia dos Namorados, em fevereiro. Na ausência de qualquer prova em contrário, as pessoas tinham se convencido de que havia um assassino em série à solta, algum lobo solitário pirado com um rancor forte contra os Remanescentes Culpados e um plano de eliminar a organização, um membro de cada vez.

Já seria muito ruim se Kevin estivesse simplesmente lidando com aquela crise como um governante eleito, mas além disso ele estava envolvido também como pai e marido, preocupado com o bem-estar psicológico da filha e com a segurança física da futura ex-esposa. Kevin ainda não tinha assinado os documentos do divórcio que Laurie lhe entregara, mas não porque achasse que seu casamento pudesse ser salvo. Estava adiando por causa de Jill, por não querer sobrecarregar a filha com más notícias logo agora, quando ela ainda estava se recuperando do choque de ter encontrado o cadáver.

Foi uma experiência terrível, mas Kevin estava orgulhoso da maneira como a filha havia reagido, ligando para a polícia do celular, esperando sozinha no escuro, com o homem morto, até os policiais chegarem. Desde então, Jill tinha feito tudo o que podia para ajudar na investigação, submeteu-se a diversos interrogatórios com detetives, ajudou um desenhista a fazer o retrato falado do Vigilante barbudo que encontrara no estacionamento da empresa Transporte Estelar, e até visitou o condomínio da rua Ginkgo para ver se conseguia identificar o homem dentre uma série de pessoas perfiladas que, supostamente, incluía todos os homens residentes com mais de trinta anos.

A tentativa de identificação foi um fracasso, mas o retrato falado deu frutos: o barbudo seria Gus Jenkins, um ex-florista de 46 anos, de Gifford Township, que estava morando no posto avançado dos Remanescentes Culpados na Parker Road — o mesmo grupo, como Kevin se admirou de saber, para o qual Laurie havia se transferido recentemente. A vítima, Julian Adams, morava na mesma casa e tinha sido vista com Jenkins na noite do assassinato.

Após repetidas negativas, a liderança dos Remanescentes Culpados finalmente admitiu que Jenkins era membro da Filial de Mapleton, mas insistiu — de modo nada convincente, segundo os investigadores — em afirmar que a organização não tinha a menor ideia de seu paradeiro atual. Aquela barreira de silêncio enfureceu a polícia, que esclareceu que estava procurando Jenkins como uma testemunha, não como um potencial suspeito. Alguns detetives chegaram até a cogitar em voz alta que os Remanescentes Culpados talvez pudessem *querer* que o assassino continuasse à solta, que talvez se sentissem secretamente satisfeitos de ter um maníaco homicida transformando seus membros em mártires.

Passaram-se dois meses sem qualquer progresso no caso, mas também sem que houvesse um terceiro assassinato. As pessoas ficaram um pouco entediadas com a história, começaram a se perguntar se a reação não teria sido exagerada. À medida que o clima ia mudando, Kevin tinha a sensação de uma alteração no estado de ânimo coletivo, como se a cidade tivesse resolvido de repente relaxar e parar de ficar tão obcecada com Vigilantes mortos e com assassinos em série. Kevin já vira aquele processo antes: não importava o que acontecesse no mundo — guerras genocidas, catástrofes naturais, crimes indescritíveis, o que fosse —, mais cedo ou mais tarde as pessoas se cansavam de pensar no assunto. O tempo passava, as estações mudavam, as pessoas se



recolhiam a suas vidas particulares, voltavam o rosto para o sol. No cômputo geral, pensou Kevin, era provavelmente uma coisa boa.

— Aí está você.

Aimee atravessou a porta de correr que ligava a cozinha à varanda, depois se virou para fechar a porta com um empurrão do cotovelo. Trazia uma caneca na mão, o bule de café na outra.

— Quer mais um pouco?

— Você leu meu pensamento.

Aimee serviu o café, depois puxou para si uma cadeira de metal sem almofada e teve um tremor exagerado quando seu traseiro tocou no assento frio. Vestia um casaco Carhartt por cima de uma camisola que pegara emprestada de Jill, mas os pés estavam descalços sobre a madeira bruta.

— Já são nove e quinze — disse ela em meio a um bocejo. — Achei que já tinha saído para o trabalho.

— Daqui a pouco — disse Kevin. — Sem pressa.

Ela assentiu com um gesto de cabeça, de modo vago, sem se dar o trabalho de lembrar que ele *nunca* ficava em casa depois das nove horas da manhã, nem de sugerir que Kevin talvez tivesse adiado sua saída por causa dela, porque havia se apegado demais às conversas matinais, e não queria sair enquanto Aimee ainda estivesse dormindo. Mas Kevin não precisava dizer aquilo; estava no ar, era óbvio para os dois.

— Que horas você chegou ontem à noite?

— Tarde — respondeu ela. — Fui com um pessoal para um bar.

— Derek também?

Aimee fez cara de culpada. Sabia que Kevin não aprovava seu relacionamento com o patrão casado, embora ela tivesse explicado inúmeras vezes que nem chegava a ser um relacionamento — era só um mau hábito, na verdade, só um passatempo.

— Ele trouxe você de carro para casa?

— Fica no caminho.

Kevin engoliu seu sermão habitual. Ele não era o pai dela; Aimee tinha direito a seus erros, assim como todo mundo.

— Já disse a você — insistiu Kevin. — Pode usar o Civic sempre que quiser. Ele está à toa na garagem.

— Eu sei. Mas mesmo que eu tivesse um carro ontem à noite, eu não estava em condições de dirigir.

Kevin fitou-a um pouco mais de perto, enquanto Aimee sorvia seu café, as mãos juntas em torno da caneca para se aquecer. Ela parecia atenta e alegre, nenhum sinal de ressaca. Naquela idade, Kevin lembrava, a gente se recupera num piscar de olhos.

— O que é? — perguntou Aimee, incomodada com aquele escrutínio.

— Nada.

Ela baixou a caneca, deslizou as mãos para dentro dos bolsos do casaco.

— A noite vai ser bem fria para jogar *softball* — disse Aimee.

Kevin deu de ombros.

— O tempo faz parte do jogo, sabe? A gente fica ao ar livre. Frio na primavera, quente no verão. É por isso que nunca gostei desses estádios cobertos. Perde-se tudo isso.

— Eu jamais consegui me entusiasmar com *softball*. — Ela virou a cabeça, distraída por um corvo que passou voando feito um raio. — Quando eu era pequena, joguei numa temporada e achei a coisa mais chata do mundo. Me escalavam para jogar do lado externo do campo, a mil quilômetros da base do batedor. Minha vontade era deitar na grama, pôr a luva em cima da cara e tirar um cochilo. — Ela sorriu, achando graça da lembrança. — Até fiz isso algumas vezes. Ninguém sentiu minha falta.

— É uma pena — disse Kevin. — Então não vou tentar recrutar você para a próxima temporada.

— Me recrutar para o quê?

— O meu time. Estamos pensando em formar times mistos, homens e mulheres. Estão faltando jogadores.

Ela mordeu o lábio inferior, com ar pensativo.

— Eu podia fazer uma experiência — disse para Kevin.

— Mas você acabou de dizer que...

— Eu amadureci. Adquiri uma tolerância maior para o tédio.

Kevin fisgou uma flor de pessegueiro da superfície de seu café e, com a ponta do dedo, jogou-a por cima da balastrada da varanda. Captou o tom brincalhão na voz de Aimee, mas também a verdade que havia por trás daquilo. Ela *havia* amadurecido. De algum modo, nos últimos meses, Kevin tinha parado de pensar nela como uma estudante do ensino médio, ou como a bela amiga de sua filha que ficava fora de casa até muito tarde. Ela era *sua* amiga agora, sua parceira de cafezinho, a ouvinte solidária que o ajudara durante seu rompimento com Nora, uma jovem mulher que iluminava seu dia toda vez que a encontrava.

— Prometo não escalá-la para jogar na parte externa do campo — disse ele.

— Legal. — Aimee segurou o cabelo comprido com as duas mãos, como se fosse fazer um rabo de cavalo, mas então mudou de ideia, deixou o cabelo cair de novo sobre os ombros, macio e bonito sobre a sarja rústica de seu casaco. — Talvez a gente pudesse jogar bola um dia desses. Quando ficar mais quente. Para ver se eu ao menos lembro como se faz para arremessar.

Kevin desviou os olhos, constrangido de repente. No canto do quintal, dois esquilos corriam um atrás do outro, subindo o tronco de uma árvore, suas patinhas raspando freneticamente na casca. Ele não sabia se os esquilos estavam brincando ou tentando se matar.

— Bem, bem — disse ele, e batucou no tampo da mesa como se fosse um bongô. — Acho melhor eu ir para o trabalho.



Tom era o despertador de Christine. Era seu trabalho acordá-la às nove horas da manhã. Se ela dormisse além dessa hora, ficava mal-humorada e todo seu ritmo circadiano ficava perturbado. Porém Tom detestava incomodá-la: ela parecia tão feliz deitada na cama, de barriga para cima, a respiração lenta e superficial, uma mão atrás da cabeça, a outra estendida ao lado do corpo. Seu rosto estava vazio e sereno, a barriga volumosa por baixo do cobertor fino, um perfeito iglu humano. Faltava só uma semana para o parto.

— Ei, dorminhoca. — Pegou a mão de Christine, puxou de leve o dedo indicador, depois o dedo médio, avançando metodicamente para o mindinho. — Está na hora de levantar.

—Vá embora — resmungou ela. — Estou cansada.

— Eu sei. Mas você precisa levantar.

— Me deixe em paz.

Isso continuou por mais um ou dois minutos, Tom insistindo, Christine resistindo, prejudicada pelo fato de não conseguir mais rolar de lado sem uma colossal quantidade de força de vontade e de cálculos logísticos. Sua manobra evasiva predileta — virar de barriga para baixo e afundar a cara no travesseiro — estava agora totalmente fora de questão.

—Vamos lá, querida. Vamos descer e tomar o café da manhã.

Ela devia estar com fome, porque se dignou a abrir os olhos, piscando em face da luz pálida da manhã, estreitando os olhos para Tom, como se ele fosse

um conhecido distante cujo nome lhe escapava, mas estava na ponta da língua.

— Que horas são?

— Hora de levantar.

— Ainda não. — Ela deu uma palmadinha no colchão, convidando Tom para deitar-se a seu lado. — Só mais uns minutinhos.

Aquilo também fazia parte do ritual, a melhor parte, a recompensa de Tom por cumprir uma tarefa que, de outro modo, ficaria sem agradecimento. Ele deitou-se a seu lado na cama, virou-se de lado para poder contemplar o rosto de Christine, a única parte de seu corpo que não tinha mudado de forma dramática nos últimos meses. Continuava fino e juvenil como se ainda não tivesse recebido a notícia da gravidez.

— Aaah! — Num sobressalto de surpresa, ela segurou a mão de Tom e colocou-a sobre sua barriga, bem em cima do umbigo saliente. — Ele está muito agitado aqui dentro.

Tom podia sentir um movimento rodopiante sob a palma da mão, um objeto duro fazendo pressão contra a parede abdominal de Christine — a mão ou o pé, talvez o cotovelo. Não era fácil distinguir uma extremidade fetal da outra.

— Alguém está querendo sair — disse ele.

Ao contrário de Christine e dos Falk, Tom se recusava a se referir ao feto como “ele”. Não tinha sido feita qualquer ultrassonografia e ninguém tinha certeza de que era um menino. A suposta masculinidade do bebê era uma questão de fé, com base na certeza do Sr. Gilchrest de que a criança Milagrosa era um substituto do filho que ele havia perdido. Tom esperava que ele tivesse razão, porque era triste imaginar a alternativa, uma menina bebê sendo recebida no mundo com gemidos de choque e desalento.

— Eles estão em casa? — perguntou Christine.

— Sim. Estão esperando você.

— Meu Deus — suspirou Christine. — Será que não podem passar o fim de semana fora ou algo assim?

Estavam morando com os Falk havia três meses e meio e, àquela altura, até Christine estava de saco cheio deles. Não desgostava de Terrence e Marcella da mesma forma que Tom, não podia se dar ao luxo de desprezar sua generosidade, ou de rir de sua devoção de escravos pelo Sr. Gilchrest. Christine apenas se sentia sufocada pela atenção constante. O dia inteiro eles ficavam em torno dela, tentando prever suas necessidades, atender seus

mínimos desejos, contanto que não envolvesse sair de casa. Tom sabia que a única razão de ele continuar ali era para o caso de Christine precisar dele, pois ela teria ficado louca, aprisionada por tanto tempo só com os Falk para lhe fazer companhia. Se dependesse de seus anfitriões, Tom teria se mandado fazia muito tempo.

— Está brincando? — disse Tom. — Eles não vão a lugar nenhum, ainda mais quando estamos tão perto do grande dia. Não iam querer perder o espetáculo por nada.

— Pois é. — Ela assentiu sem o menor sinal de entusiasmo. — Vai ser formidável. Mal posso esperar a hora de entrar em trabalho de parto.

— Ouvi dizer que é superdivertido.

— É o que todo mundo me diz. Sobretudo quando demora muito tempo e a gente não toma nenhum remédio contra a dor. Essa parte parece o máximo.

— Eu sei — concordou Tom. — Estou morrendo de inveja.

Christine deu palmadinhas na barriga.

— Tomara que o bebê seja bem grande. Com uma daquelas cabeças enormes, feito um melão. Assim vai ser melhor ainda.

Ficavam brincando o tempo todo. Era a maneira de Christine acalmar os nervos, preparando-se para a provação do parto natural. Era como o Sr. Gilchrest queria — sem médicos, sem hospital, sem remédios. Só uma parteira e alguns cubos de gelo, um pouco de Motown no iPod, Terrence filmando com sua câmera, a postos para registrar o grande momento para a posteridade.

— Eu não devia ficar reclamando — disse ela. — Eles têm sido muito bons comigo. É que eu preciso de um tempinho longe deles, sabe?

Ultimamente, ela andava agitada, cansada da gravidez e de ficar presa dentro de casa, sobretudo agora quando o tempo estava tão bonito lá fora. Ainda na semana anterior, havia persuadido os Falk a levá-la para dar uma volta de carro pelo campo, mas eles ficaram tão nervosos por estarem com ela no carro — incapazes de falar sobre outra coisa a não ser como seria horrível se sofressem um acidente — que ninguém se divertiu nem um pouco.

— Não se preocupe. — Tom segurou a mão de Christine, apertou-a de modo tranquilizador. — Já está quase acabando. Faltam só uns dias.

— Você acha que Wayne vai estar solto até lá?

— Não sei — respondeu Tom. — Não entendo nada do sistema judiciário.

Nas últimas semanas, os Falk vinham afirmando que os advogados do Sr. Gilchrest estavam fazendo progressos importantes em seu processo. Pelo que tinham ouvido falar, havia um acordo em andamento que permitiria a ele admitir-se culpado de algumas acusações menores e assim ser libertado sem qualquer tempo adicional de prisão. *Agora, falta pouco*, viviam dizendo. *A qualquer minuto, vamos receber uma boa notícia*. Tom estava cético, mas os Falk pareciam autenticamente entusiasmados e seu otimismo tinha contagiado Christine.

— Você devia voltar para o Rancho com a gente — disse ela para Tom. — Podia morar numa de nossas casas de hóspedes.

Tom ficou grato por aquela oferta. Havia se apegado a Christine e ao bebê — ao menos, à *ideia* do bebê — e bem que gostaria de continuar perto de ambos. Mas não daquele jeito, não se aquilo significasse viver na sombra do Sr. Gilchrest.

— Você seria muito bem-vindo lá — prometeu Christine. — Vou contar para Wayne como você tem sido um bom amigo nesse tempo todo. Ele vai ficar muito grato a você. — Christine esperou uma resposta que não veio. — Você não teria outro lugar para onde ir...

Aquilo não era exatamente verdade. Depois do nascimento do bebê, quando Christine não precisasse mais dele, Tom pensava em voltar para casa, em Mapleton, passar uns dias com o pai e a irmã — vinha pensando muito neles, nos últimos meses, embora não tivesse telefonado nem mandado e-mails —, talvez fosse dar um alô para sua mãe, se conseguisse localizá-la. Depois disso, porém, Christine tinha razão — sua vida era uma página em branco.

— Wayne é um bom homem. — Ergueu os olhos para o cartaz no teto, aquele que Tom nem gostava de olhar. — Em breve, o mundo vai saber disso.



Laurie e Meg chegaram cedo para a reunião marcada para as nove horas, mas só foram convidadas a comparecer ao gabinete da diretora quando já era quase meio-dia. Patti Levin parecia autenticamente constrangida com aquele atraso.

— Não me esqueci de vocês — desculpou-se. — Esta manhã está de fato uma loucura. Minha assistente está de folga, com gripe, e sem ela tudo se desorganiza num instante. Prometo que isso nunca mais vai acontecer.

Laurie ficou intrigada com aquelas desculpas, que pareciam basear-se na suposição de que ela e Meg eram pessoas muito ocupadas, que não gostavam de ficar esperando. Em sua vida anterior, Laurie *tinha sido* esse tipo de pessoa, mãe de subúrbio sobrecarregada, tendo de fazer malabarismo para cuidar das tarefas e dos filhos, sempre correndo de uma obrigação a outra. Naquela época, quando todos pensavam que o mundo ia durar para sempre, ninguém tinha tempo para nada. Não importava o que ela estivesse fazendo — assando biscoitos, caminhando ao redor do lago num dia lindo, fazendo amor com o marido —, ela se sentia afobada e irrequieta, como se os últimos grãos de areia estivessem escorrendo através da estreita abertura da ampulheta naquele exato instante. Qualquer ocorrência imprevista — uma obra na estrada, um caixa inexperiente, um chaveiro que sumiu — podia afundar Laurie num estado de desespero desvairado, capaz de envenenar um dia inteiro. Mas aquela era sua personalidade pregressa. Sua personalidade nova nada tinha para fazer, senão fumar e esperar, e Laurie não tinha predileção especial alguma quanto ao lugar a fazer aquilo. O corredor diante da porta do gabinete da diretora era um lugar tão bom quanto qualquer outro.

— Então, como vai? — perguntou Patti Levin com um sorriso. — Como vão as coisas no Posto Avançado 17?

Laurie e Meg trocaram olhares, agradavelmente surpresas com o tom amistoso da diretora. A ordem que haviam recebido de comparecer ao seu gabinete tinha sido seca e um pouco ameaçadora — *Compareçam ao Quartel-General amanhã às nove horas* — e elas haviam passado boa parte da noite anterior tentando adivinhar em que tipo de encrenca elas tinham se metido. Laurie achou que ia ser repreendida por não ter devolvido os papéis do divórcio. Meg brincava com a ideia de que a casa delas estava com aparelhos de escuta ocultos, que as lideranças não só sabiam que as duas violavam regularmente os votos de silêncio como também sabiam exatamente o que diziam uma para a outra. *Você está sendo paranoica*, disse Laurie, mas não pôde deixar de se perguntar se aquilo não seria mesmo verdade, e virava o cérebro pelo avesso, no esforço de lembrar se, nos dois meses anteriores, havia falado alguma coisa que pudesse voltar para assombrá-la.

— A gente gosta de morar lá — disse Meg. — É um lugar bom mesmo.

— Tem um quintal ótimo — acrescentou Laurie.

— Não é? — concordou a diretora, enquanto encostava a chama de um fósforo na ponta de seu cigarro. — Aposto que está muito bonito nesta época do ano.

Meg confirmou com um gesto de cabeça.

— É tão viçoso. E tem uma arvorezinha com as flores cor-de-rosa mais bonitas do mundo. Não sei se uma cerejeira ou...

— Disseram-me que é uma olaia — disse a diretora. — Bastante rara nesta região.

— O único problema são os pássaros — observou Laurie. — A senhora não acredita na barulheira que eles fazem de manhã cedo. Parece que estão dentro do quarto. Centenas de pássaros, todos cantando uns para os outros.

— Nós achamos que seria bom plantar uma horta — disse Meg. — Ervilhas, abobrinha, tomates, coisas assim. Tudo orgânico.

— É uma atividade que pagaria seu próprio custo — interveio Laurie. — Só precisamos de um pequeno investimento para começar.

Estavam mesmo empolgadas com a ideia da horta — tinham muito tempo livre e queriam fazer algo de produtivo com isso —, mas a diretora passou por cima do assunto como se nem tivesse ouvido.

— Onde vocês dormem? — perguntou. — Mudaram-se para o quarto principal?

Laurie balançou a cabeça, negando.

— Continuamos no primeiro andar.

— Em quartos separados — acrescentou Meg rapidamente, o que era tecnicamente verdade, mas um pouco enganoso, pois seu colchão fora instalado permanentemente no chão do quarto de Laurie. As duas sentiam-se melhor assim, perto uma da outra para poderem conversar em cochichos, sobretudo agora que estavam sozinhas no posto avançado.

Patti Levin semicerrou as pálpebras em sinal de desaprovação e exalou um jato de fumaça pelo canto da boca.

— O quarto principal é muito melhor. Não tem uma banheira de hidromassagem lá embaixo?

Meg ficou ruborizada. Era rara a noite em que ela não tirasse proveito da banheira de hidromassagem. Laurie também gostava da banheira, mas a novidade perdera a graça bem depressa para ela.

— O único motivo para eu levantar essa questão — prosseguiu a diretora — é porque semana que vem chegarão seus novos companheiros de casa. Se quiserem mudar de quarto, agora seria uma boa hora para fazer isso.

— Companheiros de casa? — disse Meg sem o menor sinal de entusiasmo.



— Al e Josh — disse a diretora. — Uns caras muito especiais. Acho que vão gostar deles.

A notícia não chegava a ser inesperada — era uma das primeiras possibilidades que haviam discutido na noite anterior —, mas Laurie ficou surpresa com a profundidade de seu desalento. Ela e Meg viviam felizes sozinhas. Eram como irmãs ou colegas de dormitório numa faculdade, completamente relaxadas e à vontade, familiarizadas com as manias e as peculiaridades uma da outra. Laurie não via com bons olhos a intrusão de novatos, o mal-estar de mais uma vez compartilhar a casa com homens desconhecidos. Todo o clima doméstico mudaria, sobretudo se um deles ficasse atraído por Meg, ou se Meg ficasse atraída por um deles. Laurie não queria nem pensar naquilo, toda a tensão sexual e o drama das pessoas de vinte e poucos anos, ninguém mais teria sossego na casa.

— Há uma linda tradição no Posto Avançado 17 — disse a diretora. — Espero que vocês duas possam dar continuidade a ela.

— Vamos fazer o melhor possível — prometeu Laurie, embora não tivesse muita certeza de que tradição era aquela, ou de que ela e Meg pudessem se incumbir de preservá-la.

Patti Levin pareceu perceber aquela incerteza.

— Gus e Julian são heróis — disse ela em voz firme e baixa. — Temos de honrar seu sacrifício.

— Gus? — perguntou Meg. — Também foi morto?

— Gus está bem — disse a diretora. — É um homem muito corajoso. Estamos cuidando muito bem dele.

— O que ele fez? — perguntou Meg, exprimindo também a confusão de Laurie. Tudo o que sabiam era que Gus não tinha voltado para casa na noite em que Julian foi morto e que a polícia continuava atrás dele. — Qual foi o sacrifício dele?

— Ele amava Julian — respondeu a diretora. — Podem imaginar a coragem necessária para fazer o que ele fez?

— E o que ele fez? — perguntou Meg de novo.

— Fez aquilo que mandamos.

Laurie sentiu-se de repente zozza, como se fosse desmaiar. Lembrou que tinha ficado agachada, junto ao aparelho de calefação, naquelas noites geladas de inverno, escutando os barulhos descarados, quase desesperados, que Gus e Julian faziam no quarto principal, como se estivessem fora do alcance de qualquer socorro.

Patti Levin sugou seu cigarro, fitou Meg demoradamente e depois voltou os olhos para Laurie, preenchendo o espaço entre elas com uma nuvem de fumaça cinza.

— O mundo voltou a adormecer — disse ela. — É nosso dever despertá-lo.



Kevin sabia que era um exagero, ler o jornal com a televisão ligada e o laptop aberto na sua frente, enquanto comia seu sanduíche antes do jogo, mas não era tão grave quanto parecia. Na verdade, não estava usando o laptop — apenas gostava de mantê-lo à mão para o caso de querer verificar seus e-mails — e também não estava lendo o jornal, ao menos não no sentido usual das palavras. Estava só correndo os olhos pelas folhas, exercitando a visão, deixando que os olhos rolassem pelas manchetes na seção de economia, sem assimilar informação alguma. Quanto à televisão, só servia como fundo sonoro, uma ilusão de companhia na casa vazia. Ele só estava pensando mesmo era no sanduíche, peito de peru com queijo cheddar no pão integral, um pouco de mostarda e de alface, nada de especial, mas mesmo assim perfeitamente adequado.

Já havia quase terminado de comer quando Jill entrou pela porta dos fundos, fez uma pausa na entrada para largar sua mochila pesada no chão. Ela devia estar na biblioteca, pensou Kevin. Era o que Jill vinha fazendo ultimamente, para ter certeza de que não chegaria em casa, de volta da escola, antes de Aimee ter saído para o trabalho. As duas haviam elaborado um esquema de precisão científica, ao menos nos dias de semana, para sincronizar os horários em que saíam e voltavam de modo a nunca ficarem ao mesmo tempo em casa, a menos que uma delas estivesse dormindo, embora as duas fizessem questão de dizer que estavam se dando muito bem uma com a outra.

Kevin sorriu com ar tímido quando ela entrou na cozinha, esperando que fosse zombar dele por causa daquela refeição multimídia, mas Jill nem percebeu nada. Estava ocupada demais fitando o celular com os olhos semicerrados, com ar de surpresa e ao mesmo tempo impressionada.

— Ei — disse ela. — Você soube da novidade do Santo Wayne?

— O que aconteceu?

— Ele admitiu que é culpado.

— De quais acusações?

— Um monte. Parece que vai ficar fora de circulação por muito tempo.

Kevin “acordou” seu laptop e conferiu as notícias. A matéria era a primeira da lista de notícias. SANTO WAYNE ADMITE: CONFISSÃO EXTRAORDINÁRIA DO LÍDER DE CULTO EM DESGRAÇA. Kevin clicou no link e começou a ler.

Acordo surpreendente... procuradores pedem sentença de vinte anos... direito a liberdade condicional em doze anos... “Depois que meu filho desapareceu, perdi o juízo e o entendimento normal sobre as coisas... Tudo o que eu queria fazer era ajudar as pessoas que sofriam, mas o poder subiu à minha cabeça... Tirei proveito de muitos jovens vulneráveis... traí minha esposa e a memória de meu filho, sem falar na confiança dos jovens que me procuravam para obter recuperação e orientação espiritual... Especialmente as garotas... Elas não eram minhas esposas, foram minhas vítimas... Eu queria ser um homem santo, mas me transformei num monstro.”

Kevin tentou se concentrar nas palavras, mas seus olhos se voltavam toda hora para a foto que ilustrava a reportagem, o retrato da ficha policial, o rosto muito familiar de um homem emburrado, de barba por fazer, vestindo um paletó de pijama. Ficou surpreso ao se dar conta de que não sentia qualquer satisfação, nenhum prazer vingativo, em face da ideia de que Santo Wayne ia apodrecer na prisão. Tudo o que sentia era uma surda palpitação de compaixão, um sentimento indesejável de afinidade com o homem que havia partido o coração de seu filho.

*Ele amava você,* pensou Kevin, olhando para o retrato da ficha policial, como se esperasse que o homem fosse retrucar. *E você também o decepcionou.*

## TANTA COISA PARA ABANDONAR

Antes de começar a procurar a sério um nome novo, Nora mudou a cor do cabelo. Essa era a ordem correta, pensou ela, a única sequência que fazia algum sentido. Porque como ela ia saber quem era antes de ver a própria aparência? Nunca tinha entendido os pais que escolhiam o nome dos filhos meses ou mesmo anos antes de a criança nascer, como se estivessem colando um rótulo numa ideia abstrata e não numa pessoa de carne e osso. Parecia muito presunçoso, muito indiferente em relação à criança real.

Nora teria preferido tingir o cabelo em casa mesmo, em segredo, mas compreendia que era uma operação complexa e arriscada demais para que a executasse sozinha. Seu cabelo era castanho muito escuro e todos os sites que consultou a preveniam de que era preciso pensar bem antes de tentar tingir o cabelo de louro sem a ajuda de um profissional. Era um processo complicado, demorado, requeria produtos químicos fortes e muitas vezes redundava naquilo que os especialistas gostavam de chamar de “resultados infelizes”. Os comentários que se seguiam aos artigos eram cheios de palavras de lamento de morenas arrependidas que gostariam de ter sido um pouco mais tolerantes com a cor natural de seu cabelo. *Eu tinha um cabelo castanho bonito, escreveu uma mulher. Mas fui atraída por uma propaganda e pinteí de louro. A cor ficou boa, mas agora meu cabelo está tão fosco e sem vida que meu namorado diz que parece que está crescendo um capim de plástico no meu couro cabeludo!*

Nora lia aqueles testemunhos com certa apreensão, mas não o bastante para mudar de ideia. Não ia tingir o cabelo por razões estéticas, ou porque quisesse se divertir. O que desejava era um corte radical com o passado, uma drástica mudança de aparência, e a maneira mais rápida e segura de fazer isso, era tornar-se uma loura artificial. Se nesse caminho seu cabelo castanho bonito se transformasse em capim, era um efeito colateral com o qual ela podia conviver.

Em toda sua vida, nunca pintara o cabelo, nem fizera luzes, nem mesmo retocando os vestígios grisalhos que tinham aparecido nos últimos anos, a

despeito dos insistentes apelos de seu cabeleireiro, um búlgaro compenetrado e crítico chamado Grigori. *Deixe-me tirar isso daí*, pedia Grigori toda vez que ela ia fazer o cabelo, com seu sinistro sotaque eslavo. *Você vai ficar como uma adolescente outra vez*. Mas Nora não tinha o menor interesse em ficar parecendo uma adolescente; na verdade, bem que gostaria de ter mais cabelos grisalhos, gostaria de ser um desses jovens cujo cabelo ficara branco feito neve por causa do choque que haviam sofrido no 14 de Outubro. Sua vida seria mais fácil, pensava Nora, se desconhecidos pudessem olhar uma só vez para ela e compreender que era uma das traumatizadas.

Grigori era um tinturista altamente respeitado, com uma clientela de primeira, mas Nora não queria envolvê-lo em sua transformação, não queria ouvir suas objeções nem explicar os motivos para fazer algo tão drástico e imprudente. O que ela iria dizer? *Não sou mais Nora. Nora acabou de uma vez por todas*. Não era o tipo de conversa que ela queria ter num salão de beleza com um homem que falava como um vampiro de cinema.

Ela marcou um horário no Hair Traffic Control, uma rede que atendia uma clientela mais jovem, consumidores de orçamento mais controlado, e supostamente as cabeleireiras do salão executavam uma porção de pedidos tolos sem sequer piscar. Mesmo assim, a cabeleireira meio punk, de cabelo cor-de-rosa, mostrou-se em dúvida quando Nora lhe disse o que queria.

— Está mesmo supersegura? — perguntou ela, esfregando as costas da mão na bochecha de Nora. — Porque o tom da sua pele na verdade não...

— Sabe o que estou pensando? — disse Nora, interrompendo-a no meio da frase. — Acho que isso vai acabar muito mais depressa se a gente deixar de lado o papo furado de salão de beleza.



Jill não estava avançando muito na leitura de *A letra escarlate*. Era em parte culpa de Tom, pensava ela; quando estava no ensino médio, o irmão reclamava do livro com tamanho desgosto que aquilo devia ter envenenado a mente de Jill. Na verdade, ele não se limitava apenas a reclamar; certa tarde, Jill chegara em casa, de volta da escola, e o viu enfiando repetidas vezes uma faca de carne na brochura, a ponta da lâmina penetrar na capa e afundar tanto nos primeiros capítulos que às vezes ele tinha dificuldade para puxar a faca de volta. Quando Jill perguntou o que estava fazendo, Tom explicou, em voz calma e séria, que estava tentando matar o livro antes que o livro o matasse.

Portanto, talvez Jill não estivesse tratando o livro com o respeito que ele merecia, na condição de clássico atemporal da literatura norte-americana. Mas ao menos ela estava fazendo um esforço de boa-fé. Havia sentado com o livro nas mãos em três ocasiões na semana anterior e ainda não terminara de ler a introdução de Hawthorne, que o Sr. Destry afirmava ser uma parte importante do romance, que não podia ser deixada de lado. Parecia que Jill era alérgica à prosa; dava-lhe a sensação de ser lenta e burra, de que não era exatamente fluente em inglês: *Aqueles velhos cavalheiros — sediados, como Matthew, na recepção da alfândega, mas perfeitamente aptos a serem convocados, à diferença dele, para cumprirem missões apostólicas — eram funcionários da Alfândega.* Quanto mais Jill olhava para uma frase como aquela, menos sentido ela fazia, como se as palavras se dissolvessem na página.

Mas o problema verdadeiro não era o livro, e não era a agitação da primavera, ou o fato de que sua formatura estava muito próxima. O problema era a Srta. Maffey e o bate-papo na internet que elas haviam começado alguns dias antes. Aquilo não saía da cabeça de Jill e a empurrava numa direção que ela não queria seguir. No entanto, parecia incapaz de se conter, não conseguia encontrar um bom motivo para se desligar, para cortar uma relação que se havia renovado de forma tão inesperada, após tantos anos.

A Srta. Maffey, *Holly* — Jill ainda tentava se acostumar a chamá-la pelo prenome —, fora professora de Jill na quarta série na escola fundamental Bailey e a predileta dentre todos os professores que tivera, embora no início não fosse assim. Holly assumiu a turma em janeiro, depois que a Srta. Frederickson se afastou para a licença-maternidade. Todas as crianças estranharam a professora nova, no início, e a tratavam como a intrusa que ela era. Porém, após mais ou menos uma semana, começaram a entender que haviam tido sorte: a Srta. Maffey era jovem e empolgada, muito mais divertida do que a convencional e velha Srta. Frederickson (ainda que ninguém tivesse pensado na Srta. Frederickson como velha e convencional, antes de Holly aparecer). Quase uma década depois, Jill não conseguia se lembrar muito de sua quarta série nem o que havia feito daquela primavera algo tão especial. Tudo de que se lembrava era a tatuagem de um peixinho dourado acima do tornozelo da Srta. Maffey, e a sensação de estar um pouco apaixonada pela professora e de, todo dia, desejar que o verão nunca chegasse.

A Srta. Maffey só deu aula em Mapleton naqueles poucos meses. No mês de setembro seguinte, a Srta. Frederickson voltou da licença-maternidade e Holly arranhou um emprego numa escola em Stonewood Heights, onde

continuara a trabalhar até um ano antes. Ficou casada por um breve tempo com um homem chamado Jamie, que desapareceu no que ela naturalmente denominava como o Arrebatamento. Não tiveram tempo de ter filhos, questão sobre a qual Holly tinha sentimentos dúbios. Sempre quis ser mãe e tinha certeza de que ela e Jamie teriam bebês lindos, mas sabia que não era época de ter filhos, de trazer gente nova para um mundo sem futuro.

*Acho que é uma bênção*, escreveu para Jill, numa de suas primeiras trocas de mensagens. *Não precisar me preocupar com crianças.*

As duas se encontraram alguns meses antes, no auge da investigação sobre o assassinato. Jill tinha ido à rua Ginkgo com o detetive Ferguson, que havia organizado o que chamou de “concurso de beleza”, na esperança de que Jill conseguisse identificar o Vigilante asmático que ele estava tão sôfrego para interrogar. Acabou sendo uma enorme perda de tempo, é claro, e também uma situação muito bizarra — cinquenta homens adultos, todos vestidos de branco, desfilando na frente dela, como concorrentes numa versão religiosa assustadora do reality show *The Bachelorette* —, mas tudo foi compensado, já no finalzinho, por seu encontro com a antiga professora, com a qual cruzou por acaso quando saiu do prédio principal. As duas se reconheceram na mesma hora, Jill deu um grito de alegria, a Srta. Maffey abriu os braços e envolveu a antiga aluna num demorado e sincero abraço. Só quando Jill chegou em casa e descobriu o bilhetinho manuscrito que tinha sido introduzido sorrateiramente no bolso de seu casaco — *Por favor, me mande um e-mail se quiser falar sobre qualquer coisa!* — que ela se deu conta de que o encontro não tinha sido nem de longe por acaso.

Jill não era burra; compreendeu que estava sendo recrutada — provavelmente com a bênção da mãe — e ressentiu-se do fato de que uma pessoa tão importante para ela tivesse sido incumbida daquela missão. A Srta. Maffey tinha até enfeitado o bilhetinho com uma carinha sorrindo, o mesmo desenho que ela antigamente rabiscava no alto dos deveres de casa dos alunos da quarta série. Jill pegou o bilhete e enfiou em sua caixinha de joias, prometendo a si mesma que não entraria em contato com ela, não se deixaria manipular daquela forma.

Seria mais fácil manter a promessa se tivesse mais distrações naquela primavera, se tivesse encontrado amigos novos para substituir Aimee e a turma, mas as coisas não andaram desse jeito. A maior parte das noites, ela ficava metida em casa, sem ninguém para conversar a não ser o pai, que parecia um pouco mais distraído do que o habitual, deprimido por causa de

Nora, se consolando com sonhos de glória no *softball*. Max mandava para ela uma porção de mensagens de texto no celular, a incentivava a voltar a frequentar a casa de Dmitri, ou quem sabe sair com ele um dia, mas Jill nunca respondia. Ela estava farta de tudo — sexo, festas, toda aquela gente — e não ia voltar.

Depois de um tempo, aquilo começou a parecer inevitável, quase matemático —, Jill estava ansiosa para preencher o vácuo em sua vida e Holly era a única candidata plausível. Vê-la naquele dia fora um imenso choque, parecia tão abatida e sonhadora em seus trajes brancos, tão diferente da mulher cheia de vida de que Jill se lembrava. *Por favor, mande-me um e-mail se quiser conversar sobre qualquer coisa!* Bem, havia um monte de coisas sobre as quais Jill queria conversar, perguntas que queria fazer à Srta. Maffey sobre sua jornada espiritual e sua vida no condomínio dos Remanescentes Culpados. Ela achava que aquilo podia ajudar a compreender sua mãe um pouco melhor, lhe daria um entendimento mais profundo do que eram os R.C., algo que até então lhe escapava. Porque, se uma pessoa como Holly podia ser feliz lá, talvez houvesse algo que Jill não houvesse entendido, algo que ela precisava descobrir.

*Vc gosta daí?*, perguntou quando afinal tomou coragem.. *Não parece muito divertido.*

*Estou satisfeita*, respondeu a Srta. Maffey. *É uma vida simples.*

*Mas como consegue viver sem falar?*

*Há tanta coisa que a gente precisa abandonar, Jill, tantos costumes, muletas e expectativas. Mas é preciso deixar tudo isso de lado. É o único jeito.*



Um dia depois de se transformar em louca, Nora sentou-se para escrever suas cartas de despedida. Revelou-se uma tarefa complicada, ainda mais difícil porque ela parecia não conseguir ficar quieta. Toda hora se levantava da mesa da cozinha e ia até o segundo andar para se admirar no espelho de corpo inteiro de seu quarto, a louca desconhecida com o rosto estranhamente familiar.

O tingimento foi um sucesso. Não só porque os resultados infelizes que ela temia, e sobre os quais tinha sido prevenida, não haviam se concretizado. Não havia pontos calvos nem matizes esverdeados, e seu cabelo clareado ficara macio e liso como sempre, milagrosamente invulnerável aos nocivos



produtos químicos nos quais ficara embebido. A grande surpresa não foi o fato de nada de ruim ter acontecido, mas sim de ela ter ficado com excelente aspecto como loura, muito melhor do que antes, com a cor natural de seu cabelo.

A cabeleireira tinha razão, é claro: havia algo dissonante no contraste entre a cor de pele mediterrânea de Nora e aquele pálido cabelo sueco, mas era um descompasso instigante, o tipo de engano que dava vontade de ficar olhando, tentar entender por que uma coisa que devia parecer cafona na verdade ficava muito bem. A vida inteira, Nora fora uma mulher bonita, mas era uma beleza sem nada de notável, vagamente tranquilizadora, o tipo de boa aparência cotidiana que as pessoas mal percebiam. Agora, pela primeira vez, Nora se surpreendeu consigo mesma ao se ver como uma beleza exótica e até um pouco alarmante, e gostou da sensação que teve, como se seu corpo e sua alma tivessem entrado num alinhamento mais justo.

Alguma parte egoísta de Nora ficou tentada a telefonar para Kevin e convidá-lo para um drinque de despedida — queria que ele a visse em sua nova encarnação, lhe dissesse como estava linda e suplicasse que não fosse embora —, mas a parte mais razoável de Nora compreendia que aquilo era uma ideia terrível. Seria apenas uma crueldade, animar a esperança de Kevin uma última vez, antes de esmagá-la para sempre. Era um homem bom e ela já o havia magoado o suficiente.

Era isso o mais importante que queria exprimir em sua carta — a culpa que sentia pela maneira como se havia comportado no Dia dos Namorados, ao ir embora do restaurante sem lhe dizer uma palavra, e depois ao ignorar os telefonemas e e-mails dele nas semanas seguintes, e ao ficar sentada em silêncio no escuro de sua sala, até Kevin se cansar de tocar a campainha e enfiar um de seus bilhetes chorosos pelo vão embaixo da porta.

*O que fiz de errado?*, escreveu ele. *Diga-me o que foi, para que eu possa pedir desculpas.*

*Você não fez nada*, ela queria lhe responder, mas nunca o fez. *Foi tudo culpa minha.*

A questão era que Kevin fora a última chance de Nora. Desde o início — na noite em que conversaram e dançaram no baile —, ela teve a sensação de que ele talvez fosse capaz de salvá-la, mostrar-lhe como resgatar algo decente e funcional das ruínas de sua vida antiga. E por um breve tempo Nora achou que isso tinha de fato começado a acontecer, que um fermento crônico estava lentamente começando a sarar.

Mas Nora estava apenas se enganando, confundindo um desejo com uma mudança real. Ela já desconfiava disso havia um tempo, mas não enxergava com clareza, até aquela noite no Pamplermousse, quando ele tentou conversar com ela sobre seu filho, e tudo o que Nora sentiu foi amargura e uma inveja tão forte que mal se distinguiu do ódio, um vazio ardente, torturante, no meio do peito.

*Foda-se*, ela pensava sem parar, bem no fundo. *Foda-se você e o seu filho precioso*.

E o mais terrível foi que Kevin nem percebeu. Apenas continuou a falar como se Nora fosse uma pessoa normal, com um coração que batia, alguém que entendia a felicidade de um pai e compartilhava a alegria de um amigo. E ela teve de ficar parada na sua frente, agonizante, ciente de que havia algo errado com ela, algo que nunca poderia ser remediado.

*Por favor*, ela queria lhe dizer. *Pare de falar à toa*.



Agora elas estavam dormindo juntas, na mesma cama *king size* que antes fora usada por Gus e Julian. No princípio foi um pouco sinistro, mas elas haviam superado a estranheza inicial. A cama era enorme e aconchegante — tinha um tipo de colchão escandinavo de alta tecnologia que se adaptava à forma do corpo — e a janela do lado de Laurie dava para o quintal, que vicejava com a vitalidade da primavera, o cheiro de lilases pairando na brisa matutina.

Elas não tinham se tornado amantes — não como os dois homens tinham sido, pelo menos — mas também já não eram mais somente amigas. Um sentimento poderoso de intimidade havia crescido entre as duas nas últimas semanas, um elo de confiança absoluta que ia além de qualquer coisa que Laurie jamais experimentara com seu marido.

Por enquanto, não pediam nada delas. Os novos companheiros de casa iam chegar em breve e seu pequeno idílio terminaria, mas por ora tinham a sensação de um delicioso período de férias, ficavam aconchegadas na cama até tarde, tomavam chá e conversavam em voz baixa. Nas tardes agradáveis, as duas caminhavam juntas pelo parque.

Não conversavam muito sobre o que ia acontecer. Não havia muito que dizer, na verdade; tinham um trabalho a fazer e o fariam, assim como Gus e Julian tinham feito, e também o par que os precedera. Conversar sobre aquilo não adiantava nada; só servia para perturbar a bolha de paz em que viviam.

Melhor apenas se concentrar no momento presente, nos dias e horas preciosos que restavam, ou deixar a mente vagar de volta ao passado. Meg falava com frequência sobre seu casamento, o dia especial que nunca havia ocorrido.

— Eu queria que fosse um casamento tradicional, sabe? Clássico. O vestido e o véu, a cauda, a música de órgão, meu pai me conduzindo ao altar, Gary lá na frente à minha espera, com uma lágrima descendo pelo rosto. Eu só queria aquele sonho, aqueles poucos minutos em que todas as pessoas que eram importantes estariam olhando para mim e dizendo: *Como ela está linda! Ele não é o cara mais sortudo do mundo?* Foi assim, com você?

— Meu casamento foi há muito tempo — respondeu Laurie. — Só me lembro de que estava muito estressada. A gente fica tanto tempo planejando que o que acontece de fato nunca se equipara àquilo que a gente queria.

— Talvez tenha sido melhor assim — especulou Meg. — A realidade nunca veio estragar meu casamento.

— É um bom modo de pensar.

— Gary e eu brigamos por causa da despedida de solteiro. O padrinho dele queria contratar uma *stripper* e eu achei brega.

Laurie balançou a cabeça num gesto afirmativo e fez o melhor possível para se mostrar interessada, embora já tivesse ouvido aquela história. Meg parecia não se dar conta de que estava se repetindo e Laurie não se dava o trabalho de explicar para ela: aquele era o espaço mental em que sua amiga escolhera viver. A própria Laurie se concentrava nos anos em que os filhos eram pequenos, quando ela se sentia tão necessária e cheia de propósito, uma bateria carregada de amor. Todo dia Laurie usava toda a carga da bateria e toda noite ela se recarregava milagrosamente. Nada jamais foi tão bom quanto a vida naquele tempo.

— É que eu detestava o princípio da coisa — continuou Meg. — Um bando de bêbados aplaudindo uma garota patética que na certa era uma dependente de drogas, vinda de um lar violento. E depois? Será que ela de fato... *presta serviço* a eles enquanto os outros ficam olhando?

— Não sei — disse Laurie. — Acho que às vezes isso acontece. Depende dos caras, eu acho.

— Dá para imaginar? — Meg fez uma careta, semicerrando as pálpebras, como se fizesse força para visualizar a cena. — O sujeito está lá na igreja, no dia mais importante da sua vida, e lá vem a noiva, andando pelo corredor central, feito uma princesa, toda de branco, e os pais dele estão na primeira

fila, talvez até os avós, e a única coisa em que o sujeito consegue pensar é na piranha que fez uma dança erótica no colo dele na noite anterior. Por que alguém faria uma coisa dessas? Para que estragar desse jeito um momento maravilhoso?

— Naquela época, as pessoas faziam mesmo todo tipo de loucura — disse Laurie, como se estivesse se referindo à história da antiguidade, uma era remota que mal se conseguia distinguir através da névoa do tempo. — Eles não tinham a menor ideia.



Caro Kevin,

Quando você ler isto, Nora já não vai mais existir.

Desculpe — acho que isso soa mais macabro do que era minha intenção. Quero apenas dizer que vou partir de Mapleton, vou para outro lugar a fim de recomeçar minha vida como outra pessoa. Você não vai me ver mais.

Espero que não seja rude dizer isso numa carta, em vez de ter uma conversa frente a frente. Mas já é bastante difícil para mim fazer dessa forma. O que eu gostaria de fazer, na verdade, era me dissolver no ar como o restante de minha família, mas você merece mais do que isso (embora as pessoas nem sempre tenham aquilo que merecem).

O que quero lhe dizer é: Obrigada. Sei como você se esforçou para que as coisas dessem certo comigo — quantas concessões você fez e como recebeu pouco em troca. Não que eu não quisesse fazer a minha parte — eu daria muito para conseguir corresponder à sua expectativa. Mas não consegui encontrar forças para fazer isso acontecer, ou talvez eu simplesmente não tenha conseguido entender o mecanismo. Em todos os minutos que estivemos juntos, eu me sentia como se estivesse vagando no escuro, dentro de uma casa desconhecida, tateando em busca de um interruptor de luz. E então, toda vez que eu achava um interruptor e ligava, a lâmpada estava queimada.

Sei que você queria me conhecer e que você tinha todo o direito de tentar fazer isso. É por esse motivo que nos envolvemos com outras pessoas, não é? Não só por seus corpos, mas por tudo o mais também — seus sonhos, suas cicatrizes, suas histórias. Toda vez que estávamos juntos, eu podia sentir como você se continha, pisava em ovos, para não ferir minha privacidade, me dava espaço para guardar meus segredos. Acho que eu devia lhe agradecer por isso. Por sua discrição e compaixão — por ser um cavalheiro.

Mas o fato é que eu sabia o que você queria saber, e por isso sentia rancor. Isso é que é um beco sem saída, não é mesmo? Eu tinha raiva de você pelas perguntas que você não fazia, as perguntas que você não fazia porque achava que fazê-las me deixaria abalada. Mas você estava só esperando a hora certa, esperando e querendo que chegasse logo, não é?

Portanto permita que eu ao menos tente lhe dar uma resposta. Tenho a sensação de que devo isso a você.

Estávamos tendo um jantar em família.

Parece tão estranho quando a gente descreve dessa forma, não é? A gente imagina todo mundo junto, conversando, rindo, curtindo a refeição. Mas não foi assim. A situação andava tensa entre mim e Doug. Agora compreendo por quê, mas na época eu tinha a impressão de que ele estava apenas distraído com o trabalho, não inteiramente presente em nossa vida. Ficava olhando toda hora seu maldito BlackBerry, apanhava o celular toda hora que ele tocava, como se fosse chegar uma mensagem direta de Deus. É claro que não era Deus, era só sua linda namoradinha, mas, seja como for, para ele era mais interessante do que sua própria família. Até hoje sinto certo ódio dele por causa disso.

As crianças também não estavam felizes. Raramente estavam contentes à noite. As manhãs podiam ser divertidas em nossa casa e a hora de dormir era doce, em geral, mas a hora do jantar, muitas vezes, era uma verdadeira provação. Jeremy ficava irritado porque... por quê? Queria poder responder isso a você. Talvez porque seja difícil ter seis anos, ou talvez porque fosse difícil ser quem ele era. Qualquer coisinha o fazia chorar e seu choro por nada irritava seu pai, que às vezes falava com ele de maneira bruta, o que deixava Jeremy ainda mais perturbado. Erin tinha só quatro anos, mas por puro instinto ficava pegando no pé do irmão, fazia questão de dizer com a voz mais natural do mundo que Jeremy estava chorando de novo, se comportando que nem um bebezinho, o que o deixava absolutamente furioso.

Eu amava todos eles, certo? Meu marido que me traía, meu menino frágil, minha menininha dissimulada. Mas eu não amava minha vida, não naquela noite. Tinha feito um esforço imenso para fazer o jantar — frango marroquino, uma receita que achei numa revista — e ninguém deu a menor bola. Doug achou o peito de frango um pouco ressecado, Jeremy não estava com fome, blá-blá-blá. Foi uma noite horrorosa, e pronto.

E depois Erin derramou seu suco de maçã. Nada de mais, só que ela tinha feito o maior alarde porque queria beber num copinho sem tampa, apesar de eu ter dito para ela que não era uma boa ideia. E o que é que tem isso, certo? Acontece. Eu não era uma dessas mães que fica toda perturbada com algo assim. Mas, naquela noite, fiquei. Falei: “Que droga, Erin, o que eu disse para você?” E aí ela começou a chorar.

Olhei para Doug, esperando que ele se levantasse e apanhasse umas toalhas de papel, mas ele nem se mexeu. Apenas sorriu para mim como se nada daquilo tivesse a ver com ele, como se flutuasse acima de tudo, num plano superior da existência. Então, é claro que eu é que tive de fazer tudo. Levantei e entrei na cozinha.

Quanto tempo fiquei lá? Trinta segundos, quem sabe? Apanhei um punhado de toalhas de papel, puxando e arrancando do rolo, e me perguntei se tinha pegado o suficiente, ou se havia pegado demais, porque eu não queria fazer uma segunda viagem à cozinha, mas não queria desperdiçar, também. Recordo-me de estar consciente do caos que havia deixado para trás, sentia-me aliviada de estar longe daquilo tudo, mas também enraivecida, sobrecarregada e carente de reconhecimento. Acho que devo ter fechado os olhos, deixei minha mente se apagar por um ou dois

segundos. Foi aí que deve ter acontecido. Lembro que notei que o choro parou, que a casa de repente deu a impressão de estar em paz.

Portanto, o que você acha que fiz quando voltei para a sala de jantar e vi que todos haviam sumido? Acha que dei um grito, chorei ou desmaiei? Ou acha que enxuguei a poça de suco derramado, que estava se espalhando pela mesa e dali a pouco ia começar a gotejar no chão?

Você sabe o que eu fiz, Kevin.

Enxuguei a porra do suco de maçã e depois voltei para a cozinha, joguei as toalhas de papel encharcadas na lata de lixo, lavei as mãos debaixo da torneira. Depois de enxugar as mãos, voltei para a sala de jantar e olhei de novo a mesa vazia, os pratos, os copos e a comida. As cadeiras vazias. Realmente não sei o que aconteceu depois disso. É como se minha memória simplesmente parasse aí e recomeçasse só alguns dias depois.

Teria adiantado alguma coisa se eu contasse essa história para você na Flórida? Ou quem sabe no Dia dos Namorados? Você teria a sensação de que me conhecia melhor? Você poderia ter me dito aquilo que acho que já sei — que o choro e o suco derramado não são importantes, na verdade, que todas as mães ficam estressadas, com raiva e desejam ter um pouco de sossego e paz. Não é a mesma coisa que desejar que as pessoas que a gente ama desapareçam para sempre.

Mas e se for, Kevin? E aí?

Desejo toda felicidade para você. Você foi bom comigo, mas eu não tenho conserto. Gostei muito, de verdade, quando você dançou comigo.

Com amor,

N



gtaRC405 (10:15:42 P.M.): como vc tá?

Jillpill123 (10:15:50 P.M.): só relaxando, e vc?

gtaRC405 (10:15:57 P.M.): pensando em vc (:

Jillpill123 (10:16:04 P.M.): eu tbm (:

gtaRC405 (10:16:11 P.M.): vc devia vir p 1 visita

Jillpill123 (10:16:23 P.M.): ã sei

gtaRC405 (10:16:31 P.M.): vc vai gostar daqui

Jillpill123 (10:16:47 P.M.): o q a gente faria?

gtaRC405 (10:16:56 P.M.): vc dormiria aqui (:

Jillpill123 (10:17:07 P.M.): ???!

gtaRI405 (10:17:16 P.M.): só 1 noite ou 2 – o q acha?

Jillpill123 (10:17:29 P.M.): o q vou dizer ao papai?

gtaRI405 (10:17:36 P.M.): vc q sabe

Jillpill123 (10:17:55 P.M.): vou pensar

gtaRI405 (10:18:08 P.M.): sem pressa qd vc estiver pronta

Jillpill123 (10:18:22 P.M.): tô com medo

gtaRI405 (10:18:29 P.M.): td bem ter medo

Jillpill123 (10:18:52 P.M.): quem sabe semana q vem  
gtaRI405 (10:18:58 P.M.): seria perfeito (:

## ESTOU CONTENTE DE VOCÊ ESTAR AQUI

Tom estava falando com Christine sobre Mapleton enquanto dirigia, tentando convencê-la a fazer uma visita mais demorada à sua família, em vez de apenas ficar uma noite lá, a caminho de Ohio.

— É uma casa bem grande — disse ele. — A gente pode ficar no meu antigo quarto pelo tempo que quiser. Tenho certeza de que meu pai e minha irmã vão ficar felizes de ajudar a gente com o bebê.

Aquilo era um pouco presunçoso, uma vez que nem o pai nem a irmã sequer sabiam que ele estava a caminho, muito menos que vinha acompanhado. Ele queria ter mandado um recado para eles, avisando que estava chegando, porém as coisas tinham sido bem caóticas nos últimos dias; Tom calculou que faria mais sentido esperar para ver, manter as opções em aberto até que estivessem a uma distância menor. A última coisa que queria era despertar as esperanças do pai e depois frustrá-lo, como tinha feito tantas vezes no passado.

— Lá é muito bonito no verão. Tem um parque grande a alguns quarteirões e um lago onde a gente pode nadar. Um de meus amigos tem uma piscina de hidromassagem com água quente no quintal. E também tem um restaurante de comida indiana muito bom no centro da cidade.

Agora Tom estava improvisando, sem saber se ela estava ouvindo. Aquele desvio da viagem para Mapleton era uma estratégia meio desesperada de Tom, um jeito de ganhar mais um pouco de tempo com Christine e com o bebê, antes que os dois sumissem de sua vida.

— Quem dera que minha mãe estivesse lá também. Era ela que na verdade...

O bebê deu um gemido em sua cadeirinha no banco de trás. A menina era uma coisinha pequena, só tinha uma semana de vida, e não tinha muita força no pulmão. Tudo o que conseguiu produzir foi um sonzinho choramingado, mas Tom estava impressionado como aquilo o afetava de maneira visceral e deixava seus nervos à flor da pele, o enchia com uma



sensação de urgência que era quase um pânico total. Tudo o que pôde fazer foi olhar para o rosto zangado e amassado da menina pelo espelho retrovisor e implorar-lhe, com uma voz melosa que já começava a parecer sua segunda língua.

— Está tudo bem, pequena. Não há motivo para se preocupar. Seja paciente, queridinha. Está tudo em cima. Agora volte a dormir, está bem?

Apertou o acelerador e ficou admirado com a resposta ansiosa do motor, o salto heroico da seta do velocímetro. O carro poderia perfeitamente ir mais depressa, mas ele reduziu a velocidade, ciente de que não podia se dar ao luxo de ser parado pela polícia num BMW emprestado ou roubado, dependendo de como os Falk preferissem encarar a situação do carro.

— Acho que faltam dezoito quilômetros até a próxima parada na estrada — disse Tom. — Você viu a placa lá atrás?

Christine não reagiu. Parecia quase catatônica no banco do carona, sentada com os pés para cima e os joelhos dobrados e juntos embaixo do queixo, olhando fixamente para a frente, com uma expressão de placidez desconcertante. Estava assim a viagem inteira, agia como se o bebê no banco de trás fosse alguém que tivesse pegado carona na estrada, um convidado indesejável sem o menor direito a receber a atenção dela.

— Não chore, doçura — disse Tom por cima do ombro. — Sei que está com fome. Vamos arranjar uma comidinha gostosa para você, está bem?

Incrivelmente, o bebê pareceu compreender. Deu mais alguns soluços — lamúrios suaves e soluçantes, que antes pareciam reflexos tardios do que protestos de verdade — e depois caiu no sono outra vez. Tom lançou um olhar para Christine, na esperança de receber um sorriso, ou ao menos um aceno de cabeça em sinal de agradecimento. Mas ela parecia tão alheia ao silêncio de agora quanto ao barulho de antes.

— Uma comidinha bem gostosa — murmurou Tom, mais para si do que para suas passageiras.

★ ★ ★

A incapacidade de Christine de se relacionar com o bebê tinha começado a assustar Tom. Ela ainda não tinha dado um nome à criança, raramente falava com ela, nunca a tocava e evitava olhá-la sempre que possível. Antes de sair do hospital, tomara uma injeção para parar de produzir leite e desde então se

mostrava mais do que contente em deixar que Tom cuidasse da alimentação da menina, trocasse as fraldas e lhe desse banho.

Tom não podia condená-la por sentir-se um pouco em estado de choque; ele mesmo ainda estava um pouco chocado. Tudo desmoronara tão depressa depois que o Sr. Gilchrest assumiu sua culpa, depois de sua confissão humilhante na qual ele se denunciou publicamente como um estuprador em série de meninas adolescentes, e implorou perdão à sua “verdadeira esposa”, que ele dizia ser a única mulher que já havia amado. Furiosa com a traição, Christine entrou em trabalho de parto no dia seguinte, gritou agonizante já na primeira contração, pediu para ser levada para o hospital e que lhe dessem os remédios mais fortes que tivessem. Os Falk estavam desmoralizados demais para fazer qualquer objeção; até eles pareciam entender que tinham chegado ao fim da linha, que as profecias que os haviam sustentado até então não passavam de um castelo de cartas.

Tom ficou com Christine durante as nove horas do trabalho de parto, segurando sua mão enquanto ela entrava e saía de um delírio induzido por sedativos, amaldiçoando o pai de sua filha com tamanho rancor que até as enfermeiras da sala de parto ficaram impressionadas. Tom observava maravilhado enquanto o bebê escorregava para o mundo, de punhos cerrados, olhos estufados colados, cabelo preto azeviche emplastrado de sangue e de outros fluidos obscuros. O médico deixou que Tom cortasse o cordão umbilical, depois colocou a criança nos braços dele, como se fosse filha dele.

— Esta é sua filha — disse Tom para Christine, oferecendo a trouxinha nua e retorcida como se fosse um presente. — Diga oi para sua menininha.

— Vá embora — disse ela, virando o rosto a fim de evitar olhar a Criança Milagrosa, que já não parecia mais milagre algum. — Afaste isso de mim.

Eles voltaram para a casa dos Falk na tarde seguinte só para constatar que Terrence e Marcella tinham ido embora. Havia um bilhete na mesa da cozinha — *Esperamos que tudo tenha corrido bem. Vamos ficar fora da cidade até segunda-feira. Por favor, vão embora de nossa casa antes que voltemos!* — junto com um envelope que continha mil dólares em dinheiro.

— O que vamos fazer? — perguntou Tom.

Christine não teve de pensar muito.

— É melhor eu ir para casa — disse ela. — Voltar para Ohio.

— É mesmo?

— Para onde mais posso ir?

— Vamos pensar em alguma coisa.

— Não — respondeu ela. — Preciso ir para casa.

Ficaram na casa dos Falk por mais quatro dias, tempo em que Christine não fez nada a não ser dormir. O tempo todo, enquanto trocava fraldas, preparava o leite em pó e andava aos tropeções pela casa escura no meio da noite, Tom sempre esperava que ela acordasse e lhe dissesse aquilo que ele já sabia, que estava tudo bem, que na verdade tinha sido melhor assim. Agora os três formavam uma pequena família, estavam livres para se amar e fazer o que quisessem. Podiam caminhar descalços juntos, um bando de nômades felizes, vagando sem rumo ao sabor do vento. Mas aquilo ainda não havia acontecido e já não faltavam muitos quilômetros para chegar a Ohio.

★ ★ ★

Tom estava consciente do fato de que não raciocinava de maneira clara. Estava cansado demais para uma reflexão sóbria, concentrado demais nas inesgotáveis necessidades do bebê e no seu próprio temor de perder Christine. Mas sabia que tinha de se preparar para a provação que seria o regresso a seu lar, as perguntas que viriam quando parasse o carro na frente da casa do pai, um sedã alemão de luxo que não lhe pertencia, com um alvo pintado na testa, acompanhado por uma jovem gravemente deprimida, sobre a qual nunca havia falado, e por um bebê que não era seu. Seria necessário dar um monte de explicações.

— Escute — disse Tom, reduzindo a velocidade à medida que se aproximavam do ponto de parada na estrada. — Detesto ficar enchendo seu saco desse jeito, mas acontece que você precisa mesmo dar um nome ao bebê.

Christine confirmou com a cabeça de um jeito vago, sem concordar de fato, apenas deixando que ele soubesse que ela estava ouvindo. Subiram a rampa de acesso para o estacionamento principal.

— É estranho, sabe? Ela já tem quase uma semana de vida. O que vou dizer ao meu pai? *Esta é minha amiga, Christine, e esse bebê é filha dela sem nome?*

Na rodovia, o trânsito estava tranquilo, mas o ponto de parada estava lotado, como se todo mundo tivesse resolvido fazer xixi ao mesmo tempo. Eles ficaram presos numa vagarosa fila de carros, ninguém estacionava, senão quando outro carro saía.

— Não tem nada de mais — prosseguiu Tom. — É só pensar no nome de uma flor, ou de um passarinho, ou de um mês. Chame a menina de Rose, Robin, Íris ou April ou qualquer outra coisa. Qualquer coisa é melhor do que nada.

Tom esperou que um Camry desse marcha a ré e depois se enfiou na vaga que ficou livre. Mas não desligou o motor. Christine virou-se para olhar para ele. Havia um alvo marrom e dourado em sua testa — as mesmas cores do alvo na testa de Tom e na do bebê —, que Tom havia pintado naquela manhã, pouco antes de partirem de Cambridge. Era como o emblema de uma equipe esportiva, pensou Tom, a marca de uma tribo. O rosto de Christine estava pálido e inexpressivo abaixo do alvo, mas parecia emitir um esplendor doloroso, refletindo de volta o amor que Tom projetava na direção dela, o amor que Christine se recusava a assimilar.

— Por que você não escolhe? — disse ela. — Para mim, não importa nem um pouco.



Kevin verificou seu telefone. Eram cinco e oito; ele precisava arranjar alguma coisa para comer, vestir seu uniforme e entrar no campo de *softball* às seis horas. Era viável, mas só se Aimee saísse para o trabalho nos próximos minutos.

O sol estava baixo e quente, brilhando através da copa das árvores. Ele estava estacionado perto do final da rua sem saída, a quatro casas de sua própria residência, de frente para o clarão do sol. Não era o ideal, mas era o melhor que podia fazer nas circunstâncias, o único ponto de observação em Lovell Terrace que lhe permitia vigiar de perto a porta da frente de sua casa sem ser visto imediatamente por qualquer um que entrasse ou saísse de lá.

Kevin não tinha a menor ideia do que estava prendendo Aimee por tanto tempo dentro de casa. Em geral ela saía às quatro horas, para atender os primeiros clientes no Applebee's. Ele se perguntava se Aimee não estaria com alguma indisposição, ou quem sabe tinha tirado a noite de folga e se esquecera de avisar. Se era esse o caso, Kevin teria de reformular suas opções.

Era ridículo que ele não soubesse, porque tinha acabado de falar com ela ao telefone, apenas alguns minutos antes. Tinha telefonado para falar com Jill, como ele fazia muitas vezes no final da tarde, para perguntar se elas estavam precisando de alguma coisa do mercado, mas foi Aimee quem atendeu.

Oi, disse ela, com a voz mais séria do que o habitual. *Como foi seu dia? Foi bom.* Ele hesitou. *Um pouco estranho, na verdade.*

*Conte.*

Kevin ignorou o pedido. *Jill está em casa?*

*Não, estou sozinha.*

Era a deixa para ele perguntar por que Aimee não tinha ido trabalhar, mas Kevin estava perturbado demais para isso, distraído demais com a ideia de Aimee estar sozinha na casa.

*Não tem importância,* disse ele. *Diga a ela que liguei, está bem?*

Kevin afundou-se no banco do motorista, na esperança de se tornar um pouco menos visível para Eileen Carnahan, que vinha pela calçada em sua direção, levando seu geriátrico cocker spaniel para o passeio de costume, antes do jantar. Eileen esticou o pescoço — estava usando um chapéu de sol de abas moles — e o fitou com os olhos semicerrados e uma expressão intrigada, tentando entender se não havia algo errado. Com o telefone apertado no ouvido, Kevin desfez-se dela com um sorriso de desculpas e um gesto de quem diz *não posso falar agora*, fazendo o melhor possível para ter a aparência de um homem muito ocupado que tinha de resolver problemas urgentes e importantes, e não de um maluco que espionava a própria casa.

Kevin se consolou com a ideia de que não havia ultrapassado qualquer limite irrevogável, ao menos por enquanto. Mas ficou pensando naquilo o dia inteiro e já não confiava o bastante em si mesmo para ficar sozinho em casa com Aimee, não depois do que havia acontecido naquela manhã. Era melhor manter distância por um tempo, restabelecer os limites adequados, aqueles que pareciam ter se desmanchado nas últimas semanas. Como o fato de ela não o chamar mais de Sr. Garvey, ou mesmo de Kevin.

*Oi, Kev,* dissera ela, entrando na cozinha com olhos de sono.

*Bom dia,* respondeu ele, avançando para o armário com uma pilha de pratos pequenos equilibrados na palma da mão, ainda quentes, recém-saídos da máquina.

Kevin não tinha notado qualquer tom de flerte na voz nem no jeito de Aimee. Vestia calça de ioga e camiseta, um traje bastante comportado para os padrões dela. Tudo o que ele percebeu foi o próprio sentimento de felicidade por vê-la, a gratidão pela lufada de boas energias que Aimee sempre propagava. Em vez de seguir rumo à cafeteira, ela se desviou na direção da geladeira, abriu a porta e olhou lá dentro. Ficou ali parada por um tempo, como que perdida em pensamentos.

*Precisa de alguma coisa?*, perguntou Kevin.

Ela não respondeu. Dando as costas para o armário — apenas no intuito de ajudar —, ele se aproximou por trás dela e espiou por cima de sua cabeça o familiar amontoado de caixas de papelão, vidros e recipientes de plástico, as carnes e os legumes em suas gavetas transparentes.

*Iogurte*, disse ela, virando e sorrindo para ele, com a cabeça erguida, o rosto tão perto do seu que Kevin sentiu um sutil bafejo do hálito matinal de Aimee, que estava um pouco azedo, mas não desagradável — nem um pouco. *Vou fazer uma dieta.*

Ele riu, como se fosse um projeto ridículo — o que era de fato —, mas Aimee insistiu, dizendo que estava falando sério. Um dos dois deve ter se movido — ou ele se inclinou para a frente ou ela se inclinou para trás, ou talvez os dois ao mesmo tempo —, porque de repente ela estava *lá*, junta, apertada contra ele, o calor de seu corpo atravessando duas camadas de tecido, de tal modo que Kevin teve uma sensação de pele em contato com pele. Sem pensar, Kevin colocou a mão na cintura de Aimee, logo acima da curva delicada de seu quadril. Quase ao mesmo tempo, ela inclinou a cabeça um pouco para trás, deixando que ela repousasse no peito de Kevin. Ficar parado daquele jeito deu a sensação de algo perfeitamente natural, e também uma sensação aterradora, como se os dois estivessem bem na beira de um penhasco escarpado. Kevin estava intensamente consciente da cintura elástica da calça de Aimee, uma tensão intrigante embaixo da palma de sua mão.

*Na porta*, disse ele, depois de uma hesitação mais demorada do que o necessário.

*Ah, é*, disse ela, rompendo abruptamente a ligação entre ambos, ao se virar. *Por que não pensei logo nisso?*

Agarrou o iogurte e foi para a mesa, disparando para ele um sorriso meio de lado enquanto se sentava. Kevin terminou de esvaziar o lava-louça, com a cabeça zunindo, a memória do corpo dela como uma sensação física, impressa em sua carne, como se ele fosse feito de um barro muito mole. Um dia inteiro havia passado e aquilo continuava ali, exatamente onde Aimee o havia deixado.

— Merda — disse ele, fechando os olhos e sacudindo a cabeça, sem saber se estava maldizendo o incidente ou tentando recordá-lo com mais nitidez.



Laurie não podia condenar o entregador de pizza por se mostrar surpreso, não quando ela estava parada na porta, em roupas brancas, erguendo na mão uma tabuleta escrita à mão que dizia: QUANTO É?

— Eh, vinte e dois — balbuciou ele, fazendo o possível para aparentar naturalidade, enquanto retirava duas caixas de papelão de uma bolsa térmica.

Era só um garoto, mais ou menos da idade de seu filho, ombros largos e num desleixo atraente, com bermudas soltas e sandálias de dedo, como se tivesse dado em pulo em Parker Road a caminho da praia.

Executaram sua estranha troca, Laurie tomou posse das pizzas, o garoto pegou suas duas notas de dez e uma de cinco, uma enorme despesa de dinheiro insignificante. Laurie recuou da porta, balançando a cabeça, para que ele soubesse que não precisava dar troco.

— Obrigado. — Ele pôs o dinheiro no bolso, inclinou a cabeça na tentativa de ver de relance o que estaria acontecendo dentro da casa, e perdeu o interesse quando se deu conta de que não havia nada atrás dela, senão um corredor vazio. — Tenha uma boa noite.

Laurie levou as caixas quentes e frágeis para a sala de jantar e colocou-as sobre a mesa, notando os olhares apreensivos, mas nitidamente animados no rosto dos novatos, Al e Josh. Depois de meses de rações escassas no condomínio fechado da rua Ginkgo, uma pizza do Tonnetti entregue em domicílio devia parecer um luxo impossível, quase indecente, como se eles tivessem morrido e estivessem num paraíso dos prazeres.

Tinham se mudado para lá três dias antes e rapidamente se estabeleceram como companheiros de residência ideais — limpos, silenciosos e solícitos. Al era mais ou menos da idade de Laurie, um cara baixo, brincalhão, de barba meio grisalha, ex-consultor ambiental de uma empresa de arquitetura. Josh tinha trinta e poucos anos, bonito, ex-vendedor de programas de computador, magricela e taciturno, com uma tendência a ficar olhando fixamente para objetos triviais do dia a dia — garfos, esponjas, lápis — como se os estivesse vendo pela primeira vez.

Não muito tempo antes, pensou Laurie, ela e Meg teriam ficado intrigadas com a chegada em suas vidas de dois homens razoavelmente bonitos e de idades apropriadas. As duas teriam ficado acordadas até tarde, conversando em voz bem baixa, no escuro, a respeito dos novatos, comentariam o bonito sorriso de Al, se perguntariam se Josh não seria um desses homens emocionalmente retraídos que, no final, revelavam não compensar todo o esforço que os outros faziam para fazê-los sair de sua

concha. Mas era tarde demais para esse tipo de distração. Elas haviam cortado seus laços; Al e Josh pertenciam a um mundo que elas já haviam deixado para trás.

Como se adivinhasse, Laurie abriu primeiro a caixa que continha a pizza de cogumelos e azeitonas pretas — tinha também uma de linguiça e cebola, para os carnívoros — que Meg havia solicitado especialmente. O aroma que a envolveu era rico e complexo, tão cheio de memórias quanto uma antiga canção tocada no rádio do carro. Laurie estava despreparada para a resistência tenaz do queijo derretido quando levantou a primeira fatia, o peso inesperado em sua mão quando a fatia se despreendeu da pizza. Movendo-se devagar, tentando conferir ao gesto a cerimônia que merecia, Laurie colocou a fatia num prato e ofereceu para Meg.

*Amo você,* disse ela, falando só com os olhos. *Você é muito corajosa.*

*Amo você também,* respondeu Meg, em silêncio. *Você é minha irmã.*

Comeram calados. Al e Josh tentaram não se mostrar muito gulosos, mas não conseguiram se conter, apanhavam uma fatia depois da outra e comeram bem mais do que seria a sua parte devida. Laurie não se importou. Não estava com muita fome e Meg só quis provar um bocadinho da comida com a qual dizia estar sonhando havia meses. Laurie sorriu com tristeza diante dos homens vorazes. Eram inocentes, assim como ela e Meg tinham sido, quando chegaram ao Posto Avançado 17, ignorantes da linda tradição que tinham sido escolhidas para preservar.

*Tudo bem,* pensou ela. *Aproveitem enquanto podem.*



Christine saiu do carro às pressas para ir ao banheiro, deixando que Tom preparasse a mamadeira no banco da frente, esquentando a água num dispositivo muito prático que era ligado no isqueiro do painel. Quando a temperatura ficou boa, Tom adicionou um pacotinho do leite em pó para bebês e sacudiu com vigor para garantir que dissolvesse bem. Executou essas operações num estado de intenso suspense, a todo instante olhava no espelho para ver se o bebê ainda estava dormindo. Por experiência própria, sabia como era difícil preparar a mamadeira direito, quando a menina estava berrando de fome. Algum detalhe sempre dava errado: o saco plástico não abria, ou escorregava do suporte, ou tinha um furinho muito fino no fundo,



ou ele não atarraxava direito a parte de cima, ou qualquer outra coisa. Era surpreendente quantas maneiras havia de estragar uma operação tão simples.

Daquela vez, porém, os deuses estavam do lado dele. Preparou a mamadeira, retirou a menina da cadeirinha, sem acordá-la, e levou-a para a área de piquenique, onde acharam um banco vazio e com sombra. O bebê só abriu os olhos quando o bico da mamadeira tocou seus lábios. Ela ofegou um pouquinho sem alcançar o bico, mas depois agarrou-o na boca, apertou com força e sugou com uma ferocidade que fez Tom rir alto, enquanto a mamadeira sacudia ritmadamente em sua mão. Aquilo o fazia lembrar-se de quando pescava, do puxão na vara na hora em que o peixe mordida a isca, o choque de estar ligado a outra vida.

— Está com fome, hein, menina?

O bebê ergueu os olhos para ele enquanto engolia e bufava — não com adoração, pensou Tom, nem mesmo com gratidão, mas ao menos com tolerância, como se estivesse pensando: *Não tenho a menor ideia de quem é você, mas acho que está legal assim.*

— Sei que não sou sua mãe — sussurrou ele. — Mas estou fazendo o melhor que posso.

Christine demorou muito tempo para voltar, o bastante para que o bebê secasse a mamadeira e Tom começasse a ficar preocupado. Colocou o bebê em posição vertical, deu tapinhas nas suas costas até a menina soltar um arrotinho fofo, que pareceu muito menos fofo quando Tom sentiu no ombro uma umidade familiar e desanimadora. Ele detestava o cheiro azedo da golfada, o jeito como impregnava nas roupas e ficava muito tempo nas narinas, uma substância muito mais traiçoeira do que o cocô do bebê.

A criança começou a se remexer, por isso Tom levou-a para dar uma volta pela área, e a menina pareceu gostar disso. Era um local modesto — não tinha restaurante nem posto de gasolina, só um prédio de um andar com banheiros, máquinas de vender refrigerantes e prateleiras com folhetos informativos sobre as maravilhas de Connecticut —, mas ocupava uma área surpreendentemente grande. Havia um terreno com seis mesas de piquenique, uma área para os cachorros e um estacionamento secundário para caminhões e trailers.

Ao passar pelos veículos grandes, Tom foi saudado por um grupo do Povo Descalço que estava numa Caravan Dodge com placa de Michigan. Eram cinco pessoas, três rapazes e duas garotas, todos em idade de frequentar a faculdade. Enquanto as garotas faziam gracinha para o bebê — pareciam

especialmente encantadas com o pequenino alvo pintado em sua testa —, um cara de cabelo ruivo, com um trapo de pano amarrado na cabeça como uma bandana, perguntou para Tom se estava indo para Mount Pocono para participar do festival de solstício que durava um mês inteiro.

— Vai ser irado — disse ele, e fez uma careta, enquanto erguia o braço e coçava com afinco suas costelas. — Mil vezes melhor do que o do ano passado.

— Não sei — respondeu Tom, e deu de ombros. — Fica meio difícil com um bebê.

Uma das garotas ergueu os olhos para ele. Tinha um corpo sensual, pele ruim e um dente a menos na boca.

— Posso cuidar dela — disse a garota. — Não me importo.

— Isso mesmo, é uma boa — riu um de seus amigos, um sujeito boa-pinta com uma expressão desagradável. — No intervalo entre uma suruba e outra.

— Vá à merda — disse ela. — Sou ótima com crianças.

— Menos quando está doidona — interveio o terceiro garoto. Era grandalhão e parrudo, um jogador de futebol americano em final de carreira. — E ela está sempre doidona.

— Vocês são todos uns babacas — disse a segunda garota.

★ ★ ★

Christine estava esperando ao lado do BMW e observava Tom com uma expressão pensativa, o cabelo preto brilhando no sol da tarde.

— Onde estava? — perguntou ela. — Pensei que tinha se livrado de mim.

— Fui dar mamadeira para o bebê. — Levantou a mamadeira vazia para que Christine a examinasse. — Ela bebeu tudinho.

— Uh — resmungou Christine, sem sequer se dar o trabalho de fingir que se importava.

— Encontrei um pessoal do Povo Descalço. Uma van cheia deles. Disseram que vai ter um grande festival em Poconos.

Christine disse que conversara com uma das garotas no banheiro.

— Ela estava toda empolgada. Disse que vai ser a maior festa do ano.

— Quem sabe a gente podia ir dar um pulo lá? — sugeriu Tom, com cautela. — Se você quiser. Acho que fica no caminho de Ohio.

— Tanto faz — respondeu. — Você é que manda.

A voz de Christine estava apagada, com um profundo desinteresse. Tom sentiu o impulso repentino de lhe dar um tapa no rosto — não para machucar, só para acordá-la — e teve de se conter, até o impulso passar.

— Escute — disse ele. — Sei que você está abalada. Mas não devia descontar em mim. Não fui eu quem magoou você.

— Eu sei — respondeu Christine. — Não estou chateada com você.

Tom lançou um olhar para a criança.

— E quanto a sua filha? Por que você está tão zangada com ela?

Christine esfregou a barriga com a mão, hábito que havia desenvolvido durante a gravidez. Sua voz soou quase inaudível.

— Era para eu ter um filho.

— Sei — disse Tom. — Mas não teve.

Christine semicerrou os olhos para observar uma família de pessoas louras que desembarcava de um Explorer do outro lado — pai e mãe altos, três crianças pequenas e um labrador amarelo.

— Você acha que sou burra, não acha?

— Não — respondeu Tom. — O problema não é nem um pouco esse.

— O que você quer de mim? — Ela riu. Foi um som amargo, desamparado.

— Quero que segure sua filha nos braços — disse ele, dando um passo à frente e empurrando o bebê nos braços dela, antes que Christine tivesse tempo para se opor. — Só por alguns minutos, enquanto vou ao banheiro. Acha que consegue?

Christine não respondeu. Limitou-se a fitá-lo, segurando o bebê o mais distante possível do próprio corpo, como se da menina viesse um cheiro incômodo. Tom deu uma palmadinha de incentivo no braço de Christine.

— E vá pensando nos nomes — disse.



O jogo acalmou os nervos de Kevin, como ele já sabia que ia acontecer. Adorava a maneira como o tempo passava devagar no campo de beisebol, como sua concentração se restringia aos fatos imediatos: pontos perdidos, pontos ganhos, corridas para a primeira base, bolas rebatidas, bola dentro, bola fora.

— É toda sua, Gonzo! — gritou ele da parte externa do campo, sem ter certeza de que sua voz conseguiria alcançar os ouvidos de Bob Gonzalves, o principal arremessador do *Carpe Diem*, e nem mesmo de que Gonzo estava prestando atenção. Era um daqueles jogadores que entram em transe quando vão arremessar, sumindo no fundo dos próprios pensamentos. Na certa ele não perceberia nada nem se o punhado de mulheres na arquibancada tirasse suas blusas e começassem a berrar seus números de telefone.

*Ligue para mim, Gonzo! Não me faça implorar!*

Aquilo era outra coisa que Kevin adorava no *softball*: o fato de que o sujeito podia ser um técnico de construção de meia-idade, com barriga de cerveja, como Gonzo — um cara que mal conseguia dar uma corridinha até a primeira base sem se arriscar a sofrer uma parada cardíaca —, e ainda assim ser um astro do esporte, um mago do arremesso lento, cujo enganador arremesso com a mão abaixo do nível do cotovelo fazia a bola parecer um bolinho cremoso que flutuava lentamente no ar na direção do rebatedor, só para despencar de repente, como um pato abatido por um tiro, na zona do rebatedor.

— Você é o cara! — Kevin gritou, batendo na luva para dar ênfase. — Está tudo em cima!

Kevin estava parado à esquerda do centro, com grandes áreas gramadas dos dois lados dele. Só tinham aparecido oito caras do *Carpe Diem* e a equipe resolvera jogar com um a menos do que o normal na parte externa, o que era melhor do que deixar um buraco vazio no meio de campo. Isso significava que Kevin tinha de cobrir uma parte bem maior do campo de jogo, com o sol baixo, cor de cobre, brilhando em cheio nos seus olhos.

Ele não se importava; sentia-se feliz de estar ali, fazia o melhor que um homem podia fazer num lindo final de tarde como aquele. Tinha chegado ao campo em cima da hora, salvo pela providencial chegada de Jill às cinco e vinte. Graças à interferência de sua filha, Kevin pôde entrar em casa, trocar de roupa e pôr o uniforme — calça branca elástica e camiseta azul-clara com as palavras *Carpe Diem* escritas em caracteres antiquados acima do desenho de uma caneca de cerveja — e depois apanhar uma maçã e uma garrafa de água, tudo sem sequer pôr os olhos em Aimee e muito menos ter de lidar com situações potencialmente embaraçosas.

O arremesso seguinte foi muito longe, fazendo a contagem dos pontos ficar em três a um para Rick Sansome, no máximo um rebatedor medíocre. A última coisa que Gonzo queria era despachar Sansome e ter de encarar

Larry Tallerico com as bases ocupadas. Tallerico era um brigão, feroz, carrancudo, queimado de sol, que uma vez acertara uma bola com tanta força e a mandara tão longe que nunca mais a encontraram.

— Vai com calma! — gritou Kevin. — Faz o sujeito rodar!

Passou as costas da mão na testa, tentando ignorar a duradoura sensação de vergonha que o havia atormentado o dia inteiro. Sabia que ele e Aimee tinham chegado muito perto de cometer um erro terrível e estava decidido a não deixar que aquilo voltasse a acontecer. Era um homem adulto, supostamente responsável. Cabia a ele controlar a situação, fazer valer as regras básicas de maneira honesta e sem rodeios. Era só sentar-se diante dela logo de manhã, admitir abertamente o que estava acontecendo entre os dois e dizer para ela que aquilo tinha de parar.

*Você é uma garota muito atraente, diria. Tenho certeza de que sabe disso. E nas últimas semanas nós dois nos aproximamos muito — muito mais do que deveríamos.*

E aí explicaria, de maneira tão franca quanto fosse necessário, que jamais poderia haver nada de romântico ou sexual entre eles. *Não é justo com você e não é justo com Jill, e eu não sou o tipo de homem que poria nem você nem Jill nessa situação. Lamento se dei essa impressão.* Seria embaraçoso, não havia a menor dúvida, mas muito mais embaraçoso seria não fazer nada, permitirem-se simular inocência, enquanto continuavam a avançar pela perigosa trilha que haviam tomado. O que aconteceria a seguir? Um encontro por acaso no corredor na porta do quarto dele? Aimee enrolada apenas em uma toalha e mais nada, pedindo desculpas em voz baixa enquanto se espremia para ir em frente, os ombros dos dois se roçando enquanto ela passava?

Sansome rebateu a bola para fora no arremesso seguinte e no outro também, aferrando-se com unhas e dentes à posição. O arremesso seguinte de Gonzo voou tão alto acima da cabeça dele que Steve Wiscziewski teve de abandonar sua posição de cócoras e dar um pulo para apanhar a bola.

— Bola quatro! — berrou o juiz. — Tomem sua base!

Os corredores avançaram, enquanto Sansome trotou para a primeira base. Na esperança de acalmar os nervos de Gonzo, Steve pediu um tempo e foi para o monte para uma reunião com o time. Pete Thorne veio de sua posição entre a segunda e a terceira bases para dar seu palpite. Enquanto conversavam, Kevin recuou mais ainda na parte externa do campo, demonstrando seu respeito pela força de Tallerico. Com o Carpe Diem três pontos à frente, eles podiam se dar ao luxo de ceder uma ou duas corridas. O que ele queria evitar era uma situação em que a bola passasse por cima de sua cabeça, ele

tivesse de correr atrás dela e fosse necessário apelar para o revezamento de jogadores a fim de evitar uma derrota antecipada.

—Vamos lá, bola para a frente!

Pete e Steve voltaram às suas posições. Tallerico andou com dificuldade até a base, bateu na superfície com a ponta mais grossa do taco, fez uma cara de espanto jocoso quando viu como Kevin tinha se colocado longe, talvez a dez metros da margem do bosque. Kevin tirou seu boné azul e acenou com ele, saudando o grande jogador, convidando-o a começar o lance.

Gonzo se ergueu e arremessou, jogando a bola para o alto, numa curva, para cair bem em cima da base. Tallerico limitou-se a ficar parado e observar a bola cair, não se mostrou nem um pouco perturbado quando o juiz gritou “um ponto”. Kevin tentou imaginar a conversa que ele teria com Aimee na mesa do café da manhã e se perguntava qual seria a reação dela e como ele mesmo se sentiria no final. Kevin tinha perdido tanta coisa nos últimos anos — todo mundo havia perdido — e fizera tanto esforço para se manter forte e com uma atitude positiva, não só por si mesmo, mas também por Jill, por seus amigos e vizinhos, e por todo mundo na cidade. Por Nora também — sobretudo por Nora, se bem que naquele caso não tinha dado muito certo. E naquele instante Kevin estava sentindo o peso de todas as perdas e o peso dos anos que tinham ficado para trás dele, e o peso dos anos que ainda estavam à sua frente, a despeito de quantos pudessem ser — três ou quatro, vinte ou trinta, talvez mais. Ele sentia atração por Aimee, é verdade — ele admitia aquilo —, mas não queria transar com ela, na verdade, não no mundo real. Ia sentir falta, isso sim, do sorriso de Aimee de manhã, e também do sentimento de esperança que ela lhe transmitia, a convicção de que era possível se divertir, de que as pessoas eram mais do que a soma daquilo que tinha sido tomado delas. Era difícil pensar em renunciar àquilo, ainda mais quando não havia nada na fila para substituí-lo.

O retinir do bastão de alumínio despertou-o de seu devaneio. Kevin viu o lampejo da bola na hora em que subiu, depois perdeu-a de vista no sol. Levantando a mão nua para fazer sombra nos olhos, ele recuou um passo meio que tropeçando, depois foi um pouco para a direita, instintivamente acompanhando a trajetória de um objeto que ele nem conseguia enxergar. Devia ter sido um arremesso colossal, porque, por um ou dois segundos, teve a impressão de que a bola havia deixado para trás a atmosfera do planeta e não desceria nunca mais. E então ele a viu, um ponto radiante riscando o céu, num arco descendente. Kevin ergueu o braço e abriu a luva. A bola caiu

na parte acolchoada da luva com o estalo de um beijo, como se estivesse apontada exatamente para aquele local desde o início e tivesse ficado contente de chegar a seu destino.



Jill perguntou se devia ir de branco, mas a Srta. Maffey lhe disse que não era preciso.

*É só vir do jeito que estiver, e trazer um saco de dormir,* respondeu. *As coisas são muito informais na Casa de Hóspedes. E não se preocupe com o Voto de Silêncio. Podemos conversar em sussurros. Vai ser muito divertido!*

Como um gesto de boa vontade e no espírito de “em Roma, faça como os romanos”, Jill pegou uma camiseta branca de malha para usar com a calça jeans e depois fez a pequena mala com um pijama, roupas íntimas e alguns artigos de higiene. No último segundo, acrescentou um envelope com uma dúzia de fotos da família — uma espécie de esboço de Álbum de Família —, só para o caso de sua visita durar mais tempo do que uma só noite.

Aimee não costumava ficar em casa à noite, mas Jill tinha ouvido movimentos dela no quarto de hóspedes, portanto não ficou tão surpresa quando desceu para o térreo e a viu sentada no sofá da sala. O que a surpreendeu foram as malas junto aos pés de Aimee, algumas bolsas de lona azul com rodinhas que os pais dela tinham comprado quando Tom ainda estava no ensino médio, quando a família inteira fora passar as férias de primavera na Toscana.

— Vai a algum lugar? — perguntou, ciente do saco de dormir enrolado e pendurado na própria mão por uma cordinha. Parecia que as duas iam viajar juntas e estavam à espera do táxi que as levaria ao aeroporto.

— Estou indo embora — disse Aimee. — Está mais do que na hora de eu largar do seu pé.

— Ah. — Jill confirmou com um aceno de cabeça mais longo do que o necessário, esperando que o significado das palavras de Aimee assentasse em seu pensamento. — Papai não me contou.

— Ele não sabe. — O sorriso de Aimee não tinha sua confiança habitual. — Foi uma decisão meio repentina.

— Mas você não vai voltar para sua casa, não é? Para o seu padrasto?

— Meu Deus, não. — Aimee pareceu horrorizada com a ideia. — Nunca voltaria para lá.

— Então para onde...?

— Tem uma garota que conheci no trabalho. Mimi. Ela é superlegal. Mora com os pais, mas é como se fosse um apartamento separado, no porão da casa. Ela diz que não tem problema se eu ficar lá por um tempo.

— Puxa. — Jill sentiu uma pontinha de ciúmes. Lembrava-se de como tinha sido divertido quando Aimee viera morar ali, as duas tão ligadas como se fossem irmãs, as duas vidas entrelaçadas. — Que bom para você.

Aimee deu de ombros; era difícil dizer se estava orgulhosa ou constrangida.

— É o que mais tenho feito na vida, não é? Faço amizade com colegas de trabalho e vou passar um tempo na casa deles. Aí fico lá muito mais tempo do que deveria.

— Foi divertido — disse Jill num sussurro. — Foi um prazer ter você aqui.

— E quanto a você? — perguntou Aimee. — Aonde está indo?

— Vou só... para a casa de uma amiga — respondeu Jill após uma ligeira hesitação. — Você não conhece.

Aimee assentiu, indiferente, já sem qualquer curiosidade para saber de detalhes da vida social de Jill. Seus olhos percorreram a sala com uma expressão nostálgica — o televisor grande, os móveis modulados e confortáveis, o quadro que mostrava uma casinha humilde iluminada por um poste de rua.

— Gostei muito daqui — disse ela. — Foi o melhor lugar onde já morei.

— Você não precisa ir embora, sabe disso.

— Está na hora — explicou Aimee. — Provavelmente eu deveria ter ido embora meses atrás.

— Meu pai vai sentir sua falta. Você o alegrava bastante.

— Vou escrever uma carta para ele — prometeu Aimee, falando para os pés de Jill, e não para seu rosto. — Diga a ele que agradeço muito por tudo, está bem?

— Claro.

Jill tinha a sensação de que havia mais alguma coisa que precisava ser dita, mas não conseguia descobrir o que era, e Aimee também não estava ajudando. As duas ficaram aliviadas quando soou a buzina de um carro lá fora.

— É a minha carona.

Aimee se levantou e olhou para Jill. Parecia tentar sorrir.



— Bom... acho que isso é tudo.

— Parece que sim.

Aimee deu um passo para a frente, se esticando para um abraço de despedida. Jill correspondeu da melhor maneira que pôde. A buzina tocou de novo.

— Lembra o verão passado? — perguntou Aimee. — Você salvou minha vida.

— Foi o contrário — garantiu Jill.

Aimee riu de leve e apanhou suas bagagens.

— Vou levar isto aqui emprestado. Daqui a alguns dias trago de volta.

— Quando quiser — respondeu Jill. — Não tem a menor pressa.

Ficou parada na porta e viu sua ex-melhor amiga puxar as malas de rodinhas na direção de um Mazda azul, que a esperava junto ao meio-fio. Aimee abriu o porta-malas, acomodou as bagagens e depois se virou para dar um aceno de despedida. Jill sentiu um vazio se abrir dentro dela quando ergueu o braço, a sensação de que algo vital estava sendo subtraído de sua vida. Era sempre assim quando alguém de quem se gostava ia embora, mesmo quando a gente sabia que era inevitável e que provavelmente aquilo não era culpa nossa.



*Inacreditável*, pensou Tom enquanto dirigia o carro pelo Washington Boulevard pela primeira vez em mais de dois anos. *Está exatamente igual*.

Não sabia direito por que aquilo o incomodava. Talvez tivesse imaginado que, só porque ele mesmo havia mudado muito desde a última vez em que estivera em sua casa, Mapleton também teria mudado. Porém, tudo continuava na mesma — o Safeway, a Big Mike's Discount Shoes, o Taco Bell, a Wallgreens, aquela torre verde e feiosa que se erguia acima do Burger King, atulhada por antenas de celular e pequenas parabólicas. E depois aquela outra paisagem, quando o carro saiu da via principal e entrou pelas ruas mais tranquilas, onde as pessoas moravam de fato, o mundo dos sonhos do subúrbio, feito de gramados perfeitos e arbustos podados, triciclos tombados e pequenos avisos de que havia veneno nos canteiros, as bandeirinhas amarelas tremeluzentes na calmaria do final de tarde.

— Estamos quase chegando — disse ele para o bebê.

Eram só eles dois, agora, e a menina havia dormido durante o caminho todo. Tinham esperado na parada da rodovia durante meia hora, para o caso de Christine resolver dar as caras, mas fora só uma formalidade. Tom sabia que ela se fora, entendeu logo na hora em que voltou do banheiro e encontrou o bebê sozinho dentro do carro, encolhido em sua cadeirinha, olhando para ele com olhos vidrados e um ar de censura. E, pior ainda, sabia que a culpa era dele: tinha assustado Christine ao empurrar o bebê nos braços dela daquele jeito, quando estava claro que ela ainda não estava preparada.

Tom deu uma busca no interior do carro, mas não havia bilhete algum, nenhum pedido de desculpa, nenhuma explicação, nem mesmo uma simples despedida ao amigo fiel que a havia apoiado e protegido quando ninguém mais queria fazer isso, seu companheiro de viagem com quem atravessara o país e seu quase namorado, o pai substituto de sua filha. Tom percorreu o estacionamento todo, mas não viu qualquer vestígio de Christine, nem da van cheia de adeptos do Povo Descalço que ia para Poconos.

Quando o choque inicial amainou, Tom tentou se convencer de que era melhor assim, de que sua vida seria mais fácil sem ela. Christine era só um peso morto no carro, mais um fardo para ele carregar de um lugar a outro, tão egoísta e exigente quanto o bebê que ela havia abandonado, e muito mais difícil de satisfazer. Tom estava se enganando, imaginando que um dia ela iria acordar e compreender, de uma hora para outra, que estava melhor com ele do que estaria com o Sr. Gilchrest.

*Você deu mole, pensou ele. Eu é que amava você.*

Mas o problema com que sua mente não parava de se debater, enquanto dirigia o BMW rumo ao local que antigamente era sua casa, o problema era este: ele amava Christine e ela tinha ido embora. Doía pensar nela viajando pela rodovia dentro daquela van cheia de gente do Povo Descalço, todos falando da grande festa e das loucuras incríveis de que iam participar. Na certa, Christine não estava nem ouvindo o que diziam, se limitaria a ficar calada, pensando em como era bom estar livre, longe do bebê e de Tom também, as duas pessoas que não podiam deixar de trazer à sua memória tudo aquilo que tinha dado errado e como ela havia feito papel de boba.

Tom sofria mais ainda ao pensar em Christine saindo daquela neblina mental dali a uma semana, ou um mês, e descobrir que o pior havia passado, que ela podia rir e dançar de novo, talvez namorar algum idiota sortudo, maconheiro. E onde Tom estaria, então? De volta para a casa em Mapleton,

com o pai e a irmã, criando uma criança que nem era sua, ainda sofrendo por causa de uma garota que o largara numa parada da estrada em Connecticut? Seria esse o destino para o qual sua longa jornada acabaria por levá-lo? De volta ao mesmo lugar de onde havia partido, só que com um alvo pintado na testa e uma fralda suja na mão?

O sol se pôs no momento em que o carro entrou na Lovell Terrace, mas o céu continuava muito azul acima da grande casa branca de sua família.

— Bebezinho — disse ele. — O que vou fazer com você?



*Não hesite. Era a orientação número um. A morte do mártir deve ser rápida e indolor.*

— Vamos logo — implorou Meg. Estava encostada num muro de tijolos sob uma escada externa na escola Bailey, seu peito subindo e descendo com a respiração ofegante e irregular. O cano da pistola estava a apenas uns dois centímetros de sua têmpora.

— Só um segundo — disse Laurie. — Minha mão está tremendo.

— Está tudo certo — tranquilizou-a Meg. — Você está me fazendo um favor.

Laurie respirou fundo para se acalmar. *Você é capaz de fazer isso.* Ela estava preparada. Havia aprendido como disparar a pistola e havia executado com capricho os exercícios de visualização contidos no folheto de instruções.

*Aperte o gatilho. Imagine uma explosão de luz dourada que transporta o mártir direto para o paraíso.*

— Não sei por que estou tão nervosa — disse ela. — Tomei uma dose dupla de Ativan.

— Não pense nisso — tranquilizou-a Meg. — É só fazer o que tem de ser feito e ir embora.

Aquele era o mantra de Laurie naquela noite, sua missão em poucas palavras: *Fazer o que tem de ser feito e ir embora.* Haveria um carro à espera na esquina das ruas Elm e Lakewood. Laurie não sabia para onde iriam levá-la, só sabia que iria para longe de Mapleton, para um lugar muito sossegado.

— Vou fazer uma contagem regressiva — disse Meg. — Não deixe que eu chegue ao um.

A pistola era pequena e prateada, com coronha de plástico preto. Não era tão pesada assim, mas Laurie teve de usar toda sua força para segurá-la com

firmeza.

— Dez... nove...

Ela olhou por cima do ombro para verificar se o pátio do colégio estava mesmo vazio. Quando as duas chegaram, havia algumas adolescentes batendo papo nos balanços, mas Laurie e Meg olharam para elas fixamente, até que foram embora.

— Oito... sete...

Os olhos de Meg estavam fechados, o rosto tenso, na expectativa.

— Seis...

Laurie disse para seu dedo se mexer, mas o dedo não obedeceu.

— Cinco...

Ela havia se esforçado tanto para se desligar da família e dos amigos, para afastar-se do mundo, para distanciar-se dos confortos mundanos e dos vínculos humanos. Ela havia deixado o marido, abandonado a filha, fechado a boca, rendera-se a Deus e aos Remanescentes Culpados.

— Quatro...

Foi difícil, mas ela fez tudo aquilo. Foi como se tivesse erguido a própria mão e arrancado um dos próprios olhos, sem anestesia alguma, sem qualquer arrependimento.

— Três...

Ela se transformara numa pessoa diferente, mais dura e mais submissa ao mesmo tempo. Uma serva sem desejos, sem nada a perder, pronta para obedecer à vontade de Deus, a ir quando fosse chamada.

— Dois...

Mas aí Meg tinha aparecido, e elas tinham passado todo aquele tempo juntas e agora ela estava de volta ao mesmo ponto onde havia começado — fraca e sentimental, cheia de dúvidas e ânsias.

— Um...

Meg cerrou os dentes, preparando-se para o inevitável. Após alguns segundos, ela abriu os olhos. Laurie viu uma cintilação de alívio em seu rosto e depois uma onda de irritação.

— Poxa vida! — exclamou.

— Desculpe. — Laurie baixou a pistola. — Não consigo.

— Você tem de fazer isso. Você prometeu.

— Mas você é minha amiga.

— Eu sei. — A voz de Meg, agora, estava mais branda. — É por isso que eu preciso que você me ajude. Para que eu não tenha de fazer isso sozinha.

— Você não precisa fazer nada.

— Laurie — gemeu Meg. — Por que está tornando isso tão difícil?

— Porque sou fraca — admitiu Laurie. — Não quero perder você.

Meg estendeu a mão.

— Me dê a pistola.

Falou com tanta calma e autoridade, com uma fé tão completa na missão, que Laurie sentiu uma espécie de espanto, e até certa dose de orgulho. Era difícil acreditar que aquela era a jovem assustada que tinha chorado ao passar a primeira noite na Casa Azul, a Iniciante que mal conseguia respirar no supermercado.

— Eu amo você — Laurie sussurrou ao lhe dar a pistola.

— Eu também amo você — disse Meg, mas havia um estranho tom prosaico em sua voz, como se sua alma já houvesse abandonado seu corpo, não tivesse se dado o trabalho de esperar a explosão ensurdecidora que veio logo depois, e aquele imaginário clarão de luz dourada.



Nora sabia que era ridículo atravessar a cidade inteira para entregar uma carta que ela poderia simplesmente enfiar numa caixa de correio, mas era um lindo final de tarde e ela não tinha mais nada para fazer. Ao menos daquele modo Nora sabia com certeza que a carta não tinha sido extraviada nem tinha ficado esquecida na agência de correio. Ela podia riscar aquele item de sua lista e passar para a próxima tarefa. Essa era a verdadeira razão de ter tanto trabalho — fazer *alguma coisa*, parar de procrastinar e dar um pequeno passo na direção certa.

Deixar a cidade e dar início a uma vida nova estava se revelando um desafio maior do que ela havia imaginado. Na semana anterior, Nora tivera aquele repentino e louco ímpeto de energia — a visão extasiante de seu louro futuro pseudônimo —, mas aquilo havia esfriado depressa, sendo substituído por uma inércia que ela conhecia muito bem. Nora não conseguia pensar num novo nome para sua nova personalidade, não conseguia resolver para onde queria ir, não tinha telefonado para o advogado nem para o corretor de imóveis a fim de acertar as condições da venda da casa. A única coisa que fez foi andar de bicicleta até as pernas doerem e os dedos ficarem dormentes, e sua mente ficou cansada demais para travar qualquer luta contra o que quer que fosse.

Foi a ideia de vender a casa que a derrubou. Nora precisava livrar-se da casa, ela compreendia isso, não só por causa do dinheiro, mas pela liberdade psicológica que viria por deixar a casa para trás, a fronteira bem clara entre o antes e o depois. Mas como poderia fazer aquilo, quando era o único lar que seus filhos haviam conhecido, o primeiro lugar para onde viriam, caso voltassem algum dia? Ela sabia que não iam voltar, é claro — ao menos pensava que sabia —, mas tal conhecimento não a impedia de se atormentar, de se permitir imaginar a decepção e a perplexidade que sentiriam — a sensação de abandono — quando um desconhecido atendesse a porta, em vez de sua própria mãe.

*Não posso fazer isso com eles, pensou.*

Naquela mesma tarde, no entanto, ela topara com uma solução. Em vez de vender a casa, Nora poderia alugá-la por intermédio de uma imobiliária, garantir que alguém soubesse como entrar em contato com ela, no caso de acontecer um milagre. Não era mais a ruptura completa que ela havia fantasiado — na certa, continuaria a usar o próprio nome, por exemplo, pelo menos no contrato de aluguel —, mas era uma concessão que ela estava disposta a fazer. Na manhã seguinte, iria até a empresa Século 21 para tratar dos detalhes.

Acelerou o passo quando se aproximou de Lovell Terrace. O céu estava escurecendo, a noite estava caindo em seu ritmo quente e vagaroso. O jogo de *softball* de Kevin terminaria dali a pouco — Nora tinha tomado o cuidado de verificar o horário na internet — e ela queria estar bem longe daquele bairro quando ele chegasse em casa. Não tinha o menor desejo de vê-lo nem de falar com ele, não queria lembrar como Kevin era um sujeito legal nem como ela gostava da companhia dele. Não havia nada a ganhar com isso, não mais.

Nora hesitou um momento na frente da casa de Kevin. Nunca havia estado ali — fizera questão de se manter distante — e ficou espantada com o tamanho da casa, três andares, em estilo colonial, bem recuada da rua, com um gramado em ligeiro aclave, grande o suficiente para uma partida minipartida de futebol. Havia um telhadinho arqueado sobre a entrada principal, uma caixa de correio de bronze ao lado da porta.

*Vamos lá, disse ela para si. Você consegue.*

Estava nervosa enquanto avançava pela entrada de carros e depois pela trilha de pedra que levava à escadinha da porta. Uma coisa era criar a fantasia de desaparecer, deixar para trás amigos e família, e outra bem diferente era

pôr aquilo em prática. Despedir-se de Kevin era algo real, o tipo de ação que não se podia apagar.

*Você não vai mais me ver*, escrevera na carta.

Havia uma luminária em forma de lampião suspensa na arcada da porta, mas não estava acesa e a área abaixo dela parecia mais escura do que o restante do mundo. Nora estava tão concentrada na caixa de correio que só percebeu o objeto volumoso no chão, na entrada, quando quase pisou sobre ele. Deu um grito abafado de susto quando se deu conta do que era, depois se ajoelhou para olhar mais de perto.

— Desculpe — disse ela. — Não vi você aí.

O bebê estava dormindo profundamente em sua cadeirinha, um minúsculo recém-nascido, com bochechas salientes, feições ligeiramente asiáticas, e um belo chumaço de cabelo preto na cabeça. Um cheiro familiar se erguia de seu corpo, a inequívoca fragrância doce e amarga de uma vida nova. Havia um saco de fraldas junto à cadeirinha, com um bilhete rabiscado às pressas enfiado num bolso lateral externo. Nora teve de semicerrar as pálpebras para conseguir ler o que dizia: *Essa menininha não tem nome. Por favor, cuide bem dela.*

Nora virou-se para o bebê. Seu coração de repente começou a bater muito depressa.

— Onde está sua mãe? — perguntou. — Aonde ela foi?

O bebê abriu os olhos. Não havia medo em seu olhar.

— Você não tem mãe nem pai?

O bebê soltou uma bolhinha de saliva.

— Alguém sabe que você está aqui?

Nora olhou em redor rapidamente. A rua estava vazia, silenciosa como um sonho.

— Não — disse ela, respondendo à própria pergunta. — Eles não poderiam simplesmente largar você aqui sozinha desse jeito.

A cadeirinha servia também de cestinho para carregar o bebê. Por curiosidade, Nora ergueu a alça e levantou a cadeirinha do chão. Não era tão pesada assim, e tão fácil de manusear quanto uma sacola de compras do mercado.

*Portátil*, pensou Nora, e a palavra a fez sorrir.



Em teoria, a ideia de passar a noite lá pareceu legal. Mas agora que estava de fato caminhando pela rua Ginkgo, Jill sentia uma certa resistência crescendo dentro de si. O que ela e a Srta. Maffey iriam fazer a noite inteira? A ideia de conversar em sussurros tinha parecido interessante no início, até vagamente ilícita, como estudantes acampados que ficam acordados depois do toque de recolher. Mas pensando bem lhe deu a impressão de uma coisa desonesta, como dar sorvete para uma pessoa em sua primeira noite numa clínica de emagrecimento.

*Ei, tome mais sorvete com calda quente! Você vai adorar o Retiro Para Perder Peso!*

Jill também não estava tão contente quanto esperava com o fato de Aimee ter ido embora de sua casa. Não tanto por causa de si mesma — as duas já não se davam muito bem fazia algum tempo —, mas por causa do pai. Ele tinha se apegado muito a Aimee nos últimos meses e ia ficar triste quando soubesse que ela tinha ido embora. Jill havia sentido ciúmes da amizade deles, e até ficara um pouco preocupada, mas também tinha consciência de como aquilo aliviava a pressão que de outro modo cairia sobre ela, e de como seu pai se sentiria carente da filha, nos dias e semanas que estavam por vir.

*Não é a melhor hora para deixá-lo sozinho,* pensou Jill, passando o saco de dormir da mão esquerda para a mão direita, enquanto caminhava pela rua Elm.

Parou de repente, espantada com um barulho que pareceu um tiro, vindo da direção da escola Bailey. *Fogos de artifício,* disse para si, mas um calafrio percorreu seu corpo, acompanhado por uma imagem angustiante do homem morto que ela havia encontrado perto de uma caçamba de lixo no Dia dos Namorados — o halo líquido em torno da cabeça do homem, os olhos arregalados e perplexos, os minutos intermináveis que Jill e ele ficaram juntos, sozinhos, à espera da chegada da polícia. Jill se lembrava de que havia conversado com ele com uma voz tranquilizadora, como se o homem ainda estivesse vivo e só precisasse de um pouco de estímulo.

*São só fogos de artifício...*

Jill não sabia dizer quando tempo ficou parada, de costas para a rua, à espera de uma segunda explosão, que nunca veio. Só quando deu meia-volta percebeu que um carro vinha em sua direção, fazendo uma curva, um carro que avançava sem fazer barulho e muito rápido, como se fosse atropelá-la.



Mas mudou de direção no último segundo, seguiu em linha reta paralelo ao meio-fio e parou bem a seu lado, um Prius branco, na contramão.

— Ei, Jill! — gritou Scott Frost no banco do motorista, enquanto o vidro escurecido baixava. Uma música de Bob Marley estava tocando no som do carro, a canção que falava de três passarinhos, e Scott sorria daquele seu jeito costumeiro, de quem está feliz da vida. — Onde você tem se escondido?

— Em lugar nenhum — disse ela, torcendo para não parecer tão perturbada.

Os olhos dele se estreitaram, enquanto observava o saco de dormir na mão de Jill, e a bolsa a tiracolo com uma muda de roupa. No banco do carona, Adam Frost se debruçou na direção dela, seu rosto bonito, idêntico ao do irmão, se empilhando um pouco acima e atrás do rosto de Scott.

— Está fugindo de casa? — perguntou Scott.

— É — respondeu. — Acho que vou fugir com o circo.

Scott pensou naquilo por alguns segundos, depois riu em sinal de aprovação.

— Que legal — disse ele. — Quer uma carona?



O carro para a fuga estava no local combinado. Havia dois homens na frente, de modo que Laurie abriu a porta de trás e entrou. Seus ouvidos continuavam a zunir com a explosão; parecia que ela estava presa dentro do zunido, como se uma sólida barreira de som se houvesse interposto entre ela e o restante do mundo.

Assim era melhor.

Ela estava consciente dos homens que a fitavam e se perguntava se alguma coisa tinha dado errado. Após um momento, o homem no banco do carona — era bronzeado, devia gostar de estar ao ar livre — abriu o portaluvas e retirou um saco plástico de guardar comida no congelador. Abriu-o e estendeu-o na direção dela.

*Certo, pensou. A pistola. Querem sua pistola de volta.*

Ergueu a pistola com dois dedos, como um detetive de televisão, e largou-a dentro do saco, tentando não pensar na dificuldade que tivera para retirá-la da mão de Meg. O homem assentiu de um jeito profissional e vedou o saco.

*Prova, pensou Laurie. Esconder a prova.*

O motorista parecia perturbado com alguma coisa. Era um sujeito jovial, com o rosto redondo e de olhos saltados, e ficava batendo com a mão na própria testa como se quisesse indicar a uma pessoa meio tapada que ela precisava pensar um pouco. Laurie não estava entendendo o significado do gesto, até que o sujeito no banco do carona lhe entregou um lenço de papel.

*Pobre Meg*, pensou ela, enquanto levava o lenço de papel à testa. Sentiu algo molhado e pegajoso através do papel. *Pobre e corajosa Meg*.

O homem no banco do carona continuou a lhe dar lenços de papel e o motorista tocava em várias partes do rosto para indicar onde ela precisava limpar. Teria sido mais fácil olhar no espelho, mas os três compreendiam que isso seria má ideia.

O motorista se virou e ligou o carro, seguindo por Lakewood em direção do Washington Boulevard. Laurie se acomodou em seu assento e fechou os olhos.

*Pobre e corajosa Meg*.

Depois de um tempo, ela olhou pela janela. Agora estavam saindo de Mapleton e entrando em Gifford, provavelmente na direção de Parkway. Dali em diante, ela nada sabia sobre seu destino e na verdade não se importava com isso. Para onde quer que quisessem levá-la, ela iria e esperaria o fim, o seu e o de todo mundo.

Agora ela achava que não faltava muito tempo.



O BMW tinha um rádio via satélite embutido, o que era muito bacana. No caminho de Cambridge, Tom tinha tentado ouvir rádio algumas vezes, mas precisava manter o volume muito baixinho para não perturbar o bebê nem irritar Christine. Agora podia ouvir a todo volume, mudar do hip-hop antigo para Nação Alternativa, para Nostalgia dos Anos Oitenta e para Hair Metal, toda vez que sentisse vontade. Evitou a estação de Jam Band, imaginando que ouviria aquele tipo de som até cansar, depois que chegasse a Poconos.

Estava se sentindo um pouco menos agitado agora que seguia pela rodovia principal. Sair de Mapleton tinha sido a parte mais difícil. Conduzia o carro na direção da saída da cidade, depois perdia coragem e dava meia-volta no último instante, para ver se o bebê estava bem. Fez isso três vezes antes de finalmente tomar coragem para fugir de vez, jurando a si mesmo que a menina ficaria bem. Tinha lhe dado a mamadeira e trocado sua fralda

logo antes de partir, portanto achava que a menina iria dormir por algumas horas e, que àquela altura, alguém chegaria em casa para tomar conta da criança, ou então um dos vizinhos ouviria o seu choro. Talvez Tom telefonasse para o pai da próxima parada da rodovia, fingiria que era uma coincidência, só para se certificar de que estava tudo bem. Se ninguém atendesse, ele poderia ligar para a polícia de um telefone público, fazer uma denúncia anônima sobre um bebê abandonado em Lovell Terrace. Mas torcia para que não fosse preciso.

No fundo de seu coração, Tom tinha certeza de que havia tomado a decisão correta. Não podia ficar em Mapleton, não podia voltar para aquela casa, aquele tipo de vida, pelo menos não sem Christine. Mas também não podia levar o bebê consigo. Não era o pai da criança e não tinha emprego nem dinheiro, nenhum lugar para morar. A menina estaria melhor com seu pai e com Jill, se resolvessem cuidar dela, ou então com uma família adotiva afetuosa, que lhe daria o tipo de vida segura e estável que Tom jamais poderia proporcionar, pelo menos se ele não quisesse ser completamente infeliz.

Talvez um dia ele e Christine pudessem voltar para Mapleton e pedir de volta o bebê, recriar a família com que Tom havia sonhado. Tinha pouca chance de acontecer, sabia disso, e não adiantava nada pôr o carro na frente dos bois. O que ele precisava fazer naquele instante era encontrar o tal festival do solstício, unir-se à rapaziada do Povo Descalço e dançar sob as estrelas. Agora, aquela era sua gente e ele pertencia ao Povo Descalço. Talvez Christine estivesse lá, talvez não. De todo modo, parecia que a festa ia ser ótima.



Jill estava sentada numa cadeira reclinável cor de framboesa no porão reformado, olhando a bolinha ir a vir na mesa de pingue-pongue. Os gêmeos Frost jogavam com uma habilidade e um vigor surpreendentes para uma dupla de maconheiros, os corpos relaxados e flexíveis, os rostos firmes de concentração e com uma agressividade controlada. Nenhum dos dois fazia barulho, exceto por algum grunhido eventual e pelo anúncio em voz neutra das mudanças do placar antes de cada saque. A não ser por isso, só havia a percussão hipnótica da bola contra a mesa e contra a raquete, de novo e de novo, até que um dos irmãos conseguia uma vantagem e recuava para um saque mortífero, que o outro na maior parte das vezes conseguia rebater.

Havia uma simetria maravilhosa no jogo deles, como se uma única pessoa ocupasse as duas extremidades da mesa, batendo a bola para si mesma, numa espécie de espiral que se retroalimenta. A não ser pelo fato de que um dos jogadores — Scott, o da direita — sempre procurava os olhos de Jill, nos intervalos entre as rebatidas, travando uma conversa sem palavras, deixando claro para Jill que ela não tinha sido esquecida.

*Estou contente por você estar aqui.*

*Eu também estou.*

O placar estava empatado em oito a oito. Scott respirou fundo e deu um saque cheio de efeito, golpeando com a raquete para baixo numa diagonal bem fechada. Adam foi pego desprevenido, inclinou-se para a direita antes de se dar conta de seu engano e então se entortou o mais que pôde para o outro lado sobre a mesa a fim de rebater meio sem jeito com a parte de trás da raquete, mandando uma bola fraquinha que mal conseguiu passar por cima da rede. E assim eles voltaram ao ritmo de antes, um firme e paciente *pacatá-pacatá-pacatá*, enquanto o borrão branco batia e voltava de uma raquete laranja direto para a outra.

Talvez outra pessoa tivesse achado aquilo enfadonho, mas Jill não tinha do que se queixar. A cadeira era confortável e não havia outro lugar onde ela preferisse estar. Sentia-se um pouco culpada ao imaginar a Srta. Maffey parada no portão de entrada do condomínio fechado na rua Ginkgo, se perguntando o que teria acontecido com sua nova recruta, mas não se sentia culpada o suficiente para tomar uma atitude para remediar aquilo. No dia seguinte podia pedir desculpas, pensou Jill. Ou talvez no outro dia.

*Encontrei uns amigos no caminho, poderia escrever.*

*Ou: Tem um garoto bonito, e eu acho que ela gosta de mim.*

*Ou até mesmo: Eu tinha esquecido como era a sensação de ser feliz.*



A casa estava escura quando Kevin entrou com o carro no caminho para a garagem. Desligou o motor e ficou quieto, sentado, por alguns segundos, se perguntando o que ele estava fazendo ali, quando poderia estar junto com seus colegas do time no Carpe Diem, comemorando sua vitória conquistada a duras penas. Kevin tinha ido embora depois de tomar só uma cerveja, seu espírito festivo debilitado por causa da mensagem de texto enviada por Jill:

*Estou na casa de uns amigos. Caso vc esteja se perguntando, Aimee saiu de casa. Pediu para dar adeus a vc e agradecer por tudo.*

De certo modo, estava aliviado — era mais fácil não ter de bancar o durão, não ter de pedir que ela fosse embora —, mas a notícia o deixou triste mesmo assim. Lamentava que tivesse acontecido daquele jeito, que ele e Aimee não tivessem tido a oportunidade de uma última conversa matinal na varanda. Queria lhe dizer como havia apreciado a companhia dela e recordá-la de que não devia se vender barato, não devia se prender a um sujeito que não a merecesse, nem se fixar num emprego que não lhe desse espaço para crescer. Mas Kevin já havia falado aquilo para Aimee várias vezes e só lhe restava torcer para que ela tivesse prestado atenção, para que suas palavras tivessem ficado gravadas na memória dela e estivessem à disposição na hora em que ela precisasse.

Mas por enquanto ele teria apenas de acrescentar o nome de Aimee à lista de pessoas de quem ele gostava e que tinham ido embora. A lista estava ficando comprida e continha nomes bem importantes. Com o tempo, pensou Kevin, na certa Aimee ia se transformar numa espécie de nota de rodapé, mas naquele momento sua ausência parecia maior do que isso, como se talvez ela merecesse uma página inteira só para si.

Kevin saiu do automóvel, atravessou a entrada para carros e tomou a trilha de pedras azuis, o primeiro grande projeto de Laurie quando eles foram morar na casa. Laurie havia perdido semanas com aquilo — escolhendo as pedras, planejando o trajeto sinuoso, cavando, nivelando e ajustando os detalhes com minúcia — e o resultado a deixara orgulhosa e empolgada.

Kevin fez uma pausa na beira do gramado a fim de admirar os vagalumes que estavam subindo como fagulhas da grama viçosa, iluminando a noite numa série de exclamações aleatórias, transformando a paisagem familiar de Lovell Terrace num espetáculo exótico.

— Lindo — disse ele, se dando conta no mesmo instante em que falou de que não estava sozinho.

Havia uma mulher parada no início da escadinha da entrada, com o rosto virado em sua direção. Parecia segurar alguma coisa nos braços.

— Com licença — disse ele. — Quem está aí?

A mulher começou a caminhar na direção dele, num passo vagaroso, quase solene. Era loura e esguia, e o fez lembrar-se de alguém que ele conhecia.

— Você está bem? — perguntou. — Posso ajudá-la?

A mulher não respondeu, mas àquela altura já estava perto o bastante para que Kevin a reconhecesse como Nora. O bebê em seus braços era um completo desconhecido, como sempre são os bebês quando os vemos pela primeira vez, antes que lhes demos um nome e os acolhamos em nossa vida.

— Olhe só o que eu achei — disse ela.

## SOBRE O AUTOR

Mark Ostow



TOM PERROTTA é autor de seis livros de ficção. Escritor e roteirista, adaptou duas de suas obras para o cinema. Por *Pecados Íntimos*, que traz Kate Winslet no papel principal, foi indicado ao Oscar de melhor roteiro adaptado. Aclamado por público e crítica, Perrotta é reconhecido pela forma mordaz como retrata a sociedade contemporânea. Ele mora em Boston, Massachusetts, com a esposa e dois filhos.